

ANA MARIA DOS SANTOS BETTENCOURT

(Assistente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho)

**A PAISAGEM E O HOMEM NA BACIA DO CÁVADO
DURANTE O II E O I MILÉNIO AC**

VOLUME 2a: TEXTO

Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História do
Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

BRAGA 1999

ANA MARIA DOS SANTOS BETTENCOURT

(Assistente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho)

**A PAISAGEM E O HOMEM NA BACIA DO CÁVADO
DURANTE O II E O I MILÉNIO AC**

VOLUME 2a: TEXTO

Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História do Instituto de
Ciências Sociais da Universidade do Minho

BRAGA 1999

CAPÍTULO IV

A PAISAGEM E O HOMEM: O II E O I MILÉNIO AC NO VALE DO CÁVADO (OS DADOS)

"O que torna Árgia diferente das outras cidades é que em vez de ar tem terra. As ruas estão completamente cobertas de terra, as salas cheias de argila até ao tecto, sobre as escadas assenta outra escada em negativo, por cima dos telhados das casas pairam camadas de terreno rochoso como céus com nuvens. Se os habitantes poderão andar pela cidade alargando os cuniculos dos vermes e as fendas em que se insinuam as raízes, não o sabemos: a humidade quebra os corpos e deixa-lhes poucas forças; convém que fiquem quietos e deitados, de tão escura que é.

De Árgia, cá de cima, não se vê nada; há quem diga: "É lá em baixo" e só nos resta acreditar; os lugares são desertos. De noite, encostando o ouvido ao chão, às vezes ouve-se bater uma porta"

(Italo CALVINO, *As Cidades Invisíveis*, 1994: 129)

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo assinala os vestígios arqueológicos, dos cursos médio e inferior da bacia do rio Cávado, numa baliza cronológica que se estende desde o Neolítico até aos inícios da Idade do Ferro. A opção de inventariarmos dados anteriores aos finais do III, inícios do II milénio AC, partiu do pressuposto de que as marcas arquitectónicas anteriores ou contemporâneas do II e I milénio AC (mamoas, menires ou eventuais cromeleques) contribuíram também para moldar a paisagem sincrónica do período em estudo.

O capítulo divide-se em três partes.

Da primeira, consta o **Inventário**, também ele subdividido em dois *itens*. No inicial, cartografámos a totalidade dos sítios arqueológicos (escavados, prospectados ou resultantes de achados casuais), inseríveis no Calcolítico, na Idade do Bronze e nos inícios da Idade do Ferro. No seguinte, registámos os monumentos arquitectónicos visíveis, anteriores ou contemporâneos ao II e I milénio AC.

A segunda parte, que designámos por **Escavações: caracterização sumária dos achados**, analisa, de forma detalhada, as estações onde se efectuaram escavações arqueológicas e resume a nossa leitura sobre a estratigrafia, as estruturas e o espólio de cada uma delas.

A terceira parte aborda a reavaliação de antigas escavações no quadro dos conhecimentos crono-culturais adquiridos para a região e designa-se **Os dados de escavações antigas: reavaliação sumária**.

Os **objectivos** deste capítulo são de duas ordens a saber:

- Obter um "mapa de recuperação" de achados Neolíticos, Calcolíticos, da Idade do Bronze e dos inícios da Idade do Ferro, que se materializa no chamado "Inventário". Apesar da limitação destes dados, normalmente representativos de "contextos opacos", ineficazes para quantificar a densidade de artefactos que circulam na área de trabalho e

inadequados na construção de leituras de ordem socio-simbólica generalizantes (BETTENCOURT 1998), eles tornam-se de alguma utilidade, na introdução de algumas considerações regionais sobre estratégias de ocupação do espaço¹¹⁴.

- Fornecer informações detalhadas sobre a diacronia de ocupação de vários povoados escavados, tentando, sempre que possível, "precisar" cronologicamente essas mesmas ocupações; "inferir" da existência ou não, de processos de continuidade, entre cada fase determinada e registar dados sobre a organização espacial de cada uma delas. Estas referências são expostas nos subcapítulos "Escavações: caracterização sumária dos achados" e "Os dados de escavações antigas: reavaliação sumária".

As fontes de informação que constituíram a base do "Inventário" foram as sínteses bibliográficas elaborados para a região, bem como artigos especializados, os periódicos e as monografias. Se por um lado a tarefa de um inventário se encontrava praticamente elaborada, por outro colocava-se-nos a "angústia" da falta de dados inéditos que o pudessem enriquecer.

Assim, optámos, com base no conhecimento adquirido, por traçar um mapa de sítios a visitar, que nos permitissem uma primeira "percepção" do território de trabalho, estranho, para a signatária, até finais de 1988. Desta primeira "pintura" do Baixo Minho resultou uma estratégia mais sistemática de investigação. Começámos por visitar os locais que referiam o achado de artefactos de forma imprecisa. O objectivo era o registo cartográfico desses locais, o enquadramento geomorfológico e ambiental dos mesmos e a possibilidade de encontrarmos novos dados que permitissem enquadrar cronológica e culturalmente o espólio conhecido. De seguida optámos por prospectar povoados localizados perto de achados descontextualizados ou de tumulações, integráveis na Idade do Bronze, na tentativa de estabelecermos conexões de âmbito, também, cronológico-cultural, entre os vários dados. Percorremos, igualmente, os mais diversos pontos arqueológicos cujos topónimos indiciavam possíveis povoados, mas onde, outros autores, por razões diversas, não detectaram espólio de superfície ou restos de estruturas

¹¹⁴- Funcionam, também, como uma base de dados para futuros trabalhos de escavação e de preservação do património.

comprovativas de ocupação. Pareceu-nos que aí se poderiam ter estabelecido povoados ou sítios arqueológicos da Idade do Bronze ou do Ferro Inicial, menos exuberantes nas suas estruturas superficiais. Alguns desses povoados foram prospectados em fases distintas, durante alguns anos e por vezes sem resultados conclusivos.

Verificámos todas as referências recentes a jazidas da Idade do Bronze e do Ferro na procura de nova informação capaz de completar a integração já efectuada e de uma melhor caracterização geomorfológica e ambiental.

Tendo presente que, muitos dos povoados monumentalizados, com ocupações até à Romanização ou Idade Média são passíveis de terem ocupações da Idade do Bronze, visitámos muitas dessas estações, procurando, em novos perfis ou alterações do terreno, indícios desse período.

Alguns sítios inéditos, foram descobertos mas os resultados foram sempre inferiores às expectativas.

Foi nossa preocupação, embora sem resultados concretos, encontrarmos povoados em zonas de média/alta montanha. Percorremos, assim, por diversas vezes, o monte de S. Pedro Fins, em Amares, o de Santa Isabel do Monte, em Amares e Terras do Bouro, a serra dos Picos, em Braga, a serra do Carvalho, em Braga e Póvoa de Lanhoso, a serra de S. Mamede e o Monte Vermelho, na Póvoa de Lanhoso, o monte do Borrelho e do Castelo de Aboim, em Vila Verde. Não raro detectámos monumentos megalíticos inéditos que incluídos neste trabalho.

O inquérito junto das populações locais permitiu, por vezes, precisar o local de achados antigos, mas raramente contribuiu para a descoberta de novos vestígios da Idade do Bronze ou do Ferro¹¹⁵. O mesmo não podemos dizer para os períodos subsequentes, onde, facilmente, se identificaram dezenas de novas estações romanas, que, não cabem, igualmente, no âmbito deste trabalho, muito embora fossem registadas numa base de dados afecta ao projecto "História e Arqueologia da Paisagem: Reconstituição Paleo-

¹¹⁵-Parece-nos oportuno salientar que, ao longo dos vários anos de trabalho na região, verificámos que a memória colectiva das populações, sobre o seu passado, não ultrapassa, na generalidade, o binómio "antigo/romano".

ambiental e Paleoclimática do Baixo-Minho", que a signatária integra com outros investigadores da Unidade de Arqueologia¹¹⁶.

As técnicas de prospecção não implicaram uma cobertura total e intensiva da área, impossível de elaborar em projectos individuais, mas constaram de trabalhos extensivos, frequentemente direccionados.

Quanto à segunda parte do inventário gostaríamos de precisar que os dados resultaram de um conjunto de fontes de valor desigual em termos da informação disponível: alguns foram encontrados pela autora, no âmbito de programas de prospecção; outros foram retirados de publicações relativamente recentes; uma pequena parte resultou de referências bibliográficas dos finais do séc. XIX, inícios do XX e finalmente uma ínfima parte baseou-se nas informações das Cartas Geológicas e na toponímia das Cartas Militares de Portugal. O facto de não termos confirmado no terreno todas as informações obtidas torna esta parte do inventário bastante desigual e não isento de alguns problemas de precisão em relação à cartografia de alguns monumentos, que urge colmatar de futuro. No entanto, o conjunto de 193 entradas, pareceu-nos suficientemente prometedora para tentarmos algumas hipóteses de trabalho associadas à distribuição destes monumentos no espaço e às suas possíveis relações com o povoamento da Idade do Bronze.

Uma segunda abordagem que pretendeu uma leitura diacrónica, mais fina, da ocupação de vários locais, bem como a contextualização espacial dos dados de cada período, passou por trabalhos de escavação em área ou por simples valas de sondagem. O estudo das estruturas, dos artefactos e dos ecofactos foram realizados com grande acuidade.

Uma terceira estratégia passou por uma leitura renovada do conjunto de dados proveniente de antigas escavações, na perspectiva de detectarmos ocupações enquadráveis na Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro, bem como a sua precisão cronológica. Observámos, assim, as referências bibliográficas e os artefactos dos

¹¹⁶ Nomeadamente com os Professores Doutores Conceição Falcão, Francisco Sande Lemos, José Meireles e Manuela Martins, esta última directora do referido projecto.

povoados da Chã do Crasto, em Amares (campanhas de 1979-80), de Santa Marta da Falperra, em Braga (campanha de 1984), do Castro de Lanhoso, na Póvoa de Lanhoso (campanha de 1982), do Alto da Torre, em Barcelos (campanha de 1978), de Carapeços, em Barcelos (campanhas de 1991 e 1993), de Faria, em Barcelos (campanhas de 1978, 1981, 1982, 1983 e 1984), do Monte do Facho/Roriz, em Barcelos (campanha de 1978) e de S. Lourenço, em Esposende (campanhas desde 1986 a 1996)¹¹⁷, procurando, sempre que possível, enquadrá-los em termos micro-espaciais através da consulta de plantas, perfis ou cadernos de escavação, não publicados.

Critérios de apresentação

Quanto ao **Inventário**, os sítios arqueológicos que o integram, foram ordenados administrativamente, por ordem alfabética. Assim, em primeiro lugar entra o concelho de Amares, seguido do de Barcelos, Braga, Esposende, Póvoa de Lanhoso, Terras do Bouro e Vila Verde. esta opção resulta das características das estações, por vezes com grande amplitude cronológica ou de difícil classificação. Esta opção prende-se também com a ordenação de outros catálogos e a operacionalidade de consulta, em termos de "Carta Arqueológica Nacional". Dentro de cada concelho e seguindo o mesmo critério de ordenação alfabética, seguem-se as freguesias e só depois os sítios arqueológicos.

A cada sítio fizemos corresponder um número de inventário, que serve de apoio à cartografia.

Os descritores usados na elaboração da primeira parte do inventário podem subdividir-se em cinco grupos a saber: Identificação, Contexto geomorfológico e ambiental, Contexto cultural, Depósito do espólio e Bibliografia.

O primeiro grupo foi desdobrado em vários *itens*. Em primeiro lugar inserimos a designação do sítio arqueológico, antecedido pelo número de identificação, já referenciado, especificando, sempre que possível, os vários topónimos conhecidos, quer popularmente, quer na bibliografia especializada. Para a interpretação genérica dos locais

¹¹⁷ - Neste último povoado apenas observámos uma ínfima parte do material exumado.

arqueológico utilizámos as seguintes categorias normativas, sempre passíveis de alteração futura:

Povoado;

Santuário rupestre;

Necrópole;

Sepultura;

Monumento megalítico¹¹⁸;

Achado (cerâmico, metálico);

Sítio arqueológico.

Por sítio arqueológico entraram as estações de difícil classificação, quer pela insuficiência de artefactos, quer pelas características pouco específicas das estruturas encontradas.

Todos os povoados foram caracterizados topograficamente. Para tal usámos termos como topo, vertente, planície e plataforma litoral, especificando, de seguida, se se tratava de uma estação monumentalizada ou não.

Todos os sítios arqueológicos foram inscritos nas seguintes cronologias relativas: Calcolítico, Idade do Bronze, em sentido geral, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

É de salientar as dificuldades na identificação cronológico-cultural de alguns locais devido ao avançado grau de destruição de muitas estações ou à densidade arbórea e arbustiva que as recobria.

Quando possível, foi identificado o lugar ou lugares de habitação a que corresponde o sítio arqueológico, bem como as respectivas freguesias, no caso da estação abarcar, geograficamente, mais do que uma. Pretendemos evitar a repetição da estação no inventário que apenas entra na freguesia onde ocupa uma área espacial predominante. A localização na Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000, foi efectuada

¹¹⁸-Só usámos esta expressão quando de facto se comprovou a existência de uma câmara com ortostatos de dimensões consideráveis.

através das coordenadas Gauss, lidas a partir do ponto central da estação arqueológica, quando tal foi possível, seguidas da altitude máxima e do número da referida Carta.

O segundo grupo, denominado "Contexto Geomorfológico e Ambiental" regista, em primeiro lugar, o tipo de relevo em que se localiza a estação arqueológica, bem como a sua inserção em unidades geomorfológicas de maior dimensão. Neste *item*, privilegiámos uma taxonomia morfológica. Só em casos muito específicos é que adoptámos uma terminologia morfogenética. De seguida, avaliámos as condições estratégicas de cada local em relação às possibilidades de visibilidade, de defesa natural, e de mobilidade terrestre, fluvial e marítima, face aos mais diversos recursos naturais (petrográficos, pedológicos, hidrológicos e minerais).

Assim, dentro deste grupo, especificou-se o substracto geológico e os recursos minerais, segundo a Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50 000, folhas 5A, 5B, 5C, 5D e 9A. Esta opção resulta não do desconhecimento da Carta Geológica de Portugal, esc. 1: 200 000, de 1989, com uma nomenclatura mais actualizada, mas da dificuldade de aí cartografarmos as estações referenciadas. No último *item* privilegiámos, apenas, os jazigos com minérios de arsénio, de chumbo, de estanho, de ferro, de ouro, de prata e de volfrâmio, as nascentes de águas minero-medicinais e os barreiros. Só foram considerados os recursos numa área de 5Km, em redor dos sítios arqueológicos. A classificação genética dos solos, nem sempre foi conseguida, pois as fontes de trabalho são, manifestamente, insuficientes. A única síntese existente é o Atlas de Ambiente - Carta dos Solos, na esc. 1: 1000 000, pelo que as poucas classificações efectuadas resultaram de uma observação empírica. O aproveitamento agrológico dos solos, foi redigido a partir do Esboço da Carta Geral de Ordenamento Agrário, esc. 1: 25 000. Referenciámos, igualmente, os recursos hídricos e a cobertura vegetal predominante, quer através da Carta Militar de Portugal, na esc. 1: 25 000, quer através da observação directa.

O terceiro grupo compreende a descrição do "Contexto Cultural" do sítio arqueológico. Aqui sintetizámos as áreas topográficas onde se verificaram estruturas observáveis através da prospecção, no decorrer de escavações arqueológicas, descritas

na bibliografia especializada ou identificadas através de métodos de prospecção remota, nomeadamente da fotografia aérea. Neste último caso, usámos fotogramas da S.P.L.A.L. -1938, esc. 1: 18 000, da R.A.F. - 1947, esc. 1: 30 000, da U.S.A.F. - 1958, esc. 1: 25 000 e da F.A.P. - 1983, esc. 1: 15 000. As estações arqueológicas sobre as quais trabalhámos com este método, foram observadas em estereoscopia e, posteriormente, submetidas a ampliações e tratamento gráfico, a partir do programa PhotoShop, versões 3.0 e 4.0. Os resultados, obtidos, por vezes problemáticos, atendendo à escala dos fotogramas e à densa vegetação que cobre a região de trabalho, devem considerar-se provisórios. Optámos, assim, por referir apenas as estruturas mais óbvias, tendo presente que novas técnicas de análise poderão contribuir para enriquecer os nossos conhecimentos sobre determinados locais. Em alguns casos pareceu pertinente mostrar mais do que uma leitura interpretativa.

Em relação à descrição e interpretação do espólio, servimo-nos das fontes já identificadas, para a alínea anterior, com excepção da última. Na prospecção privilegiámos a recolha de fragmentos cerâmicos de panças decoradas ou carenadas, bordos, bases, asas, cossoiros ou qualquer outro artefacto cerâmico, lítico ou metálico passível de fornecer a informação pretendida.

O conjunto dos dados arqueológicos permitiu-nos uma possível inserção cronológico-cultural dos locais e achados, identificados, na maioria dos casos, através de paralelos com estações ou artefactos já datados pelo radiocarbono.

O quarto grupo reporta-se ao "Depósito", nem sempre fácil de identificar devido às características deficientes de muitas das nossas instituições museológicas.

O quinto e último grupo explicita as "Referências Bibliográficas" sobre cada estação arqueológica. A entrada dos autores foi feita por ordem cronológica das publicações. Foram citadas apenas as obras que referenciam dados importantes sobre as estações, bem como as que notificam dados enquadráveis nas balizas cronológicas abrangidas por este trabalho.

Os objectivos que presidiram à inventariação dos monumentos megalíticos, assim como as fontes utilizadas para tal implicaram uma simplificação dos critérios de

apresentação e tornaram dispensável uma descrição sumária sobre cada um deles. Assim, após a ordenação administrativa por concelhos e por freguesias, referenciámos os imóveis por ordem alfabética, no interior de cada uma delas. Quando possível, cada imóvel foi cartografado na C. M. P., segundo as coordenadas Gauss.

O subcapítulo **Escavações: caracterização sumária dos achados** será precedido de uma pequena introdução onde especificaremos, de forma detalhada, os critérios de apresentação dos dados exumados.

Em relação ao terceiro subcapítulo, **Os dados de escavações antigas: reavaliação sumária**, os critérios de apresentação dispensam os *itens* tratados no Inventário, o que tornaria o discurso demasiado repetitivo. Assim, após a localização administrativa sumária, apresentámos um breve quadro dos conhecimentos sobre cada estação arqueológica. De seguida e quando a documentação o permitiu, especificámos a caracterização estratigráfica de cada povoado e descrevemos as estruturas com ela relacionadas. A análise dos artefactos foi o último dos *itens* apresentados. O espólio foi estudado segundo os critérios usados no subcapítulo anterior.

2. INVENTÁRIO

2.1. Inventário de estações arqueológicas da Idade do Bronze

AMARES

AMARES

(1) Monte da Santinha; Monte de Nossa Senhora da Paz

1-Povoado de topo.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro (?).

Freguesia: Amares.

Coordenadas Gauss: M= 182,3; P= 518,3 ; Altitude máx.: 195m (f. 56- 1:25 000).

2- Outeiro, a sudoeste do Monte de Santiago, mas separado deste por um colo profundo, o que lhe confere uma posição de relativo isolamento no vale. Tem boas condições naturais de defesa e visibilidade sobre o vale do Cávado. Apresenta uma plataforma superior no sentido nordeste/sudoeste, com afloramentos a nordeste. Vertentes abruptas a noroeste, oeste e sul. O acesso ao fundo do vale pode efectuar-se pelos lados sudeste e norte e à montanha pelo nordeste.

Substrato rochoso: Granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico de duas micas com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe D e E, de utilização não agrícola. Num raio de 500m existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 2,5Km para sudoeste existe a nascente de água mineral medicinal de Crespos e a 3Km para nordeste as do Pego Negro, ambas na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: a norte e este formam-se linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira do Bárrio, afluente da margem direita do Cávado.

Cobertura vegetal: arbórea, com predomínio de eucaliptos e pinheiros. Existem resquícios de carvalhos, loureiros e sobreiros.

Acesso: desde a Vila de Amares por caminho municipal até ao alto do monte onde se encontra a Capela da Sr^a da Paz.

3- O monte da Santinha foi visitado, em 1943, por A. Cunha que detectou restos do que interpretou como "muralha" ciclópica. Esta estrutura adossava aos vários

revirados, que A. Coffyn (1985: 57, 140-141), identifica como pertencentes a um caldeiro.

Os paralelos existentes para estas peças autorizam-nos a inclui-las na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Pio XII - Braga.

5- MONTEAGUDO 1977: 246, Est. 118; KALB 1980: 27-38; COFFYN 1985: 57, 140-141, 213, 221, 224, 231, 390, 395; SILVA 1986: gráf. 4.

(3) Monte de Caldelas; Outeiro de S. Sebastião; Castelo dos Mouros¹¹⁹

1- Povoado (?) de topo.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Monte.

Freguesia: Caldelas.

Coordenadas Gauss: M=180 ; P=522,4 ; Altitude máx.: 222m (f.42 - 1:25 000).

2- Outeiro, na vertente sudoeste do Monte de S. Gens, mas isolado deste por um colo profundo. Apresenta boas condições naturais de visibilidade para o vale do Homem. Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfiróide, de grão médio, às vezes grosseiro (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 250m, para norte, oeste e sul, existem solos de classe C e de utilização agrícola condicionada (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: existência de águas medicinais no ribeiro de Albitto, na própria freguesia de Caldelas.

Hidrologia: na vertente este do monte formam-se linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira do Alvite, afluente da margem esquerda do rio Homem.

Cobertura vegetal: arbórea, com predomínio de eucaliptos e pinheiros.

Acesso: a partir do lugar do Monte, freguesia de Caldelas, por caminho carreteiro e de pé posto.

3- Apesar da grande florestação do monte, as prospecções efectuadas pela signatária permitiram recolher fragmentos de telha e observar muros que cremos da antiga

¹¹⁹-Segundo J. Fontes (1916: 119, nota 2).

capela de S. Sebastião¹²⁰. Encontrámos, igualmente, na vertente oeste, cerâmica de fabrico manual, de pasta arenosa e cozedura redutora, com acabamento alisado. Um dos fragmentos apresentava decoração plástica, em forma de cordão. Cremos poder incluir este espólio na Idade do Bronze, mas é de evitar uma maior precisão cronológica atendendo à escassez da amostragem e à manutenção das suas características tecnológicas desde, pelo menos, o 1º quartel do II até ao 1º quartel do I milénio AC (Est. VII – 6).

As análises dos fotogramas 611/612, da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 não permitiram novos dados. A área encontrava-se já densamente florestada.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- FONTES 1916:119, nota 2; SILVA 1958/1959: 229; S. JORGE *et al* 1980: 120; MARTINS 1990: 66.

LAGO

(4) Lago

1- Sítio arqueológico e povoado de topo.

Cronologia: Idade do Ferro.

Lugar: Ponte.

Freguesia: Lago.

Coordenadas Gauss: M=176,7; P= 515,7; Altitude máx.: 56m (f.56 - 1:25 000).

2- Outeiro de baixa altitude, em paisagem de vale, sobranceiro ao rio Cávado, com excelentes condições de acesso e visibilidade para o rio.

Substrato rochoso: Granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico de duas micas com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C + F, de utilização não agrícola ou agrícola condicionada. Num raio de 250m existem solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: Num raio de 5Km existem os barreiros de Prado (Santa Maria) e a 1,5Km, para noroeste, as nascentes minero-medicinais de Caldas de Gestal, nas margens do rio Homem.

Hidrologia: margem direita do rio Cávado.

¹²⁰-Segundo J. Fontes (1916: 119, nota 2), esta capela é referida no *Diccionario Geographico de Portugal*. Este autor refere ter observado taludes que atribuiu à fase antiga.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso, por caminho carreteiro, a partir do lugar da Ponte, freguesia do Lago.

3- Nas escavações efectuadas por M. Martins, em 1980, detectou-se espólio atribuível à Idade do Bronze. Tratava-se de quatro fragmentos de fabrico manual, de pastas arenosas, de superfícies polidas, de cor avermelhada, bem como de uma lâmina de sílex, retocada. Dentro deste grupo isolou-se uma base, de fundo plano, de cerca de 20cm de diâmetro, que poderá associar-se a um recipiente de média ou grande dimensão.

Este material encontrava-se num aterro de um talude, anterior à construção da "muralha" pétreo, no corte A, camada Ia, pelo que não é possível considerar a existência de uma ocupação deste período genérico.

Neste corte, bem como nos realizados em 1981 e 1982, a estratigrafia, as estruturas percíveis de construção e o espólio permitiram a M. Martins (1988: 44 e segs.) admitir ocupações do Ferro Inicial, anteriores ao séc. II a. C, assim como outras do Ferro Recente, altura em que o povoado se "monumentaliza".

4- Depósito do material das escavações: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5- SILVA 1958/1959: 139; SOUSA 1971/1972: 180-181; MARTINS 1986, 1988: 19-20, 28, nota 13 e 14, 1990: 68.

PARANHOS

(5) Bouça do Porco Morreu

1- Sepultura.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Paranhos de Cima.

Freguesia: Paranhos.

Coordenadas Gauss: M=183; P=523,3 ; Altitude máx. 430m (f. 42 - 1:25 000)

2-A noroeste do monte de Santa Cruz, numa vertente de declive suave.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C, com socalcos (f.54 - 1: 25 000).

Hidrologia: nas proximidades das nascentes que formam o ribeiro do Alvito, afluente da margem esquerda do rio Homem.

Cobertura vegetal: zona agrícola.

Acesso: Um pouco acima do lugar de Paranhos de Cima, virar à esquerda, em direcção ao Campo de Futebol.

3- Pelas descrições do Sr. António Silva, morador no lugar d'Além, tratava-se de um "forno" de pedra miúda, de forma arredondada, com cerca de 1m de largura e sem tampa. Estava enterrado a cerca de 1,5m de profundidade e não tinha pedras e qualquer montículo de terra por cima. Foi destruído quando se arroteava uma bouça para fins agrícolas, durante os anos 70. No seu interior encontrou-se carvão, o que parecia um pedaço de osso e uma espiral de ouro, de secção circular e extremidades aguçadas, entretanto vendida a um ourives de Braga. Tinha a largura "de um dedo de um homem" e chegou a servir de anel ao Sr. António Silva, que assemelhava o objecto a uma mola¹²¹. Esta descoberta admite ocupação ou reocupação do imóvel onde o artefacto se encontrava, entre os finais do III e os meados do II milénio AC.

5- Inédita.

PORTELA

(6) Chã do Castro; Portela da Joubreia

1- Povoado de topo.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Ferro, Romanização, Idade Média.

Freguesia: Portela.

Coordenadas Gauss: M=180,2; P=519,9; Altitude máx 308 a 311: m (f. 56 - 1:25 000)

2- Cabeço da vertente sudoeste do Monte de S. Pedro Fins, com boas condições de visibilidade e acesso para os vales circundantes. A plataforma superior está orientada no sentido este/oeste. A ligação à montanha faz-se a nordeste.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfiróide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe D e/ou E, de utilização não agrícola. Num raio de 500m, para sudeste, há solos de classe A e de utilização agrícola (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: nascente das águas minero-medicinais de Caldelas, numa área de 5Km.

¹²¹ -A descrição desta peça não foi condicionada pela autora e atendendo a que as características desta peça correspondem à maioria das espirais conhecidas no Norte de Portugal, parece possível ter em consideração a descrição efectuada.

Hidrologia: nas vertentes norte, oeste e sudeste correm várias linhas de água ou regatos que alimentam alguns ribeiros, afluentes dos rios Homem e Cávado.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: por caminho carreteiro, a partir do lugar de Aguião, freguesia da Portela.

3- Escavações efectuadas por S. Jorge e J. Rigaud de Sousa, em 1978 e por S. Jorge, em 1979, revelaram várias ocupações, embora bastante revolvidas. A mais antiga foi atribuída ao Calcolítico, período a que correspondem cerâmicas impressas e incisas. Neste último grupo ocorreram organizações decorativas de tipo "Penha" e motivos radiados. Os artefactos líticos de pedra lascada, em sílex, deverão, também pertencer a este momento cronológico-cultural.

K. Lillios (1991: 211), baseada numa ficha do Museu Nacional de Arqueologia, refere um vaso troncocónico, proveniente desta estação, que atribuí à Idade do Bronze. Não conseguimos informações detalhadas sobre esta peça, pelo que a questão ficará em aberto. Salientamos que observámos toda a cerâmica proveniente das escavações deste povoado e não encontramos qualquer indício de ocupação da Idade do Bronze¹²².

A segunda ocupação, da Idade do Ferro Recente, associa-se a uma provável "muralha" e a um conjunto de cerâmicas formal e tecnicamente integráveis nesta fase. A terceira ocupação ter-se-á verificado durante a romanização e a quarta, na época tardo-medieval¹²³.

4- Depósito: Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Universidade do Porto.

5- S. JORGE 1979: 281 e segs.; S. JORGE *et al* 1979: 121 e segs.; MARTINS 1990: 69.

SEQUEIROS

(7) Sequeiros

1- Achado cerâmico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Sequeiros.

¹²²- Agradecemos a S. O. Jorge esta possibilidade.

¹²³- Nas camadas de revolvimento apareceram cerâmicas a torno, com características de fabrico que se aproximam das produções tardo-medievais da região de Braga. Agradecemos esta informação a Luís Fontes.

Coordenadas Gauss: M= 180,9; P=524,5; Altitude máx.: 115 m (f. 42 - 1:25 000).

2- Grande patamar, a meio da vertente norte do Monte de Sequeiros, também conhecido por Alto ou Couto do Castelhão.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfiróide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C, de utilização agrícola condicionada (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: águas minero-medicinais de Caldelas, numa área de 5Km.

Hidrologia: margem esquerda do rio Homem.

Cobertura vegetal: herbácea e arbustiva.

Acesso: pela estrada nacional n.º 205-3, entre Sequeiros e Redovim.

3- Trata-se de um vaso de largo bordo horizontal, de base plana. Segundo A. Medeiros *et alii* (1975: 58) a aba tinha decoração "... *incisa, formada por traços, pontos, etc.* ".

A bibliografia sobre esta peça coloca a sua proveniência na freguesia de Caldelas. Prospecções da autora permitiram precisar o seu local de achado. Foi encontrado pelo Sr. António Manuel da Silva e Costa, morador em Caldelas, aquando da abertura de um poço.

Este achado poderá inserir-se entre o 2º e o 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito: desconhecido.

5- MEDEIROS *et alii* 1975: 58; SOEIRO 1988: 43.

(8) Alto ou Couto do Castelhão; Monte de Sequeiros

1- Povoado de topo (?).

Cronologia: Indeterminada.

Freguesia: Sequeiros.

Coordenadas Gauss: M= 180,5; P=523,9; Altitude máx.: 229 m (f. 42 - 1:25 000).

2- Outeiro, num remate de esporão, a noroeste do Monte de Santa Cruz, com excelentes condições naturais de defesa e visibilidade para o vale do Homem. O acesso à montanha faz-se pelo lado sudeste e, ao fundo do vale, pela vertente norte.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfiróide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5B - 1: 50 000), que aflora na plataforma superior .

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C, de utilização agrícola condicionada (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: águas minero-medicinais de Caldelas, numa área de 5Km.

Hidrologia: margem esquerda do rio Homem.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea, com pinheiros e eucaliptos.

Acesso: pela estrada municipal até quase ao topo do outeiro. Seguir, depois, por caminho carreteiro.

3- Este monte foi reconhecido como povoado fortificado por M. Martins (1990:71), atendendo às descrições de A. Cunha (1961:321) que afirma ter observado muros e fragmentos cerâmicos no local. Prospecções sistemáticas efectuadas pela signatária na plataforma superior e nas várias encostas do monte, revelaram-se infrutíferas. Recolhemos, apenas, no início da vertente noroeste, um fragmento de pança de cerâmica manual, grosseira, de pasta algo micácea e de cor acastanhada que tanto poderá inserir-se na Idade do Bronze como nos primórdios da Idade do Ferro. A observação dos fotogramas 611/612/610, da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000, com a área já profusamente arborizada, não revelou qualquer tipo de estruturas¹²⁴.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- FONTES 1916: 199; CUNHA 1961: 321; MARTINS 1990: 71.

BARCELOS

(9 a 17) Barcelos

1- Achado metálico - depósito (?).

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas do concelho de Barcelos provêm três machados planos de tipo Bujões/Barcelos, encontrados em conjunto, com composição química binária e com cerca de 10% de estanho. Um deles, apresenta 1,2% de arsénio, embora seja discutível considerá-lo um bronze arsenicado.

¹²⁴-J. Fontes (1916:199) diz ter prospectado o Castelhão e não ser possível observar vestígios arqueológicos por se encontrar coberto de vegetação.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, números de inv. 11062, 11063 e 11070.

5- MACWHITE 1951: 47, Est. VI, 2-4; HARBISON 1967: 120; JUNGHANS *et alii* 1968: 22-23, 30-31; MONTEAGUDO 1977: 115 e 118, Est. 43, 737 e 738; Est. 45, 758.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas do concelho de Barcelos exumou-se um machado de talão com duplo anel, sem cone de fundição mas com rebarbas de fundição. Apresenta nervura central.

Poderá datar-se da 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: no extinto Museu de Etnografia do Porto.

5- CORTEZ, 1946: 200; MONTEAGUDO 1977: 223, Est. 104.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas do concelho de Barcelos exumou-se um machado de alvado com duplo anel, embora estes se encontrem fracturados.

Os paralelos existentes para esta peça permitem inclui-la na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 11071.

5- MONTEAGUDO 1977: 246, Est. 117.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas do concelho de Barcelos exumou-se um machado de alvado com anéis duplos, fracturados.

Os paralelos existentes para esta peça autorizam-nos a incluí-la na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: desconhecido.

5-MACWHITE 1951: Est. 15, 11; MONTEAGUDO 1977: 246, Est. 118.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, exumou-se um machado de talão com duplo anel (um deles fracturado) e sem cone de fundição. Apresenta algumas rebarbas de fundição.

Os paralelos para esta peça permitem incluí-la na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 11069 B.

5- MONTEAGUDO 1977: 175, Est. 70, n.º 1056.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas do concelho de Barcelos (?) é conhecido um machado de talão com duplo anel e cone de fundição. Apresenta nervura central e rebarbas de fundição.

Os paralelos existentes para esta peça autorizam-nos a incluí-la na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 11067.

5- MONTEAGUDO 1977: 175, Est. 72.

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- De proveniência desconhecida, mas deste concelho conhece-se um machado de talão com dois anéis, nervura central e muitas rebarbas de fundição (Est. VI – 1).

Datamos este achado, da 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 11068.

5- Inédito

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: (?)

3- Em locais desconhecidos deste concelho encontraram-se dois machados de talão com anéis e sem nervura central. Um deles tem a espera do talão fracturada e apresenta rebarbas de fundição (n.º de inv. 11066). O outro tem um anel quebrado (n.º de inv. 11069A) (Est. VI – 2).

Estes achados podem datar-se da 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 11066 e 11069A¹²⁵.

5- Inéditos.

ABADE DE NEIVA

(18) Monte do Facho ou do Castro; Alto da Torre

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze (?), Idade do Ferro e Romanização.

Lugar: Torre.

Freguesia: Abade de Neiva.

Coordenadas Gauss: M=157,2 ; P= 508,5 ; Altitude máx.: 168m (f. 69 - 1:25 000).

¹²⁵- O machado de talão com um anel e nervura central, em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, com o n.º de inv. 11072, dado como de Barcelos por vários autores (SAVORY 1951: 358; MONTEAGUDO 1977: 217, Est. 99, 1382; COFFYN 1985: 195, 244-245 e 249) é, segundo esta instituição, do concelho de Felgueiras, de um local iniciado por M, de difícil leitura. Entrou com o n.º 6606

2- Remate de esporão, na vertente nordeste do Monte do Cutulo, com boas condições naturais de defesa e visibilidade para o vale circundante. Vertentes abruptas a sul. A sua ligação ao planalto faz-se pelo lado este. O acesso ao fundo do vale encontra-se facilitado pelos lados norte e noroeste.

Substrato rochoso: zona de contacto entre os granitos monzoníticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro e corneanas, xisto andaluzíticos, granatíferos, luzentos (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 500m, para norte e oeste existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 500m, para sudoeste, há jazidas de volfrâmio. A 3Km, para sudeste, encontram-se as águas minero-medicinais do Penedo do Enxofre, na margem do Cávado e, a 5Km para nordeste, as das Caldas do Eirogo, em Santa Maria de Galegos.

Hidrologia: sobranceiro ao rio da Vila, afluente da margem direita do Cávado.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso: pelo lugar da Torre, em caminho carreteiro e de pé posto.

3- O povoado apresenta vestígios de quatro panos de "muralhas" e de estruturas habitacionais de forma circular. As estruturas e o espólio exumadas durante as escavações, efectuadas entre a 3ª e 4ª "muralha", do lado este, por C. A. B. de Almeida, em 1978, levaram este autor a atribuir-lhe uma cronologia desde a Idade do Ferro até à Romanização. A análise do espólio das camadas 8, 9 e 10¹²⁶, revelou-se importante pelas ilações cronológicas que permitiu. As três camadas continham fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pastas arenosas, arenosas/micáceas e micáceas, de cozeduras, essencialmente, redutoras. As formas presentes integram-se na 1, 1b, 1c, 2, 10, 18 e 22. Analisemos a camada 10. Aqui salientamos a pervivência de pastas arenosas e da forma 1, embora em pastas micáceas. As decorações muito escassas, foram encontradas apenas em dois fragmentos de panças, uma delas com uma incisão e a outra com triângulos, preenchidos com incisões. As características globais deste espólio permitem integrá-lo num momento de transição para a Idade do Ferro ou mesmo dos inícios deste período.

Na vertente este, perto do denominado Penedo da Moura, A. Costa (1980: 12) refere a existência de fragmentos de cerâmica de pasta arenosa que o fizeram pôr a hipótese de uma ocupação anterior à Idade do Ferro. Não identificámos este local mas a análise do espólio não exclui essa hipótese.

¹²⁶- Este estudo só foi possível devido à gentileza de C. A. B. de Almeida.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

5- COSTA *et alii* 1980: 10-14; ALMEIDA *et al* 1980:29 e segs.; MARTINS 1990:72.

CARAPEÇOS

(19) Castro de Carapeços

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Freguesia: Carapeços.

Coordenadas Gauss: M= 158,2 ; P= 513,7; Altitude máx.: 200-210m (f. 55 - 1:25 000).

2- Num pequeno esporão de baixa altitude, muito perto do vale, na vertente este do Monte de Peniques. O acesso à montanha faz-se pelo lado noroeste e ao vale, pelas vertentes suaves existentes a nordeste, este e sul.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: na confluência de solos de classe F e C, de utilização não agrícola ou agrícola condicionada. A menos de 500m, para este, há solos de classe A (f.55 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para sudeste, encontram-se as águas minero-medicinais das Caldas do Eirogo, em Santa Maria de Galegos e as do Mosqueiro, em Lijó.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira da Capela, na margem direita do Cávado.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: por caminho municipal e carreteiro, desde a sede da freguesia.

3- Este povoado regista alicerces de estruturas habitacionais e de fortificações à superfície. As escavações de C. A. B. de Almeida, em 1991 e 1993, permitiram detectar níveis de ocupação da Idade do Ferro e da Romanização. A observação do material que efectuámos, com autorização do autor, permitiu verificar a existência cerca de uma dezena de fragmentos de fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora. Salientamos uma base de fundo plano, em pasta grosseira e um fragmento de bordo de um potinho, encontrados no Sector A, quadrado F2, camada 5 e na vala de fundação de uma estrutura habitacional. Em 1993, no quadrado F4/F5, na camada 4, que cremos de revolvimento pela quantidade de espólio associado e pertencente a

outros períodos, apareceu outra base de fundo plano e um vaso subcilíndrico. Este é de fabrico manual, de bordo reentrante, de lábio adelgado arredondado, de superfícies alisadas, de cor castanha clara e de fundo plano. As características formais e técnicas dos fragmentos cerâmicos não permitem uma inserção cronológico-cultural mais precisa mas são, genericamente, enquadráveis na Idade do Bronze. Salientamos, no entanto, o paralelismo entre o vaso subcilíndrico de Carapeços e o do Lugar da Mata/Sequeade, que situamos, entre os finais do III e os meados/inícios da 2ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

5-Inédito.

CARVALHOS

(20) Alto do Livramento; Monte da Saia ou Asagie; Cidade da Citânia¹²⁷

1- Povoado de topo e santuário rupestre.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Freguesias: o alto do monte serve de limite às freguesias de Carvalhos, Chavão, Chorente, Grimancelos e Silveiros¹²⁸.

Coordenadas Gauss: M= 162,2 ; P= 498,6 ; Altitude máx.: 300m (f. 83 - 1:25 000).

2- No ponto mais elevado do Monte da Saia, no Alto do Livramento, também conhecido por Cidade da Citânia, com excelentes condições de visibilidade para os vales do Cávado e Este. As vertentes norte e sul, a partir da curva de nível de 250m, são as mais abruptas. O acesso ao planalto faz-se pelo lado sul e sudeste.

Substrato rochoso: contacto entre granitos porfiróides de grão muito grosseiro ou grosseiro, monzoníticos, predominantemente biotíticos e granitos não porfiróides de grão médio ou grosseiro (granito de Gondifelos) (f.9A - 1: 50 000).

¹²⁷- Asagie é o nome, pelo qual este monte é referido num documento do séc. X (CARDOSO 1951: 17, nota 4).

¹²⁸- Na bibliografia arqueológica, este povoado tem sido, por vezes, inserido na freguesia de Viatodos. Pensamos que a confusão se terá efectuado pelo facto de os achados metálicos da Fonte Velha, dados como aparecidos na aba deste monte, pertencerem, de facto, a esta freguesia. É de registar que o que se designa por Monte da Saia, não corresponde apenas ao local onde se encontra o marco geodésico, mas sim a toda uma área com mais de 1Km de extensão.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1Km, para este e sudoeste existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.83 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4,5Km, para sul e sudoeste, há jazidas de estanho, no monte da Anta de Cavalões e na freguesia de Gondifelos, respectivamente.

Hidrologia: No Monte da Saia formam-se inúmeras linhas de água ou regatos que alimentam ribeiras, afluentes dos rios Cávado e Este.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso para o Forno dos Mouros: a partir do caminho da Mata de Baixo.

Acesso para a Lage dos Sinais/Monte do Olheiro: pelo caminho antigo, que vai do Lugar da Portela à freguesia de Chavão.

3- Os vários achados e estruturas encontrados à superfície, um depósito de artefactos de ouro e gravuras rupestres permitem admitir a existência de vários momentos de ocupação, embora a ausência de escavações seja impeditiva de os considerarmos contínuos, sem reservas. À Idade do Bronze fazemos corresponder o depósito com artefactos em ouro (grande espiral, bracelete e tubo) e cerâmica (?), encontrado na bouça da Tomadia da Mata¹²⁹, já na vertente sul (freguesia de Grimancelos) e as gravuras rupestres da Lage dos Sinais/Monte do Olheiro¹³⁰, com círculos concêntricos, alguns com apêndice radial, espirais, covinhas, entre outras combinações mais complexas, na vertente oeste-noroeste (freguesia dos Carvalhos), embora já fora dos limites do povoado fortificado [(M= 161,9; P= 499,3; Alt.: 180m (f. 83-1:25000)]. A este período, poderá, ainda, corresponder um machado de alvado, que parece ter sido encontrado na área onde hoje ocorre um povoado fortificado, romanizado.

O material inscrito na Idade do Bronze não é de fácil precisão cronológica.

Quanto ao bracelete, cilíndrico, fechado, feito através da martelagem de uma peça fundida e com decoração realizada a punção (B. ARMBRUSTER, com. pessoal), as opiniões são bastante divergentes. A. Hartmann (1971: 129-130), baseado na análise de composição química desta peça (Ag 10; Cu 0,13), incluí-a no Bronze Antigo ou Médio e considera-a fabricada em ouro de aluvião. Para M. Ruíz-Gálvez Priego (1984: 388-389) a estrutura desta peça lembra-lhe artefactos do Bronze Médio, tal

¹²⁹- Este achado foi encontrado numa grande fenda de um penedo quando um pedreiro esvaziava o seu enchimento, para facilitar os trabalhos de extracção da pedra. Era composto por "*Um fio que teria de diâmetro uns 3milímetros, enrolado em hélice, o qual estendido atingiria uns 30 a 40 centímetros de comprimento*", por um "*pedaço de tubo*", grosso, sem decoração e por um bracelete. Com excepção desta última peça, os restantes objectos em ouro foram vendidos a um ourives (CARDOSO 1957: 181-184).

¹³⁰- Designação popular actual.

como o bracelete do depósito de Santa Maria de Toén (Ourense), de composição química semelhante. B. Armbruster *et al* (1994: 76) consideram este bracelete como uma imitação dos de tipo Villena-Estremoz e datam-no do Bronze Final. M. Cardoso (1957: 184; 1961: 53) coloca este objecto por volta do séc. V-IV a. C., quer pela técnica do puncionamento, quer pelo contexto genérico do achado, que denomina de "ambiente castrejo". Esta hipótese é, também, subscrita por A. C. da Silva (1986).

As espirais, bastante comuns, em depósitos e contextos funerários, na Península, parecem ter estado em uso, no Noroeste e no Sudeste peninsular, desde os finais do III e a 1ª metade do II milénio AC ¹³¹.

Se colocarmos a hipótese desta cronologia para a espiral de ouro, não nos é difícil aceitar que este depósito se possa inserir em pleno II milénio AC, em momento anterior aos finais da Idade do Bronze.

O machado de alvado que atribuímos à 1ª metade do I milénio AC, tanto poderá inserir-se nos finais da Idade do Bronze, como num período ligeiramente posterior.

Atendendo aos dados referidos, o monte da Saia poderá ter tido uma ocupação do II milénio AC e outra dos finais da Idade do Bronze ou do período de transição para a Idade do Ferro.

À Idade do Ferro e à Romanização atribuímos as estruturas habitacionais, em pedra, as várias "muralhas", o monumento com forno, denominado Forno dos Mouros e o espólio cerâmico espalhado pela plataforma superior e pelas várias vertentes.

4- Depósito do bracelete: Museu da Sociedade Martins Sarmiento - Guimarães.

5- OLIVEIRA 1950: 311; CARDOSO 1951: 5-28, 78-79; LOURENZO-RUZA 1953: 60-61; CARDOSO 1957: 179-184; 1961: 53; SARMENTO 1970: 58-62; HARTMANN 1971; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 159, 388-389; 1995: 54; SILVA 1986: 254, 257; MARTINS 1990: 74; QUEIROGA 1992: 148; DINIS 1993:34-35; ARMBRUSTER *et al* 1994: 76.

¹³¹-Atendendo às datas de radiocarbono da estrutura periférica de Outeiro de Gregos I (Baião) (V. JORGE 1980; 1988), de Meninas do Crasto 4 (Baião) (V. JORGE 1983a; 1983b; S. JORGE 1985: 156, 158).e à cronologia da sepultura 6 do Cerro de la Virgem (El Argar B), em contexto radiocarbono de c. de 1850 ± 100 BP (HARRISON 1977: 73).

COSSOURADO

(21) Crasto de S. Simão de Cossourado

1-Povoado de topo e santuário rupestre.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Freguesia: Cossourado.

Coordenadas Gauss: M=159,6 ; P=517,8; Altitude máx.: 236 m (f. 55 - 1:25 000).

2- Outeiro, na vertente norte do monte da Fonte Grande. Na acrópole do povoado há vários afloramentos graníticos. Com vertentes abruptas a norte e sul os melhores acessos fazem-se por sudoeste e noroeste. As condições naturais de defesa e visibilidade sobre o Neiva são excelentes.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro. Na vertente este há filões de quartzo (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 1Km, para norte, oeste e este há solos de classe A e de utilização agrícola (f.55 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 5 a 6Km, para norte, encontram-se as antigas jazidas de estanho de Vitorino dos Piães (Ponte de Lima). Segundo P. A. de Azevedo (1897: 234-235) teriam existido minas de prata neste povoado.

Hidrologia: Nas suas vertentes formam-se linhas de água ou regatos que alimentam várias ribeiras, afluentes da margem esquerda do rio Neiva.

Cobertura vegetal: vegetação predominantemente arbórea com pinheiros.

Acesso: a partir do lugar da Pousada, por caminho carreteiro.

3- Povoado onde se notam vários panos de "muralha", que contornam, na íntegra, a plataforma superior do povoado. As vertentes este e sul apresentam taludes com indícios de casas circulares, mas parece ser a vertente a oeste a mais intensivamente ocupada. O material cerâmico de superfície atesta, também, ocupações da Idade do Ferro e da Romanização.

Uma ocupação dos finais da Idade do Bronze é de considerar atendendo ao achado de gravuras rupestres, de que a Sociedade Martins Sarmiento é proprietária, e de um bipene (ALMEIDA *et al* 1984: 107: 108), semelhante ao encontrado em Roriz. As gravuras encontram-se num penedo com uma face horizontal onde se inscrevem motivos esquemáticas, como covinhas, círculos concêntricos, uma espiral e uma suástica inscrita num círculo. Está na sua maior parte soterrado. Não foi possível

encontrá-lo nas prospecções efectuadas recentemente, atendendo a que a estação está intensamente florestada.

4- Depósito do bipene: Museu dos Terceiros - Ponte de Lima.

5- AZEVEDO 1897: 234-235; VILLAS-BOAS s/d; ALMEIDA *et al* 1984: 99 e segs.

CREIXOMIL

(22) Creixomil

1- Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Creixomil.

C.M.P. (f. 69 - 1: 25 000).

2- Recursos minerais: não se conhecem jazidas de estanho numa área de 5Km a partir do centro da freguesia.

Hidrologia: entre os ribeiros do Sapogal e o do Mouriz, afluentes da margem direita do rio Cávado.

3- Desta freguesia, mas de proveniência desconhecida, conhece-se um machado de alvado de dois anéis, fracturado no gume e ainda com rebarbas de fundição. Na parte proximal existem duas nervuras paralelas à boca do alvado. No início da folha regista-se um triângulo, igualmente formado por nervuras.

Este artefacto poderá inserir-se na 1º metade do I milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º 11065.

5- VIEIRA 1880, vol. 2: 182; CARDOSO 1969: 78; MONTEAGUDO 1977: 245, Est. 117; COFFYN 1985: 221.

DURRÃES

(23) Monte da Bouça da Giesta

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro.

Freguesia: Durrães

Coordenadas Gauss: M= 154,85; P= 517,7; Altitude: 298 m (f.55 - 1:25 000).

2- Pequeno outeiro no remate de um esporão da vertente norte do Monte Arefe, com excelente visibilidade para o vale do Neiva. A cerca de 200m para oeste fica a necrópole de Chã de Arefe e, nas imediações, vários monumentos sob *tumuli*. O acesso ao planalto faz-se pelo lado sul.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1Km, para norte, existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.55 - 1: 25 000).

Recursos minerais: desconhecem-se jazidas de cobre ou de estanho numa área de 5Km.

Hidrologia: na área do povoado ocorrem inúmeros lameiros, nascentes e regatos, alguns deles drenando directamente para o Neiva.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: a partir do lugar do Castelhão, por caminho carreteiro que dá acesso à Chã de Arefe.

3- Trata-se de um povoado com taludes, onde ocorrem cerâmicas manuais e de cor escura, genericamente inseríveis na Idade do Bronze, segundo informações de C. A. B. Almeida. Como não foi possível observá-las torna-se difícil tentar uma aproximação cronológica mais precisa. Há também outro grupo de louça, de pasta micácea e feição arcaizante que poderá corresponder à Idade do Ferro.

5- ALMEIDA 1996: 78.

(24) Chã de Arefe/Bouça da Giesta

1-Necrópole.

Cronologia: Calcolítico Final (?)/Idade do Bronze (?).

Freguesia: Durrães

Coordenadas Gauss: M= 154,6; P= 517,6; Altitude: 290 m (f.55 - 1:25 000).

2- Zona planáltica de altitude.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1Km, para norte, existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.55 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem jazidas de cobre ou de estanho numa área de 5Km.

Hidrologia: na área dos achados ocorrem inúmeros lameiros, nascentes e regatos, que vão alimentar vários ribeiros da margem esquerda do rio Neiva.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso: a partir do lugar do Castelhão, por caminho carreteiro que dá acesso à Chã de Arefe.

3- Trata-se de duas sepulturas individuais. A sepultura 1, forneceu como espólio um vaso troncocónico ou subcilíndrico, uma ponta de tipo "Palmela" e um braçal de arqueiro, em xisto. A sepultura 2, continha, apenas, um braçal de arqueiro.

Estes artefactos enquadram-se, provisoriamente, entre a 2ª metade do III milénio e os meados do II AC, pela associação do vaso troncocónico com espólio de tradição anterior.

4- Depósito do material lítico e metálico: GENE (Grupo de Estudos Históricos do Vale do Neiva).

Depósito de espólio cerâmico: Prof. Doutor Armando Coelho F. da Silva.

5- SILVA *et alii* 1983.

(25) Durrães

1-Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Durrães

C.M.P. (f. 55 - 1:25 000).

2-Recursos minerais: não se conhecem jazidas de estanho numa área de 5Km.

Hidrologia: margem sul do Neiva.

3- Foi encontrado, em local desconhecido da freguesia de Durrães, um fragmento mesial de lança de bronze (Est. VII – 8). Este achado insere-se nos finais da Idade do Bronze.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

5- VILLAS-BOAS: s/d: 40

FONTE COBERTA

(26) Crasto

1- Sítio Arqueológico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Crasto.

Freguesia: Fonte Coberta.

Coordenadas Gauss: M=164,3 ; P=502,1; Altitude máx.: 91m (f. 69 - 1:25 000).

2- Pequeno outeiro em pleno vale, sobranceiro à ribeira de Sequeade, com boa visibilidade e fácil acesso ao vale.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides de grão grosseiro ou grosseiro a médio. Na base deste povoado existe um vale aluvionar (f. 5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 250m, para norte, oeste e sul, há solos de classe A e de utilização agrícola (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem jazidas de estanho numa área de 5Km. Ocorrem, no entanto, a cerca de 8,5Km para oeste, sul e para nordeste, em Milhazes (Barcelos), Cabreiros (Braga) e no monte da Anta de Cavalões (Famalicão), respectivamente.

Hidrologia: na margem esquerda do ribeiro de Sequeade, uma das nascentes do rio Covo, afluente do Cávado.

Cobertura vegetal: arbórea com pinheiros e eucaliptos.

Acesso: pelo lugar do Crasto, em caminho municipal.

3- Em local impreciso desta estação, denominada Crasto, foi encontrado um fragmento distal de lança, em bronze (Est. VII - 7) e um fragmento cerâmico, de fabrico manual, arenosa, de textura grosseira, superfície bem alisada e de cor escura. Este último encontrava-se num montículo de terras provenientes do alargamento de um caminho de pé posto, já na periferia deste outeiro.

A prospecção foi-nos dificultada pela intensa vegetação que cobria o Crasto. Através do tratamento dos fotogramas 893/894, da SPLAL, de 1938, na esc.1: 18 000 pareceu-nos visualizar uma estrutura que rodearia a plataforma superior, seguida de outras, mas na ausência de escavações mantemos reservas sobre estes possíveis indicadores.

O topónimo pelo qual é conhecido este pequeno outeiro, o achado metálico e as características do fragmento cerâmico permitem admitir que existiu neste local uma jazida dos finais da Idade do Bronze.

4- Depósito da peça metálica: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

Depósito do fragmento cerâmico: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- Inédito.

GILMONDE

(27) Castelo de Faria; Monte de Faria

1-Povoado de topo

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

Freguesia: Gilmonde e Milhazes.

Coordenadas Gauss: M= 157,1 ; P= 503,2; Altitude máx.: 259m (f.69 - 1:25 000).

2- Remate de esporão, na vertente noroeste do Monte da Franqueira, escarpado a oeste, norte e sul. A ligação ao planalto faz-se pelo lado este. O povoado tem boas condições naturais de defesa e visibilidade sobre os vales aluvionares que lhe ficam a 0,5Km para noroeste e a 1,5Km para oeste.

Substrato rochoso: Zona de contacto entre granitos monzoníticos, porfiróides de grão grosseiro e granodiorito, de grão médio, médio a fino, frequentemente porfiróides (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Numa área de 750m, para oeste, existem solos de classe A e de utilização agrícola (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: Em Milhazes, a 1,5Km para sudeste, houve explorações de estanho e em Paradela, a 4Km, para sudoeste, houve jazidas de ferro. As águas minero-medicinais dos Penedos do Enxofre, nas margens do Cávado, ficam, também, a 4Km.

Hidrologia: na vertente sul do povoado nasce a ribeira de Milhazes, na margem esquerda do Cávado.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea, com resquícios de carvalhos e sobreiros.

Acesso: a partir da freguesia do Carvalhal, pelo caminho municipal que dá acesso ao Monte da Franqueira.

3- Este povoado, além das estruturas medievais da plataforma superior, apresenta, pelo menos, 3 panos de "muralha" e vestígios de habitações em pedra, atribuíveis à

época Romana e ao Ferro Recente. Foi explorado em 1929 e entre 1936 a 40, sem que se tivessem observado os métodos modernos de escavação. Em 1981, 1982 e 1984 C. A. B. de Almeida dirige novos trabalhos no local e considera, além de um horizonte Calcolítico, ocupações desde os meados do I milénio a.C. até à Idade Média (ALMEIDA *et al* 1987). Em 1996 (ALMEIDA 1996: 340-341), recua a ocupação da Idade do Bronze para os inícios do I milénio a.C. O estudo do espólio que então efectuámos permitiu-nos colocar novas hipóteses. O conjunto artefactual deste período é bastante rico e admite pensar na existência de várias ocupações. Fragmentos cerâmicos de tipo "Cogotas I", um eventual vaso troncocónico com mamilos até à base (JORGE 1986IB 1986: 818) e a associação de potes das formas 7 e 1b, em pasta arenosa, autorizam a hipótese de uma ocupação dentro do II milénio AC. O restante material cerâmico, assim como um pendente, em bronze, em forma de sanguessuga e um coto de lança, também em bronze, partido, mas ainda com rebarbas de fundição, deverá inserir-se na transição do II para o I milénio ou mesmo no 1º quartel do I milénio AC. Foram, também, identificadas formas, em cerâmicas de fabrico manual e pasta micácea datáveis dos inícios da Idade do Ferro.

O conjunto de dados obtidos para o Castelo de Faria evidencia uma grande diacronia de assentamento e a possibilidade de uma continuidade de ocupação deste uma fase recuada da Idade do Bronze, até à Romanização.

A estação é monumento Nacional desde 1956.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos e Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 33.11. e 88.05.

5- VALERO APARISI s/d: 11 e segs.; SANTA OLLALA 1948: 21 e segs.; COSTA *et alii* 1980: 15-22; ALMEIDA 1982:79-88; 1985: 51; JORGE 1986IB: 818); ALMEIDA *et al* 1987; MARTINS 1990:75-76; ALMEIDA 1996: 340-363.

GÓIOS

(28) Vessada/Ameal¹³²

1- Achado metálico, em ouro.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Passos.

Freguesia: Góios.

¹³²- Na partilha de terras o antigo campo da Vessada ficou conhecido pelo Campo do Ameal.

Coordenadas Gauss: M= 158,9 ; P=500,2; Altitude : 90 m (f. 69 - 1:25 000).

2- Planície agrícola, bem irrigada.

Substrato rochoso: granitos alcalinos, de grão médio ou grosseiro (f. 5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4Km, para noroeste, há as jazidas de estanho de Milhazes mas as de ouro apenas se registam na Lagoa Negra (Barcelos), a 8Km para este.

Hidrologia: a cerca de 50 m do ribeiro de Ameal, na margem direita.

Cobertura vegetal: terrenos agrícolas.

Acesso: a partir do lugar de Passos, por caminho de pé posto.

3- Sem contexto específico, e de forma isolada, foram encontradas, ao abrir-se uma vala para o encanamento de água, uma cadeia, composta por cinco espirais, em ouro, no terreno dos herdeiros do Sr. José Machado Barroso, moradores no lugar do Matinho, em Góios. Encontrava-se a cerca de 1m de profundidade, aparentemente, sem qualquer outro espólio (CARDOSO 1950a: 22) As análises de composição desta peça forneceram percentagens entre os 93 e 96% de ouro e 3 a 6 % de prata (SOEIRO 1982: 65), pelo que estamos face a uma peça áurea, de grande pureza, cuja matéria-prima foi, muito provavelmente, recolhida nos aluviões da região.

Apesar de não possuímos datas concretas associadas a cadeias há alguns dados que parecem apontar para a sua existência na 1ª metade do II milénio AC, no Alto Alentejo¹³³, pelo que, como hipótese de trabalho, não nos custa admitir que poderão ter persistido até aos meados/3ª quartel do II milénio AC, no Noroeste.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

5- CARDOSO 1950a: 17 e segs.; SOEIRO 1982: 65-66; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 157.

¹³³-No povoado de S. Martinho, Alcácer do Sal, encontrou-se uma cadeia em associação com *tutuli* de ouro (HELENO 1935: 232 e segs.). Muito embora os *tutuli* tenham sido classificados dos finais da Idade do Bronze, não podemos esquecer que o único povoado com estas peças para o qual temos uma datação radiométrica, é o do Cabezo Redondo (Villena, Alicante) (M. ALMAGRO-GORBEA 1977: 532) que pode ser inserido na 1ª metade do II milénio AC, através da calibração da data GrN (?) - 3300 ± 50BP.

OLIVEIRA

(29) Citânia de Roriz; Monte do Facho; Eira dos Mouros; Cidade de Çanhoane; Sanoane¹³⁴

1- Povoado de topo e santuário rupestre

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

Freguesias: Oliveira e Roriz.

Coordenadas Gauss: M=164,3 ; P=512,2; Altitude máx.: 320m (f. 55 - 1:25 000).

2- Remate de esporão com plataforma superior no sentido norte/sul, num prolongamento para sul da serra de Roriz, com excelentes condições naturais de defesa e visibilidade. Para este, avista-se Braga, para sul, uma grande parte da bacia do Cávado e para oeste, o atlântico. A ligação ao planalto faz-se pela vertente norte. Para este, sul e oeste há planícies de aluvião. A plataforma superior encontra-se danificada pela construção de uma capela e de um cruzeiro mas, de uma forma geral, o povoado parece estar bem preservado.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro (f. 5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 750m, para oeste e este ocorrem solos de classe A e de utilização agrícola (f.55 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 1 e a 5Km, para oeste, houve jazidas de volfrâmio e estanho, respectivamente. Estas últimas ficam na freguesia de Cabanelas (Braga). A cerca de 3Km para sudeste encontram-se as águas minero-medicinais das Caldas do Eirogo, em Santa Maria de Galegos e, a este, as do Mosqueiro, em Lijó. Segundo P. A. Azevedo (1898.318), perto da plataforma superior de monte, mas já na vertente este, existia uma nascente cujas águas teriam poderes ligados à amamentação feminina.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se diversas linhas de água ou regatos que alimentam as ribeiras das Lages, das Valinhas e da Veiga, afluentes da margem direita do Cávado.

Cobertura vegetal: vegetação predominantemente arbustiva e arbórea, com pinheiros, eucaliptos, embora nas imediações da acrópole existam ainda muitos sobreiros e resquícios de carvalhos.

Acesso: a partir do lugar da Mota, pelo caminho que dá acesso à Capela da Senhora do Facho.

¹³⁴- Designação referida pelo L. Cardoso, em 1759, nas *Memórias Parochiaes*, tomo 32, p. 959, citado em J. Villas-Bôas (1948b: 29).

3- As várias recolhas de superfície, bem como a campanha de escavação, efectuada em 1978, por C. A. B. de Almeida e T. Soeiro permitiram admitir que o povoado foi ocupado desde a Idade do Bronze até à Romanização. A fase mais antiga associa-se a cinco peças de bronze: um machado de alvado de duplo anel; dois de talão, também de dois anéis [um com três nervuras na folha, cone de fundição e rebarbas de fundição (SILVA 1880: 359; VEIGA 1891 :226, Est. 23; CORREIA 1924: 229; MONTEAGUDO 1977: 246, Est.118; KALB 1980: 27; COFFYN 1985: 221; SILVA 1986: gráf. 4) e outro com duas caneluras e sem cone de fundição (VASCONCELOS 1895: 26; SILVA 1986: gráf. 4)]¹³⁵; um bipene (VILLAS-BOAS 1948b: 29 e segs.; COSTA *et alii* 1980: 27)¹³⁶ e uma sanguessuga, inédita, propriedade do Sr. Manuel Gonçalves, morador no Lugar da Mota, freguesia da Oliveira.

Na vertente su-sueste, na limpeza de um perfil, foi detectada uma camada estratigráfica, designada como a n.º 8 onde ocorreram cerâmicas enquadáveis na Idade do Bronze. Trata-se de louça de fabrico manual e de pasta arenosa. As formas publicadas correspondem a potes da forma 1 e a taças de carena média e alta (ALMEIDA *et al* 1980: 35). A observação efectuada por nós permitiu identificar ainda um pote subcilíndrico, de bordo em aba soerguida, uma base de fundo plano e uma panela de asa interior, esta já de pasta micácea. Também na camada 7 existem cerâmicas tecno e morfologicamente enquadáveis na Idade do Bronze associadas a outras de pasta micácea, fabrico manual, e de formas inseríveis numa fase antiga da Idade do Ferro.

Numa vala de sondagem, aberta na vertente sudeste e na plataforma contígua à acrópole, apareceu na camada 3, de aterro, anterior à "muralha", uma outra taça carenada, de fabrico manual, de pasta fina e superfícies alisadas, em associação com cerâmicas de vários períodos. Apesar da escassez dos dados, é possível tentar uma aproximação cronológica. Se bem que, no vale do Cávado, as taças carenadas sejam conhecidos desde a 1º metade do II milénio AC, o seu número é muito reduzido e as suas pastas e acabamento, bastante distintas das encontradas neste povoado. Na Citânia de Roriz, estas peças apresentam pastas duras, finas, com desengordurantes de pequeno calibre e polimento em ambas as faces. Estas características aproximam este material do encontrado na região, quer nos finais do II milénio, quer no 1º e inícios do 2º quartel do I milénio AC, em momentos que consideramos dos finais da Idade do Bronze ou de transição para a Idade do Ferro. Inserimos nesta fase, os quatro

¹³⁵- Este machado, com 22,2 cm de comprimento, foi achado em Boriz, perto de Barcelos, segundo J. L. de Vasconcelos (1895: 26). Não conhecemos nenhuma freguesia ou lugar do concelho com esta designação, pelo que cremos tratar-se de um artefacto proveniente do povoado de Roriz.

¹³⁶- Depositado no antigo Museu dos Alcaides de Faria, em Barcelos, mas hoje desaparecido.

afloramentos com sulcos, covinhas e outras gravuras, localizados no perímetro do povoado, quer pela temática, quer pelo facto de não conhecermos ocupações mais antigas do que as dos finais da Idade do Bronze, neste local. Um deles fica entre a 1ª e 2ª linha de muralhas, muito perto da acrópole e a nordeste desta. Trata-se de um afloramento horizontal, no meio do qual cresce um sobreiro que o está a danificar. Contém inúmeras covinhas de diferentes dimensões, algumas parecendo desenhar um círculo e outras, um alinhamento. No início da vertente noroeste e após a 2ª muralha existem outras três rochas historiadas, com visibilidade para o sol poente. Nelas encontramos pequenos sulcos, por vezes ligando covinhas entre si, covinhas dispostas de várias formas, por vezes em círculo com apêndice.

Na Idade do Ferro e na Romanização integramos os vários panos de "muralha", as habitações circulares e rectangulares, os restos de calçada, bem como fragmentos de painéis de asa em orelha, potes, tégulas e cerâmica comum romana, detectados, sobretudo, entre a 1ª e a 3ª muralha.

4- Depósito das cerâmicas: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

Depósito do machado de talão sem cone de fundição: Casa Municipal da Cultura. Solar Condes de Resende - Vila Nova de Gaia, n.º de inv. 95.

Depósito do machado de talão, de dois anéis e cone de fundição e do machado de alvado: Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa.

5- VASCONCELOS 1895: 20-21 e 26; AZEVEDO 1898: 318; CORREIA 1924: 229, 231-232; VILLAS-BOAS 1948b: 29 e segs.; FORTES 1905b: 117-119; SAVORY 1951: 344, fig. 6; MONTEAGUDO 1977: 246; COSTA *et alii* 1980: 23-28; ALMEIDA *et al* 1980:29 e segs.; KALB 1980: 27; FONSECA 1987= 1948: 358-361; ALMEIDA 1983: 81-82; COFFYN 1985: 221; MARTINS 1990: 76 -77.

PEDRA FURADA

(30) Pedra Furada

1- Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Pedra Furada.

C.M.P. (f.83 - 1:25 000).

2- Recursos minerais: a 5Km, para su-sueste do centro da freguesia, há as jazidas de estanho de Gondifelos (Vila Nova de Famalicão) e entre 5 e 6Km, para noroeste, as de Milhazes.

Hidrologia: margem esquerda do Cávado.

3-A par de outros artefactos da Idade do Bronze (VIEIRA 1880, 2 vol.: 172), cujas características desconhecemos, foi encontrado nesta freguesia um machado plano de tipo "Bujões/Barcelos".

Por comparação com o molde encontrado no povoado da Sola Iib, em Braga, esta peça deverá enquadrar-se 1ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: em 1880 era propriedade do Sr. Domingos dos Santos Ferreira, morador em Barcelos.

5- VIEIRA 1880, vol. 2: 172; FONSECA 1948=1987, vol. 2: 295.

PERELHAL

(31) Perelhal

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Perelhal.

C. M. P. (f.69 - 1:25 000).

2- Recursos minerais: a cerca de 2Km do centro desta freguesia, para nordeste, houve explorações de volfrâmio e a 5Km, para sudeste, existiram jazidas de estanho, em Milhazes.

Hidrologia: entre os ribeiros do Sapogal e o do Mouriz, afluentes da margem direita do rio Cávado.

3- De proveniência desconhecida, mas da freguesia do Perelhal (COSTA *et alii* 1980: 6) exumou-se um machado de talão com um anel e nervura central, fracturado em três partes, com vestígios de ter sido usado. Mede 14 cm de comprimento, por 2,2 cm de espessura na espera do talão.

Classificamos, este achado, na 2ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

5- FORTES 1908: 662; CORREIA 1924: 231-232; 1928: 150; MONTEAGUDO 1977: 189, Est. 80; COSTA *et alii* 1980: 6.

SEQUEADE

(32) Crasto

1-Povoado (?) de topo.

Cronologia: Indeterminada

Freguesia: Sequeada.

Coordenadas Gauss: M=165,6 ; P=504,1; Altitude máx: 281 m (f.69 - 1:25 000).

2- Remate de esporão na vertente sul da Serra de Airó, com plataforma superior no sentido nordeste/sudoeste. Vertente abrupta a sul, sendo o acesso ao planalto efectuado pelo lado nordeste.

Substrato rochoso: granodioritos de grão médio ou médio a fino, frequentemente porfiróides (f.5C - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 500m, para sul ocorrem solos de classe A+C (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: A cerca de 6Km, para nordeste, houve exploração de estanho nas jazidas de Cabreiros (Braga).

Hidrologia: na vertente noroeste formam-se várias linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira de Sequeada, nascente do rio Covo, afluente da margem esquerda do Cávado.

Cobertura vegetal: predominantemente arbórea.

Acesso: a partir do lugar de Regadas, por caminho municipal, freguesia de Moure, até ao lugar do Crasto. A partir daí, por estradão até ao campo de futebol, que fica a nordeste da acrópole deste povoado.

3- As prospecções efectuadas pela signatária permitiram notar, tal como aconteceu com as duas arqueólogas que visitaram o local anteriormente, a ausência de cerâmicas de superfície, devido à densa cobertura vegetal. Verificámos, no entanto, que rodeando a acrópole, existia uma estrutura de cerca de 2m de largo, constituída, na face exterior, por pedras não facetadas e de grande tamanho e por um enchimento de calhaus de pequena e média dimensão. Esta estrutura delimita uma área relativamente restrita, abarcando apenas dois dos três moinhos que se encontram na plataforma superior. Por vezes adossa aos afloramentos graníticos existentes no local. Pelo lado oeste, por detrás do moinho mais ocidental, está, em parte derrubada, notando-se

perfeitamente o seu enchimento. Na periferia desses derrubes ainda há zonas cuja face exterior apresenta cerca de 80 cm de altura.

A observação dos fotogramas 891/892, da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 permitiu verificar outros dois taludes ou panos de "muralha", relativamente concêntricos em relação à acrópole. O segundo, passa pelo terceiro moinho existente no local.

A inexistência de materiais cerâmicos de superfície torna difícil datar este eventual povoado.

5- SOEIRO 1982: 63; MARTINS 1990:78.

(33) Lugar da Mata

1- Achado metálico e cerâmico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Mata.

Freguesia: Sequeada.

Coordenadas Gauss: M= 166,3 ; P= 503,9; Altitude: 230 m (f. 69 - 1:25 000).

2- A meio da vertente sudoeste da Serra de Airó.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides de grão médio, às vezes grosseiro (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C, de utilização condicionada. A menos de 250m, para sul, há solos de classe A e de utilização agrícola (f.69 - 1: 25 000).

Recursos minerais: A cerca de 5,5Km, para nordeste, houve explorações de estanho nas jazidas de Cabreiros (Braga). Não se conhecem, numa área de 5Km, recursos auríferos.

Hidrologia: margem direita da ribeira de Sequeada. No próprio lugar da Mata formam-se linhas de água ou regatos que alimentam a referida ribeira.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: a partir do lugar da Mata.

3- No lugar da Mata, em terrenos do Sr. José Sá de Faria, foram recolhidos em 1955, em contexto desconhecido, um vaso cerâmico e uma meada em ouro. O recipiente cerâmico liso, de fabrico manual, pasta grosseira, de forma subcilíndrica, bordo horizontal e lábio boleado, tinha uma asa lateral, de inserção vertical, partida e uma base de fundo plano. Encontrava-se coberto com uma tampa de barro, contendo no interior terra muito fina e o artefacto em ouro. Este último parece ter sido fabricado por martelagem, com uma composição entre os 93 e 96% de ouro e 3 a 6 % de prata

(SOEIRO 1982:64-65). Esta autora, insere o achado na Idade do Bronze do noroeste, pelos paralelos metálicos e cerâmicos, cronologia que corroboramos de forma genérica.

Atendendo a datas de radiocarbono obtidas em jazidas com artefactos semelhante, inserimos o achado entre os finais do III aos meados/inícios da 2ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

5- SOEIRO 1982: 62 e segs.

VIATODOS

(34) Monte da Feira (?); Viatodos

1-Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Monte da Feira.

Freguesia: Viatodos

Coordenadas Gauss do Monte da Feira: M= 164 ; P= 498,2; Altitude: 124 m (f. 83 - 1:25 000).

2- Recursos minerais: a 4Km, para sul, houve antigas explorações de estanho, no monte da Anta de Cavalões e a 5Km, para sudoeste, em Gondifelos, ambas em Vila Nova de Famalicão.

Hidrologia: margem direita do rio Este.

3- Da freguesia de Viatodos, embora de local desconhecido, conhece-se um machado plano de tipo "Bujões/Barcelos". Será um dos machados encontrados no Monte da Feira, citado em J. Ferreira (1977: 13)?

Atendendo ao molde encontrada no povoado da Sola IIb, em Braga, este artefacto deverá enquadrar-se na 1ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: no extinto Museu de Etnografia do Porto, números de inv. 7158.

5- HARBISON 1967: 118; FERREIRA 1977: 13.

(35) Quinta da Fonte Velha

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Quinta da Fonte Velha.

Freguesia: Viatodos.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 163,3 ; P= 497,7; Altitude: 120 a 130 m (f. 83 - 1:25 000).

2- Pequeno patamar na vertente suave, a sudeste do Monte de Fralães, onde ocorrem alguns afloramentos rochosos.

Substrato rochoso: granitos porfiróides de grão muito grosseiro ou grosseiro, monzonítico, predominantemente biotítico (f.9A - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C, de utilização agrícola condicionada. Nas imediações, a este, os solos são de tipo A (f.83 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 4Km, para sul, houve exploração de estanho no monte da Anta de Cavalões (Famalicão). A 5Km, para sudoeste, em Gondifelos (Famalicão), também ocorreram explorações de estanho.

Hidrologia: na Fonte Velha nasce um dos muitos ribeiros que drenam na margem direita do rio Este.

Cobertura vegetal: arbórea (pinhais) e culturas agrícolas.

Acesso: a partir da freguesia de Viatodos, ao lugar da Fonte. Aí, cortar em direcção à Quinta da Fonte Velha.

3- Em 1904, encontraram-se 19 machados de talão e duplo anel, em bronze, com algumas diferenças entre eles. Alguns estavam providos de cone de fundição, mas uma boa parte deles não o possuía. Conhecemos, pelo menos um, de lâmina lisa, e outro com várias nervuras, em ambas as faces. A maioria apresenta uma nervura em ambas as faces (KALB 1980: 28 e 39). estes artefactos foram encontrados em conjunto com "*...uns restos de fundição e uma panela destinada ao mesmo fim...*", a "*cinco palmas*" de profundidade, i. é, cerca de 1,10m, e por baixo de um penedo (VILLAS-BÔAS 1948a: 13). A. Coffyn (1983: 185; 1985: 396) refere 4 lingotes, 2 informes e os outros 2 plano-convexos com 1400g e 1280g. Os lingotes não foram analisados, mas os machados apresentam composição ternária com percentagens importantes de chumbo (COFFYN 1983: 185; 1985: 224).

Pelas suas características este depósito poderá inscrever-se na 1º metade do I milénio AC.

4- Depósito de 10 machados e três lingotes: Museu Soares dos Reis - Porto.

Depósito de 2 machados (?): Museu Nacional de Arqueologia, um deles com o n.º de inv. 11080.

Depósito de 2 machados (?) e fragmento de 1 outro: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

Depósito de 1 machado: Museu Municipal de Vila do Conde.

5- FORTES 1905a: 110-111; VASCONCELOS 1915: 29, est. IV; CORTEZ 1946: 39; VILLAS-BÔAS 1948a: 13 e segs.; SAVORY 1951: 362; MONTEAGUDO 1977: 173, 176, 179, 181, 202, Est. 70, 73, 75, 77 e 89; KALB 1980: 28, 39; COFFYN 1985: 224, 231, 302, 396; DINIS 1993: 35.

VILA COVA

(36) Lugar de Mereces

1- Achado metálico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Mereces.

Freguesia: Vila Cova.

Coordenadas Gauss do lugar de Mereces: M= 151,2 ; P= 510,4; Altitude: 100m (f. 54 - 1:25 000).

2- Pequeno patamar na vertente sudeste do esporão, registado na C. M. P., como da Peneda.

Substrato rochoso: granito monzonítico predominantemente biotítico (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A e C (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 2,5Km, para sudoeste, ocorrem as jazidas de volfrâmio de Santa Baia (Palmeira de Faro).

Hidrologia: linhas de água que alimentam o rib. dos Rodilhões.

3- Numa bouça do lugar de Mereces apareceram duas meadas de ouro, em contexto desconhecido, detectadas "*...quando os pedreiros procediam a uma escavação...*" (FONSECA 1948: 414). Devem ter sido vendidas atendendo a que foram avaliadas em mais de 20 000\$00. Pela descrição parecem ter estado associadas a um afloramento. Seriam meadas semelhantes às encontradas em Sequeade ou em Góios? Neste caso estaríamos face a mais um depósito de objectos áureos inserível entre os finais do III aos meados/3ª quartel do II milénio AC.

4- Depósito: desconhecido.

5- FONSECA 1987: 414.

BRAGA

(37) Braga

1- Sepultura.

Cronologia: Idade do Bronze.

3- No interior de um túmulo constituído por grandes pedras (esteios?) foi exumado uma gargantilha, em ouro, de cerca de 55cm de comprimento e dois orifícios, executada por martelagem, a partir de uma chapa.

4- Depósito em 1967: Sr. José Teixeira, proprietário bracarense.

5- CARDOSO 1967: 329-376; RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 155.; PINGEL, 1992: 28, n.º catálogo 226.

ADAÚFE

(38) Cabeço da Ribeira

1-Povoado de vertente.

Cronologia: Idade do Bronze (?)

Lugar: Ribeira.

Freguesia: Adaúfe.

Coordenadas Gauss: M=177,2; P=514,9 ; Altitude máx: 73m (f. 56 - 1:25 000)

2- Pequeno outeiro, sobranceiro ao vale aluvial da margem sul do Cávado.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides de grão médio a fino (f.5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe C + F, de utilização não agrícola ou agrícola condicionada. Para norte, a 250m, há solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4,5Km, para este, há as nascentes minero-medicinais de Crespos, na margem esquerda do Cávado e a 2,5Km, para noroeste, encontram-se as das margens do Homem. Os barreiros de Prado estão a 5Km.

Hidrologia: na vertente oeste corre o ribeiro da Presa, afluente da margem esquerda do Cávado.

Cobertura vegetal: predominantemente arbustiva com algumas árvores.

Acesso: pelo lugar da Ribeira.

3- Nos limites da plataforma superior desta estação parece existir um talude que M. Martins (1990: 80) faz corresponder a uma "muralha". O material de superfície da acrópole, é escasso mas, aparentemente, de época romana.

Em prospecções realizadas pela signatária detectámos uma fossa aberta no saibro, a meio da vertente norte. Nesta estrutura e nas terras contíguas, de cor escura e com carvões, encontrámos fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira e de cor negra. Um destes fragmentos era uma base de fundo plano simples. Este material que, na época, mostrámos a M. Martins, apresentava características semelhantes ao encontrado em jazidas da Idade do Bronze, embora a escassez de formas não tenha permitido estabelecer uma cronologia mais precisa dentro deste período genérico.

5- MARTINS 1990: 80.

(39) Cávado;

1- Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Adaúfe.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 176,9; P= 515, 6 (f. 56 - 1:25 000)

2- Recursos minerais: numa área de 5Km não se conhecem jazidas de estanho. Estas ocorrem, apenas, a cerca de 8Km para oeste e sudoeste, em Cabanelas.

Hidrologia: no leito do rio Cávado.

3- Foi encontrado nas águas do rio Cávado, em frente ao Castro do Lago, no vizinho concelho de Amares, um machado de alvado de duplo anel, em bronze. Esta peça apresenta composição ternária, com elevada percentagem de chumbo (Est. IX).

Poderá inserir-se na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: Sr. José da Costa Fernandes, Ponte dos Falcões, Braga.

5- BETTENCOURT 1988: 9 e segs.

(40) Monte de Vasconcelos

1- Povoado de topo.

Cronologia: Transição Bronze/Ferro

Freguesia: Adaúfe

Coordenadas Gauss: M=179,7 ; P=512,4; Altitude:356 m (f. 56 - 1:25 000).

Na plataforma planáltica, existente a norte do povoado e algumas dezenas de metros encontra-se um monumento com *tumulus*, pouco perceptível na paisagem, com vala de violação e couraça lítica.

2- Outeiro de cota mais elevada, no extremo sul do monte de Vasconcelos, com excelentes condições de visibilidade para os vales do Cávado e Este.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 500m, para este, há solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4Km, para nordeste, há águas minero-medicinais em Crespos, na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: divisória das bacias do Cávado e alto Este.

Cobertura vegetal: predominantemente herbácea e arbustiva com resquícios de pinheiros.

Acesso: Por caminho carreteiro, até meia vertente e depois por caminho de pé posto.

3- As sondagens realizadas pela signatária, em 1994, a distribuição do material de superfície e a análise dos fotogramas 4640/4641 da FAP, de 1983, na esc. 1: 15 000 e 501/502 da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 permitem pensar que apenas o tabuleiro superior do monte foi ocupado e monumentalizado. Apesar das condições de jazida se encontrarem muito alteradas, as condições topográficas, as estruturas, o espólio recolhido e a data de radiocarbono obtida, permitem integrar esta estação no 2º quartel do I milénio AC, i. é, num momento de transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

4- Depósito: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5- FONTES 1993: 36; DINIS 1993: 37-38.

(41) Monte de Pedroso

1- Povoado de topo

Cronologia: Idade do Bronze/Ferro Inicial (?).

Lugar: Ribeirinho.

Freguesia: Adaúfe

Coordenadas Gauss: M=178 ; P= 511,8 ; Altitude máx.: 330m (f. 56 - 1:25 000)

2- No alto do Monte de Pedroso, constituído por dois cabeços e por um colo de separação. O povoado apresenta boas condições naturais de defesa e visibilidade sobre os vales do Cávado e Este.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), que afloram à superfície na plataforma superior.

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A sudoeste, a cerca de 500m, ocorrem solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: A 5Km, para noroeste, e a 5,5Km, para nordeste, existem nascentes minero-medicinais nas margens do Homem e do Cávado, respectivamente.

Hidrologia: divisória das bacias do rio Cávado e este.

Cobertura vegetal: herbácea , arbustiva com resquícios de pinheiros.

Acesso: a partir do lugar da Sete Fontes, por estradão e caminho carreteiro.

3- Nas prospecções realizadas no local verificámos que a estação arqueológica parece ocupar os dois cabeços e o colo de separação entre eles. Não cremos que se trate de um povoado fortificado, numa das acrópoles, como afirma L. Fontes (1990: 131, 1993: 37). A grande quantidade de pedra solta que se nota, de onde em onde, parece resultar mais da intensa exploração de pedra no local. Apenas na vertente noroeste, contígua à acrópole, parecia existir uma pequena plataforma, muito embora sem vestígios de pedra. A análise efectuada a partir da ampliação dos fotogramas 501/502 da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 não foi conclusiva quanto à existência de estruturas pétreas neste local. As recolhas de superfície forneceram 10 fragmentos de panças, muito pequenos e bastante corroídos, de fabrico manual, pasta arenosa, textura grosseira e de cor acastanhada, bem como 6, de pasta micácea, também grosseiros e de cores escuras. O espólio permitem integrar, genericamente, o local na Idade do Bronze ou na transição para a Idade do Ferro.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- FONTES 1990: 131; 1994: 36-37.

CIVIDADE

(42) Alto da Cividade

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Cividade

Coordenadas Gauss: M= 175,3 ; P= 508,6; Altitude: 170 a 180m (f. 70 - 1:25 000).

2- Na plataforma superior e no início da vertente nordeste de uma colina.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para oeste, há as jazidas de estanho de Cabreiros.

Hidrologia: divisória das bacias do Cávado e este.

Cobertura vegetal: herbácea.

Acesso: pelas ruínas romanas das Termas- Braga.

3- Este sítio arqueológico caracteriza-se por várias fossas abertas no saibro e alguns buracos de poste, localizados na plataforma superior e no início da vertente nordeste do Alto da Cividade. A falta de ecofactos, bem como a escassez de espólio cerâmico e lítico, torna problemática a classificação cronológico-cultural e funcional deste local. Apesar destas limitações, a área de expansão dos achados, poderá indiciar que estamos perante um possível povoado de fossas. Quanto à cronologia, a presença da forma 15, designada por urna, encontra paralelos na bacia do Cávado, no 1º quartel do I milénio AC e é desconhecida no II milénio AC. Perante estes dados classificaremos, ainda que provisoriamente, esta estação no 1º quartel do I milénio AC.

4- Depósito: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5- MARTINS 1990:81; DINIS 1993.

DUME

(43) Monte de Cabanas

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Freguesia: Dume.

Coordenadas Gauss: M=175,9 ; P= 510,9; Altitude máx.: 190m (f. 56 - 1:25 000)

2- Outeiro, profundamente destruído na acrópole e na vertente nordeste devido à extracção de pedra. Totalmente destruído nas vertentes sul e oeste.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 500m, para oeste, há solos de classe A, de utilização agrícola (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4 e a 6Km, para sudeste, há as jazidas de volfrâmio e de estanho de Tibães e Cabreiros, respectivamente. As nascentes de águas minero-medicinais da margem do Homem, encontram-se a 5Km para norte. Sensivelmente à mesma distância, mas para noroeste, estão os barreiros do Prado/Cabanelas.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se linhas de água ou regatos que drenam para a ribeira do Vale do Outeiro e para a de Panoias, ambas afluentes do Cávado.

Cobertura vegetal: no que resta do povoado há uma vegetação arbustiva e arbórea.

Acesso: pela estrada municipal que liga Braga a Palmeira, do lado esquerdo, ao lado das instalações da Volvo.

3- Antes da destruição, para terraplanagem, da vertente oeste foi possível verificar a existência de taludes artificiais, bem como outras estruturas pétreas, assim como fragmentos de cerâmica manual e micácea, integráveis tecnicamente na Idade do Bronze e do Ferro. As escavações de emergência efectuadas na plataforma superior e no início da vertente este, dirigidas por Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, com o apoio da signatária, permitiram visualizar duas ocupações; uma da Idade do Bronze e a outra da Idade do Ferro, sem continuidade. A ocupação mais antiga insere-se no 1º quartel do I milénio AC.

4- Depósito: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

5- FONTES 1994: 43.

ESPORÕES

(44) Santa Marta da Falperra; Santa Marta dos Cortiços; Monte Maior

1-Povoado de topo e santuário rupestre.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

Freguesia: Esporões.

Coordenadas Gauss: M=178,2 ; P=505,1; Altitude: 561m (f. 70 - 1:25 000).

2- No monte de cota mais elevada, no extremo sudoeste de um contraforte da Serra do Carvalho, com vertentes abruptas por todos os lados, a partir da linha dos 450m. O acesso apenas está facilitado por nordeste, onde o pendente é mais suave e se liga à zona planáltica. O acesso ao fundo do vale poderá efectuar-se pelo lado sul. A estação apresenta excelentes condições de visibilidade, para todos os pontos cardeais, sobretudo para o vale do Este.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), que aflora em algumas zonas do povoado.

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A 1,5Km, para norte, noroeste e sul, ocorrem solos de classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: As caldas das Taipas (Guimarães), ficam a 5Km para sudeste. Só a 9Km se encontra o estanho de Cabreiros.

Hidrologia: margem direita do alto Este. Nas suas vertentes correm inúmeros linhas de água ou regatos que alimentam ribeiras, afluentes do Este e do Ave.

Cobertura vegetal: predominantemente arbórea, mas contendo arbustos.

Acesso: A partir de Braga, por caminho municipal, e depois por estradão até à capela de Santa Marta.

3- Este povoado foi, desde cedo, citado na bibliografia, arqueológica. Sabemos que a plataforma superior era fortificada e que existiam vários panos de "muralhas" nas suas vertentes. Nos finais do séc. passado, A. Bellino iniciou escavações na acrópole e na vertente sul do povoado, entre a primeira e a segunda linha de "muralhas". Na acrópole, detectou uma casa circular. Refere, igualmente, a existência de penedos com "cóvinhas" ou "fossettes", círculos concêntricos e espirais, entre outros motivos que

não descreve, no perímetro da 3ª muralha (BELLINO 1909:17)¹³⁷, que não conseguimos detectar. O povoado devia estender-se para a vertente oeste, onde A. Bellino (1909: 17) diz ter observado restos de estruturas habitacionais, de forma circular. Até à década de 80 são muitos os investigadores que procedem a escavações no local pondo a descoberto uma basílica paleocristã, estruturas romanas, espólio e camadas de ocupação da Idade do Bronze e da transição Bronze/Ferro. Foram igualmente detectados artefactos do Calcolítico. Na década de 80, M. Martins efectua sondagens neste povoado com o objectivo de determinar a diacronia do povoado e obter perfis estratigráficos que permitissem inserir, em termos cronológicos e culturais, o material encontrado nas escavações anteriores.

Imóvel de Interesse Público, desde 1955.

4- Depósito do espólio das escavações de A. Cunha: Museu dos Biscainhos - Braga.
Depósito do espólio das escavações de M. Martins: Museu D. Diogo de Sousa-Braga.

Depósito recolhido por A. Bellino: Museu Pio XII - Braga.

Outras recolhas: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 31.08.

5- SARMENTO 1901: 124-125; BELLINO 1909: 15-18; COSTA 1965: 60-63; SOUSA 1968/1970: 57 e segs.; CUNHA 1975: 487-495; TEIXEIRA *et al* 1979; SILVA 1986: gráf. 4; ALARCÃO 1988: 14-15; MARTINS 1990: 119; QUEIROGA 1992: 149; FONTES 1993: 47-49; DINIS 1993:77-79.

FRADELOS

(45) Outeiro de Chascos

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Fradelos.

Coordenadas Gauss: M=171,8 ; P=503,9; Altitude 167: m (f.70 - 1:25 000).

2- Pequeno Outeiro, a sul do Monte de S. Bento, com vertente abrupta a sul, oeste e este, em pleno vale. A ligação ao planalto faz-se pelo lado norte. As obras da auto-estrada Braga-Porto destruíram parte do monte, pelo lado sudeste.

¹³⁷-T. Teixeira et al (1979: 386, 389) refere estas gravuras e considera-as um santuário ofiolátrico, pelo que deveriam existir, também, sulcos serpentiniformes.

Substrato rochoso: Granito porfíroide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 250m, para sul, oeste e este, existem solos de classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para nor-noroeste, há as jazidas de estanho de Cabreiros.

Hidrologia: a cerca de 500m da margem direita do rio este.

Cobertura vegetal: vegetação arbustiva e arbórea, muito densa.

Acesso: pela estrada municipal n.º 569-1, até ao lugar de Chascos.

3- Aquando das obras da Auto-Estrada, que danificaram parte deste povoado, L. Fontes permitiram verificar a existência de um talude na acrópole e de um outro, numa das plataformas circundantes. À superfície encontrou fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pasta arenosa, textura grosseira e cozedura redutora, que observámos. Em 1996, a densa vegetação arbustiva que cobria o monte, não permitiu novas prospecções. A análise dos fotogramas 640 da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000, mostrou que, na altura, este monte já se encontrava arborizado, o que dificultou a visualização de eventuais estruturas aí existentes. Apesar de tudo e com muitas reservas o tratamento dos fotogramas parece revelar dois taludes.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- FONTES 1994: 53.

GONDIZALVES

(46) Monte das Caldas; Castro das Caldas; Monte de S. Mamede

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Freguesia: Gondizalves e Sequeira.

Coordenadas Gauss: M= 171,9; P=507,8; Altitude máx.: 304m (f. 70 - 1:25 000).

2- Remate de esporão no extremo sudeste do Monte de S. Mamede, com excelentes condições naturais de defesa e de visibilidade sobre os vales circundantes. O acesso à ecologia de montanha poderá fazer-se pelo lado norte e ao vale, pelo sul, sudoeste e este.

Substrato rochoso: contacto entre granitos não porfíroides, de grão fino, alcalinos moscovíticos e não porfíroide, de grão médio a grosseiro, monzoníticos (f. 5D - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. No raio de 1Km encontram-se solos de classe A, a sul, oeste e este (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 1Km, para noroeste, existem as jazidas de estanho de Cabreiros e a menos de 600m, a norte, as de volfrâmio de Tibães. Apesar da estação ser conhecida por Monte das Caldas, não se conhecem nascentes de água minero-medicinal, nas proximidades.

Hidrologia: nas vertentes oeste e sul formam-se linhas de água ou regatos que drenam para o rio Labriosque ou Labriosca, afluente do Cávado.

Cobertura vegetal: herbácea, arbustiva e resquícios de arbórea.

Acesso: a partir do lugar das Caldas, freguesia de Sequeira, em caminho carreteiro e de pé posto.

3- O povoado estende-se pela plataforma superior e, principalmente, pelas vertentes oeste, noroeste e sudeste. A norte e este existem socalcos artificiais, sem vestígios de habitações, que podem delimitar currais de gado ou áreas agrícolas. Na subida para a acrópole, pelo lado este, a signatária recolheu fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira e fina, de cor castanha, que poderão inserir-se na Idade do Bronze, sem que seja possível precisar a cronologia dentro deste período genérico. Provinham de escorregamentos. Entre eles destacamos algumas bases de fundo plano, 1 bordo de textura fina e superfícies polidas, uma asa de secção rectangular e uma pança com decoração plástica, em forma de cordão (Est. VII - 1 a 3, 5). Em abono de uma ocupação antiga do povoado referimos o aparecimento de um fragmento de espada, em cobre, com 3,05% de arsénio (JUNGHANS *et alii* 1968: 36-37), bem como uma ponta de seta (CUNHA 1975: 499).

Prospecções efectuadas por A. Cunha (1975: 499), M. Martins (1990: 84) e a signatária revelaram materiais que admitem a integração do povoado na Idade do Ferro, sem indícios seguros de romanização. Recentemente, descobrimos fragmentos cerâmicos com características técnicas e decorativas semelhantes à louça medieval de S. Julião, em Vila Verde, pelo que os restos de telhas, espalhados na plataforma superior, se poderão associar a este período.

4- Depósito da peça metálica: Museu Pio XII - Braga.

Outro espólio: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 35.01.

5- BELINHO 1909: 18-19; CUNHA 1947; TEIXEIRA 1955/1956: 6; JUNGHANS *et alii* 1968: 36-37; CUNHA 1975: 499; MARTINS 1990: 83-84; FONTES 1993: 54.

MIRE DE TIBÃES

(47) Alto de S. Bento (Mosteiro de Tibães)

1-Povoado (?) de topo.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Mire de Tibães.

Coordenadas Gauss: M=171,1 ; P= 509,4 ; Altitude: 145m (f.70 - 1:25 000).

2- Remate de esporão, na vertente norte do Monte de S. Filipe, com vertentes abruptas apenas a este.

Substrato rochoso: corneanas pelíticas e quartzofeldspáticas. Rochas silúricas metamorfozadas.

Aproveitamento agrológico dos solos: zona de contacto de solos de classe F e C. No entanto, a menos de 500m para norte e este, há solos de classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a menos de 1Km, para sudoeste, ocorrem as jazidas de estanho de Cabreiros e, para sudeste, as de volfrâmio de Tibães. A cerca de 3Km, para norte do Cávado, encontram-se jazidas de estanho e barreiros, em Cabanelas.

Hidrologia: margem esquerda do rio Cávado. Na vertente este formam-se linhas de água, afluentes da margem sul do Cávado.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso: por caminho de pé posto ou pelo escadório da Capela de S. Bento, pertencente ao Mosteiro de Tibães.

3- Escavações no adro da capela de S. Bento¹³⁸, localizada na acrópole do monte, têm revelado várias fossas abertas no saibro de formas e dimensões variadas. Na área contígua, pelo lado oeste, apareceu um sulco, cortado no saibro, de forma, sensivelmente circular, que faz pensar num fundo de cabana, com entrada, virada a nordeste. O nível arqueológico a que correspondiam tais estruturas encontrava-se muito destruído, devido aos arranjos efectuados no local, durante o séc. XVII. O espólio é escasso. No entanto, alguns fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pasta arenosa e cor acastanhada, bem como um punhal de bronze, de tipo "Porto de

¹³⁸- Estas escavações, estão a ser dirigidas por Luís Fontes da Unidade de Arqueologia, a quem agradecemos a possibilidade de estudar a estação.

Mós" (SILVA 1986: 200, gráf. 4), durante anos em depósito no Mosteiro, muito provavelmente deste local, colocam a estação na transição do II para o I milénio AC.

4- Depósito das escavações: Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães-Braga.
Depósito do punhal: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5- Inédito.

PALMEIRA

(48) Castro da Sola; Bouça do Ouro

1-Povodo de topo.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Medieval.

Lugar: Pitancinhos.

Freguesia: Palmeira.

Coordenadas Gauss: M=176,3 ; P=512,8 ; Altitude máx.: 127m (f. 56- 1:25 000).

2- Remate de um esporão, na vertente noroeste de Montariol, em paisagem de vale. O povoado tinha boas condições de visibilidade e de acesso aos terrenos do fundo dos vales circundantes. Hoje, este povoado está bastante destruído devido à intensa exploração de pedra.

Substrato rochoso: Granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Muito perto, a 250m para este e oeste, há solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 4Km para norte e noroeste há as nascentes de águas minero-medicinais das margens do Homem e os barreiros do Prado. Jazidas de estanho só se conhecem a 7,5Km, para sudoeste, em Cabreiros e a 7Km, para oeste, em Cabanelas.

Hidrologia: a norte, este e sul corre a ribeira do Vale do Outeiro, afluente da margem sul do Cávado. Na vertente este formam-se linhas de água ou regatos que irrigam a ribeira do Vale do Outeiro.

Cobertura vegetal: nas vertentes sul e sudeste a vegetação é arbustiva e arbórea.

Acesso: Através do Lugar de Pitancinhos.

3- Este povoado encontra-se praticamente destruído por pedreiras, restando-lhe apenas parte das vertentes este, sudeste e sul. As escavações realizadas em 1991 e 1992, pela signatária, permitiram colocar a hipótese da existência de três momentos de

ocupação, descontínuos. O primeiro, associado a cerâmicas com decoração penteada e incisa metopada de "tipo Penha", bem como a uma estrutura pétrea identificada como uma "cerca" ou "muralha", foi atribuído ao Calcolítico. O segundo, caracterizado por fossas abertas no saibro, buracos de poste, muretes, eventuais cistas e vasos de "largo bordo horizontal", entre outras formas cerâmicas, foi integrado, pelo radiocarbono, na 1ª metade do II milénio AC. Pelas características da cultura material, o terceiro momento de reocupação poderá inserir-se na Alta Idade Média.

Atendendo ao elevado grau de destruição do povoado, aquando da realização de escavação arqueológicas, recorreremos à foto-interpretação, como complemento de estudo. Trabalhámos sobre os fotogramas 575/576, da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 e 4613, da FAP, de 1983, na esc. 1: 15 000. Com base nestes dados detectámos uma pequena "muralha", rodeando a acrópole, seguida de uma segunda, parcial, parecendo rematar com um "torreão", em cada extremidade. Um terceiro pano de "muralha" abarcava um recinto bastante mais vasto e rodeava, aparentemente, todo o povoado. Foi parte desta estrutura que identificámos nas escavações, da vertente sul e sudeste, e que atribuímos ao Calcolítico.

4- Depósito: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5- FONTES 1993: 62; MARTINS 1990: 84; BETTENCOURT 1991/1992; 1996.

S. LÁZARO

(49) Granjinhos

1- Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: S. Lázaro.

Coordenadas Gauss: M=175,8 ; P=508,8; Altitude: entre 170 a 180m (f.70 - 1:25 000).

2- Na vertente este do Alto da Cividade.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para oeste, há as jazidas de estanho de Cabreiros.

Hidrologia: divisória das bacias do Cávado e Este.

Cobertura vegetal: herbácea e arbustiva.

3- Em 1993, durante as escavações de emergência, realizada nos Granjinhos, Braga, no âmbito do projecto "Salvamento de Bracara Augusta"¹³⁹, foram encontrados quatro recipientes de potes subcilíndricos, de fabrico manual e com bases de fundo plano. As pastas arenosas, grosseiras e de cor acastanhada apresentam superfícies alisadas. As condições de achado destes recipientes permitem pensar estarmos face a um achado isolado, fora de contexto doméstico.

Análises do material orgânico em associação com estes vasos e no seu interior, indicaram percentagens muito altas de fósforo, por 100g, o que sugere a sua funcionalidade como urnas sepulcrais, pelo que admitimos estar perante uma manifestação de enterramento, associada ao ritual de incineração e localizada, aparentemente, fora de qualquer contexto habitacional, embora a poucas centenas de metros do povoado do Alto da Cividade. Se associarmos estas duas estações, talvez possamos incluir este achado no 1º quartel do I milénio AC.

4- Depósito: Museu D. Diogo de Sousa - Braga. Números de inv. 296 a 299.

5- Inédito.

S. MAMEDE DE ESTE

(50) Monte Crasto; Pau de Bandeira

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze (?), Idade do Ferro.

Freguesia: Este (S. Mamede)

Coordenadas Gauss: M=182,5 ; P= 510,6; Altitude máx.: 570m (f. 56 - 1:25 000)

A algumas centenas de metros, para nordeste do povoado ocorrem monumentos com *tumulus*.

2- Cabeço de cota mais elevada da Serra dos Picos, popularmente designado por Pau de Bandeira. É neste local que se ergue o marco geodésico e não onde refere a C.M.P. Tem boas condições de visibilidade sobre a área circundante, nomeadamente sobre o vale da ribeira de Gualtar. Vertente abrupta a noroeste. O acesso ao planalto faz-se pelo lado norte, nordeste e este.

¹³⁹-Os trabalhos, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e do Museu D. Diogo de Sousa, foram dirigidos pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

Substrato rochoso: contacto entre granito porfiróide de grão grosseiro a médio e não porfiróide de grão fino, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), que aflora profusamente na plataforma superior.

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio de 1750m, para nordeste e sudeste, existem solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para nor-noroeste, há as nascentes de águas minero-medicinais de Crespos, na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se inúmeros linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira de Gualtar.

Cobertura vegetal: o monte foi, parcialmente, queimado. Na vertente oeste está ainda bastante arborizado.

Acesso: em estrada municipal até à placa que indica o início da freguesia de Sequeiros. A partir daí, cortar à esquerda por caminho municipal até à Fabrica Carvalho Araújo. De seguida, percorrer o estradão que dá acesso ao povoado.

3- O povoado apresenta uma plataforma superior, com inúmeros afloramentos graníticos. Nas vertentes nordeste, este e sudeste existem várias plataformas artificiais, por vezes delimitadas com "muralhas" efectuadas com grandes pedras. No interior dessas plataformas podemos observar casas circulares, em pedra, algumas com vestíbulo, certamente atribuíveis à Idade do Ferro. Em parte incerta deste povoado L. Fontes diz ter identificado material cerâmico de superfície integrável na Idade do Bronze. Nas prospecções, aí efectuadas, apenas detectámos fragmentos de telha, concentrados na plataforma de base da vertente sudeste, apesar de grande parte da vegetação se encontrar queimada e de serem visíveis muitas estruturas. É curioso verificar que o Abade Macedo, em 1898, tendo explorado algumas estruturas de habitação refere não ter encontrado cerâmica. Também J. R. de Sousa (1978: 322) diz serem nítidos os vestígios de ocupação, enquanto a cerâmica, lisa e grosseira, escasseava. A. Dinis (1993: 88) encontrou alguns fragmentos de cerâmica micácea.

5- SARMENTO 1883/4=1933: 165, 171; MACEDO 1898; BELLINO 1909: 5; TEIXEIRA 1936: 232-233; TEIXEIRA *et alii* 1973: 47; SOUSA 1978: 329-336; SILVA 1986: 79; FONTES 1993: 50; DINIS 1993: 87-88.

S. PEDRO DE ESTE

(51) Alto do Crasto; Crasto de Espinho

1- Sítio arqueológico de topo.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: este (S. Pedro).

Coordenadas Gauss: M=180,5 ; P=509,6; Altitude: 441m (f. 70 - 1:25 000)

2- Cabeço, num remate de esporão, a norte do Monte do Rio Mau, com grande número de afloramentos graníticos, sobranceiro ao vale do Este. Apresenta boas condições naturais de defesa, devido às suas vertentes abruptas e tem excelente visibilidade sobre os vales circundantes. O acesso ao planalto faz-se pelo lado sudeste. Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas. com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola, mas próximo de solos de classe C. Num raio de 1Km, para sul, há solos de classe A (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem.

Hidrologia: na base da vertente oeste corre o rio Mau, afluente do Este.

Cobertura vegetal: densamente arborizado nas vertentes, com eucaliptos. A plataforma superior foi queimada recentemente.

Acesso: pelo lugar do Picoto, freguesia de S. Pedro d'Este. No fim do lugar continuar por caminho carreteiro até ao povoado.

3- A Fontes (1993: 51) refere fragmentos cerâmicos de fabrico manual, de pasta grosseira e de cor escura, integráveis nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro. As prospeções de A. Dinis não permitiram recolher qualquer tipo de espólio, devido à densidade da vegetação. As nossas pesquisas não identificaram estruturas pétreas, mas permitiram recolher um pequeno fragmento cerâmico de panela, de fabrico manual, pasta arenosa e de cor castanha. Encontrava-se na zona dos afloramentos graníticos, no início da vertente norte. A análise dos fotogramas 485/486, da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 não permitiu visualizar nenhuma estrutura, pelo que poderemos estar face a uma jazida com estruturas percíveis.

5- BELLINO 1909: 5; CUNHA 1975: 31; FONTES 1993: 51; DINIS 1993: 85-86.

S. VICENTE

(52) Castro Máximo

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze (?) e Idade do Ferro.

Freguesia: S. Vicente.

Coordenadas Gauss: M= 175,4; P= 510,2; Altitude máx.:198 m (f. 56 - 1:25 000).

2- Remate de esporão, de média altitude, com vertentes abruptas a norte e a oeste, a partir da curva de nível de 150m. Boas condições de visibilidade e de acesso ao fundo do vale do Cávado. Actualmente, o povoado está muito destruído devido à extracção de pedra.

Substrato rochoso: granitos porfiróides de grão médio a fino, monzoníticos, de duas micas, predominantemente biotíticos (f. 5D - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 100m para sul e este ocorrem solos de classe A (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: jazidas de estanho ocorrem a cerca de 5Km, para oeste e noroeste, em Cabreiros e Cabanelas, respectivamente. Também à mesma distância, para noroeste, existem os barreiros de Prado/Cabanelas.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se linhas de água ou regatos que alimentam a ribeira de Panoias, afluente da margem esquerda do Cávado.

Cobertura vegetal: herbácea e arbustiva.

Acesso: a partir da Cadeia Civil de Braga.

3- Neste povoado, muito destruído por pedreiras, e onde existiram restos habitacionais, possíveis "muralhas" e cultura material móvel da Idade do Ferro apareceu um fragmento distal de um machado, em bronze. Este artefacto poderá indicar uma ocupação dos finais da Idade do Bronze ou dos inícios da Idade do Ferro, algures no local. É de salientar que o espólio das escavações dos anos 70 foi observado por M. Martins que não identificou indícios de cerâmica da Idade do Bronze.

4- Depósito das escavações: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

Depósito da peça metálica, em bronze: desconhecido.

Outras recolhas: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 69.07.

5- CASTRO *et alii* 1980: fig. 9.B.

SEMELHE

(53) Barral

1- Povoado (?) de vertente.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Tourido.

Freguesia: Semelhe.

Coordenadas Gauss: M=173,8 ; P=509,3; Altitude máx.: 112 m (f.70 - 1:25 000).

2- Outeiro, em paisagem de vale, com vertentes abruptas a norte e oeste e de fácil acesso a sul e este. As condições de visibilidade sobre o vale circundante são excelentes. Actualmente, o local está urbanizado.

Substrato rochoso: granitos porfiróides de grão médio a fino, monzoníticos, de duas micas, predominantemente biotíticos (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 500m para norte, oeste e este encontram-se solos de classe A (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: jazidas de estanho encontram-se a 4Km, para oeste, e a 5Km, para noroeste, em Cabreiros e Cabanelas, respectivamente. Também à mesma distância, para norte, ocorrem os barreiros do Prado.

Hidrologia: nas vertentes norte e este passa uma linha de água que alimenta o rio Torto, afluente do Cávado.

Acesso: por estrada municipal desde Cide até ao Barral.

3- O local onde se implantava esta jazida foi, profundamente alterado por urbanizações recentes, embora a plataforma superior ainda se conserve em parte. Na fase de loteamento M. Martins recolheu fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pasta arenosa, cor castanha ou castanha alaranjada e superfícies bem alisadas, embora em terras de proveniência desconhecida. As nossas prospecções, num perfil da vertente sul provocado pelo alargamento de caminhos, permitiram detectar louça com as mesmas características das encontradas por M. Martins, pelo que se torna possível pensar que estas seriam de terras do local. No âmbito das nossas prospecções, destacamos uma base de fundo plano, de superfície bem alisada, de diâmetro médio, que deverá pertencer a um pote (Est. VII - 4). A análise dos fotogramas 664/665 da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 não permitiram visualizar qualquer estrutura.

As características cerâmicas e a topografia do local permitem classificar, hipoteticamente, esta jazida como um povoado da Idade do Bronze.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- Inédito.

VIMIEIRO

(54) Lugar da Granja¹⁴⁰

1-Sítio arqueológico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Vimieiro.

Coordenadas Gauss: M=172,2 ; P=504,9; Altitude máx.: 197 m (f. 70 - 1:25 000)

2- Pequeno outeiro, na vertente nordeste do Monte de S. Bento, com a plataforma superior protegida por grandes afloramentos, a norte.

Substrato rochoso: granitos porfiróides de grão grosseiro a médio, monzoníticos, de duas micas, predominantemente biotíticos (f. 5D - 1: 50 000), que afloram à superfície.

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1Km encontram-se solos de classe A , a norte, oeste, sul e este (f.70 - 1: 25 000).

Recursos minerais: as jazidas de estanho encontram-se em Cabreiros, a 4Km para noroeste.

Hidrologia: margem direita do rio Este.

Cobertura vegetal: vegetação arbórea com predominância de pinheiros. A plataforma superior foi queimada recentemente.

Acesso: pelo lugar da Bouça, freguesia de Vimeiro, por estrada municipal até ao lugar da Granja. A estrada passa quase a meio do outeiro.

3- No perfil norte da estrada, no ponto mais elevado do Outeiro, bem como nos sulcos da florestação identificaram-se alguns fragmentos cerâmicos de fabrico manual, de pasta arenosa, de textura grosseira, de cor castanha e castanha alaranjada, que permitem, integrar o local na Idade do Bronze, sem maior precisão cronológica. Destacamos 1 base de fundo plano com diâmetro médio. L. Fontes refere ter visto cerâmicas micáceas que não detectámos. O local encontra-se ameaçado por urbanizações na vertente nordeste e uma serração na vertente sudoeste. A análise dos

¹⁴⁰-Esta jazida foi erradamente denominada por S. Bento/Várzea, em L. Fontes (1994:79) e inserida na freguesia de Vilaça.

fotogramas 738/739, da SPLAL, 1938, na esc. 1: 18 000 não permitiram visualizar qualquer estrutura.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- FONTES 1994: 79.

ESPOSENDE

(55) Esposende

1-Achado metálico, em ouro.

Cronologia: Idade do Bronze.

C.M. P. (f. 54/68 - 1:25 000)

3- Sem contexto preciso, mas deste concelho, é proveniente um lingote anular de ouro, irregular, fundido em molde. O processo de fabrico pode verificar-se pelas superfícies irregulares da peça. Tem de diâmetro 4,1 cm e de espessura 9 mm. Pesa 82 g.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. O-273.

5-HARTMANN 1982: 96; PINGEL 1992: 287, n.º 229, est. 49; ARMBRUSTER 1993: 216-219.

BELINHO

(56) Lugar de Sanfins

1-Gravura rupestre.

Cronologia: Idade do Bronze (?).

Lugar: Sanfins.

Freguesia: Belinho.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 145,8; P= 513,5; Altitude: 30m (f.54- 1:25 000).

3- Inserida na parede de "um anexo de uma casa" do lugar de Sanfins, num caminho de acesso à igreja, encontra-se uma laje granítica gravada com várias covinhas. Esta laje, descontextualizada, terá sido certamente arrancada a algum afloramento com

gravuras rupestres existentes na vertente oeste considerada "arriba fósil" ou escarpa de falha.

5- ALMEIDA 1990/92: 145 - 146.

CURVOS

(57) Lugar da Padaria; Curvos

1-Sepultura.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Padaria. *Igreja*

Freguesia: Curvos.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 149,4; P= 510, 2; Altitude: 130 a 140m (f.54-1:25 000).

2- Base de uma vertente suave, virada a ^{sudeste} este, onde se abre um vale aluvial.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfíroide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f.5C- 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: confluência de solos de classe F e A (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 1Km, para sudoeste, houve extracção de volfrâmio.

Hidrologia: linhas de água ou regatos que drenam na ribeira dos Rodilhões.

Cobertura vegetal: vegetação arbórea na vertente que fica a noroeste do local dos achados e vales agrícolas a sul, sudeste e sudoeste.

Acesso: por estrada municipal até à antiga padaria da freguesia de Curvos.

3- Em 1924, foi detectada, numa zona de mato, quando se procedia à abertura da estrada Barca do Lago-Barroselas, perto da padaria da freguesia de Curvos, uma sepultura com cerca de 2m de comprimento por 50cm de largura. Estava revestida com lajes de xisto "azul" e continha no seu interior uma taça carenada, de pasta arenosa, textura fina, superfícies polidas e base de fundo plano. Na bacia do Cávado, vasos semelhantes tem sido encontrados em contextos de povoado desde o II milénio AC aos inícios do 2º quartel do I milénio AC, mas as restantes características (arquitectónicas e rituais) parecem indicar tratar-se de uma sepultura integrável entre o 2º e o 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inv. 6932.

5- SOEIRO 1988: 40, 45 ; ALMEIDA 1989: 94; BETTENCOURT 1997.

(58) Vilar

1-Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Vilar.

Freguesia: Curvos

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 149,7 ; P= 509,3; Altitude: entre 60 e 80m (f.68 - 1:25 000).

2- Vertente suave, sobranceira ao ribeiro da Reguenga.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotítico, porfiróide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f.5C- 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.68 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 1Km, para oeste, encontram-se as antigas jazidas de volfrâmio de Palmeira de Faro.

Hidrologia: margem direita do Cávado e margem esquerda do ribeiro da Reguenga, afluente deste rio.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: por estrada municipal até ao lugar de Vilar.

3- Nos anos de 1956/1957, foram encontradas duas sepulturas, com cerca de 2m de comprimento, "fórradas" e tapadas com lousas, ao arrotear-se um terreno para o plantio de vinha, no lugar de Vilar. Cada uma destas estruturas continha um vaso, descritos como semelhantes a "taças de resina", embora maiores, que se partiram e desapareceram.

A descrição dos vasos faz-nos pensar em recipientes troncocónicos integráveis na Idade do Bronze, provisoriamente, entre os finais do III e os meados do II milénio AC.

5- SOEIRO 1988: 40.

GANDRA

(59) Cavaleira

1-Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Gandra.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 147,8 ; P= 507,4; Altitude máx.: 30 a 40m (f.68 - 1:25 000).

2- Planície aluvial.

Substrato rochoso: zona de xistos argilosos (f.5C- 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A+F (f.68 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 500m, para sul, e de 1 Km, para norte, houve jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: margem direita do rio Cávado.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

3- No início do século, quando se abriu a estrada nacional Esposende-Barcelos, foram encontradas sepulturas de pedra e xisto, "...em forma de pia". No interior de uma delas, foi exumado um vaso troncocónico com uma asa lateral, liso, com bordo vertical. Tem cerca de 10 cm de diâmetro de boca, 8 cm de base e de altura. A base é de fundo plano. C. A. B. Almeida (1988: 21) coloca este achado entre os finais do III milénio e a Idade do Bronze, em datas convencionais. A signatária insere-o entre os finais do III e os meados do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

5- VIEIRA 1917: 17-18; LEISNER 1958: 150 e Est. II. 2; ALMEIDA 1988: 21-22.

(60) Quinta de S. Martinho/Bouça do Senhor

1-Povoado (?).

Cronologia: Calcolítico.

Freguesia: Gandra.

Coordenadas Gauss: M= 148, 1 ; P= 506,7 ; Altitude: 30m (f.68 - 1:25 000).

Na plataforma litoral, a cerca de 750m para sul, da necrópole da Cavaleira.

Substrato rochoso: zona de corneanas, xistos andaluzíticos, granatíferos, luzentes (f.5C- 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.68 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem jazidas de cobre na zona.

Hidrologia: margem direita do ribeiro da Reguenga, afluente do Cávado.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: a partir da freguesia da Gandra.

Em 1936, detectaram-se vários fragmentos de cerâmicas incisas metopadas de tipo "Penha", alguns deles de vasos de formas esféricas, semi-esféricas e troncocónicas, bem como alguns artefactos líticos (polidores e um machado de pedra polida), num terreno sem qualquer tipo de estrutura visível. A. Sousa (1981/1982: 50) classificou esta jazida como necrópole, mas a quantidade de material encontrado parece mais concordante com a hipótese de se tratar de um povoado com estruturas perecíveis. Esta interpretação suporta-se, também, no facto do local ter sido revolido em profundidade, no ano de 1973, e não se terem registado esteios ou outros indicadores de tumulação.

4- Depósito: Museu de História Natural - Arqueologia - Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 36.01.

5- ALMEIDA 1974: 180, est. III. 10; ALMEIDA 1979: 396; SOUSA 1981/1982; ALMEIDA 1987: 95; 1988: 24-25.

PALMEIRA DE FARO

(61) Lugar de Susão

1- Sítio arqueológico (?) de vertente.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Susão.

Freguesia: Palmeira de Faro.

Coordenadas Gauss: M= 149,1 ; P= 510,1; Altitude máx.: 130 m (f.54 - 1:25 000).

2- Planície aluvial.

Substrato rochoso: zona de contacto entre granitos monzoníticos, porfiróides e não porfiróides e o complexo de xistos, grauvaques e quartzitos intercalados (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: na freguesia houve exploração de jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: margem direita do ribeiro da Reguenga.

Cobertura vegetal: culturas agrícolas.

Acesso: por estrada municipal até ao lugar de Susão.

3- Por volta de 1984 ou 1985, a cerca de 300m para este da sepultura da Padaria, na vizinha freguesia de Curvos, apareceram fragmentos cerâmicos de fabrico manual e cor acastanhada em quantidade considerável, tendo, aparentemente, sido guardados por um residente na freguesia, que não conseguimos contactar. Foram encontrados aquando da abertura de uma fossa asséptica numa vacaria, propriedade dos familiares do Sr. Alfredo Faria¹⁴¹. Um desses fragmentos, que observámos por se encontrar em depósito no Museu Municipal de Esposende, corresponde ao que seria um vaso de fabrico manual, de pasta arenosa e grosseira com elementos não plásticos de grande calibre. As superfícies são vassouradas e a exterior encontra-se enegrecida pela acção do fogo. Tem uma base de fundo plano, um bordo vertical e um lábio arredondado e adelgado. Apresenta uma asa de secção rectangular, na face interna. O seu perfil faz lembrar uma panela de asa interior, embora atípica (Est. VIII). Os paralelos mais próximos, quer pela forma, quer pela pasta são as panelas de asa interior da fase Ia do Coto da Pena, em Caminha (SILVA 1986), as do Castelo de Faria (neste trabalho), as do Castro de Lanhoso (BETTENCOURT 1993/1994a) e as de Torroso (PEÑA SANTOS 1992b), em contextos do 1º e 2ª quartel do I milénio AC. As condições do material encontrado, bastante fragmentado, a ausência aparente de estruturas pétreas, semelhantes às necrópoles conhecidas nas imediações e o facto da forma determinada nunca se ter encontrado em contexto sepulcral permitem pôr a hipótese de que este local poderia ter servido de povoado.

4- Depósito do vaso: Museu Municipal de Esposende.

5- ALMEIDA 1987: 96.

(62) Quinta de Cima de Vila; Lugar de Terroso

1- Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar de Terroso.

¹⁴¹- C. A. B. Almeida (1987: 96), por lapso, diz Carlos Faria.

Freguesia: Palmeira de Faro.

Coordenadas Gauss: M= 149,9; P= 508,6 ; Altitude: entre 80 a 90m (f. 68 - 1:25 000).

2- Vertente suave, a nordeste do Monte do Senhor dos Desamparados, sobranceira ao ribeiro dos Rodilhões.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfíroides, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.68 - 1: 25 000).

Recursos minerais: perto, para oeste, a cerca de 2 Km, ocorreram jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: margem direita do ribeiro dos Rodilhões.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: a partir do lugar de Terroso.

3- Em 1950, no interior da propriedade da Quinta de Mereces, situada no lugar de Terroso, apareceram duas sepulturas ao desbravar-se mato para o plantio de vinha. Encontravam-se a pequena profundidade e eram revestidas e tapadas com lajes de xisto. Uma das tampas tinha 2,25m de comprimento, por 0,95m de largura e 8mm de espessura. O fundo continha um lastro de areia. Do interior de uma delas foi exumado um vaso descrito como "*...uma tigela que parecia um capacete de polícia*" segundo C. A. B. Almeida (com. pessoal).

Esta descrição do recipiente cerâmico, fazendo lembrar um vaso de largo bordo horizontal, bem como o paralelismo das sepulturas com as de Agra de Antas/Monte e as de Belinho, permitem-nos inserir esta necrópole na Idade do Bronze do noroeste, entre o 2º e o 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito do vaso: particular.

5- NEIVA, 1987: 107; ALMEIDA 1987: 102- 103 e nota 124.

S. BARTOLOMEU DO MAR

(63) Cova da Bouça; Monte do Castro; Monte de Sanfins

1- Povoado de topo.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Freguesia: S. Bartolomeu do Mar.

Coordenadas Gauss: M= 146,2 ; P= 512,5; Altitude : 232 m (f.54 - 1:25 000).

2- Remate de esporão, com vertentes abruptas a oeste e norte, abaixo da curva de nível dos 200m. O acesso ao planalto faz-se pelo lado este. As características topográficas conferem ao povoado boas condições de defesa e visibilidade sobre os vales e o oceano atlântico.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, não porfiróides, de grão médio. O complexo xisto-grauváquico encontra-se nas imediações (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 1,5Km, para norte e sul, ocorrem solos de classe A (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 4,5Km, para sudeste, houve jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: nas vertentes do povoado formam-se vários ribeiros e rios que desaguam no atlântico.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: a partir do lugar de Rio de Moinhos, por caminho carreteiro.

3- O material de superfície recolhido nesta estação indicia três momentos de ocupação. Ao mais antigo, que integrámos no Calcolítico, corresponderia um fragmento de cerâmica incisa metopada de tipo "Penha", detectado num alicerce de uma casa da Idade do Ferro (ALMEIDA 1979: 396; 1987: 94-95). À Idade do Bronze, eventualmente à 1ª metade do II milénio AC, associamos uma espada de rebites, de tipo "Argárico" ou "Protoargárico"¹⁴², bem como três machados de bronze, um plano e dois de tipo "Bujões/Barcelos"¹⁴³, encontrados num penedo da vertente deste monte (ALMEIDA 1996). Um deles foi oferecido ao Museu Pio XII, pela família Casado Neiva, moradora nas Marinhas, antes de 1970. Na vertente norte e este desta estação têm aparecido cerâmicas manuais, lisas, que C. A. B. de Almeida (com. pessoal) insere na Idade do Bronze. O terceiro momento de ocupação integra-se na Idade do Ferro e associa-se a fragmentos cerâmicos de pasta micácea e estruturas pétreas.

4- Depósito da espada e de um machado: Museu Pio XII - Braga.

Depósito dos machados: Museu Nacional de Arqueologia, números de inv. 11062, 11063, 11070

Depósito cerâmico: Dr.º Carlos Alberto Brochado de Almeida.

¹⁴²-A composição química elementar corresponde a 96,56% de cobre e 3,05% de arsénico (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 339). Este artefacto também tem sido paralelizado com a Bretanha francesa (ALMAGRO GORBEA 1976: 455 - 475).

¹⁴³-A composição química elementar destas duas peças é binária, com cerca de 10% de estanho.

5- CEPA *et al* 1944; HARBISON 1967: 101, 115, 120; 1968: 49-52; JUNGHANS *et alii* 1968: 36-37; ALMAGRO-GORBEA 1972; 1976: 455 - 475; MONTEAGUDO 1977; ALMEIDA 1979: 396; S. JORGE 1983/1984; 1986; 1990: 228; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 155, 341-342; ALMEIDA 1987: 94-95.

S. PAIO DE ANTAS

(64) Agra de Antas; Monte; Bouça do Cemitério¹⁴⁴

1- Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Monte.

Freguesia: S. Paio de Antas.

Coordenadas Gauss: M= 147,5 ; P= 515,4; Altitude máx.: 90 m (f.54 - 1:25 000).

2- Vertente suave.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides e não porfiróides, de grão grosseiro e médio, respectivamente. O complexo xisto-grauváquico encontra-se nas imediações (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 6Km, para sudeste, há volfrâmio, em Palmeira de Faro.

Hidrologia: margem sul do rio Neiva.

Cobertura vegetal: vegetação arbórea, campos agrícolas e urbanizações.

Acesso: a partir do lugar do Monte.

3- Esta necrópole, descoberta em 1939, era constituída por 12 sepulturas sub-trapezoidais abertas no saibro, aparentemente sem orientação precisa. Estavam revestidas e cobertas com finas lajes de xisto. Na base existia um revestimento de areia. As mais pequenas foram interpretadas como pertencentes a crianças. Numa delas detectaram-se ossadas indiciando inumação de um indivíduo de cerca de 50 anos, provavelmente do sexo masculino e com o crânio, aparentemente, alongado de forma intencional. Continham como espólio vasos de largo bordo horizontal, entre outros.

Em 1990, voltou a aparecer outra sepultura neste local, embora imediatamente destruídas por máquinas que abriam valas para abastecimento de água. Ainda foi

¹⁴⁴-Designação popular atribuída ao local, após as descobertas das primeiras sepulturas.

possível recolher fragmentos das lousas, bem como de cerâmica manual, proveniente, segundo C. A. B. de Almeida, de um vaso de largo bordo horizontal. Em anos anteriores sepulturas semelhantes têm sido descobertas no local, em quintais particulares (ALMEIDA 1989: 97). Este autor insere-as no Bronze Final (*Id. Ibidem*: 98). As datas de radiocarbono obtidas para o povoado da Sola, IIb, com vasos de largo bordo horizontal, bem como a data resultante de esquirolas do esqueleto encontrado, permite inserir esta necrópole no 2º e 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito: Museu de História Natural - Arqueologia, Faculdade de Ciências do Porto, n.º de inv. 39.03.

Depósito do último vaso descoberto: Sr. Alberto Antunes de Abreu, morador na Meadela¹⁴⁵.

5- ATAÍDE *et al* 1940; CARDOSO 1941: 130; ALMEIDA 1978:28; 1986: 49-51; SOEIRO 1988: 37-40; ALMEIDA 1989: 97-98.

(65) Lugar de Belinho

1-Necrópole.

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Belinho.

Freguesia: S. Paio de Antas.

Coordenadas Gauss aproximadas: M= 146,2 ; P= 515 ; Altitude: 90 m (f. 54 - 1:25 000).

2- Patamar na base do monte da Cividade, a norte e noroeste.

Substrato rochoso: zona de contacto entre granitos monzoníticos, não porfiróides de grão médio e o complexo xisto-grauváquico, fortemente metamorfizado (f.5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 250m, para oeste e este, encontram-se solos de classe A, de utilização agrícola (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 6Km, para sudeste, há volfrâmio, em Palmeira de Faro.

Hidrologia: margem esquerda do Neiva.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: a partir do lugar de Belinho.

¹⁴⁵- Não foi possível observar esta peça.

3- C. A. B. Almeida (1986:56) refere o aparecimento de várias sepulturas delimitadas por lousas, no lugar de Belinho. No seu interior teriam aparecido sete vasos de largo bordo horizontal, entretanto dispersos. Dos vários vasos encontrados em Belinho, por vezes muito próximos uns dos outros, apenas conhecemos o contexto exacto de um deles. Proveio de uma sepultura aberta no saibro e revestida com lajes de xisto.

Na quinta do Belinho observámos um conjunto de 3 vasos, inéditos, inteiros ou bem conservados que poderão ser provenientes desta necrópole. Um deles é um vaso de médio bordo horizontal, sem asa, de base de fundo plano e sem decoração sobre a aba, com vestígios de lípidos no interior. Outro é um potinho de textura fina e superfícies polidas, de bordo esvasado, decorado com mamilos circulares, no início da pança. O terceiro é um potinho, também de textura fina, de bordo vertical e de base plana.

As características deste espólio permitem classificar esta necrópole entre o 2 e o 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Nacional de Arqueologia-Lisboa e Quinta do Belinho, lugar de Belinho, freguesia de S. Paio de Antas.

5- ALMEIDA 1986: 56; SOEIRO 1988: 45; S. JORGE 1990:246.

(66) Castro de Talhoz; Monte

1-Povoado/Necrópole (?) de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro (?).

Lugar: Monte.

Freguesia: S. Paio de Antas.

Coordenadas Gauss: M=147,5; P= 515,2 ; Altitude máx.: 90m (f.54 - 1:25 000).

2- Num remate de esporão com vertentes muito suaves a norte, este e sul. Encontra-se profundamente alterado por construções industriais na plataforma superior e por arroteamentos para campos agrícolas. Nas imediações, encontra-se a necrópole de Agra de Antas.

Substrato rochoso: zona de contacto entre os granitos monzoníticos, porfiróides e não porfiróides, de grão grosseiro e médio, respectivamente e o complexo xistograuváquico (f.5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 6Km, para sudeste, houve explorações de volfrâmio.

Hidrologia: margem esquerda do Neiva.

Cobertura vegetal: zona agrícola e urbanizada.

Acesso: A partir do lugar do Monte.

3- Prospecções de C. A. B. de Almeida, num campo agrícola, contíguo à acrópole, permitiram recolher materiais cerâmicos de fabrico manual "castrejos" e assinalar a existência de uma "muralha" que passaria a norte da plataforma superior que o autor insere na Idade do Ferro. Na mesma área recolhe outros fragmentos cerâmicos que engloba no Bronze Final e recorda o achado, na plataforma superior, de vasos, "*ao que parece, semelhantes ao da vizinha necrópole...*" (ALMEIDA 1986: 48).

No reconhecimento efectuado ao local verificámos que o que C. A. B. Almeida identifica como "muralha" é um pequeno muro, atípico, com 50cm de espessura. Esta estrutura, que circunda as vertentes norte e nordeste, a uma cota muito abaixo da plataforma superior, não forma, aparentemente, qualquer terraço artificial. Temos dúvidas quanto à sua atribuição cronológico-cultural.

Numa vala de várias centenas de metros de comprimento, aberta num campo agrícola, contíguo ao que teria sido o topo do povoado, recolhemos vários artefactos líticos e cerâmicos, integráveis na Idade do Bronze. Todos os fragmentos eram de fabrico manual, pasta arenosa, textura grosseira, superfície alisada e cor escura. Entre o espólio destacamos um fragmento de base de fundo plano, uma lasca de quartzito retocada lateralmente e uma de quartzito hialino, retocada distalmente.

Em conversa mantida com os Srs. Anselmo e Manuel Viana¹⁴⁶ apurámos que os vasos referenciados por C. A. B. de Almeida (1986:48) eram 2 ou 3¹⁴⁷ e que foram encontrados, não no topo, mas no início da vertente este, em área contígua à acrópole¹⁴⁸. Foi-nos também descrita a descoberta de 2 estruturas rectangulares, feitas com lousas não graníticas, de cerca de 50cm de comprimento, por 25 a 30cm de largura (cistas?). Não tinham tampa, nem espólio e encontravam-se quase à superfície da plataforma superior. Foram consideradas sepulturas pelos nossos informantes.

O conjunto de dados, quer de ordem topográfica, quer artefactual requer prudência, quanto ao tipo de jazida e quanto à sua atribuição cronológico-cultural.

¹⁴⁶- Responsáveis pelas obras na estação arqueológica e pela descoberta de estruturas e vasos cerâmicos, nos finais dos anos 50.

¹⁴⁷- No desenho que sobre eles fizeram, a nosso pedido, não colocaram bordos com abas. Interrogados sobre esse pormenor, referem que estes vasos se pareciam com malgas actuais, sem qualquer atributo especial. Estavam inteiros, tinham a base plana e o diâmetro do tamanho de "uma palma da mão".

¹⁴⁸- Todo o espólio encontrado no decorrer das obras efectuadas nesta estação, foi guardado na residência do então pároco da freguesia e deitado fora aquando do seu falecimento. Agradecemos estas informações ao Dr.º Adélio Torres Neiva, padre da Congregação do Espírito Santo e actual director do Jornal da "Acção Missionária", localizado na R. Stº Amaro, em Lisboa.

Em primeiro lugar não identificámos estruturas ou espólio integrável, com segurança, na Idade do Ferro. Em segundo lugar, todos os artefactos recolhidos indiciam uma ocupação inserível na Idade do Bronze, num âmbito cronológico bastante genérico. Em terceiro lugar, as características das estruturas encontradas na acrópole e a quantidade de material recolhido nos anos 50 e, posteriormente, por C.A.B. Almeida e pela signatária, bem como a proximidade desta jazida com a necrópole de Agra de Antas (a 200m para oeste e numa vertente de cota mais elevada), permite colocar duas hipóteses de trabalho a saber: ou a estação de Talhoz é, efectivamente, um povoado, embora com sepulturas no âmbito do espaço "doméstico" e nas imediações ou trata-se apenas do prolongamento da necrópole de Agra de Antas, onde coexistiram rituais e estruturas sepulcrais diversificadas. A resposta a estas questões só poderá obter-se através de escavações arqueológicas no local.

A análise do fotograma 8248, da U.S.A.F., de 1958, na esc. 1: 25 000 não forneceu dados passíveis de esclarecer a funcionalidade provável deste sítio arqueológico.

4- Depósito dos materiais recolhidos pela signatária: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- ALMEIDA 1986: 47-49.

(67) Cividade; Subidade ou Suidade de Belinho

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Lugar: Redondas.

Freguesia: S. Paio de Antas.

Coordenadas Gauss: M= 146,4 ; P= 514,7; Altitude: 137m (f.54 - 1:25 000).

Num patamar inferior da vertente este, encontra-se um monumento com *tumulus*, cuja relação com o povoado desconhecemos.

2- Colina alongada com vertentes abruptas a oeste, este e sul mas com excelentes condições naturais de defesa e de visibilidade para o vale e para o atlântico.

Substrato rochoso: zona de contacto entre granitos monzoníticos, não porfiríodes, de grão médio e o complexo xisto-grauváquico, fortemente metamorfozido (f.5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Num raio aproximado de 500m, para oeste e este, ocorrem solos de classe A (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 6Km, para sudeste, houve explorações de volfrâmio.

Hidrologia: o povoado situa-se entre dois ribeiros que lhe correm a este e a sul e que alimentam o vale do Neiva.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso: a partir do lugar de Belinho, por caminho carreteiro até à capela da Sr^a do Rosário.

3- À Idade do Ferro e da Romanização podemos associar os 3 panos de "muralha", as estruturas habitacionais em pedra, bem como muitos fragmentos cerâmicos e metálicos encontrados nas explorações efectuadas por A. Correia de Oliveira, em 1924 (VASCONCELOS 1933: 45-49; ALMEIDA 1986: 53) e por Santos Júnior, em 1961 (ALARCÃO 1960/61: 323).

A observação de algum material exumado durante as escavações desta estação e guardado na Quinta de Belinho, todo ele fragmentado, permitiu admitir uma maior diacronia de ocupação¹⁴⁹ e precisar um pouco melhor a cronologia da mesma. Foi assim que detectámos vários fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze, de fabrico manual, pasta arenosa, textura grosseira ou fina.¹⁵⁰ Deste grupo destacamos uma pança grosseira, decorada com um mamilo alongado e uma pança fina, de textura polida, decorada com um cordão horizontal, sobre o qual se inscrevem três mamilos alongados, na vertical¹⁵¹. Ao Ferro Inicial associam-se cerâmicas de fabrico manual e de pastas micáceas, entre as quais bordos de potes das formas 1b e 2, painéis de asa interior e uma fíbula anular.

4- Depósito do espólio das escavações de A. Correia de Oliveira: Museu Nacional de Arqueologia, Quinta do Belinho e Museu Municipal de Penafiel.

Outras recolhas: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 28.08.

¹⁴⁹- Agradecemos ao Sr. António da Cunha Sottomayor Correia de Oliveira, proprietário da Quinta do Belinho, a oportunidade de estudarmos estas peças.

¹⁵⁰- É comumente aceite que A. Correia de Oliveira terá cedido a Leite de Vasconcelos um vaso de largo bordo horizontal, encontrado na Cividade. A pesquisa bibliográfica que elaborámos não é explícita quanto a tal ocorrência. Conseguimos apenas apurar que, em 1924, A. Correia de Oliveira ofereceu dois recipientes de largo bordo ao Museu Nacional de Arqueologia, sendo um proveniente de uma sepultura encontrada num patamar da base da Cividade e o outro, de contexto desconhecido. Um terceiro vaso, conservado na posse da família do poeta, foi, igualmente, detectado no patamar da base da Cividade

¹⁵¹-É curioso verificar que esta organização decorativa perdura na cerâmica da Idade do Ferro deste povoado e na de S. Lourenço.

5- AZEVEDO 1897: 103-104, 149-155, 193-208, 225-244; VASCONCELOS 1833: 45-49; PINTO 1932: 86; ALARCÃO 1960/61: 323; ALMEIDA 1974: 181; ALMEIDA 1986: 53-55; 1989: 98-101; S. JORGE 1990: 246.

VILA CHÃ

(68) Vila Chã

1- Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Vila Chã.

C.M.P. (f. 54/68 - 1:25 000).

2- Recursos minerais: há jazidas de volfrâmio a 2,5Km, para sul, do centro da freguesia.

Hidrologia: margem direita do rio Cávado.

3- Nesta freguesia, em local indeterminado, foi descoberto um machado de talão de duplo anel, com nervura central e cone de fundição.

Os paralelos existentes para esta peça permitem classificá-la na 1ª metade do I milénio AC.

4- Depósito: desconhecido.

5- VIEIRA 1880, vol. 2: 199; CORREIA, 1924: 232; 1928: 150; SAVORY 1951: 362; ALMEIDA 1979: 396.

(69) Bitarados; Bitardos; Maíndos

1-Povoado de vertente.

Cronologia: Calcolítico.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M= 148,8; P= 512,1; Altitude méd.: 170 m (f.54 - 1:25 000).

2- Vertente suave, sobranceira ao vale aluvial da ribeira de Peralta.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotíticos, porfiróides, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f.5C - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: cambissolo húmico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem jazidas de cobre na região.

Hidrologia: zona onde se formam inúmeros linhas de água ou regatos que originam o ribeiro de Peralta.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: a partir da igreja paroquial da freguesia.

3- Em 1985, quando se procedia à abertura dos alicerces para uma casa, assim como nos campos vizinhos, detectou-se uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos decoradas com puncionamento arrastado, impressões e incisões, alguns deles, com organização metopada de tipo "Penha" e forma globular. Em associação apareceram restos de argila de revestimento com impressões de materiais vegetais. Em 1986, C. A. B. Almeida efectua uma sondagem no local, que não publica. Esta estação inscrever-se, genericamente, no Calcolítico.

4- Depósito: Museu Municipal de Esposende.

5- FORTES 1908: 663; ALMEIDA 1988: 40,42.

(70) Monte; Castro; Cividade de S. Lourenço

1-Povoado de topo e santuário rupestre.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M=147,6 ; P= 509, 9; Altitude máx.: 204 m (f. 68- 1:25 000).

2- Remate de esporão, com plataforma superior no sentido este-oeste e vertentes abruptas a oeste e sul. O acesso ao planalto faz-se pelo lado norte. O povoado tem boas condições naturais de defesa e de visibilidade para o vales e o atlântico.

Substrato rochoso: granito monzonítico, não porfíroide, de grão médio (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Numa área de 500m, para norte e este, ocorrem solos de classe A. A 1,5Km, para oeste, aparecem, também, este tipo de solos (f.68 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 1,5 Km, para sudeste, e a 2 Km, para sul, há jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se várias ribeiras que desaguam no mar e na margem norte do Cávado.

Cobertura vegetal: arbórea, com pinheiros e eucaliptos de introdução recente.
Acesso: por caminho municipal até à capela de S. Lourenço.

3- As estruturas pétreas, o material de superfície e as escavações, efectuadas, entre 1986 e 1996, por C. A. B. de Almeida, demonstram, segundo aquele autor, ocupações desde a Idade do Ferro até à Romanização (ALMEIDA 1982b; 1986; 1990/1991).

A observação de parte do espólio das escavações permitiu algumas considerações interessantes. Em primeiro lugar registámos a presença de fragmentos de cerâmica manual, de fabrico arenoso, de textura grosseira e fina que se podem enquadrar na Idade do Bronze. Algum deste material provém de uma plataforma da encosta norte, contígua à acrópole, e, aparentemente, de uma camada de escorregamento. Ao creditarmos tal interpretação temos de admitir uma ocupação deste período, na plataforma superior. Também na vertente oeste se detectou louça integrável na Idade do Bronze, embora em condições estratigráficas que desconhecemos. Entre ela destacamos a forma 1 e a 10¹⁵².

Em trabalho recente C. A. B. Almeida (1996: 89-90) admite uma ocupação dos finais da Idade do Bronze para o povoado baseado em fragmentos cerâmicos e eventuais estruturas percíveis. Publica uma data de radiocarbono do sector M2, onde ocorreram alguns destes materiais, que ao ser calibrada, a 2 sigma, insere estes dados no 2º quartel do I milénio AC.

Em dois afloramentos do início da vertente oeste, em zona contígua à acrópole, ao lado do actual arruamento (B. ALMEIDA 1990/1992: 151-152) dentro do perímetro do povoado, existem gravuras rupestres com covinhas e sulcos que poderão associar-se aos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro. Uma observação atenta de três rochas historiadas permitiu perceber que, originalmente, elas deveriam pertencer ao mesmo afloramento, actualmente fracturado. Na parede da casa C4 do Sector C deste povoado, que foi restaurada, existe uma pedra com um círculo concêntrico gravado, que poderá ter sido retirada de um afloramento com gravuras do mesmo período. Foi encontrada num nível de revolvimento do povoado, de uma fase posterior ao Ferro Inicial¹⁵³ e encontrava-se talhada em forma de cunha, pelo que deveria ter sido usada num muro de uma casa do Ferro Recente ou da romanização.

¹⁵²-O achado de um machado de talão, com um anel lateral citado em A. Costa *et alii* (1980: 6) como proveniente de S. Lourenço é o mesmo citado por Vieira (1880: vol. 2: 199), que de facto é de proveniência desconhecida, embora da mesma freguesia. Agradecemos esta informação a C. Alberto Brochado de Almeida, um dos subscritores do artigo.

¹⁵³-Agradecemos esta informação a Rui Guedes dos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende.

Alguns materiais das escavações de 1988, 1989 e 1990, que vimos, permitem admitir, também, uma ocupação antiga do Ferro Inicial. Considerámos como desta fase, cerâmicas de fabrico manual, de pasta micácea e de cozedura redutora. Neste grupo encontrámos potes das formas 1, 1b, 1c e 2, potinhos/púcaros, painéis de asa interior e bases de fundo plano ou plano alargado curto, com paralelos nas fase IIA de S. Julião e Barbudo (MARTINS 1990: 142-149). Como indício de antiguidade, destacamos a pervivência da forma 1 e o facto dos potes 1c, apresentarem sempre abas pequenas.

Parece pois possível admitir uma ocupação contínua, desde a Idade do Bronze até à Romanização, para o povoado de S. Lourenço.

4- Depósito: Museu Municipal de Esposende.

5- VIEIRA 1886: 681; SARMENTO 1933; MACHADO 1951: 76; COSTA *et alii* 1980: 6; ALMEIDA 1982b: 5 e segs.; 1986: 41-43; 1990/1991: 151-152.

(71) Monte da Cerca/Maceira

1-Sítio arqueológico.

Cronologia: Indeterminada.

Lugar: Aldeia de Cima.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M=148; P= 512,7; Altitude aprox.: 284 m (f. 54 - 1:25 000).

A algumas dezenas de metros para sul existe o monumento megalítico do Monte da Cerca, construído ou reocupado durante a Idade do Bronze.

2- No alto do Monte da Cerca, designado na cartografia por Maceira. Esta jazida tem excelente visibilidade para o vale da ribeira do Peralta, boas condições naturais de defesa e fácil acesso aos recursos de montanha e vale.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfíroides, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5C - 1: 50 000) que afloram em várias zonas.

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 500m para este, há solos de classe A, bem como a cerca de 1Km para sul (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: A 3,5Km ,para su-sueste, há jazidas de volfrâmio, em Portela de Faro.

Hidrologia: na vertente formam-se linhas de água ou regatos que alimentam o ribeiro de Peralta.

Cobertura vegetal: arbórea, com predomínio de eucaliptos seguido dos pinheiros.

Acesso: no fim do lugar da Aldeia de Cima, a seguir à Travessa da Serra, no terceiro caminho carreteiro do lado esquerdo.

3- Trata-se de uma área circunscrita por uma "muralha" feita com pedras de grandes dimensões, que rodeia a acrópole, numa área de cerca de 60 m de diâmetro. Esta "muralha" adossa, por vezes, em alguns afloramentos graníticos e tem de largura, entre 3,2 a 3,6m, sendo o seu interior preenchido por terra e pedra miúda (ALMEIDA 1985). A densa vegetação arbórea e arbustiva que cobre o local não permitiu recolher material de superfície passível de integração cronológica e cultural, nas diferentes prospecções aí efectuadas. De igual modo a observação dos fotogramas 8287/8288, da U.A.S.A.F., de 1958, na esc. 1: 25 000 não forneceu novos dados, atendendo à vegetação já possante, na referida data do voo. O facto de se localizar a poucas dezenas de metros, para norte, do monumento megalítico epónimo, integrável na Idade do Bronze, bem como as características das suas "muralhas" permitem, com reservas, pensar numa cronologia pré-histórica para a estação, de características indeterminadas.

5- SARMENTO 1895: 62-69; ALMEIDA 1982b: 7; 1985: 43-46.

(72) Monte da Cerca

1-Monumento megalítico.

Cronologia: ocupação durante a Idade do Bronze.

Lugar: Aldeia de Cima.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M=148 ; P= 512,5; Altitude aprox.: 250 m (f. 54 - 1:25 000).

2- Pequeno cabeço a norte do Monte da Cerca, com excelente visibilidade para o vale da ribeira do Peralta.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfiróides, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 500m, para este, há solos de classe A, bem como a cerca de 1Km para sul (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: A 3,5Km, para su-sueste, há jazidas de volfrâmio, em Portela de Faro.

Hidrologia: na vertente formam-se linhas de água ou regatos que alimentam o ribeiro de Peralta.

Cobertura vegetal: arbórea, com pinheiros e eucaliptos.

Acesso: no fim do lugar da Aldeia de Cima, a seguir à Travessa da Serra, no terceiro caminho carreteiro do lado esquerdo.

3- Trata-se de um monumento megalítico bem perceptível na paisagem, com câmara e corredor indiferenciado e coberto por um *tumulus* com couraça lítica. Numa limpeza efectuada no imóvel, por C. A. B. Almeida, recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica, uma base de fundo plano, de fabrico a torno e uma espiral de prata. V. Jorge (1980: 21) atribui este tipo de peças ao Bronze Inicial. As datas de radiocarbono obtidas para a mamoa 1 de Outeiro de Gregos, e 4 de Meninas do Crasto, em Baião, onde apareceu espólio metálico idêntico, admitem uma cronologia desde os finais do III aos meados do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Municipal de Esposende.

5- SARMENTO 1895: 62-69; ALMEIDA 1982b: 7; 1985: 43-46; V. JORGE 1980: 20-21, est. XVI, 1; 1982: 444-445.

(73) Portelagem; Casa da Moura

1-Monumento megalítico.

Cronologia: ocupação durante a Idade do Bronze.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M= 147,1 ; P= 511,2 ; Altitude: 150m (f.54 - 1:25 000).

2- Planalto a sudeste do Rápido.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, predominantemente biotítico, não porfiróide, de grão grosseiro (f.5C - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola, mas muito próximo de solos de utilização agrícola. Estes ocorrem numa área de 500 a 750m, para este (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 2,5 Km, para sudeste, há jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: a norte do ribeiro de Peralta.

Cobertura vegetal: arbórea mas perto de campos agrícolas.

Acesso: por caminho carreteiro a partir do lugar do Sobreiro.

3- Neste monumento megalítico, de câmara e corredor curto, com *tumulus* mediano, coberto por couraça lítica, Martins Sarmento exumou três pontas de seta e um

púcaro, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de cor acastanhada. A pança apresenta carena na parte média do corpo do vaso, sobre a qual existe uma fiada de mamilos. Também sob o bordo se registam decorações mamilares. A base é de fundo plano e a asa de secção sub-rectangular, de inserção vertical. As características deste vaso, inserível na 2ª metade do II milénio AC, por comparação com o do túmulo 3 da Casinha Derribada, Viseu (CRUZ *et alii* 1998) permite pensar numa reutilização secundária do monumento inicial. Este imóvel foi escavado por E. J. Silva, em 1989 e referenciado, sumariamente, em 1994. Nele, este arqueólogo teria exumado onze pontas de seta, três micrólitos e cerâmica campaniforme e encontrado gravuras num dos esteios da câmara (SILVA 1994: 166).

4- Depósito do vaso: Museu Martins Sarmiento - Guimarães.

5- VASCONCELOS 1901: 34-35; FORTES 1905; SARMENTO 1933: 154-156; CARDOSO 1951: 39-43; LEISNER 1956: 72; 1958: 150; S. JORGE 1978: 110; RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO 1984: 608; ALMEIDA 1986: 39-41; SANCHES 1981; SILVA 1994; CRUZ *et alii* 1998.

(74) Serra

1- Monumento megalítico.

Cronologia: ocupação durante a Idade do Bronze.

Freguesia: Vila Chã.

Coordenadas Gauss: M= 148,8 ; P= 513,6 ; Altitude: 208 m (f. 54- 1:25 000).

2- Pequeno planalto, a cerca de 1,5 Km para nordeste do Monte da Cerca, com boa visibilidade para o vale do Neiva.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, não porfíroide, de grão médio (f.5C - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1,5Km, para norte, nordeste e este, existem solos de classe A (f.54 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 4,5Km, para sul, há jazidas de volfrâmio.

Hidrologia: zona de formação de linhas de água ou regatos que correm para o rio Neiva.

Cobertura vegetal: arbórea.

Acesso: a partir do lugar da Granja, por estrada municipal e depois por caminho carreteiro e de pé posto.

3- Nos finais do século passado, Martins Sarmiento escavou um núcleo de três monumentos megalíticos, hoje mal conservados e sem esteios visíveis. Num deles, o do meio, na altura ainda com cinco esteios, foi exumado um vaso troncocónico em associação com treze pontas de seta, doze em sílex e uma em quartzo, uma lâmina e uma ponta de dardo. O vaso, com vestígios de fuligem num dos lados e asa lateral de inserção vertical, é de fabrico manual, pasta arenosa e grosseira. Apresenta, no início da pança, uma fiada de quatro mamilos alongados. A base é de fundo plano e a asa de secção sub-rectangular. Apareceram também fragmentos em ferro, o que prova estar o espólio remexido e invalida qualquer tentativa de contemporaneidade entre as diferentes peças. As características do vaso e os paralelos para ele encontrados no norte de Portugal levam a signatária a inseri-lo entre os finais do III aos meados do II milénio AC.

4- Depósito: Museu Martins Sarmiento - Guimarães.

5- VASCONCELOS 1901:34; LÓPEZ CUEVILLAS *et al* 1929: 39-40; SARMENTO 1933: 154-155; SANCHES 1981: 88 e segs.; V. JORGE 1982: 444-445; ALMEIDA 1985: 39-40.

PÓVOA DE LANHOSO

PÓVOA DE LANHOSO

(75) Castro de Lanhoso

1-Povoado de topo

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

Coordenadas Gauss: M= 187,7; P= 512,9; Altitude máx.: 385 m (f. 57 - 1:25 000).

2- Remate de esporão na vertente sul da Serra de St^o Tirso. As vertentes, escarpadas a oeste e a sul, conferem ao local boas condições naturais de defesa e visibilidade sobre o território circundante. O acesso ao planalto faz-se pelo lado norte. É na vertente este que parece ter-se desenvolvido grande parte do povoado.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, porfíroides, com predominância de biotite, de grão grosseiro a médio (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F. Num raio de 1,5Km, para norte, sul e este, encontram-se solos de classe A e C, i. é, de utilização agrícola ou agrícola condicionada (f.57 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não se conhecem jazidas de estanho ou ferro na área.

Hidrologia: entre os vales dos rios Cávado e Ave.

Cobertura vegetal: predominantemente arbórea, com pinheiros, eucaliptos e alguns resquícios de carvalhos e sobreiros.

Acesso: por caminho municipal, a partir da Vila de Lanhoso.

3- A análise do espólio das escavações realizadas, na vertente este deste povoado, por C. Teixeira, nos anos 30 e por K. Petruso, em 1982, permitiram detectar vários momentos de ocupação anteriores à Romanização. O mais antigo, associado a cerâmicas com decoração incisa, metopada, de tipo "Penha", poderá atribuir-se ao Calcolítico. O seguinte, ao qual correspondem formas cerâmicas com características técnicas semelhantes à fase I de S. Julião e Barbudo, bem como um punhal, em bronze, deverá integrar-se no 1º ou 2º quartel do I milénio AC. As estruturas pétreas, ainda visíveis à superfície, bem como uma série de artefactos metálicos e cerâmicos aí detectados identificam ocupações da Idade do Ferro e da Romanização. Na plataforma superior ergue-se um castelo de origem medieval.

4- Depósito das antigas escavações: Casa da Botica - Póvoa de Lanhoso.

Depósito de outras recolhas: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 41.39.

5- FONSECA 1838; 359-373; TEIXEIRA 1939: 245 e segs., 1940a: 517 e segs., 1940b: 245 e segs., 1941: 138 e segs.; CARDOSO 1946: 253; GARGIA Y BELLIDO 1946: 356-358; PETRUSO 1982: 1, 4-6; MARTINS 1990: 91-92; BETTENCOURT 1993/94a.

S. JOÃO DE REI

(76) Lugar da Mata

1-Achado metálico, em bronze. Depósito (?)

Cronologia: Idade do Bronze.

Lugar: Paço.

Freguesia: S. João de Rei.

Coordenadas Gauss: M=186,2 ; P= 516,8; Altitude: cerca de 150m (f.57 - 1:25 000).

2- Vale agrícola, na base sul do outeiro conhecido pela bouça de Santa Eufémia.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: Segundo a Carta de Ordenamento Agrícola (f.57 - 1: 25 000), os solos são de classe F. O conhecimento do terreno indicia que são de utilização agrícola e, portanto, de classe A.

Recursos minerais: a cerca de 3Km, para noroeste, ocorrem as nascentes minero-medicinais do Pego Negro e a 5Km, para oeste, as de Crespós, todas elas na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: margem direita da ribeira do Castro.

Cobertura vegetal: arbórea, com pinheiros e eucaliptos. O local já foi cultivado.

Acesso: a partir do lugar do Paço, pelo caminho carreteiro da Mata.

3- Em 1936, M. Cardoso (1936: 50) refere que no lugar da Mata, muito próximo do Monte Crasto, apareceu um pequeno machado de bronze, que em 1901, foi oferecido por Martins Capela, ao Museu Municipal do Porto. Trata-se de um machado plano de tipo Bujões/Barcelos, de cerca de 12,5 cm de comprimento por 6,6 cm de largura máxima e 540 g de peso. Nos anos 30, foram encontradas, no mesmo local, dez "machadinhas" de bronze. Segundo A. Celestino (1994: 15), estas peças foram vendidas em Braga. Depreende-se das suas palavras que estes artefactos foram detectados aquando de trabalhos de lavoura. Há referência a "pedras cavadas", que conteriam uma "massa oleosa", em associação com os machados.

No reconhecimento efectuado ao local detectámos, num campo lavrado, a cerca de 200m para nordeste do lugar da Mata, alguns fragmentos cerâmicos, aparentemente, manuais, mas não conclusivos. Recolhemos, também, cerâmicas romanas, talvez provenientes de escorregamentos do Alto das Antas ou da Igreja, ocupado durante esse período.

Pela cronologia do molde encontrado no povoado da Sola, em Braga, estes machados deverão enquadrar-se entre o 2º e o 3º quartel do II milénio AC.

4- Depósito da peça encontrada no início do século: no extinto Museu de Etnografia do Porto, n.º de inv. 7119.

Depósito de material cerâmico de superfície: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- CARDOSO 1936: 50; CORTEZ 1946: 20; HARBISON 1967: 103, 121; MONTEAGUDO 1977: 113 n.º 1795; KALB 1980: 27; CELESTINO 1994: 15.

(77) Monte do Castro/S. João de Rei

1-Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romanização.

Lugar: Castro.

Freguesia: S. João de Rei.

Coordenadas Gauss: M= 186,5 ; P= 516,4; Altitude máx: 202m (f. 57 - 1/25 000).

2- No remate de um esporão de média altitude, na vertente noroeste da serra de Santo Tirso, nos limites da paisagem de montanha e de planície. A vertente oeste deste povoado é abrupta mas as restantes são suaves permitindo um fácil acesso ao planalto e ao vale da ribeira do Castro.

Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. Numa área de 500m, para oeste e este, os solos são de classe A. O mesmo ocorre a norte, embora a Carta de Ordenamento Agrário refira solos de classe F (f.57 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a cerca de 3,5 Km, para noroeste, ocorrem as nascentes minero-medicinais do Pego Negro e a 5Km, para oeste, as de Crespos, todas elas na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: margem esquerda da Ribeira do Castro, afluente do Cávado.

Cobertura vegetal: predominantemente arbórea. A vertente norte já foi cultivada.

Acesso: faz-se a partir do lugar da Devesa por estrada municipal.

3- A análise do espólio de superfície e das escavações realizadas pela autora, em 1993, nas várias vertentes e na plataforma superior do monte permitiram concluir a existência de vários momentos de ocupação. À Idade do Bronze fazemos corresponder o bipene metálico, encontrado na vertente norte ou oeste, aquando do corte da estrada que dá acesso ao centro da freguesia, bem como os fragmentos de cerâmica exumados na camada 3 do corte 2, cujo fabrico e forma os paralelizam com cerâmicas do 2º quartel do I milénio AC. À Idade do Ferro Inicial associam-se fragmentos cerâmicos e estruturas de armazenagem de cereais. Ao Ferro Recente corresponde um espólio cerâmico, vítreo e metálico, bem conhecido noutros povoados da região e o predomínio de estruturas percíveis. A etapa da romanização está bem marcada no povoado por construções pétreas e por espólio cerâmico, metálico e vítreo.

4- Depósito das escavações da signatária: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

Depósito do bipene: desconhecido. Há uma cópia no Museu Martins Sarmiento - Guimarães.

5-BELLINO 1909: 6; PINTO 1929: 425; CARDOSO 1936: 44, 46, 49-50; 1938: 82 e segs.; CORTEZ 1946: 20; MONTEAGUDO 1977: 268, Est. 124; GUIMARÃES 1978: 415; KALB 1980: 27; MARTINS 1990: 92.

(78) Monte Vermelho

1-Povoado/Depósito (?)

Cronologia: Idade do Bronze (?), época Romana.

Freguesia: S. João de Rei.

(f. 57 - 1/25 000).

2-Substrato rochoso: granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000).

Recursos minerais: A menos de 4Km, para noroeste, a partir da cota mais elevada do monte, ocorrem as nascentes minero-medicinais do Pego Negro, na margem esquerda do Cávado.

Hidrologia: na margem direita da ribeira de Oriz, afluente sul do Cávado.

3- Uma notícia de A. Bellino (1909: 6) refere que no Monte Vermelho, num povoado, que compara à citânia de S. Julião, teriam aparecido vários machados de bronze dos quais o autor conservou um. Prospectámos todo o Monte Vermelho não encontrando indícios de povoados monumentalizados ou condições para tal, pelo menos acima da curva de nível dos 250m. Talvez este autor se tenha referido ao que M. Martins (1990: 93) classifica como o habitat Romano, situado à cota de 200m na vertente noroeste deste monte.

5- BELLINO 1909: 6; CARDOSO 1935: 30; LOPEZ CUEVILLAS 1955: 16; MARTINS 1990: 93.

TERRAS DO BOURO

BALANÇA

(79) Campo do Castelo

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze; Romano.

Freguesia: Balança.

Coordenadas Gauss: M= 184,8; P=524,8; Altitude máx.: 521 m (f. 43 - 1:25 000).

2- Remate de esporão, na vertente oeste da serra de Santa Isabel, sobranceiro à Geira e ao rio Homem. A jazida apresenta excelentes condições de visibilidade e de defesa natural, com vertentes abruptas a oeste e sudoeste. O acesso ao fundo do vale encontra-se facilitado pela vertente norte e à montanha, pelo lado sudeste.

Substrato rochoso: granito monzonítico, predominantemente biotítico, porfíroide, de grão grosseiro ou grosseiro a médio (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 250m encontram-se solos de classe C (f.43 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 5Km, para sudoeste, existem as águas minero-medicinais de Caldelas, em Amares.

Hidrologia: na vertente este corre uma linha de água. O povoado está na margem esquerda do ribeiro de Surdeira, afluente do rio Homem.

Cobertura vegetal: arbustiva, arbórea e culturas agrícolas.

Acesso: seguindo a Geira até ao ribeiro de Surdeira. A cerca de 500-600m a norte dessa linha de água, cortar à direita por caminho carreteiro.

3- A. Cunha (1961:321) refere um castro no Campo do Castelo. A densa vegetação que cobre a estação impossibilita a visibilidade de eventuais estruturas pétreas. As prospecções efectuadas na plataforma contígua à superior, que se encontrava lavrada, revelaram fragmentos de cerâmica manual, de pasta arenosa, de textura fina e grosseira e de cores entre o bege e o castanho. Destacamos um fragmento de pasta fina, de superfície exterior polida, com decoração espatulada muito ténue, bem como uma base de fundo plano, com vestígios de matéria orgânica, no interior. A par desta louça registou-se material de construção e cerâmica comum de época romana.

A topografia do local e o espólio permitem considerar o local como um eventual povoado da Idade do Bronze com ocupação posterior.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.

5- CUNHA 1961: 321.

VILA VERDE

BARBUDO

(80) Monte do Castelo; Castro do Barbudo; Monte do Brito

1- Povoado de topo.

Cronologia: Idade do Bronze, Idade do Ferro e da Romanização.

Freguesia: Barbudo.

Coordenadas Gauss: M=171,9 ; P=520,4; Altitude máx.: 331m (f.42 - 1:25 000).

2- O Outeiro do Castelo é um remate de esporão no extremo sudoeste do Monte do Barbudo. Até à curva de nível dos 250m as vertentes são bastantes suaves, com excepção da sul, abrupta. O acesso ao planalto faz-se pelo lado sudeste. As condições topográficas deste monte possibilitam excelentes condições naturais de defesa e de visibilidade para os vales dos rios Homem e Cávado.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, com predominância de biotite, porfiróides de grão médio ou fino a médio (f. 5B - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A cerca de 1,5Km, para oeste e este e, a 750m, para norte, ocorrem solos de classe A (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: a 4Km, para noroeste, existem jazidas de estanho, prata e ouro, na Portela das Cabras e a 5Km, para sudoeste, jazidas de estanho, em Atiães. As nascentes de água minero-medicinal encontram-se a 5Km, para su-sueste, nas margens dos rios Homem e Cávado, a 3,5Km, para nordeste, em Gondiaes e a 3Km, para norte, na Fonte dos Milagres, em Dossãos.

Hidrologia: nas suas vertentes correm inúmeras linhas de água ou regatos que alimentam vários ribeiros da margem direita do Cávado.

Cobertura vegetal: arbustiva e arbórea.

Acesso a partir da freguesia do Barbudo, por caminho florestal.

3- Prospeções e escavações realizadas por M. Martins, entre 1983 e 1985, indicaram que o povoado se desenvolveu, à volta da plataforma superior, fundamentalmente, pelas vertentes norte, noroeste onde se evidenciam ainda vários panos de "muralhas" e restos de estruturas habitacionais, em pedra. As escavações permitiram determinar uma diacronia de ocupação desde o 1º quartel do I milénio AC, i. é, finais da Idade do Bronze, até à Alta Idade Média.

4- Depósito: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

5 - AZEVEDO 1897: 152; OLIVEIRA 1908: 667-668; MARTINS 1990: 96.

PONTE DE S. VICENTE

(81) Citânia de S. Julião

1- Povoado de topo e santuário rupestre.

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização e Idade Média.

Freguesias: Ponte de S. Vicente e Coucieiro.

Coordenadas Gauss: M=178,2 ; P=524,4; Altitude: 297m (f.42 - 1:25 000).

2- Remate de esporão a sudoeste do Monte do Vairão, contraforte da serra Amarela. Tem vertentes abruptas a sul. O acesso ao planalto faz-se pelo lado norte e nordeste. A sua localização topográfica confere-lhe boas condições naturais de defesa e de visibilidade sobre os vales do Cávado e do Homem.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, com predominância de biotite, porfiróides, de grão grosseiro ou médio a grosseiro (f. 5B - 1: 50 000).

Classificação genética dos solos: ranker atlântico.

Aproveitamento agrológico dos solos: classe F, de utilização não agrícola. A menos de 500m, para este, há solos de classe C e a 500m, para sul, de classe A (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: as nascentes de água minero-medicinal encontram-se a 3Km, para sudeste, em Caldelas (Amares) e 4Km, para sudoeste, em Santa Engrácia, Gondiaes. Jazidas de estanho, prata e ouro, ocorrem, apenas, a 9,5Km, para oeste, na Portela das Cabras.

Hidrologia: nas suas vertentes formam-se várias linhas de água ou regatos que alimentam várias ribeiras, afluentes da margem direita do Homem.

Cobertura vegetal: arbustiva.

Acesso: a partir da freguesia de Ponte de S. Vicente, por caminho municipal e por caminho carreteiro.

3- Conhecido desde o século passado, este povoado foi alvo de intervenções arqueológicas na década de 1930, de 80 (MARTINS 1984, 1985, 1986, 1988, 1990) e de 90 (BETTENCOURT 1994, 1995b). As escavações das últimas décadas permitem admitir que a estação foi ocupada desde o Calcolítico até à Idade Média.

A primeira ocupação associa-se a artefactos líticos e cerâmicos, descontextualizados, encontrados na parte mais elevada do monte. As cerâmicas são profusamente decoradas com incisões, sendo algumas de tipo "Penha". Em posição estratigráfica estão documentadas ocupações, desde a Idade do Bronze até à Romanização. A mais antiga concentra-se na plataforma superior do monte, no último

quartel do II milénio AC. A partir do 1º quartel do I milénio AC a ocupação vai-se alargando às plataformas contíguas, momento, a partir do qual, talvez se possam associar os afloramentos com covinhas do início da vertente oeste, muito perto da acrópole. À Idade do Ferro correspondem inúmeras estruturas habitacionais, em materiais perecíveis e pétreos, vários panos de "muralha" e uma grande variedade da cultura material móvel. A Romanização documenta-se através de estruturas e de artefactos. A ocupação da Idade Média, existe, essencialmente na plataforma superior, onde aparece muito espólio de superfície.

4- Depósito das escavações da década de 30: Museu Pio XII -Braga.

Depósito das escavações de M. Martins e A. Bettencourt: Museu D. Diogo de Sousa - Braga.

Depósito de outras recolhas: Museu de História Natural - Arqueologia, Fac. de Ciências do Porto, n.º de inv. 35.07.

5- LEAL 1874: 44; BELINO 1909: 6; FONTES 1916: 198 e segs.; FREITAS 1971: 133; MONTEAGUDO 1977: 244, Est. 117; COFFYN 1985: 213, 390; MARTINS 1984: 11 e segs.; 1985; 197 e segs.; 86: 159 e segs.; 1988; 1990: 97; BETTENCOURT 1994: 167 e segs.; 1995b: 40-42.

(82) Quinta do Paço

1- Sítio arqueológico (?).

Cronologia: Calcolítico, Romano (?).

Lugar: Paço.

Freguesia: Ponte de S. Vicente.

Coordenadas Gauss: M= 178,3 ; P= 523,4 ; Altitude:100 a 105m (f.42 - 1:25 000)

2- Planície agrícola.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, com predominância de biotite, porfiróides de grão grosseiro ou médio a grosseiro (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: não conhecemos jazidas de cobre na área.

Hidrologia: zona bem irrigada por uma linha de água que desagua na margem direita do rio Homem.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: a partir do lugar do Paço, nos terrenos agrícolas circundantes à quinta do mesmo nome.

3- A prospeção, em terrenos agrícolas, apenas revelou um fragmento de bordo com decoração incisa, metopada, de tipo "Penha" em associação com raras cerâmicas atribuíveis à época Romana (?).

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- Inédita.

PRADO (SANTA MARIA)

(83) Veiga de Cabanelas; Retortas

1- Achado metálico, em bronze.

Cronologia: Idade do Bronze

Lugar: Carvalhinhos (?)

Freguesia: Prado (Santa Maria).

Altitude aproximada: 20 m (f.56 - 1:25 000).

2- Barreiros na margem direita do rio Cávado.

Substrato rochoso: depósitos de terraços plio-pleistocénicos (f.5D - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais: jazidas de estanho na própria freguesia de Cabanelas, a oeste e a sudoeste do local dos achados. Zona de barreiros. A 5Km, para este, existem as nascentes minero-medicinal das margens do Homem.

Cobertura vegetal: zona agrícola.

Hidrologia: margem direita do Cávado.

3- Na extracção de barro, nas margens do Cávado, foi encontrado um machado de talão, sem anéis, com garganta pouco profunda e nervura central pouco pronunciada (Est. IX).

Os paralelos para estas peças, no noroeste peninsular, são escassos e todos provenientes de achados descontextualizados. No norte de Portugal, estas peças são desconhecidas nos vários povoados datados, pelo radiocarbono, quer da 1ª metade do II, quer do 1º quartel do I milénio AC. Atendendo a estas circunstâncias e à cronologia proposta para artefactos semelhantes, na zona atlântica francesa, propomos a sua integração na 2ª metade do II milénio AC.

4- Depósito: Sr. Luís Costa, morador na Rua Elísio de Moura, Enguardas, Braga.

5- BETTENCOURT 1988: 9 e segs.

SABARIZ

(84) Lugar da Igreja

Bruno Hélio

1- Sítio arqueológico.

Cronologia: Idade do Bronze.

Freguesia: Sabariz.

Coordenadas Gauss: M= 174,4 ; P= 520,7 ; Altitude: 60 m (f.42 - 1:25 000)

2- Vertente suave, sobranceira à ribeira do Tojal.

Substrato rochoso: granitos monzoníticos, com predominância de biotite, porfiróides, de grão médio a fino (f. 5B - 1: 50 000).

Aproveitamento agrológico dos solos: classe A, de utilização agrícola (f.42 - 1: 25 000).

Recursos minerais: as nascentes de água minero-medicinal encontram-se a 3Km, para noroeste, em Santa Engrácia (Gondiães), a 4Km para nordeste, em Caldelas (Amares) e a 4Km para sul, nas margens do rio Homem. Jazidas de estanho, prata e ouro ocorrem, apenas, a 8Km, para noroeste, na Portela das Cabras.

Hidrologia: margem direita do Homem.

Cobertura vegetal: campos agrícolas.

Acesso: a partir da Igreja de Sabariz, em direcção aos campos agrícolas que lhe ficam a sul.

3- A prospecção revelou fragmentos cerâmicas anteriores à Idade do Ferro, bem como um fragmento dormente de um grande moinho manual, em terras provenientes das fundações de uma casa (Est. IX). Outras cerâmicas encontradas num perfil de um estradão, muito próximo da referida vala de fundação, indicam Romanização do local. As características da cerâmica, pré-romana, e do moinho apenas autorizam a integração genérica na Idade do Bronze.

4- Depósito: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

5- Inédita.

2.2. Marcas arquitectónicas anteriores ou contemporâneas ao II e I milénio AC

AMARES

PARANHOS (S. LOURENÇO)

(85) Mamoia 1 da Cancela do Rafael

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=183,2

P=522,4

Alt.470m

Inédita.

(86) Mamoia 2 da Cancela do Rafael

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=183,2

P=522,35

Alt.470m

Inédita.

(87) Mamoia de Eirós

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=183,2

P=523,4

Alt. 466m

Inédita.

(88) Mamoas de Paranhos de Cima/Eirós 2

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=183,4

P=523,4

Alt. 470m

Inédita.

SERAMIL

(89) Mamoas da Cavacada/Monte de Santa Cruz

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=183,7

P=522,7

Alt. 550m

Inédita.

(90) Mamoas 1 da Sorte dos Caminhos dos Burros¹⁵⁴

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=185,9

P=524

Alt. 660m

Inédita.

(91) Mamoas 2 da Sorte dos Caminhos dos Burros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=185,8

P= 524,1

Alt.650m

Inédita.

¹⁵⁴- Referência sumária na carta geológica 5B e em JORGE 1982: 438 que localiza, erradamente, estes monumentos no concelho de Terras do Bouro.

(92) Mamoia 3 da Sorte dos Caminhos dos Burros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=186, 1

P=524

Alt.630m

Inédita.

BARCELOS

ABORIM

(93) Casa da Mámua

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

Existe o topónimo indicador de monumentos megalíticos

ALMEIDA *et al* 1984: 100.

ALHEIRA

(94) Mamoia 1 do Monte de Alheira

C.M.P. 1/25 000, n.º55

M=162,9

P=516,2

Alt. 200m

(95) Mamoia 2 do Monte de Alheira

C.M.P. 1/25 000, n.º55

M=162,7

P=516,4

Alt. 190m

(96) Mamoá 3 do Monte de Alheira

C.M.P. 1/25 000, n.º55

M=162,7

P=516,6

Alt. 190m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5C.

BARCELOS

(97) Cromeleque (?)

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

J. L. Vasconcelos (1917: 118) refere que à direita da estrada que vai para Viana, perto de uma mamoá e de um marco geodésico, existe um circuito de pedras dispostas ao alto, com cerca de 60cm de altura cada. Em 1979, V. Prescott *et al* (1979) refere que "...ao pé de Barcelos, à direita da estrada que desta vila vai para Viana..." existe um cromeleque. O marco geodésico mais próximo de Barcelos e à direita da referida estrada, fica a cerca de 4Km a noroeste. É o das Boicinhas, a 231m de altitude, já na freguesia de Abade de Neiva. O monte está densamente arborizado.

VASCONCELOS 1917; PRESCOTT *et al* 1979.

CARAPEÇOS

(98) Mamôa

C.M.P. 1/25 000, n.º55

M=158,6

P=513,2

Alt. 90-100m

Toponímia arqueológica que indicia monumentos megalíticos na área.

Carta Militar de Portugal n.º 55

COSSOURADO

(99) Mámua

Este topónimo referido no Tombo da freguesia, datado do séc. XVI, indicia monumentos megalíticos nesta área.

ALMEIDA *et al* 1984: 100.

CRISTELO

(100) Mamoá de Cristelo

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

M=152,5

P=501,8

Alt.20m

A norte da freguesia, em ecologia de planície, profundamente arborizada existe uma mamoá violada com presença de *tumulus*. Será a referida por T. da Fonseca (1948 vol. 2: 144) denominada de "Casinhas de Moiros" e que este autor descreve como "*...um amontoado de terra com uma cova no meio, que infelizmente desapareceu*"? Neste caso, terá de facto desaparecido o *tumulus*, ou apenas a câmara megalítica? Este autor diz que existe ainda o sítio da Mamoá.

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5C.

CRISTELO/MILHAZES

(101) Mamoá de Vilar

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

M=154

P=502,2

Alt.30m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5C.

FEITOS

(102) Mamoa de Bostelo

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=153,1

P=512,3

Alt.280m

ALMEIDA 1993:23.

(103) Mamoa do Campo de São

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=153,1

P=511,6

Alt.220 m

ALMEIDA 1993: 23.

(104) Mamoa da Ferração

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=154,3

P=513,1

Alt.380 m

FONSECA 1948 vol. 1: 235; ALMEIDA 1993: 24.

(105) Mamoa do Poço do Vintém

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=152,8

P=511,6

Alt.240-250m

Lugar do São, no seu interior, em zona urbanizada na década de 90.

A cota corresponde ao lugar de São pois C. A. B. Almeida (1993) não cartografou o monumento.

ALMEIDA 1993: 23.

(106) Mamoá de S. Gonçalo

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=154,8

P=513,2

Alt.488 m

ALMEIDA 1993: 24.

FEITOS/PALME

(107) Mamoá da Bouça do Quinhão

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=152,7

P=511,8

Alt.250m

ALMEIDA 1993: 23.

(108) Mamoá da Pedra do Coelho

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

Alt.250-260m

Nas cercanias do menir com este nome, teria existido uma mamoa.

Foi destruída aquando da construção do quintal de uma casa particular.

ALMEIDA 1993: 23.

(109) Menir do Marco da Zarelha/Bouça do Quinhão/Vilar

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=152,8

P=511,9

Alt.250m

ALMEIDA 1993: 23, 28.

(110) Menir da Pedra do Coelho/Gesteira

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=152,9

P=512,2

Alt.250-260m

ALMEIDA 1993: 23, 26-27.

FRAGOSO

(111 a 115) Mamoas 1 a 5 da Balsa ou do Monte de Infias (?)

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=152,3

P=517,6

Alt.40-50m

Carta Geológica de Portugal 5C; referência sumária em JORGE 1982: 44; ALMEIDA 1985: 36 (nota 25).

(116) Lugar da Mamua

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

Alt.80-100m

Na margem esquerda do ribeiro de S. Vicente existe um lugar com esta designação.

ALMEIDA 1985: 36.

GALEGOS (SANTA MARIA)

(117-118) Mamoas 1 e 2 das Vessadas

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=161,85

P=510

Alt.50m

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

M=161,75

P=509,9

Alt.50m

As cotas da C. M. P. são aproximativas.

Carta Geológica de Portugal 5C.

GILMONDE

(119) Mamoa do Monte

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

M=156,9

P=504,4

Alt.60m

Referência sumária em JORGE 1982: 441 e na Carta Geológica de Portugal 5C.

MANHENTE

(120) Mamazinha

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

Alt.10 a 60m

Teria existido uma mamoa na extrema do couto do mosteiro beneditino desta freguesia. É o que se depreende de um texto de 1126 que T. Fonseca (1948 vol. 1: 290) transcreve "*...assim como vai por aquella boza que parte o Villarinho de Real, e da hi pelo vale que se chama da talhos até ao escallario assim como vai por Penellas e da hi aquella mamazinha que parte a villa d'Oneca do dito Mosteiro, assim como a villa de São Verissimo parte com a villa d'Oneca até ao ribeiro de Fontelo...*".

FONSECA 1948 vol. 1: 290.

OLIVEIRA

(121) Mamoá de Isqueiro

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

M=165,05

P=512,2

Alt.150m

Inédita.

PALME

(122) Mamoá do Convento de Palme

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=151,4

P=514,4

Alt.70m

ALMEIDA 1993: 88.

(123) Mamoá do Sobreiro do Rei

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=151,1

P=511,65

Alt. c. 200 m

JORGE 1982: 441; ALMEIDA 1993: 23

(124) Mamoá de Souto Cerquido

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=150,6

P=512,2

Alt.190m

Parece-nos, pela descrição e cota, que este monumento é o mesmo que C. A. B. de Almeida (1985: 38-39), designou de Mamoa de Figueiró, localizada entre Vila Chã e Palme.

ALMEIDA 1993: 23.

PARADELA

(125) Mamôa Redonda

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

Neste local teria existido uma mamoa, já muito destruída, antes de 1948.

FONSECA 1948 vol. 2: 289.

QUINTIÃES

(126) Casa da Mámua

C.M.P. 1/25 000, n.º 55

Existe o topónimo indicador de monumentos megalíticos

ALMEIDA *et al* 1984: 100.

REMELHE

(127) Anta

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

Alt.150-200m

Lugar da Portela

Neste lugar, a norte da sede de freguesia, existe o topónimo Anta (FONSECA 1948 vol. 2: 324) a indiciar a presença de monumentos megalíticos na área.

FONSECA 1948 vol. 2: 324

(128) Mamoá da Capela da Cruzinha

C.M.P. 1/25 000, n.º 69

M=161,2

P=502,95

Alt.220m

FONSECA 1948 vol. 2: 324

REMELHE/SILVEIROS (?)

(129) Mamoá da Quinta do Perdigão/Alto da Mâmola

C.M.P. 1/25 000, n.º69

M=161,8

P=501,8

Alt.260-270m

Referência sumária em FERREIRA 1977: 4; JORGE 1982: 442 e na Carta Geológica de Portugal 5C.

RORIZ

(130) Madorra

C.M.P. 1/25 000, n.º55

M=162,5

P=514,1

Alt.100m

A norte da sede da freguesia de Roriz existe o lugar da Madorra a indiciar monumentos megalíticos na área. As cotas são as do lugar.

FONSECA 1948 vol. 1: 354

SEQUEADE

(131) Monte das Mamuas

C.M.P. 1/25 000, n.º69

M=166,4

P=503,5

Alt.226m

A sudoeste do Crasto de Sequeade, a cerca de 1Km, existe um pequeno outeiro num remate de esporão, sobranceiro à ribeira de Sequeade com esta designação.

C.M.P. n.º69

VIATODOS

(132) Mâmola

C.M.P. 1/25 000, n.º69

Na freguesia de Viatodos existiu uma mÂMOLA, com *tumulus* de cerca de 15m de diâmetro e 6m de altura, onde se terá encontrado espólio.

FERREIRA 1977: 4.

VILA COVA

(133) Mamoia 1 de Banho

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=150

P=506,95

Alt.40m

Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende (informação pessoal¹⁵⁵).

¹⁵⁵- Agradecemos ao Dr. Rui Cunha e a Jorge Guedes estas informações.

(134) Mamoa 2 de Banho

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=150,3

P=507,1

Alt.40m

Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende (informação pessoal).

(135) Mamoa de Mereces

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

No lugar de Mereces, em zona planáltica hoje arborizada, existe uma mamoa que tem sido considerada como pertencente a Vila Chã (Esposende), subentende-se que ficará nos limites do concelho de Barcelos, ou seja, a noroeste da freguesia de Vila Cova.

ABREU *et alii* 1986: 342.

BRAGA

ADAÚFE

(136) Mamoa do Monte de Vasconcelos

C.M.P. 1/25 000, n.º 56

M=179,7

P=512,4

Alt.350m

FONTES 1993: 36.

ESPINHO

(137 a 139) Mamoas 1 a 3 da Alagoa/Carreira de Tiro

C.M.P. 1/25 000, n.º 70

M=181,8

P=509,8

Alt. 450m

Distam entre si cerca de 50m, sendo as coordenadas da que fica mais a sul .

SARMENTO 1883/1884: 171; MACEDO 1896: 122; SOUSA 1978; 329-336;
FONTES 1993: 45.

(140) Mamoas das Alminhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 70

M=181,7

P=509,5

Alt.440m

MACEDO 1896: 122; FONTES 1993: 45.

FRAIÃO

(141 a 149) Mamoas 1 a 9 do Monte Fraião

C.M.P. 1/25 000, n.º 70

No Monte Fraião existiriam nove mamoas, perto umas das outras, algumas mesmo em linha recta, do lado direito da estrada que liga Braga à Falperra, via Fraião.

JORGE 1982: 448.

LAMAS

(150) Mamoas do Monte de Lamas ou da Leira das Mamas

C.M.P. 1/25 000, n.º 70

M=175,1

P=503,8

Alt. 170m

FONTES 1993: 56-57 atribui ao monumento uma cronologia da Idade do Bronze que não cremos credível atendendo ao espólio exumado segundo as informações de E. J. Silva.

PEDRALVA

(151 e 152) Mamoas 1 e 2 do Alto de S. Miguel

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

Lugar do Outeiro.

Teriam existido duas mamoas no Alto de S. Miguel (serra da Encosta) que L. Fontes (1993: 68) não conseguiu identificar.

SOUSA 1978, 335; FONTES 1993: 68.

(153) Mamoas da Bouça de S. Miguel

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

Teria existido uma mamoa em S. Miguel, "*próxima á base do lado do nascente do monte de Campellos*" que L. Fontes (1993: 65) não conseguiu identificar.

MACEDO 1896, 122; FONTES 1993: 65.

(154 e 155) Mamoas 1 e 2 de Campelos

C.M.P. 1/25 000, n.º 71

Teria existido duas mamoas: uma no Monte de Campelos e outra próxima da base sul deste monte. Não foram identificadas.

MACEDO 1896, 122; FONTES 1993: 67.

(156) Mamoas da Devesa Escura

C.M.P. 1/25 000, n.º 71

Teria existido uma mamoa neste local, "*no caminho da Igreja para o lugar de Alvor (sic - deverá ser Alvar)*" que L. Fontes (1993: 65) não conseguiu identificar.

MACEDO 1896, 122; FONTES 1993: 65.

(157 a 160) Mamoas 1 a 4 do Monte Alto

C.M.P. 1/25 000, n.º 71

M=185,2

P=508,4

Alt. 370m

As coordenadas apresentadas são intermédias.

SARMENTO 1933: 171; FONTES 1993: 67.

S. MAMEDE DE ESTE

(161 e 162) Mamoas 1 e 2 da Alagoa/Pau de Bandeira

C.M.P. 1/25 000, n.º 56

M=182,1; 182,1

P=510; 510,15

Alt. 460m

SARMENTO 1883/1884: 171; MACEDO 1896: 122; SOUSA 1978; 329-336;
FONTES 1993: 50.

(163 a 165) Mamoas 1 a 3 da Serra dos Picos/Lagoa Velha

C.M.P. 1/25 000, n.º 56

M=183,1

P=511,4

Alt. 510-520m

No planalto a norte do Monte dos Picos ou de Pau de Bandeira, F. M. Sarmiento (1883/1884) regista seis mamoas. M. Macedo (1896) referencia quatro. L. Fontes (1993) apenas conseguiu identificar três, que distam, entre si, cerca de 40m.

A esta freguesia correspondem apenas três. Apenas foi cotada uma.

SARMENTO 1883/1884: 171; MACEDO 1896: 122; SOUSA 1978; 329-336;
FONTES 1993: 50-51.

SOBREPOSTA

(166) Mamoa de Sandim

C.M.P. 1/25 000, n.º 70

Teria existido uma mamoa numa "sorte" pertencente ao passal da Igreja, situada no caminho de Sobreposta para Braga. L. Fontes (1993: 78) não a identificou.

MACEDO 1896, 121-122; FONTES 1993: 78.

ESPOSENDE¹⁵⁶

BELINHO

(167) Mamoas do Monte das Aras

C.M.P. 1/25 000, n.º54

M=146,5

P=513,6

Alt.226m

Há referências de mamoas a este da Capela de Nossa Senhora da Guia, num local assinalado na C. M. P., como Porrinhoso. Parecem ter desaparecido.

ALMEIDA 1987: 93.

FONTE BOA

(168) Mamoa da Agra

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=149,2

¹⁵⁶- Todas as coordenadas dos monumentos megalíticos deste concelho foram verificadas por nós, a partir da revisão efectuada pelos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende. Agradecemos ao Dr. Rui Cunha e a Jorge Guedes toda a disponibilidade manifestada aquando da nossa deslocação àquela instituição.

P=502,7

Alt.25m

QUEIROGA 1996: 86.

FORJÃES

(169) Mamoá da Bouça do Coutinho/Igreja de Forjães

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149,2

P=515,2

Alt.80m

ALMEIDA 1983; 1985: 37.

(170) Madorra

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=150.70

P=516.40

Alt.30-40m

Topónimo arqueológico em área agrícola e urbanizada onde teria existido uma mamoá.

JORGE 1982: 442; ALMEIDA 1983; 1985: 36.

(171) Mámua da Mata (?)

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149

P=514,45

Alt.90m

ALMEIDA 1997: 14.

GANDRA/GEMEZES

(172) Mamoá 1 da Quinta Brava

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=148,5

P= 506,7

Alt. 40m

ALMEIDA (no prelo). Deve ser a que vem assinalada na Carta Geológica de Portugal 9A.

GANDRA

(173) Mamoá 2 da Quinta Brava

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=148,8

P= 506,65

Alt. 30m

ALMEIDA (no prelo).

GEMEZES

(174) Mamoá de Gemez

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=150,1

P= 506,4

Alt. 40m

ALMEIDA (no prelo).

MARINHAS

(175) Mamoá da Anta/Outeiro

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=146,7

P= 509

Alt. 25m

ARGOTE 1732, II; SARMENTO 1933; FONSECA 1936; SOARES 1982; NEIVA 1987; ALMEIDA 1987, 100-101.

(176) Mamoas do Campo das Anta/Sub-Anta

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

Segunda a toponímia e dados de 1982 teriam existido nas proximidades de Esposende, mas ainda nesta freguesia, vários monumentos megalíticos, hoje totalmente destruídos.

ARGOTE 1732, II; SARMENTO 1933; FONSECA 1936; SOARES 1982; NEIVA 1987; ALMEIDA 1987, 100-101.

PALMEIRA DE FARO

(177) Mamoas do Cimo de Vila/Quinta de Mereces

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=150

P=508, 8

Alt. 65m

FONSECA 1936; NEIVA 1987; ALMEIDA 1987, 102-103; SILVA 1990/1992: 99; 1994: 165 - 166.

(178) Mamoas da Eira d'Ana

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

M=149,65

P=507,40

Alt. 60m

FONSECA 1936; NEIVA 1987; ALMEIDA 1987: 105.

RIO TINTO

(179) Lagoa da Mamoa

C.M.P. 1/25 000, n.º 68

Alt. 28m

Lugar do Crasto.

Em área agrícola, a este de Vila Seca, teria existido um ou dois monumentos megalíticos, hoje desaparecidos.

ALMEIDA 1985: 35; 1988: 34.

S. BARTOLOMEU DO MAR

(180) Mamoa do Lugar de Cima/Casa da Moura (?)

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=145,7

P=512,2

Alt.40-50m

JORGE 1982: 443; ALMEIDA 1987: 95-97.

(181) Menir da Pena d'Orca/Casa do Mouro

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

Alt.15m

Nas traseiras da Igreja de S. Bartolomeu do Mar. Segundo a bibliografia teriam existido aqui túmulos megalíticos que foram destruídos.

CEPA 1944; JORGE *et alii* 1986: 13- 21; ALMEIDA 1987, 93-94; 1993: 25.

S. PAIO DE ANTAS

(182) Mamoa da Agra de Antas

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=147,5
P=514,9
Alt. 90m

ATAÍDE *et al* 1940; ALMEIDA 1986: 43.

(183) Mamoá da Barraca do Taco

C.M.P. 1/25 000, n.º 54
M=147,7
P=515,1
Alt. 80m

ALMEIDA 1986: 43-44.

(184) Mamoá da Bouça do Rio

C.M.P. 1/25 000, n.º 54
M=147,6
P=515,95
Alt. 50m

QUEIROGA 1996 vol. 2: 8.

(185) Mamoá da Quinta dos Cunhas ou de Belinho

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

Na aba da cidade de Belinho existe uma mamoá que foi escavada.

JORGE 1980: 443; informações do Sr. António da Cunha Sottomayor Correia de Oliveira, morador na quinta de Belinho.

(186) Mamoá de Soleimas

C.M.P. 1/25 000, n.º 54
M=146,5
P=514,8
Alt. 65m

ALMEIDA 1986: 52-53.

(187) Menir do Monte

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=147,1

P=514,8

Alt.100 -110m

ALMEIDA 1979; JORGE 1977; 1978; 1982; ALMEIDA 1986: 44.

VILA CHÃ

(188) Mamoã do Alto do Rouco/Bouça de Fontelas

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=146,7

P=512,55

Alt. 170m

ALMEIDA 1985: 47; 1990/1992: 147-148.

(189) Mamoã da Arribadas/Cruzinha

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=148,65

P=510,95

Alt.170m

JORGE 1982: 444; SANCHES 1981; ALMEIDA *et al* 1985: 42.

(190) Mamoã da Bouça da Barraca

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149,4

P=512,6

Alt.190m

JORGE 1982: 444-445; ALMEIDA *et al* 1982; 1985: 38.

(191) Mamoa da Bouça da Estrada/Mamuinhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149,6

P=511,95

Alt. 190-200m

JORGE 1982: 444; ALMEIDA *et al* 1985: 40-41.

(192) Mamoa da Bouça da Guia

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=147,25

P=512,6

Alt.190m

ALMEIDA 1990/1992: 147-148.

(193 e 194) Mamoas 1 e 2 da Cruzinha/Mamoa Moça

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=148,66

P=510,67

Alt. 180m

ALMEIDA 1985:42.

(195) Mamoa do Descampado

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=147,5

P=511,6

Alt. 160m

JORGE 1982: 444; ALMEIDA *et al* 1982; ALMEIDA 1985: 47-49.

Mamoa do Monte da Cerca (ver entrada 72)

Mamoa da Portelagem/Casa da Moura (ver entrada 73)

(196) Mamoa da Quinta de S. Givas

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149,2

P=511,1

Alt.190m

(197 a 199) Mamoas 1 a 3 do Rapido

C.M.P. 1/25 000, n.º 54 (mamoa 1)

M=147,7

P=512,35

Alt.190m

C.M.P. 1/25 000, n.º 54 (mamoa 2)

M=147,6

P=512,2

Alt.190m

C.M.P. 1/25 000, n.º 54 (mamoa 3)

M=147,5

P=512,25

Alt.190m

Na base do Monte da Cerca, pelo lado oeste, em área arborizada existe um núcleo megalítico de 3 monumentos que não distam entre eles mais de 200m.

A mamoa 3 do Rapido, a noroeste da n.º 2, foi escavada por E. J. Silva. Trata-se de um monumento com *tumulus*, constituído por terra barrenta e de câmara poligonal, com um pequeno corredor. No seu interior detectaram-se 3 esteios com decoração. Este monumento parece ter sido "escavado" por F. Martins Sarmento que nele teria encontrado uma cista, reveladora de um provável enterramento secundário, a este da câmara e a 12 palmos de profundidade, que descreve como "*...uma pequena caixa de pedra, formada por lousas de granito, tapada e aberta por um lado, que provavelmente conteve uma urna cinerária...*" (SARMENTO 1933: 156). Para E. J. Silva (inf. pessoal) tal estrutura não é mais do que um pequeno corredor, muito baixo,

que F. Sarmento não identificou na altura. Como espólio identificaram-se cerâmicas cujas formas se inserem no II milénio AC, o que poderá indicar uma reutilização deste monumento durante a Idade do Bronze.

SARMENTO 1933: 156; JORGE 1982: 444; SANCHES 1981: 88-89; ALMEIDA 1985: 47; SILVA 1994: 161, 167.

(200) Mamoas da Rua Nova/Vila Chã

C.M.P. 1/25 000, n.º 54

M=149,2

P=512,65

Alt. 190m

JORGE 1982: 444-445; ALMEIDA *et al* 1982; 1985:38-39.

(201 a 203) Mamoas 1 a 3 da Serra (ver entrada 74)

PÓVOA DE LANHOSO

CALVOS

(204) Lugar das Arcas

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

Alt. 290-300m e 260-270m.

No planalto a norte da Lage Grande existe um lugar com esta designação. A cerca de 400m para este o topónimo volta a aparecer, revelando uma forte possibilidade da ocorrência de mamoas neste local.

C.M.P. n.º 57

FERREIROS

(205 a 211) Mamoas 1 a 7 de Pena Província

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

M=184,7

P=512,5

Alt. 447m.

Na serra do Carvalho, a oeste do povoado fortificado (?) de Pena Província. M. Macedo (1896: 122) refere uma necrópole megalítica composta por seis mamoas. Parece ter explorado, se não a totalidade, pelo menos parte destes monumentos não tendo encontrado nada de significativo. F. M. Sarmiento (1933) refere sete mamoas neste local, que M. Cardoso (1950) coloca a cerca de 500m a oeste da Pena Província. M. E. Mouta (1961:6) cartografou um destes monumentos que diz ser de dimensões médias, estar violado e com esteios ainda visíveis no local da câmara. As coordenadas apresentadas referem-se a ele.

SARMENTO 1933: 171; MACEDO 1896: 122; CARDOSO 1950b: 458-459;
MOUTA 1961: 6.

S. JOÃO DE REI

(212) Antas

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

M=186,8

P=517,1

Alt. c. 200m

Toponímia de interesse arqueológico nas imediações do Alto das Cruzes, monte sobranceiro ao povoado Proto-Histórico e romanizado de S. João de Rei.

C.M.P. n.º 57

VERIM

(213) Mamoia de Lagido

C.M.P. 1/25 000, n.º 57

M=185,1

P=518,8

Alt. c. 80m

Inédita.

TERRAS DO BOURO

SANTA ISABEL DO MONTE

(214) Mamoia 1 da Bouça do Fojo

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=189

P=525,85

Alt. c. 790m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5B.

(215) Mamoia 2 da Bouça do Fojo

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=188,8

P=525,9

Alt. c. 790m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5B.

(216) Mamoia 3 da Bouça do Fojo

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=188,75

P=525,7

Alt. c. 780m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5B.

(217) Mamoa 1 da Chã da Nave

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=190,9

P=527,1

Alt. c. 866m

Referência sumária em JORGE 1982: 438 e Carta Geológica de Portugal 5B.

(218) Mamoa 2 da Chã da Nave

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=191,1

P=527,2

Alt. c. 860m

Referência sumária em JORGE 1982: 438 e Carta Geológica de Portugal 5B

(219) Mamoa 1 de Porta Cerdeiros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=189,4

P=525,9

Alt. c. 790-800m

Referência sumária em JORGE 1982: 438 e Carta Geológica de Portugal 5B

(220) Mamoa 2 de Porta Cerdeiros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=189,4

P=526,1

Alt. c. 807m

Referência sumária em JORGE 1982: 438 e Carta Geológica de Portugal 5B

(221) Mamoas 3 de Porta Cerdeiros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=189,8

P=526

Alt. c. 800m

Referência sumária em JORGE 1982: 438 e Carta Geológica de Portugal 5B

(222) Mamoas 4 de Porta Cerdeiros

C.M.P. 1/25 000, n.º 43

M=189,8

P=526,2

Alt. c. 790m

Referência sumária na Carta Geológica de Portugal 5B

VILA VERDE

ABOÍM DA NÓBREGA

(223 a 224) Mamoas 1 e 2 da Chã Grande

C.M.P. 1/25 000, n.º 29

M=178,3

P= 532,35

Alt. 650 m

Carta Geológica de Portugal 5B

CARREIRAS (S. TIAGO)

(225) Mamoá da Pedreira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,75

P= 521,8

Alt. 260-270m

Referência sumária em REGALO 1986.

CODECEDA

(226) Mamoá do Alto da Maronda / Monte do Couto

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=174,20

P=527,70

Alt. 450 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(227) Mamoá do Coto

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,2

P=523,7

Alt. 240 m

Inédita.

COUCIEIRO

(228) Mamoá de Linhares

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=176,7

P= 523,7

Alt. 90-100m

Referências sumárias em COSTA 1868, 215; VIEIRA 1886, 397; LEAL 1873, 367.

DOSSÃOS

(229) Mamoã do Chão do Couce

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=171,1

P= 523,8

Alt. 431m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

DUAS IGREJAS

(230) Mamoã 2 do Moinho Velho

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,7

P=522,8

Alt. 450 m

Inédita.

ESQUEIROS/GONDIÃES

(231) Mamoã 1 das Portelinas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,6

P= 521,9

Alt. 180m

(232) Mamoã 2 das Portelinas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,65

P= 522

Alt. 180m

(233) Mamoa 3 das Portelinhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,7

P= 521, 85

Alt. 180m

(234) Mamoa 4 das Portelinhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,5

P= 521, 7

Alt. 170-180m

(235) Mamoa 5 das Portelinhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173, 4

P= 521, 75

Alt. 180m.

(236) Mamoa 6 das Portelinhas

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173, 3

P= 521, 85

Alt. 170-180m

Referência sumária em JORGE 1982: 440; REGALO 1986, 84-85.

GODINHAÇOS

(237) Mamoa 7 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,14

P=525,21

Alt. 474 m

Inédita.

(238) Mamoa 8 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,10

P=525,29

Alt. 474 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(239) Mamoa 9 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,08

P=525,29

Alt. 468 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(240) Mamoa 15 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,10

P=525,37

Alt. 472 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(241) Mamoas 16 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,20

P=525,7

Alt. 480 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(242) Mamoas 1 de Porrinhoso

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=171,4

P= 528,9

Alt. 580m.

Referência sumária em JORGE 1982: 441; REGALO 1986: 84.

(243) Mamoas 2 de Porrinhoso

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=171,5

P= 528,9

Alt. 580m.

Referência sumária em JORGE 1982: 441; REGALO 1986: 84.

(244) Mamoas 3 de Porrinhoso

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=171,6

P= 528,9

Alt. 580-590m

Referência sumária em JORGE 1982: 441; REGALO 1986: 84.

GONDIÃES

(245) Mamoã 10 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,12

P=525,20

Alt. 470,8 m

BETTENCOURT 1991/1992

(246) Mamoã 11 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,01

P=525,15

Alt. 465 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(247) Mamoã 12 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,99

P=525,12

Alt. 467,5 m

Referência sumária em REGALO 1986.

(248) Mamoã 13 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,93

P=525,14

Alt. 468,7 m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(249) Mamoia 14 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,82

P=525,08

Alt. 468,2 m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(250) Mamoia 17 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,95

P=525,05

Alt.460m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(251) Mamoia 18 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173

P=525,20

Alt. 460m

Inédita.

(252) Mamoia 19 do Chão da Cheira (?)

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,05

P=525,20

Alt. 460m

Inédita.

(253) Mamoia 3 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,69

P=525

Alt. 467 m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(254) Mamoia 5 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,68

P=524,95

Alt. 464 m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(255) Mamoia 6 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M= 172,78

P=525,05

Alt. 460m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

(256) Mamoia 7 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,66

P=524,91

Alt. 458,5 m

REGALO 1986 refere vários monumentos megalíticos neste local sem grandes especificações.

GONDOMAR

(257) Mamoia 1 dos Penedos Mourinhos/Monte do Barrete

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=180,2

P= 529,3

Alt. 710m

(258) Mamoia 2 dos Penedos Mourinhos/Monte do Barrete

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=180,25

P= 529,25

Alt. 710m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

MÓS

(259) Mamoia 4 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,29

P=525,48

Alt. 473,5 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(260) Mamoia 5 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,25

P=525,41

Alt. 473,5 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(261) Mamoas 6 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,28

P=525,36

Alt. 473,5 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(262) Mamoas 20 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,35

P=525,25

Alt.472m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

NEVOGILDE

(263) Mamoas 1 do Moinho Velho

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,75

P= 522,8

Alt. 462m.

Referência sumária em REGALO 1986, 84.

PEDREGAIS

(264) Mamoas 1 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,72

P=525,08

Alt. 471 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(265) Mamoas 2 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,70

P=525,07

Alt. 469,7 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(267) Mamoas 4 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,58

P=525,03

Alt. 469,1 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(268) Mamoas 8 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,80

P=525,05

Alt. 460m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(269) Mamoas 9 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,58

P=525,08

Alt. 473 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(270) Mamoã 10 do Lameiro da Vaca

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=172,30

P=525,11

Alt. = 462

PICO DE REGALADOS

(271) Mamoã 1 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,45

P=525,61

Alt. 472,9 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

(272) Mamoã 2 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,44

P=525,57

Alt. 472,9 m

Referência sumária em REGALO 1986: 83.

(273) Mamoã 3 do Chão da Cheira

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=173,43

P=525,55

Alt. 472,9 m

Referência sumária em REGALO 1986, 83.

PORTELA DAS CABRAS

(274) Mamoá 1 dos Penedos da Portela

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,35

P=522,8

Alt. 456m

Referência sumária em REGALO 1986.

(275) Mamoá 2 dos Penedos da Portela

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,25

P=522,8

Alt. 452m

Referência sumária em REGALO 1986.

(276) Menir dos Penedos da Portela

C.M.P. 1/25 000, n.º 42

M=170,2

P= 522,8

Alt. 452m

LEAL 1873-90, 615; REGALO 1986, 91.

SOUTELO

(277) Mamoá da Arca

C.M.P. 1/25 000, n.º 56

M=174,5

P= 517,7

Alt. 50m

Inédita.

3. OS DADOS DE ESCAVAÇÕES ANTIGAS: REAVALIAÇÃO SUMÁRIA

3.0. Introdução

O objectivo fundamental deste subcapítulo foi o da identificação e estudo de artefactos integráveis na Idade do Bronze e nos inícios da Idade do Ferro, através do espólio proveniente de antigas escavações. Sempre que os dados o permitiram, discorreremos sobre a "afinação" cronológica dos mesmos, sobre a distribuição espacial de cada horizonte cronológico-cultural identificado e tentámos estabelecer eventuais continuidades entre eles.

Como metodologia de trabalho utilizámos a comparação dos materiais reavaliados com séries artefactuais bem contextualizadas e datadas pelo radiocarbono.

A apresentação de cada povoado foi efectuada segundo quatro *itens* a saber: introdução, escavação, síntese e catálogo. No primeiro, introduzimos a localização administrativa e a identificação topográfica sumária. Procedemos ainda a um pequeno historial das intervenções arqueológicas efectuadas em cada local, seguidas das problemáticas por elas levantadas. No segundo, analisámos detalhadamente a bibliografia de cada estação tentando estabelecer as sucessões estratigráficas encontradas, as estruturas e o espólio correspondente. Na síntese tentámos estabelecer os níveis de ocupação de cada povoado e a eventual articulação entre eles, tarefa que se mostrou, por vezes, de grande dificuldade. No catálogo usámos sempre os mesmos critérios de apresentação formal e classificámos todos os fragmentos cerâmicos segundo a tabela de formas que efectuámos. A utilização de termos como pote, potinho/púcaro, taça carenada, entre outros, foi mantida por uma questão de inteligibilidade de leitura. A referência exclusivamente numérica torna os textos áridos, de leitura mais difícil, embora, eventualmente, mais correctos.

Não queremos terminar sem admitir que este trabalho enferma de algumas deficiências, a que somos alheios. Com excepção das escavações de M. Martins no Monte de Santa Marta da Falperra, em 1984, não tivemos acesso aos cadernos de

campo, nem à totalidade das plantas e perfis dos restantes povoados. Se para o Alto da Cidade, obtivemos toda a documentação existente, embora, por vezes, deficiente para o tipo de estudo que gostaríamos de realizar, para o Castelo de Faria, onde se efectuaram campanhas arqueológicas, em 1978, e entre 1981 e 1984, não possuímos nenhum perfil. Apenas se conhece uma planta antiga, com a localização das estruturas descobertas até aos meados do século (ALMEIDA 1982a). Do Castro de Lanhoso, escavado em 1982, tivemos acesso ao relatório de escavação, entregue ao então IPPC, bem como a um pequeno artigo (PETRUSO 1982). Em ambos os trabalhos estão ausentes quaisquer perfis, embora se publique uma planta da área de escavação com a implantação da quadrícula. Para o Alto da Torre, contamos com um perfil das sondagens efectuadas em 1978 e para o povoado de Roriz, com dois, também de escavações de 1978. Foram ambos publicados por C. A. B. de Almeida *et al* (1980).

Nestas condições, não é fácil dissertar sobre a localização espacial de determinadas camadas de ocupação, perceber níveis de transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro ou ajuizar sobre aspectos de continuidade ou descontinuidade de ocupação, entre outros períodos cronológicos. Todos estes condicionalismos fazem das nossas considerações, meras hipóteses de trabalho, por vezes fragilmente argumentadas, pelo que a validade deste estudo se compreende melhor no quadro das questões que poderá levantar.

3.1. ALTO DA CIVIDADE

3. 1. 1. Introdução (Est. X a XIII)

O Alto da Cividade é um sítio arqueológico localizado no topo e início da vertente nordeste de um remate de esporão, de baixa altitude e em paisagem de vale. Localiza-se na freguesia da Cividade, concelho de Braga.

Os primeiros indícios de uma ocupação pré-romana no Alto da Cividade remontam a 1977, altura em que se realizaram trabalhos no limite norte do tabuleiro da Colina de Maximinos e a escavação da sondagem B16. Os trabalhos, sob a orientação técnica e científica de Francisco Alves e Francisco Sande Lemos, continuam em 1979 ano em que se efectuam escavações no quadrante nordeste do Alto da Cividade, designadamente na zona S, onde se detectam novas estruturas e espólio pré-romano.

A primeira referência a estruturas e louça de fabrico manual neste local é efectuada, de forma sumária, por A. Gaspar que insere as cerâmicas no então designado grupo de tipo "Alpiarça" (GASPAR *et alii* 1986:33). Em 1989 M. Delgado fala já de "*...um habitat da Idade do Bronze, que subsistiu, parcialmente, sob os alicerces das construções romanas*" (DELGADO *et alii* 1989: 9).

Uma inserção cronológico-cultural mais precisa destes achados foi efectuada por M. Martins que, em 1990, os assume como do Bronze Final e classifica o local como um povoado de fossas (MARTINS 1990: 81). Esta interpretação é subscrita por A. Dinis (1993: 36-37).

Nos finais de 1995 e inícios de 1996 novas sondagens são efectuadas na confluência das ruas Dr. Rocha Peixoto e de S. Sebastião, por parte do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, sob a direcção técnica e científica de Armandino Cunha. Nesta área, a nor-nordeste da zona denominada Alto da Cividade, vieram a confirmar-se novas evidências de uma ocupação pré-romana.

O objectivo principal que presidiu à reavaliação das antigas escavações foi o de tentarmos precisar a integração cronológico-cultural da ocupação, a distribuição espacial da mesma e a sua identificação funcional.

3. 1. 2. Escavações

As intervenções de 1977 e 1979 apresentam um registo, incompleto, mas elucidativo nalguns aspectos importantes. O de mais difícil interpretação é o perfil do "Muro Norte", aberto por uma máquina e no qual se procedeu a uma limpeza genérica. A estratigrafia bastante complexa, a caracterização sumária da mesma nos cadernos de campo e a ausência de divisões estratigráficas nalgumas áreas, dificultou, em parte, o nosso trabalho

O perfil B-B não oferece grandes dificuldades de leitura. As camadas estão identificadas e descritas, embora de forma sumária. Quanto ao quadrado B16, faltam-nos indicações pormenorizadas sobre a metodologia de escavação e sobre o enchimento da fossa aí encontrada, bem como eventuais perfis e plantas. Existe, no entanto, um bom registo fotográfico da estrutura mais antiga, acompanhado de escala. Os dados relativos a 1979 são um pouco mais completos. No sector S abriram-se cinco quadrados de 4m x 4m, orientados a noroeste e designados por S1, S2, S3, S4 e S5. Após a decapagem da camada humosa, a escavação realizou-se por níveis artificiais. Todos os perfis foram desenhados, na escala 1: 20 e cotados segundo o ponto topográfico N.º 1, referenciado na planta.

Em 1995 e 1996 a área de intervenção foi subdividida em dois sectores, o A e o B, distanciados entre si 24m. A quadrícula que os cobria, com quadrados de 4m x 4m, orientava-se segundo o Norte magnético. No sector A foi apenas aberto o quadrado 105 e no B parte dos 705 e 805, por vicissitudes do terreno e devido à construção de estruturas actuais. Aqui, as camadas detectadas em ambos os cortes foram numeradas de

cima para baixo, com algarismos árabes, por vezes subdivididas por letras, quando tal se tornou necessário. As estruturas foram indicadas com numeração árabe. Todas as estruturas e perfis foram desenhados, cotados, fotografados e filmados.

O espólio de todas as intervenções encontra-se no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

3. 1. 2. 1. *Escavações de 1977* (Est. XIII)

Perfil do "Muro Norte"

Estratigrafia, estruturas e espólio (Est. XIV)

Este perfil, de grande dimensão, apresenta uma estratigrafia algo complexa. De uma forma geral, sobre a arena, existe uma camada de terra negra, com bastantes calhaus quartzíticos, na qual se abriram, no saibro, várias fossas de morfologia variada. Na designada zona 1 conseguimos descrever o enchimento de duas destas estruturas que denominámos de fossa 1 e fossa 2. Na zona 3, detectámos outras três estruturas abertas no saibro (fossas 3, 5 e 6). Noutras "banquetes" deste perfil apareceu outra fossa aberta no saibro que designámos de 4.

Fossa 1

- Camada 8: caracterizava-se por terras de cor negra, com calhaus quartzíticos.
- Camada 8b: caracterizava-se por terras de cor castanha.

Fossa 2

- Camada 8: caracterizava-se por terras de cor negra, com calhaus quartzíticos.
- Camada 9: caracterizava-se por terras de cor acinzentada.

N.º DA FOSSA	MORFOLOGIA/PERFIL	DIMENSÕES (larg. x prof.)
Fossa 1	Subcircular	0,80m x 0,40m
Fossa 2	Rectangular (cortada)	0,66m x 0,60m
Fossa 3	Sub-rectangular	1m x 0,90m
Fossa 4	Sub-ovóide (estrang. de boca)	c. 0,82m x 1,12m
Fossa 5	Sub-ovóide (irregular)	1,08m x 1,30m
Fossa 6	Subcircular	0,90m x 0,56m
Fossa 7	Sub-ovóide	c. 0,82m x 1,04m

Na zona 1, a camada de terra negra continha fragmentos de panças cerâmicas que Francisco Sande Lemos classificou como pré-romanas. Também na fossa 1 e 5 ocorreram, igualmente, fragmentos cerâmicos. Não foi possível observar este espólio por razões alheias à nossa vontade.

Perfil B-B (Est. XV-1)

Estratigrafia, estruturas e espólio

A limpeza do perfil B-B, localizado a este da estrutura romana conhecida por "Casa da Bica", permitiu verificar a existência de 6 camadas estratigráficas. A última, assente directamente sobre a arena granítica e designada por 5, não continha espólio de época romana, ao contrário da que se lhe sobrepunha.

-Camada 5: caracterizava-se por terras de cor muito negra, com grande quantidade de calhaus de quartzo.

Nesta camada nota-se o que parece ser uma fossa aberta no saibro, com 1m de largura no sentido norte-sul e mais de 54 cm de profundidade¹⁵⁷ (fossa 8). Uma pequena

¹⁵⁷-O desenho de campo parece indicar que não se teria limpo o perfil até à base desta estrutura.

depressão na arena, de cerca de 10cm de profundidade, por 22cm de largura poderá corresponder a um buraco de poste. Não foi analisado o eventual espólio proveniente desta camada.

Sondagem B16

Estratigrafia, estruturas e espólio

Na base da sondagem B16, foi detectada uma fossa aberta no saibro, de planta, aparentemente, circular, com cerca de 60cm de diâmetro. Continha um enchimento de terra muito negra. Desconhecemos se foi escavada e se continha espólio.

3. 1. 2. 2. *Escavações de 1979* (Est. XIII)

Quadrado S2

Estratigrafia e estruturas (Est. XV-2)

No decorrer dos trabalhos realizados nesse ano foi aberto um perfil no sentido norte-sul, pelo lado este, a meio do quadrado S2. Este apresentava 2 camadas estratigráficas. A primeira designada por "0" correspondia à camada humosa e a 1, com algumas subdivisões, poderá atribuir-se à época romana ou a revolvimentos posteriores a este período. Em parte perturbada pela camada 1 foi detectada uma fossa aberta no saibro (fossa 9), cujo enchimento passamos a discriminar:

- Camada 1: caracterizava-se por terras de cor negra, com muito quartzo. Corresponde à perturbação da camada superior.
- Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas escuras, com bolsas de arena granítica. No topo desta camada existe um bloco lítico de dimensões médias. Na parte intermédia ocorre uma deposição sub-horizontal de carvões aglomerados, com 10cm de espessura média.
- Camada 3: caracterizava-se por terras de cor castanha clara.

Esta fossa, de perfil ovóide, tinha cerca de 1,20m de profundidade, por 1,20 de diâmetro de bordo, no sentido norte-sul. As características da camada 1, bem como a inclinação do bloco pétreo na parte superior da 2, fazem-nos pôr a hipótese de uma deposição por arrastamento de, pelo menos, parte desta estrutura.

Espólio

Cerâmicas (Est. XX)

Na concentração de carvões da camada 2 exumaram-se 2 bordos. Um deles, com perfil completo, correspondia à forma 15, i. é, a uma urna. O segundo a um pote da forma 1.

A urna, de pasta arenosa mediana/fina apresentava algumas partículas de mica que cremos da própria argila, tinha as superfícies polidas e era de cor castanha. No interior da base existiam ainda restos de matéria orgânica. Toda a parede inferior interna tinha uma coloração mais escura.

O pote 1, de pasta grosseira, cor bege, também com alguma mica da argila, não indiciava vestígios de fuligem e tinha um diâmetro médio/grande.

3. 1. 2. 3. Escavações de 1995/1996 (Est. XIII)

Sector A

Estratigrafia e estruturas (Est. XVI, XVII, XIX)

A escavação do quadrado 105, permitiu verificar a existência de um perfil com cerca de 4,30m de profundidade, onde se inscreviam 12 camadas estratigráficas e 2 fossas abertas no saibro. A observação das estruturas e do espólio levou-nos a concluir que nenhuma das 12 camadas correspondia a uma ocupação da Idade do Bronze, pelo

que considerámos dispensável a sua descrição. Apenas as fossas, uma conservada por baixo de um muro romano (fossa 10), e a outra, preservada por uma camada de saibro (fossa 11), merecem a nossa atenção especial, por estarem, se não no todo, pelo menos em parte, bem conservadas.

Fossa 10

-Camada 16: caracterizava-se por terras de cor negra, argilosas finas, de fraca compacidade, com pedra miúda e algumas pedras dispersas, de granito e quartzo .

Fossa 11

-Camada 13: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, argilosas finas, de pequena compacidade, com carvões, cascalho e pedra miúda, de granito e quartzo .

-Camada 14: caracterizava-se por terras de cor bege acinzentada, argilosas finas, de pequena compacidade.

-Camada 14a: caracterizava-se por terras de cor bege amarelada, argilosas finas, de pequena compacidade.

-Camada 15: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, argilosas finas, de pequena compacidade, com carvões dispersos.

A fossa 10, de perfil troncocónico, com cerca de 1,30 x 1,18m de abertura de boca, tinha 89cm de profundidade máxima e foi, em parte, alterada por um muro construído por cima. A fossa 11, detectada no perfil Este, apresentava forma sub-ovóide, 1,10m de abertura de boca, no sentido norte-sul e tinha cerca de 1,12 m de profundidade.

Espólio

Cerâmicas (Est. XXI, XXII)

Os fragmentos cerâmicos técnica e morfologicamente enquadráveis na Idade do Bronze (18 ex.) recolheram-se na fossa 10, onde eram exclusivos, nas várias camadas da base do quadrado, onde se misturavam com material de construção romano e na camada

humosa. Este pormenor parece indicar a destruição total da camada de ocupação da Idade do Bronze com a qual se relacionariam as fossas abertas no saibro.

DISTRIBUIÇÃO DA CERÂMICA DA IDADE DO BRONZE POR CAMADAS		
CAMADA/ESTRUTURA	N.º DE FRAGMENTOS	FRAGMENTOS
Camada 1	3	Panças
Camada 7	5	Panças
Camada 8 (base do muro 2)	2	1 pança; 1 bordo
Camada 12	3	2 panças; 1 base
Fossa 11, camada 13	5	4 panças; 1 base

Distribuição da cerâmica da Idade do Bronze por camadas.

A maioria dos fragmentos de fabrico manual era de pasta arenosa (94%), contra 1 de pasta arenosa/micácea (6%). Predominavam as texturas grosseira (83%), embora estivessem representadas as medianas/finas (17%). Os acabamentos podiam ser alisados (88%), vassourados (6%) ou polidos (6%). Estes últimos manifestavam-se sempre em panças de textura mediana/fina. A cozedura era de uma maneira geral regular (78%), mas existiam indícios de peças mal cozidas (22%). Apenas num apareceram lípidos na superfície interior de uma pança de cor alaranjada. As tonalidades destas cerâmicas variavam entre os alaranjados e os castanhos.

Formas

A única forma detectada corresponde a um potinho/púcaro, de bordo vertical, de lábio adelgado, textura grosseira, superfícies alisadas, má cozedura e perfurada na pança. O diâmetro de boca ultrapassa pouco os 10cm.

Bases

A base encontrada na camada 12 apresenta fundo plano, textura grosseira, má cozedura e acabamento rugoso no interior. Era de cor castanha alaranjada com um

diâmetro, entre os 19 e os 29cm. A da fossa 11, de pequenas dimensões, era também de textura grosseira, mas alisada e contendo material orgânico.

Decorações

A única peça decorada era uma pança com impressões quadrangulares ténues, dispostas em 3 fiadas e formando, aparentemente uma banda. A pasta era de textura grosseira e a cor castanha alaranjada.

2. Ecofactos

Recolheram-se terras de ambas as fossas para análises da composição química dos solos, para extracção de madeira carbonizada e eventuais sementes e frutos passíveis de estudo pormenorizado. As amostras foram enviadas para a Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela e não foram estudadas por razões alheias à nossa vontade.

Sector B

Estratigrafia e estruturas (Est. XVIII)

A escavação de parte dos quadrado 705/805, tornou possível a identificação de um perfil com cerca de 2m de profundidade máxima, onde se inscreviam 9 camadas estratigráficas. A observação atenta da estratigrafia e do espólio permite admitir, com exclusão da camada 9 (directamente sobre o solo de base), que todas as outras correspondiam a épocas históricas. Dispensámos a sua descrição por motivos óbvios, apenas valorizando a que corresponde à Idade do Bronze:

-Camada 9: caracterizava-se por terras de cor castanha ou castanha escura, bastante argilosas, de pequena compacidade, com cascalho e pedra miúda dispersos, de granito e quartzo . Ocorre

apenas na metade Sul do quadrado, em zona não perturbada por uma grande vala de fundação aberta em época posterior.

Esta camada parece relacionar-se com dois ou três possíveis buracos de poste. Um deles, cortado na arena granítica, possuía cerca de 24cm de diâmetro por 4cm de profundidade e continha cerâmica. Um outro, de planta rectangular, apresenta 40cm de comprimento por 26 de largura e 16 de profundidade. Um terceiro (?), na base da camada 9, aparece apenas esboçado no perfil oeste.

Espólio

1. Cerâmico (Est. XXIII)

O espólio desta camada corresponde a 13 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta arenosa, de textura grosseira e cores entre o bege, o alaranjado e o castanho. Todas as superfícies estavam alisadas ou corroídas e não eram evidentes sinais de lípidos ou de outras matérias orgânicas.

Deste conjunto individualizámos 1 bordo e 2 panças decoradas passíveis de estudo mais detalhado.

Formas

O único bordo encontrado, esvasado, correspondia a um pote da forma 4 e apresentava má cozedura. As superfícies encontravam-se corroídas. Não foi possível identificar as suas dimensões.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da aplicação plástica, sob a forma de mamilos alongados em 2 panças, ambas grosseiras, uma delas alisada e a outra corroída, que poderão corresponder ao mesmo recipiente atendendo ao tipo de pasta e de cor.

Na camada 5, de alteração, e sensivelmente à mesma cota da 4, detectámos, ao lado de espólio de várias épocas, um fragmento de pança com características técnicas inseríveis na Idade do Bronze. Esta ocorrência só vem provar a alteração da camada 4, cortada para a implantação de uma estrutura pós-romana.

Comentário ao Espólio

Uma análise global do espólio cerâmico (33 fragmentos) demonstrou pouca variedade formal e escassez de decoração (3 ex.).

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	4
Bases	1
Panças decoradas	3
TOTAIS	8

A esta pequena quantidade de bordos correspondem três formas.

FORMAS	QUANT	(%)
Potes	2	(50%)
Potinhos/púcaros	1	(25%)
Urna	1	(25%)
TOTAIS	4	(100%)

Entre os potes destacamos a forma 1 e a 4, ambos sem vestígios de fuligem. Um deles, bem como o potinho/púcaro eram de má cozedura. Com excepção da forma 15, todas as outras eram de texturas grosseiras e alisadas. Os diâmetros variam entre os pequenos (potinho), os médios (urna) e os médios/grandes (pote 1).

Identificaram-se duas técnicas decorativas: a plástica, através de mamilos alongados, aparentemente do mesmo recipiente e a impressa, com 1 banda composta por pequenos rectângulos muito ténues.

3. 1. 3. Síntese

A sequência estratigráfica, as estruturas encontradas e o tipo de espólio associado indica a existência, no Alto da Cividade, de uma ocupação atribuível à Idade do Bronze. Apesar das dificuldades em interpretar os perfis de 1977 e da destruição de parte da camada deste período, a fraca potência estratigráfica da camada da Idade do Bronze, bem como o tipo de estruturas, que nunca se sobrepõem. podemos admitir estarmos perante um só momento de ocupação, que se teria desenvolvido, quer na plataforma superior, quer no início da vertente nordeste.

A distribuição espacial das estruturas e o conjunto do espólio, embora pouco abundante, parece espalhar-se por uma área considerável. Este conjunto de dados poderá apoiar, ainda que como hipótese académica, um tipo de ocupação de curta/média duração.

Quanto à operacionalidade deste local parece possível admitir que tenha funcionado como "povoado" de vocação essencialmente agrícola, ocupado ou reocupado durante o ciclo vegetativo de algumas plantas. As características deste sítio que se coadunam com esta hipótese de trabalho são:

- localização geográfica, junto de solos agrícolas, bem irrigados,
- proximidade da importante reserva de água para o homem e animais, constituída pelo vale do Este.
- proximidade do corredor de transporte e de escoamento de bens, constituída pelo vale do Este ou do Cávado;
- número considerável de estruturas em fossa, na plataforma superior, local de boa drenagem;

- perda da função original de algumas fossas ainda na Idade do Bronze, visível pelas características e topografia da disposição das camadas no seu interior. Fossas com funções sepulcrais ou rituais teriam tendência para permanecerem invioláveis, atendendo ao seu carácter simbólico;
- presença de uma base cerâmica de grandes dimensões reveladora da existência de vasos de provisões;
- existência de espólio cerâmico (potes das formas 1 e 4), sem vestígios de fuligem ou indícios de gorduras, para transporte ou armazenagem de produtos secos;
- a presença de actividades associadas às tarefas diárias pode testemunhar-se pela existência da forma potinho/púcaro, bem como de uma pança com vestígios de lípidos no interior, atestando a transformação de ingredientes.

É certo que nos faltam as estruturas de habitação, as lareiras, os moinhos, a presença de restos arqueozoológicos, as sementes e os resultados da antracologia para uma melhor reconstituição funcional, paleo-ambiental e paleoclimática desta jazida. Neste sentido todas as nossas hipóteses deverão encarar-se como questões que levem a novas intervenções arqueológicas neste local, bem como a uma análise criteriosa do espólio encontrado nos trabalhos de 1977, quer na camada interpretada como pré-romana, quer nas subseqüentes.

Na ausência de datas de radiocarbono tentámos uma inserção cronológica deste povoado baseada em paralelos com contextos similares do Norte e Centro de Portugal. As características genéricas deste local são conhecidas, no Noroeste de Portugal, desde a 1ª metade do II milénio até ao 1º quartel do I milénio AC¹⁵⁸. Se estas balizas

¹⁵⁸-Entre os povoados de fossas mais antigos destaca-se o da Sola II, em Braga (BETTENCOURT 1991/1992; 1996) e a primeira fase da Bouça do Frade, em Baião (S. JORGE, com. pessoal). Na transição do II para o I milénio AC contamos com o povoado de Santa Ana, em Chaves (P. M. SANTOS 1995: 117 e com. pessoal). Para o 1º quartel do I milénio AC, salientamos o da Santinha I e II, em Amares (BETTENCOURT 1997), o da Lavra II, em Marco de Canaveses (SANCHES 1995: 116) e a última fase da Bouça do Frade, ambos em Baião (JORGE 1988: 64).

cronológicas são ainda demasiado latas, vejamos os paralelos para o conjunto do espólio. De uma forma geral os potes das formas 2 e 4 e o potinho/púcaro são também elementos de grande pervivência temporal. Apenas a forma 15 parece enquadrar-se em parâmetros cronológicos mais curtos. Aparece, no Norte de Portugal, em contextos de povoado no 1º quartel do I milénio AC, nomeadamente, em S. Julião Ib - Vila Verde e Castelo de Matos - Baião (DINIS 1991/1992: 128, Est. II). Na Beira Alta, estas peças aparecem no Horizonte Baiões/Santa Luzia, dos finais da Idade do Bronze, embora se prefigurem no Bronze Inicial/Médio da mesma área (SENNA-MARTINEZ 1995: 81 - 83). Na Beira Interior, insere-se no último quartel do II milénio AC no povoado do Monte do Frade¹⁵⁹ (VILAÇA 1955: 153, 155, 162) e entre o séc. XIII ao IX AC no povoado da Moreirinha (*Id. ibidem*: 232, 236).

Assim, ainda que provisoriamente e baseados nos paralelos mais próximos, os do Norte de Portugal, inscrevemos o povoado do Alto da Cividade, no 1º quartel do I milénio AC. Em abono desta cronologia salientamos ainda a presença da decoração mamilar alongada, comum neste período em vários povoados da região, como o de S. Julião Ia, Ib e Ic e o da Santinha I.

¹⁵⁹-Não contemplámos a data de radiocarbono ICEN - 970, por apresenta um desvio padrão de ± 100 .

3. 2. CASTELO DE FARIA

3. 2. 1. Introdução (Est. XXIV, XXV)

O Castelo de Faria é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se nas freguesias de Gilmonde e Milhazes, concelho de Barcelos.

As primeiras intervenções "arqueológicas", da responsabilidade do Grupo dos Alcaldes de Faria, datam de 1929 e de 1932 a 49, sem carácter de continuidade (ALMEIDA 1982a: 81-82). Destes trabalhos resultou a descoberta de estruturas de habitação, na acrópole, nas vertentes este e sudeste e de vários panos de "muralhas", bem como de inúmeros artefactos que permitiram integrar o povoado no Ferro Recente, na Romanização e na Idade Média. De todas estas intervenções resultaram, apenas artigos pontuais e muito incompletos, no Boletim dos Alcaldes de Faria. Em 1978, Abílio Américo de Faria¹⁶⁰, parece ser o responsável pela abertura de uma vala de sondagem, a qual é publicada, parcialmente, sem qualquer perfil ou planta (COSTA *et alii* 1980). Entre 1981 e 1984 C. A. B. de Almeida dirige novas escavações no local. Destes trabalhos resultaram, também, publicações sumárias onde o autor oscila em considerar a cerâmica de tipo "Penha" como do Bronze Final (ALMEIDA 1985b: 51) ou do Calcolítico (ALMEIDA 1985c: 51). Nessa data admite também ocupações desde a 1ª Idade do Ferro à Idade Média (ALMEIDA 1985c: 51-52). Posteriormente sugere uma ocupação Calcolítica e outra dos séculos VII-VI a. C. para este povoado (ALMEIDA 1990: 55 e 266-267; ALMEIDA 1996: 344).

O objectivo principal que presidiu à reavaliação do espólio deste sítio arqueológico foi o de tentarmos precisar a cronologia da(s) ocupação(ões) anteriores à

¹⁶⁰-Informação de C. A. B. de Almeida, a quem agradecemos a autorização para reavaliar o espólio do Castelo de Faria, da citânia de Roriz e do Monte do Facho.

Idade do Ferro, a identificação de cerâmicas enquadráveis nos inícios do Ferro Inicial e a distribuição espacial dessas ocupações.

3. 2. 2. Escavações

Estratigrafia e estruturas (Est. XXVI, XXVII)

Das primeiras intervenções não há qualquer registo estratigráfico. Dos trabalhos realizados, em 1978, sabemos que se efectuou uma vala de sondagem, na vertente noroeste do povoado¹⁶¹. Nela foram encontrados 8 camadas estratigráficas, num perfil com 1,50m de profundidade, onde se distinguiram quatro pavimentos, que selavam várias camadas. O responsável pelos trabalhos salienta que a estratigrafia apresentava um "...*carácter seguido*..." com espólio bem definido cronológico-culturalmente, com excepção da camada 8. Aqui, a cerâmica de fabrico manual e a presença de um vaso carenado, tornaram difícil a integração cronológica (COSTA *et alii* 1980: 22).

As escavações de C. A. B. de Almeida, em 1981, incidiram na vertente sudoeste¹⁶² do povoado, em área adjacente às construções aí descobertas, onde abriu quadrados de 4 x 4m. A esta zona denomina de Sector A (ALMEIDA 1985b: 50-51).

Este autor não efectua qualquer descrição estratigráfica mas refere que só os estratos superiores foram escavados. Neles identifica novas construções habitacionais e espólio que insere na romanização, embora notifique a presença de fabricos da Idade

¹⁶¹- Na publicação de 1980 (COSTA *et alii* 1980: 22), os autores referem ter aberto uma vala de sondagem, na vertente norte-sul, entre a muralha da acrópole e a seguinte, em terreno inclinado. Como esta informação nos pareceu confusa, apurámos, junto de C. A. B. de Almeida, a localização exacta da escavação. Esta foi realizada a Noroeste e parece corresponder ao sector B.

¹⁶²- O autor diz Nordeste, por lapso, pois refere que as escavações se efectuaram em área adjacente à casa 4 que assinala numa planta antiga (ALMEIDA 1982a: 84 a 87).

Média, de escorrência. Abre, igualmente, uma sondagem no exterior da 3ª muralha (sector C?), onde diz ter encontrado, em camadas subjacentes a esta estrutura, cerâmicas de tipo "Penha" e "bouquique" (ALMEIDA 1982a; 1985b: 50-51). Em 1982 continua os trabalhos anteriores, escavando no interior de algumas habitações, sem precisar em que sectores ou áreas do povoado (ALMEIDA 1985b: 51). Refere, ainda, a recolha, em vários quadrados, equidistantes, de cerâmicas de tipo "Penha", embora especifique não ter encontrado estruturas associadas. Além desta ocupação, assume a existência de outras da Idade do Ferro e da Romanização, separadas da primeira por um hiato ocupacional.

Em conversa mantida com este autor precisámos que, em 1983, efectuou limpezas na plataforma superior e realizou escavações na vertente noroeste, onde prolongou a vala de sondagem de 1978. Em 1984 efectua escavações na acrópole e continua os trabalhos no sector A, i. é, na vertente sudoeste.

Apesar destas informações e das recolhidas em C. A. B. Almeida (1996), continuámos a ter dificuldades em enquadrar espacialmente todo o material observado, por falta de uma planta do povoado com a implantação das quadrículas, que se esperava encontrar na sua dissertação de doutoramento.

Espólio

Observámos todos os fragmentos cerâmicos depositados no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos. A distinção entre os artefactos Calcolíticos, da Idade do Bronze e do Ferro Inicial operou-se através de critérios técnicos, formais e decorativos, por comparação com séries contextualizadas cronológico-culturalmente.

O espólio atribuível ao Calcolítico é vasto e variado em termos decorativos, embora não seja possível comprovar a sua contemporaneidade. Existem cerâmicas

decoradas com incisões metopadas de tipo "Penha", penteadas, com puncionamento arrastado e impressas, com pequenos círculos (Est. XXVIII).

Espólio da Idade do Bronze (Est. XXIX a XXXIX)

Isolámos cerca de 800 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, de pasta arenosa e arenosa/micácea, de textura grosseira e fina. Considerámos, igualmente, deste período, um fragmento de machado, encontrado em associação com algumas cerâmicas, na zona mais elevada da área circunscrita pela 2ª muralha, ou seja, perto da acrópole (ALMEIDA 1996: 342), uma "sanguessuga" e um provável coto de lança, em bronze.

FRAGMENTOS CERÂMICOS	QUANT
Bordos	100
Bases	26
Panças decorados	7
Panças carenadas	8
Panças carenadas/decoradas	1
Asas	17
Discos	2
TOTAIS	159

A este número considerável de bordos, corresponde uma grande diversidade formal. Salientamos a fraca percentagem de decorações (6%)¹⁶³ e o aparecimento de 2 discos.

¹⁶³-Quantificámos as panças e os fragmentos de bordo que apresentavam decoração sobre as panças.

FORMAS	QUANT	(%)
Potes	45	(45%)
Potinhos/púcaros	11	(11%)
Taças carenadas	4	(4%)
Malgas	3	(3%)
Panelas de asa interior	2	(2%)
Indeterminadas	35	(35%)
TOTAIS	100	(100%)

A maioria dos bordos corresponde a potes de morfologia variada e a potinhos/púcaros (56%). Estes últimos são, em grande parte, de textura mediana/fina (82%) e de superfícies polidas (73%). Alguns fragmentos têm vestígios de fuligem ou de lípidos (18%). As taças carenadas apresentam texturas finas (75%) e grosseiras. As malgas foram fabricadas em pastas arenosas.

POTES	FORMAS	(%)
Pote 1	18	(40%)
Pote 1b	6	(13%)
Pote 1c	2	(5%)
Pote 2	18	(40%)
Pote 7	1	(2%)
TOTAIS	45	(100%)

É curioso verificar, entre os potes, a presença de bordos em aba soerguida e em pequena aba horizontal, ainda em pastas arenosas grosseiras. Com exceção de um deles, aparecem todos em camadas de ocupação da Idade do Bronze, na vertente este do povoado.

A inexistência de fuligem nas formas 1b e 1c, de diâmetros médios e grandes indicia peças para armazenagem ou transporte. O mesmo se poderá dizer de muitas das formas 1 e 2, de médias e grandes dimensões.

Apesar da escassa percentagem de cerâmicas decoradas detectámos as técnicas da impressão, da incisão e a plástica. As incisões manifestam-se através de espatulamentos muito ténues e de "bouquique", a impressão através de dedadas e a plástica, através de cordões horizontais e de mamilos. Todos estes elementos se distribuem sobre as panças.

As asas deverão pertencer essencialmente a púcaros, pois as secções são quadrangulares, rectangulares e triangulares, em 71% dos casos. Apenas duas, uma circular e outra oval poderão associar-se a panelas de asa interior. As restantes são indetermináveis.

Todas as bases identificáveis são de fundo plano.

Espólio de transição Bronze/Ferro ou do Ferro Inicial

Verificámos que muitos dos fragmentos micáceos eram de fabrico manual, com panças de textura grosseira, por vezes com palhetas de mica de grande calibre e mal distribuídas.

Além das panças simples identificámos alguns bordos, 1 base, 1 pança decorada e 1 cossoiro. Os bordos correspondem a uma grande monotonia de formas, talvez, pela escassez da amostragem. Classificámos apenas as formas 1b, 1c e 2, pertencentes a potes. A única base estudada pertencia a um fundo plano e a pança era decorada com um cordão inciso.

3. 2. 3. Síntese

Na quase total ausência de dados sobre a estratigrafia e as estruturas encontradas nas escavações deste povoado, usámos as siglas do espólio cerâmico e a análise do material de cada camada para estabelecermos sucessões de ocupação.

Segundo esta fonte foi possível admitir, para a **plataforma superior** do povoado, três momentos de ocupação. O mais recente, também materializado por estruturas pétreas, corresponde à Idade Média. Um momento intermédio, ter-se-ia desenvolvido durante o Ferro Recente e/ou Romanização e a fase mais antiga inserir-se-ia na Idade do

Bronze. Cremos que o espólio da área de escavação denominada de "Fossa da Casa Grande", o das camadas 3 e 6 da área da "Porta do Lado Norte" e a sua presença, apenas a partir da camada 4, da área do "Cast. R. sul", poderão indiciar ocupações deste período, ainda *in situ*, embora C. A. B. (1996: 344) refira que os fragmentos da Idade do Bronze⁷, na acrópole, se encontram em níveis de revolvimento. Não são conhecidos indicadores artefactuais da Idade do Ferro Inicial, pelo que, na ausência de outros dados, admitimos uma descontinuidade de ocupação, nesta zona do povoado.

No sector A, **vertente sudoeste**, confirmam-se vestígios da Idade do Bronze, quer através da estratigrafia invertida, quer de vários níveis de ocupação. Documentam-se na área denominada "Casa Redonda", quadrado XV, camadas 10 e 12a. Nesse sector apareceram "*...restos de uma estrutura feita à base de elementos vegetais*" que C. A. B. Almeida (1996: 344) considerou deste período.

Na **vertente noroeste**, o material das escavações de 1978, proveniente das camadas 6, 7 e 8, indicia uma ou várias ocupações da Idade do Bronze. C. A. B. de Almeida ao escavar, também, nesta área do povoado, admite a existência de espólio pobre mas enquadrável neste período (com. pessoal).

A análise do material de escavações em **locais que desconhecemos** revelou uma maior diacronia de ocupação. Aparecem elementos atribuíveis ao Calcolítico, nas vertentes este e sul¹⁶⁴ e na camada 3 do quadrado XLIII, onde detectámos uma grande acumulação de cerâmicas deste período. Não sabemos interpretar esta ocorrência pois desconhecemos se se tratava da última camada deste quadrado, pelo que as reservas a uma ocupação *in situ*, são muitas. Salientamos, no entanto, que nas últimas camadas do quadrado LVIII (cam. 17 e 18), existia grande quantidade de cerâmica calcolítica, embora em associação com outras da Idade do Bronze, o que poderá indiciar revolvimentos durante este período de uma ocupação mais antiga. Além das camadas referidas, à Idade do Bronze podemos também atribuir as 16, 17 e 18 do quadrado

¹⁶⁴- A este propósito diz C.A. B. Almeida (1996: 341) que "*A fazer fé nos achados cerâmicos que se estendem desde a base da muralha que rodeia a acrópole (M1), até à base exterior da M3, esta (ocupação do Calcolítico) espalhar-se-ia pela encosta nascente e sul à sombra das volumosas penedias*".

LXVIII, contíguos, a 11 do quadrado LXXIV/LXXV e a 10 F do quadrado LXIV/LXV (?). Na 17 do quadrado LXVIII apareceu argila de revestimento com impressões vegetais e material de construção de estruturas percíveis. Eventualmente, alguns destes quadrados e camadas ficariam nas vertentes este e sudeste (sector C), onde C. A. B. de Almeida (1996: 344) diz ter ocorrido "*...uma sucessão de pisos e lareiras, sem qualquer estrutura pétreia relacionável!*"

Em **suma**, podemos dizer que no povoado de Faria existem dois grandes **momentos de ocupação**, anteriores à Idade do Ferro: o mais antigo integra-se no Calcolítico e o seguinte, na Idade do Bronze. As relações entre estas duas fases não são claras e, obviamente, só novas escavações no local poderão contribuir para esclarecer esta problemática.

O espólio do Calcolítico, paraleliza com o de muitos povoados da região, embora, não se conheçam, em nenhum deles, contextos de ocupação, estruturas e datações radiométricas. Integramo-lo, genericamente, entre os meados do IV e os meados do III milénio AC, por comparação com espólio semelhante no Nordeste do país.

Se para a ocupação do Calcolítico não temos dados para avaliar da sua distribuição espacial na área do povoado, com excepção da referência às vertente este e sul, sabemos que, durante a Idade do Bronze, Faria foi habitada na acrópole e na vertentes noroeste, este e sudeste (ALMEIDA 1996: 340 e segs.).

Para estabelecer a cronologia das possíveis ocupações deste período apenas nos podemos servir das analogias com povoados onde a cerâmica se encontra bem contextualizada e datada. Assim, com todas as reservas que a investigação obriga, não podemos deixar de nos interrogarmos sobre a cronologia das camadas 17 e 18 do quadrado LXVIII e da 18 do quadrado LVIII, contíguos. Aqui, apenas registámos formas de potes, potinhos/púcaros e malgas. Entre os primeiros, destacamos a grande percentagem da forma 1b, em pasta arenosa, que representa 83% do total desta forma no

povoado¹⁶⁵, acompanhada das formas 1, 2 e 7. De referir que esta última apenas aparece neste contexto (Est. XXIX, XXX).

Os paralelos para este tipo de associação formal apenas se conhecem em contextos do 2º quartel do II milénio AC, no povoado da Sola, em Braga. Também aqui, a forma 7, bastante comum e a 1b, com alguma expressão, se associam aos potes 1 e 2 e aos potinhos/púcaros. Embora não possuindo dados seguros para datar as camadas de Faria, em questão, não excluimos a hipótese de se poderem inserir no II milénio AC. Em abono de uma ocupação antiga neste povoado, recordamos a descoberta, em contextos desconhecidos, de fragmentos cerâmicos de tipo "Cogotas I", com decoração "bouquique" formando grinaldas (Est. XXXIX) e de um possível vaso troncocónico referenciado por S. Jorge (1986 IB: 818).

Há, no entanto, outras camadas, subjacentes às referidas, com materiais da Idade do Bronze que paralelizam com ocupações dos finais do II milénio aos inícios do 2º quartel do I milénio AC da região, como as que encontramos em S. Julião Ia, Ib e Ic (Vila Verde), Barbudo I (Vila Verde) (MARTINS 1989a), Santinha I e II (Amares), Castelo de Matos (Baião) (DINIS 1993/1994), Lavra II (Marco de Canaveses) (SANCHES 1995) e Coto da Pena I, (Caminha) (SILVA 1986), pelo que admitimos, para Faria, uma grande diacronia de ocupação, durante a Idade do Bronze (Est. XXXI a XXXIX).

Um momento de transição Bronze/Ferro parece documentar-se nas camadas 9, 11, 12 e 14 do quadrado LXVIII¹⁶⁶, sobrejacentes a ocupações da Idade do Bronze, o que poderá indiciar continuidade.

Cerâmicas características dos inícios da Idade do Ferro ocorrem nas camadas 9 do quadrado XLIX e na 6 do quadrado L, provavelmente *in situ*. Muito embora não tenhamos registado, nos quadrados analisados, continuidade espacial entre estes níveis e os de transição, pensamos que isso se deverá mais ao facto de não conhecermos a

¹⁶⁵-Em todas as camadas observadas esta forma ocorre 6 vezes, sendo 5 provenientes das camadas mais profundas aqui referenciadas.

¹⁶⁶-Registe-se que não vimos a sucessão estratigráfica completa, ou por corresponder a camadas estéreis ou por não se encontrarem no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

sucessão completa de muitos dos quadrados, pelo que a descontinuidade poderá ser apenas aparente. A verificar-se tal, poderíamos confirmar a assumpção de C. A. B. de Almeida (1996: 342) de que existiu em Faria uma ocupação, "aparentemente sem hiatos", desde o Bronze Final até à romanização.

As potencialidades estratigráficas deste povoado e as novas interrogações que sobre ele se podem levantar tornam urgente a publicação de uma monografia pormenorizada sobre os trabalhos de C. A. B. de Almeida, a limpeza de alguns dos perfis de antigas escavações para obtenção de ecofactos datáveis pelo radiocarbono e, eventualmente, novas escavações, com uma metodologia que se ajuste às problemáticas agora levantadas.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS ATRIBUÍVEIS À IDADE DO BRONZE

Cerâmicas

Recolhas de superfície ou descontextualizadas

Bordos (Est. XXXIX)

[C.F, n.º 188 (sup)] Fragmento de **púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado com asa de prensão lateral, no início da pança. Esta é de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: cerca de 9cm.

Forma 10.

[S/C] Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha no exterior e negra no interior.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1c.

[S/C] Fragmento de **púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado, com asa de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e cor bege/negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior interior.

Diâmetro externo da boca: 17,4cm.

Forma 10.

[S/C] Fragmento de **malga** de bordo reentrante e lábio adelgado arredondado, com decoração bouquique, de tipo "Cogotas I", sob o bordo. Fabrico manual, de pasta arenosa, textura fina, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: >19cm

Forma 22.

[S/C] Fragmento de **malga**, de bordo reentrante e lábio adelgado arredondado, com asa de prensão lateral, no início da pança. Esta é de secção circular. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

[S/C] Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio arredondado, com asa de secção sub-rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 18.

Panças decoradas

[S/C] Fragmento de **pança** com decoração bouquique, com organização decorativa em grinaldas de tipo "Cogotas I". Fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície alisada e cor bege.

Discos

[S/C] Dois **discos** de cerâmica arenosa, grosseira, de cor castanha.

Metais

[S/C] Uma sanguessuga, em bronze.

[S/C] Um coto de lança (?), em bronze, com rebarbas de fundição.

Cerâmicas

Escavações de C. A. B. Almeida na plataforma superior (Est. XXXI a XXXIII)

[C.F- 84 Castelo - Casa Grande (1, 2, 3 e 4)]

Todas estas camadas se encontram revolvidas. O espólio encontrado insere-se na Idade Média, na Romanização e na Idade do Bronze. Descreveremos apenas algumas peças deste último período.

[C.F- 84 Cast.] **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor bege no exterior e negra no interior devido aos vestígios orgânicos que aí se encontram. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 0-10cm.

[C.F- 84 Cast. (2)] Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada .

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pança com decoração** plástica em forma de cordão horizontal, no início da pança. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, textura grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. No interior encontra-se matéria orgânica.

[C.F- 84 Cast. (3)] Fragmento de **pança carenada** com decoração plástica em forma de mamilo alongado, duplamente perfurado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor negra.

[C.F- 84 Cast. (4)] Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Forma 1.

[C.F- 84 Castelo (?) - Casa Grande (fossa)] Todo o material desta fossa é de fabrico manual e de pasta arenosa, com excepção de 1 fragmento micáceo, que consideramos intrusivo.

[C.F- 84 Castelo - Casa Grande] Fragmento de **taça carenada** de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 25cm.

Forma 12.

[C.F- 84 Castelo - entre a muralha e o muro (2)] O espólio exumado indicia uma camada revolvida, com materiais da Idade Média, da Romanização e da Idade do Bronze.

[C.F- 84 Castelo (?) - junto ao muro (Porta)] Nesta zona detectou-se 22 panças, 13 de fabrico manual e pasta arenosa e 9 micáceas, aparentemente, evolucionadas, bem como 1 base de fundo plano, arenosa, de superfície alisada e cor bege.

[C.F- 84 Porta do lado norte (2)] Esta camada parece corresponder a um nível revolvido. Ao lado de cerâmicas enquadráveis na Idade do Bronze há outras inseríveis na Romanização.

[C.F- 84 Porta do lado norte (3)] Esta camada parece corresponder a uma ocupação da Idade do Bronze, pois todas as cerâmicas se inserem neste período com excepção de um fragmento de telha que consideramos intrusivo. Contámos 212 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, muito grosseira (36%), grosseira (63%) e fina (1%), bem como 2 bordos indeterminados, de pasta grosseira e 4 bases de fundo plano, de superfícies alisadas.

[C.F- 84 Porta do lado norte (6)] Contámos 202 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa/micácea (1%) e arenosa (99%), de textura grosseira (97%) e fina (3%), bem como 2 fragmentos com características medievais que considerámos intrusivos.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na face externa.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **taça carenada** de bordo ligeiramente esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 12.

- Fragmento de **taça carenada** de bordo ligeiramente esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29m.

Forma 12.

- Fragmento de **taça carenada** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa com alguma mica da argila, de textura grosseira, superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 12.

- Fragmento de **taça carenada** de bordo vertical e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 12.

- Fragmento de 1 bordo indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
- Fragmentos de 6 bordos indeterminados. Fabricos manuais, de pastas arenosas, medianas e finas, de superfícies rugosas, alisadas e polidas e de cores acastanhadas.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Panças

- A camada apresenta alguns fragmentos de **panças vassouradas**, em ambas as faces.
- Fragmento de **pança carenada**, de pasta arenosa, de textura fina e superfície polida.

Asas

- **Asa** de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

[C.F- 84 R. S.] Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície polida e de cor castanha.

[C.F- 84 Cast. R. S. (1, 2 e 3)] A camada 1 e 2 só apresentam material integrável na Idade Média e na Romanização. A camada 3 poderá corresponder a uma camada de Romanização.

[C.F- 84 Cast. R. S. (4)] Esta camada apesar de poder corresponder a uma ocupação durante a fase da Romanização, pela quantidade de cerâmica comum romana e de louça micácea evolucionada apresenta já vestígios de cerâmicas da Idade do Bronze. São eles:

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/bege. Apresenta fuligem no bordo e colo exterior e matéria orgânica no exterior.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de má cozedura, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 1.

Panças carenadas

- Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, textura mediana, de superfície corroída e de cor castanha.

- Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Escavações de Abílio Américo de Faria, na vertente noroeste (Sector B)

[C.F.R - 78 H (06) e (07)] Nestas duas camadas apenas detectámos espólio atribuível à Idade do Bronze, embora escasso. Sabemos pelo responsável das escavações que a camada 8 também continha espólio de fabrico manual e um vaso carenado. Não detectámos o conjunto artefactual desta camada.

Bordos

- Fragmento de **pot** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no colo e pança exterior.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pot** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **potinho/púcaro** de bordo vertical e lábio grosso arredondado, com asa de secção rectangular, decorada com incisões verticais. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 0-11cm.

Forma 1.

Asas

- **Asa**, de secção sub-rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

- **Asa**, de secção circular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

Escavações de C. A. B. de Almeida na vertente sudoeste (Sector A)

[C.F- 84 Sector A - Casa Redonda (10)] O material desta camada é exclusivamente da Idade do Bronze e corresponde a 7 panças arenosas grosseiras. Pensamos que esta camada e as subjacentes poderão ser aquelas onde C.A.B. de Almeida diz ter descoberto um pavimento, em saibro, por baixo de ocupações do "castrejo final".

[C.F- 84 Sector A - Casa Redonda (12a) e XV (12a)] O espólio da camada é quase, exclusivamente, da Idade do Bronze, com excepção de 8 fragmentos de cerâmica micácea e 1 de cerâmica comum romana, que atribuímos a intrusões de um nível do Ferro Recente.

Quantificámos 68 panças de fabrico manual e de pastas de textura grosseira (97%) e fina (3%). Algumas delas apresentam vestígios de matéria orgânica no interior.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem no bordo e colo externo e interno

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na pança e colo externos.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabricos manuais, de pastas arenosas, grosseiras e finas, de superfícies alisadas e polidas e de cores acastanhadas.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa.

Diâmetro externo da base: <10cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor alaranjada e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

[C.F- 84 **Buraco junto à Casa Redonda (?)**. **Terra preta - XV (a)**] Pelas indicações da sigla pensamos tratar-se do mesmo contexto estratigráfico do que o XV (12a). O interrogado é nosso e corresponde à palavra redonda, inexistente. Salientamos a presença de 15 panças de fabrico manual, de pastas arenosas e de texturas grosseiras (87%) e finas (13%). Há 1 pança de fabrico micáceo.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície rugosa e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1b.

Bases

- **Base** indeterminada, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa, no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Espólio de local desconhecido (Est. XXVIII, XXIX, XXX, XXXV a XXXVIII)

[C.F- 84 XLIII (3)] Esta camada apresenta uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica Calcolítica. Entre eles destacamos os de decoração incisa metopada de tipo "Penha" e os de decoração impressa com uma matriz de pequenos círculos. Estaremos face a uma camada com ocupações Calcolíticas?

[C.F- 81 XLIX (9)] Esta camada apresenta, 5 fragmentos de cerâmica arenosa e 16 panças micáceas, grosseiras. Ambos os grupos são de fabrico manual. Há apenas uma intrusão de cerâmica Romana (?). Desconhecemos a interpretação efectuada sobre esta camada, mas mesmo sendo de revolvimento, torna-se importante por apresentar cerâmicas integráveis na Idade do Ferro Inicial.

[C.F- 81 L (3)] Com excepção de um fragmento de cerâmica incisa metopada de tipo "Penha", todos os outros são micáceas, mas incharacterísticas.

[C.F- 81 L (4)] O único fragmento a salientar é uma **pança com decoração plástica**, em forma de cordão, sobre o qual se efectuaram incisões. A pasta é micácea, grosseira, de fabrico manual.

[C.F- 81 L (6)] Todos os fragmentos cerâmicos desta camada são de pasta micácea, de fabrico manual. Há vários potes da forma 1c, com bordos em aba horizontal pequena e uma base de fundo plano, tudo em pastas grosseiras. Estaremos face a uma camada do Ferro Inicial?

[C.F- 81 LVII/LXVII (7)] Camada caracterizada por escassos fragmentos de cerâmica arenosa e micácea, não conclusivos, em termos cronológicos e culturais.

[C.F- 82 LVIII (14)] Os 4 fragmentos cerâmicos desta camada, de pastas arenosas e micáceas, são pouco expressivos e não permitem uma aproximação cronológico-cultural.

[C.F- 82 LVIII (15)] As características desta camada, com cerâmicas pouco expressivas, de pastas arenosas e micáceas, também não permitem uma aproximação cronológico-cultural.

[C.F- 82 LVIII (17)] A totalidade de fragmentos cerâmicos detectados nesta camada corresponde a 35. Entre eles, 30 são de pasta arenosa ou arenosa/micácea atribuíveis à Idade do Bronze, 1 ao Calcolítico e 4 poderão inserir-se no Ferro Recente e/ou Romanização e deverão considerar-se intrusivos. A análise dos artefactos permite pôr a hipótese de estarmos face a uma camada da Idade do Bronze, com intrusões.

[C.F- 82 LVIII (18)] Esta camada apresenta 21 fragmentos cerâmicos, entre os quais 12 panças de pasta arenosa, 1 micácea e 2 bordos com decoração incisa de tipo "Penha". Poderá considerar-se uma camada da Idade do Bronze, com algumas intrusões.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22cm

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 24cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical alargado. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: > 30cm.

Asas

- **Asa**, de secção quadrangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F- 81 LIX/LX (5)] Registou-se apenas um provável arranque de asa, de pasta arenosa.

[C.F- 82 LXVIII (1)] Camada humosa com fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze, do Ferro Recente e/ou da Romanização.

[C.F- 82 LXVIII (2)] Toda a cerâmica desta camada se poderá inserir na Idade do Bronze, pelo que pensamos estar face a um fenómeno de estratigrafia invertida.

[C.F- 82 LXVIII (6)] Observámos apenas dois fragmentos de panças micáceas, decoradas com triângulos inscritos com incisões, paralelas a um dos lados.

[C.F- 82 LXVIII (7)] Nesta camada apareceram fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. A amostragem é muito pequena para podermos considerar qualquer hipótese interpretativa.

[C.F- 82 LXVIII (9)] Nesta camada existem, igualmente, fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. Estes últimos apresentam texturas grosseiras, com palhetas de mica de grande calibre e mal distribuídas. A amostragem também é bastante reduzida mas não será de excluir a hipótese de uma camada de transição Bronze/Ferro ou dos inícios da Idade do Ferro.

[C.F- 82 LXVIII (11)] A amostragem reduzida desta camada permite verificar fragmentos cerâmicos de pasta arenosa/micácea e arenosa. Camada de transição Bronze/Ferro?

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

[C.F- 82 LXVIII (12)] Toda a cerâmica desta camada é de fabrico manual e pasta arenosa com excepção de um fragmento de bordo em aba soerguida grande, da forma 1b e de pasta micácea. Camada de transição Bronze/Ferro?

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira e de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e de lábio horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças decoradas

- Fragmento de pança com decoração **impressa**, através de dedadas. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura fina e a superfície é polida de cor castanha.

- Fragmento de pança com decoração **incisa**, através de duas linhas horizontais, espatuladas. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura grosseira e a superfície é alisada, de cor castanha.

[C.F- 82 LXVIII (14)] Camada com fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. Camada de transição Bronze/Ferro?

De salientar entre o espólio 2 fragmentos de **potes** da forma 2 , de pasta micácea, grosseira ; 1 fragmento de **pote** da forma 1b, também micáceo; 1 fragmento de **pote** da forma 1b, de pasta arenosa/micácea e 1 cossoiro micáceo.

[C.F- 82 LXVIII (16)] Além do espólio descrito pormenorizadamente, salientamos a presença de 7 panças arenosas. Quatro panças e 2 bordos micáceos evolucionados assim como 1 fragmento de cerâmica comum romana. Foram considerados intrusivos. Camada da Idade do Bronze.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha escura.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

- Fragmentos de 5 **potes** indeterminados. Fabrico manual, de pastas arenosas, grosseiras, de superfícies alisada e cores acastanhadas. Dois deles são de grandes dimensões.

- Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabrico manual, de pastas arenosas, finas, de superfícies polidas e cores acastanhadas.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

- **Asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina e superfície alisada.
- **Asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina e superfície alisada.
- **Asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira e de superfície alisada. Tem cor castanha.

Nota: Um dos fragmentos cerâmicos desta camada cola com a 18 do quadrado LVIII, pelo que as duas poderão ser contemporâneas.

[C.F- 82 LXVIII (17)] Existe nesta camada argila, que parece de revestimento com impressões vegetais. Camada da Idade do Bronze.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície corroída no exterior e alisada no interior, de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Apresenta um cordão horizontal sobre o colo. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 7.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem na pança e colo externo.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

- Fragmento de 1 **bordo** indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 11-19cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 11-19cm.

Panças decoradas

- Fragmento de pança com decoração **plástica**, através de um mamilo arredondado . O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura fina e a superfície é polida de cor castanha.

Asas

- **Asa**, de secção oval, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.
- **Asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F- 82 LXVIII (18)]

Camada da Idade do Bronze.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 1c.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical (?) e lábio arredondado. Do bordo sai uma asa de secção rectangular. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 28cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, a superfície é alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, mediana, a superfície é polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha. Do início do colo sai uma asa de secção sub-rectangular.

Diâmetro externo da boca: 16.

Forma 10.

- Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

[C.F- 84 LXIV/LXV (10) Mis (C)]

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

[C.F- 84 LXIV/LXV (10) Mis (D)] Esta camada apresenta fragmentos de cerâmica de pasta arenosa e micácea. Esta última é escassa e não permite qualquer ilação sobre a sua identificação cronológico-cultural.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Bases

- Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

- Arranque de **asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

[C.F- 84 LXIV/LXV (10) Mis (E)] Esta camada contém fragmentos da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e 1 do Calcolítico. O número restrito de espólio observado não permite conclusões sobre a sua atribuição cronológico-cultural. De entre o material integrável na Idade do Bronze salientamos 3 bordos de formas indeterminadas, 1 em pasta de textura fina e de superfícies polidas, uma base de fundo plano, uma asa de púcaro e um fragmento de pança, grosseira, com decoração mamilar.

[C.F- 84 LXIV/LXV (10) Mis (F)] Nesta camada parecem existir apenas fragmentos cerâmicos com características da Idade do Bronze, pelo que, provisoriamente, a atribuiremos a este período.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta fuligem externa e interna no colo e bordo/colo, respectivamente.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 0-11cm.

Forma 10.

Bases

- Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 19-29cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 12,5cm.

[C.F- 82 LXXII/LXXIII (7)] Esta camada contém, além do material descrito, 2 panças arenosas, de textura fina e polida e 1 micácea. Camada da Idade do Bronze ou estratigrafia invertida?

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso boleado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Regista sinais de fuligem no colo.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Regista sinais de fuligem no colo e pança.

Diâmetro externo da boca: 36cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, mediana, de superfície polida e cor castanha escura.

Diâmetro externo da boca: 11cm.

Forma 10.

- Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio grosso boleado. Asa horizontal de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha e negra. Apresenta fuligem no bordo e pança exterior.

Diâmetro externo da boca: 50cm.

Forma 18.

- Fragmentos de 4 bordos indeterminados. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 11-19cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base : 19-29cm.

Panças carenadas

- Fragmento de **pança de taça carenada**, de fabrico manual, pasta arenosa, mediana, de superfície polida e cor castanha.

Asas

- **Asa**, de secção oval, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor negra e superfície alisada.
- Arranque de **asa**, de secção triangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F- 82 LXXII/LXXIII (8)] Camada revolvida com espólio da Romanização, da Idade do Ferro e da Idade do Bronze. Será esta camada a continuação de uma superior? Pertencerá a uma vala de fundação de uma estrutura mais recente?

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. Regista sinais de lípidos no colo exterior e no bordo e pança interior.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo ligeiramente esvasado e lábio grosso arredondado, com asa rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 13,8cm.

Forma 10.

- Fragmento de 1 **bordo** indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Asas

- **Asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor bege e superfície alisada. Está inserida numa pança que parece ser de um pote e grandes dimensões.
- Arranque de **asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F- 84 LXXIV/LXXV (10)] Esta camada contém materiais com características técnicas e formais da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e do Calcolítico. Deverá considerar-se de revolvimento ou escorregamento. Seleccionámos, mesmo assim, o material integrável no período em estudo.

Bordos

- Fragmento de **malga** de bordo vertical ou ligeiramente reentrante, de fabrico manual, de pasta arenosa grosseira e de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície corroída no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Panças decoradas

- Fragmento de pança com decoração **impressa**. O tema decorativo assemelha-se a dedadas. O fabrico é manual e a pasta é arenosa e grosseira. A cor é castanha e a superfície alisada.

Asas

- **Asa**, de secção sub-rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F- 84 LXXIV/LXXV (11)] A maioria dos fragmentos cerâmicos desta camada podem atribuir-se à Idade do Bronze, num total de 49 panças e de 5 bordos de forma indeterminada. Quatro (?) panças e 1 bordo parecem Calcolíticas. Há também 1 intrusão da Idade do Ferro Recente. As características enunciadas admitem que esta camada possa corresponder à Idade do Bronze.

3. 3. CASTRO DE LANHOSO

3. 3. 1. Introdução (Est. XL, XLI)

O Castro de Lanhoso é um povoado de cume, localizado em área de montanha, mas muito perto de terrenos do fundo de vale. Localiza-se na freguesia de Valdemil, concelho da Póvoa de Lanhoso.

As primeiras intervenções arqueológica datam dos anos 30 e foram realizadas na vertente Este, por C. Teixeira, no seguimento dos achados, então efectuados, aquando da abertura do caminho que, hoje, dá acesso ao Santuário do Pilar. Destes trabalhos resultou a descoberta de casas circulares, sepulturas em tégula, peças de escultura, entre outros artefactos metálicos, vítreos e cerâmicos, que inscrevem o povoado no Ferro Recente e na Romanização. O autor deu conta destes achados em várias publicações no país e no estrangeiro. Em 1982, sob a orientação geral de J. Wiseman, K. Petruso dirige uma equipa do Departamento de Arqueologia da Universidade de Boston e executa novas escavações na vertente este. Pretende desenhar a planta das estruturas descobertas nos anos 30 e estabelecer a diacronia de ocupação do povoado (PETRUSO 1982:4; 1984:5). Publica apenas um pequeno artigo sobre as conclusões dos trabalhos onde admite uma ocupação anterior à Idade do Ferro, embora perturbada, que classifica como do Bronze Final, atendendo à presença de cerâmicas com decoração incisa, metopada, de tipo "Penha". É, precisamente, sobre os dados desta intervenção que nos iremos debruçar com o objectivo de identificar ocupações integráveis na Idade do Bronze.

3. 3. 2. Escavações (Est. XLII)

Estratigrafia, estruturas e espólio

A metodologia de campo implicou a abertura de quadrados de 2x2m. Estes localizaram-se, quer em áreas adjacentes às estruturas já conhecidas, quer em novas zonas (PETRUSO 1984:5).

Não conhecemos nenhum perfil estratigráfico sobre estes trabalhos, mas apenas algumas anotações do director de escavação. Estas referem uma estratigrafia pouco espessa e revolvida, não excedendo, na maioria dos casos, 1m de profundidade.

Descrições efectuados por K. Petruso, bem como a análise das etiquetas dos sacos, contendo o espólio de escavação, permitiu-nos verificar serem os quadrados SO71/E001 e E003, os que apresentavam maior número de camadas, em número de oito (BETTENCOURT 1993/1994a). A reavaliação do espólio efectuada pela signatária viria identificar não só uma, mas duas ocupações, anteriores à Idade do Ferro, muito embora de localização imprecisa e descontextualizadas (*Id. ibidem*).

Observámos todos os fragmentos cerâmicos, depositados na "Casa da Botica", afectá à Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, num total de 2375.

Atendendo aos objectivos propostos a selecção entre o material Calcolítico e o da Idade do Bronze efectuou-se através de critérios técnicos, formais e decorativos.

A observação do espólio, por camadas, permitiu verificar a inexistência de cerâmica Calcolítica, na camada 1 e a sua excepionalidade na 2, o que torna pouco possível a hipótese de uma estratigrafia invertida, em época pós-romana.

Já a louça da Idade do Bronze aparece, recorrentemente, na camada 1, de vários quadrados o que indicia, quer escorregamentos de zonas mais elevadas, quer perturbações de camadas inferiores, provocadas por valas de fundação de construções mais recentes. Se é possível pôr a hipótese de que algumas camadas corresponderiam a ocupações da Idade do Bronze, na vertente este do monte, pela abundância do material deste período aí exumado, a presença, ainda que escassa, de formas Calcolíticas e do Ferro Inicial, nas mesmas camadas, poderá indicar, também, escorregamentos anteriores ao Ferro Recente e à Romanização, nesta zona do povoado (BETTENCOURT 1993/1994a).

Espólio da Idade do Bronze (Est. XLIII a LI)

Dos 2375 fragmentos cerâmicos observados, isolámos 459 de fabrico manual, de pasta arenosa ou arenosa/micácea. No interior destes destacámos 360 peças, com características técnicas, formais e decorativas, passíveis de inclusão na Idade do Bronze da região¹⁶⁷. As restantes 99 integravam-se no Calcolítico.

O material encontrava-se bastante fragmentado, pelo que o seu estudo se tornou moroso e, por vezes, difícil de realizar. Incluímos, neste período, um punhal de bronze e um fragmento de moinho dormente, aplanado.

FRAGMENTOS CERÂMICOS	QUANT.
Bordos	60
Bases	25
Panças e colos decorados	6
Panças carenadas	1
Asas	3
Disco	1
TOTAIS	96

As pastas são predominantemente arenosas e arenosas/micáceas e subdividem-se em dois grupos, quanto à textura. As de textura grosseira representam 70% e as de textura mediana/fina 30%.

¹⁶⁷-Foram paralelizadas com as dos povoados do Barbudo, Santinha e S. Julião, entre outros da bacia do Cávado e Este.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	27	(45 %)
Potinhos/púcaros	12	(20 %)
Taças carenadas	2	(3 %)
Panelas de asa interior	3	(5 %)
Tigelas	1	(2 %)
Indeterminadas	15	(25 %)
TOTAIS	178	(101%)

A maior representatividade de bordos corresponde a potes de morfologia variada e a potinhos/púcaros (82%), seguida das panelas de asa interior, de taças carenadas e de tigelas, estas últimas feitas com pasta arenosa. É de referir o aparecimento de um disco, peça rara em contextos similares.

POTES	FORMAS	(%)
Potes 1	9	33%
Pote 1b	1	4%
Pote 2	14	52 %
Pote 3	1	4%
Pote 20	2	7%
TOTAIS	27	(100%)

A forma identificada como pote admite uma grande variedade morfológica, que se distingue pelos bordos, "tipos" de panças e pela relação bordo/pança. Temos bordos verticais, esvasados, em aba soerguida e ligeiramente reentrantes.

Estão representados os potes da forma 1, 2, 3, 20 e 1b, estes últimos, de pasta arenosa. A inexistência de fuligem num grande número de potes 1, 2 e 3 indicia peças para armazenagem ou transporte.

A decoração regista apenas 1,9% da totalidade dos fragmentos, muito embora existam diferentes técnicas: a impressão (1 ex.), a incisão (4 ex.) e a plástica (2 ex.). As incisões estão presentes, quer sobre os bordos, quer sobre as panças, sempre em peças com ausência de fuligem. A decoração plástica manifesta-se sob a forma de mamilos arredondados e de cordões horizontais lisos. As impressões estão representadas por dedadas.

Das três asas registadas 2 podem pertencer a púcaros e 1 a uma panela de asa interior, o que poderá indicar percentagens muito baixas de púcaros.

As bases são, essencialmente, de fundo plano (72%), seguidas das de fundo plano alargado (12%), sendo estas últimas, maioritariamente, de pasta arenosa. Existe, ainda, uma base de fundo côncavo.

O material lítico manifesta-se por um moinho manual, dormente, aplanado, de forma oval e de secção sub-elíptica.

O espólio metálico compreende um punhal triangular, em bronze, de composição binária ¹⁶⁸.

3. 3. 3. Síntese

Como já referimos em artigo anterior o espólio cerâmico e lítico paraleliza com o de vários povoados dos finais da Idade do Bronze do Noroeste, todos eles datados, pelo radiocarbono, do 1º quartel do I milénio AC (*Id. ibidem*). A presença das formas 1b, 18, comuns nos inícios da Idade do Ferro do Noroeste, bem como o aumento de micas nas pastas cerâmicas, funcionam, igualmente, como indicadores de integração deste espólio nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro da região.

O punhal de bronze, embora sem paralelos locais, pode comparar-se, quimicamente, com os objectos dos finais da Idade do Bronze, encontrados nos povoados da região.

¹⁶⁸-A peça foi analisada por Fluorescência de Raios - X, no I.C.R.B. C., de Madrid. Agradecemos ao Doutor Ignácio Maria Montero a disponibilidade demonstrada para a execução desta análise.

Apesar de não terem sido detectadas ocupações do Ferro Inicial, neste sector do povoado, esta fase encontra-se documentada por cerâmicas de fabrico manual, pasta micácea e cozedura redutora, espalhadas por diversas camadas. As formas registadas são as dos potes 1b e 2, as dos potinhos/púcaros, por vezes com bordos de aba soerguida pequena, as das panelas de asa interior e as tigelas. Estas formas paralelizam com as das fases IIA dos povoados de S. Julião (MARTINS 1988a: 161-173) e do Barbudo (MARTINS 1989: 80-90), ambos em Vila Verde.

Cerâmicas

(SO/?)

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio horizontal com incisões. A pasta, arenosa, de textura grosseira é de cor bege. As superfícies são rugosas.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1.

(SO71/E001:2)

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta fina, arenosa, de cor castanha clara. Superfície polida no exterior e rugosa no interior.

Diâmetro indeterminado.

(SO71/E001:4)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio horizontal com incisões. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, rugoso nas duas superfícies.

Diâmetro externo da boca: 20cm

Forma 2.

- Fragmento de **tigela**, de bordo em aba horizontal e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira, de cor castanha. As superfícies são alisadas no interior e rugosas no exterior.

Diâmetro externo da boca: 15cm

Forma 23.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina, de cor castanha clara. As superfícies são polidas.

Diâmetro externo da boca: 28cm

Forma 2.

- Bordo indeterminado, de textura grosseira.

¹⁶⁹-Este catálogo reproduz, apenas com algumas alterações formais, o que foi publicado em A. Bettencourt (1993/1994a).

(SO71/E001:5) Fragmento de **pote**, de bordo esvasado lábio horizontal. Apresenta no colo uma incisão horizontal, pouco profunda. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro, com manchas escuras. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 14,8cm

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana, com desengordurantes de quartzo de médio calibre. Contém alguma mica que cremos pertencer à argila utilizada. Recipiente castanho claro. A superfície foi polida.

Diâmetro externo da boca: cerca de 8cm.

Forma 10.

- Fragmento de um **pote**, de bordo muito esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, mais escuro no exterior. A superfície foi apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: cerca de 44cm

Forma 3.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta muito grosseira, arenosa, de cor castanha clara no exterior e um pouco mais escura no interior. Superfície apenas alisada.

Diâmetro externo da base : cerca de 12cm

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara no exterior e mais escura no interior com fuligem. Superfícies rugosas.

Diâmetro externo da base :13cm.

Panças/colos decorados

- Fragmento de pança, de um provável **pote**, com decoração plástica, em forma de cordão horizontal. A pasta é arenosa, de fabrico grosseiro, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha escura com manchas mais claras e a superfície foi polida, pelo menos no exterior. São visíveis sinais de fuligem.

- Fragmento de **pança com decoração** incisa através de linhas verticais algo paralelas, muito pouco profundas. A pasta é arenosa, grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha clara, com manchas mais escuras no interior. A superfície foi alisada na face interna.

- Fragmento de **pança decorada** com incisões finas, irregulares e pouco profundas. A pasta é arenosa, grosseira, com desengordurantes de grande calibre. De cor castanha, polido pelo exterior.

Líticos

- Fragmento de dormente de moinho manual, em granito de grão fino, de secção sub-elíptica e contorno ovalado.

(SO71/E001:6)

Bordos

- Fragmento de um bordo de **taça carenada**, de lábio adelgado e arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor alaranjada. As superfícies estão erosionadas.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 12.

- Fragmento de **pote**, de bordo ligeiramente vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara com manchas mais escuras. As superfícies foram polidas.

Diâmetro externo da boca: 20,6cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara. As superfícies foram alisadas. Há indícios de fuligem na superfície exterior.

Diâmetro externo de boca: 15,4cm.

Forma 1.

- Fragmentos de dois **potes**, de bordos esvasados; um de lábios arredondado e o outro boleado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha escura. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmentos de dois bordos indeterminados de pasta arenosa e textura grosseira.

Bases

- Fragmento de uma **base** indeterminado, de pasta muito grosseira, arenosa e de cor castanha .

Diâmetro indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha As superfícies são muito rugosas devido a processos erosivos.

Diâmetro indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha amarelada no interior e com manchas escuras no interior. As duas superfícies são polidas.

Diâmetro externo da base: 16cm.

(SO71/E001:7)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies.

Diâmetro externo da boca: 24cm

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies.

Diâmetro externo da boca: 21cm

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro com fuligem no interior do bordo. Alisado no exterior.

Diâmetro externo da boca: 20cm

Forma 2.

- Fragmento de **taça carenada**, pouco acentuada, de bordo ligeiramente esvasado e lábio adelgaçado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho claro. Paredes rugosas.

Diâmetro externo da boca: 9,6cm

Forma 12.

- Fragmento de **pote (?)**, de bordo ligeiramente esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro. Paredes rugosas.

Diâmetro externo da boca: cerca de 11cm

Forma 2.

- Bordo indeterminado, de pasta arenosa e textura grosseira.

Panças/colos decorados

- Fragmento de **colo**, de pasta mediana, arenosa, de cor castanha escura, decorada com caneluras na vertical e linhas quebradas na horizontal. Superfície muito polida no exterior e alisada no interior.

Asas

- **Asa**, de secção circular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa.

Espessura máxima: 1,7cm.

Discos

- Um **disco** de cerâmica arenosa, grosseira, com desengordurantes de médio e grande calibre, castanho escuro numa das faces e mais claro na outra.

Mede 3,9cm de comprimento por 3,4cm de largura e 1,2cm de espessura. Pesa 19,8g.

(SO71/E001:8)

Bordos

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura fina. Vaso castanho escuro muito polido em ambas as superfícies.

Diâmetro externo da boca: 10,4cm

Forma 10.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho claro. Alisado.

Diâmetro externo da boca: 18cm

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho. Rugoso.

Diâmetro externo da boca: 19cm

Forma 2.

- Um bordo de **pote**, ligeiramente esvasado, de pasta arenosa e textura grosseira. Cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 17cm

Forma 1.

- Um bordo de **pote**, ligeiramente esvasado, de lábio boleado. Pasta arenosa, de textura grosseira. Cor acinzentada.

Diâmetro externo da boca indeterminado.

Forma 2.

- Um bordo de **potinho/púcaro**, esvasado, de lábio adelgaçado e arredondado. Pasta arenosa, de textura fina. Cor castanha, com manchas mais escuras, sem fuligem.

Diâmetro externo da boca indeterminado.

Forma 10.

Asas

- **Asa**, de secção sub-rectangular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara e superfície alisada.

Espessura máxima: 1cm.

(SO71/E003:1)

Bordos

- Bordo indeterminado, de pasta arenosa e textura fina.

Bases

- Três bases de fundo planos, de pasta muito grosseira, arenosa, mal cozida e de cor castanha .
Dois deles apresentam as superfícies alisadas no exterior e no interior e o terceiro manifesta restos orgânicos no interior.

Diâmetros indeterminados.

(SO71/E003:2)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e de lábio horizontal, por vezes boleado por defeito de fabrico. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de médio calibre. Vaso castanho claro. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: cerca de 27cm.

Forma 1:

- Fragmento de **panela de asa interior**, de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de médio calibre. Vaso castanho claro. A superfície foi apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 36cm.

Forma 10.

- Fragmento de **pote** vertical, de lábio horizontal de uma forma cerâmica muito fechada, de colo curto e de pança esférica. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. É castanho. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 9cm

Forma 20.

(SO71/E003:3)

Asas

- **Asa**, de secção sub-retangular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara e superfície rugosa.

Espessura máxima: 0,8cm.

(SO71/E003:4)

Bordos

- Fragmento de um **pote** ligeiramente esvasado, de lábio indeterminado. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desgordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro no exterior e com manchas mais escuras no interior. A superfície externa foi apenas alisada e a interna parece ter sido polida.

A deterioração do lábio não permite obter dimensões.

Forma 2.

Panças decoradas

- Fragmento de **pança decorada** com um mamilo fracturado. A pasta é arenosa, grosseira, com desgordurantes de médio e grande calibre. De cor castanha clara e superfície polida em ambas as faces.

(SO71/E003:5)

Bases

- **Base** de fundo plano alargado, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara, decorado com dedadas na base da pança. Superfície apenas alisada.

Diâmetro externo da base :17cm.

(SO50/W001:1)

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha-alaranjada. Superfície alisada no exterior e rugosa no interior.

Diâmetro externo da base: 13,6cm.

(SO78/W0019:4)

Bordos

- Fragmento de **pote** ligeiramente esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desgordurantes de médio calibre. Contém alguma mica proveniente da argila de fabrico. Vaso castanho com manchas escuras no interior. Superfície polida.

Diâmetro externo da boca: 20cm

Forma 2.

Bases

- **Base** de fundo plano alargado, de pasta fina, arenosa, de cor castanha. Contém alguma mica que cremos proveniente da argila. Superfície apenas alisada, no interior e polida no exterior.

Diâmetro externo da base: 14cm.

(SO79/W019:3)

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta fina, arenosa, de cor castanha. Contém alguma mica que cremos proveniente da argila. Superfície polida.

Diâmetro externo da base : 9cm.

(SO86/W011:3)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio boleado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desgordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho. A superfície foi polida nas duas faces.

Diâmetro externo da boca: 32cm

Forma 2.

Bases

- Fragmento de **base**, de pasta muito grosseira, arenosa, de cor castanha avermelhada. Superfície rugosa.

Diâmetro indeterminado.

(SO86/W011:4)

Bordos

- Fragmento de **panela**, de lábio sub-arredondado, ligeiramente boleado. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desgordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, alisado com vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: 28cm

Forma 18.

- Quatro fragmentos de **potinho/púcaro**, três de bordo esvasado e lábio arredondado e um de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina em todos os casos. Os vasos são castanhos claros e polidos com exceção de um que é castanho escuro e rugoso.

Diâmetros externos de boca: indeterminados.

Forma 10.

- Dois fragmentos de **potinho/púcaro**, de bordo vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina em ambos os casos. Os vasos são castanhos escuros e muito polidos.

Diâmetro externo da boca: cerca de 7 cm, cada um.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura fina. Vaso castanho claro, polidos nas duas superfícies.

Diâmetros externos da boca: indeterminado.

Forma 10.

- Fragmento de bordo de **panela de asa interior (?)**, de lábio horizontal reentrante. A pasta é arenosa, de textura mediana. Recipiente castanho claro, alisada nas duas superfícies.

Diâmetros externos da boca: 28cm

Forma 18.

Bases

- Duas **bases** de fundos planos, de pasta grosseira, arenosos, de cor castanha. Superfície alisada no exterior e no interior.

Diâmetros indeterminados.

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície rugosa no exterior e no interior.

Diâmetro externo da base :11,4cm.

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor alaranjada. Superfície rugosa no exterior e no interior.

Diâmetro indeterminado.

- **Base** de fundo ligeiramente côncavo, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara. Superfície alisada.

Diâmetro indeterminado.

- Arranque de base indeterminado, de pasta grosseira.

Panças carenadas

- Fragmento de **pança carenada**, de pasta média, arenosa, de cor castanha clara, mal cozida e com o interior apenas alisado.

Dimensões da área da carena: 19,6cm.

(SO86/W011:5)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies.

Diâmetros externos da boca: 24cm

Forma 1b.

(SO86/W011:6)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo muito esvasado, com lábio adelgado e arredondado. A pasta é arenosa com alguma mica, de textura mediana, com desengordurantes de médio e fino calibre.

Vaso castanho escuro, alisado no interior e rugoso no exterior onde há vestígios de fuligem.

Diâmetro externo da boca: 20cm

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo horizontal, muito fechado e lábio sub-horizontal. O colo é curto e a pança é muito aberta de tipo esféroide. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro, com manchas escuras e fuligem, no interior. Foi alisado.

Diâmetro externo da boca: 19,4cm

Forma 20.

(SO92/W002:2)

Bordos

- Fragmento de **potinho**, ligeiramente esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de fabrico muito fino, com desengordurantes de pequeno calibre. Vaso castanho claro. A superfície foi muito polida no interior e exterior.

Diâmetro externo da boca: 9cm

Forma 10.

(SO94/W003:3)

Bordos

- Fragmento de um **bordo** indeterminado de lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho. A superfície externa parece ter sido apenas alisada.

As dimensões do bordo não permitem dimensões e enquadramento morfológico.

Base

- **Base** de fundo plano, de pasta muito grosseira, arenosa/micácea, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha, com manchas mais escuras no interior. Superfície rugosa.

Diâmetro indeterminado mas de grandes dimensões.

(SO95/W009:1)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro. As superfícies são rugosas.

Diâmetro indeterminado.

Forma 1.

- Dois **bordos** indeterminados, de pastas finas, arenosas e superfícies polidas e um bordo, igualmente indeterminado, de pasta grosseira, arenosa.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha avermelhada. Superfície rugosa no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da base: 13cm.

Panças decoradas

- Fragmento de **pança**, de pasta fina, arenosa, de cor alaranjada, decorada com duas caneluras horizontais, pouco profundas. As superfícies são alisadas.

(SO98/W000:2)

Bases

- **Base** de fundo plano alargado, de pasta grosseira, arenosa, de cor avermelhada pelo exterior e castanho escuro pelo interior. Superfície polida apenas exteriormente.

Diâmetro indeterminado

(SO98/W000:3)

Bordos

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina, com desengordurantes de pequeno calibre. Contém micas provenientes das argilas (?). Vaso castanho. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro externo da boca: 15,4 cm.

Forma 10.

- Fragmento de **pote** indeterminado de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira.

Vaso castanho escuro com as superfícies polidas e vestígios de fuligem, no exterior.

Diâmetro externo da boca: 21cm.

Forma 2.

- Fragmentos de sete **bordos** vertical e lábios horizontais (4) e arredondados (3). A pastas são arenosas, de textura grosseira. Vasos castanhos, um alaranjado, com as superfícies alisadas.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa/micácea, com desengordurantes de grande, médio e pequeno calibre. Cor castanha clara no interior e vestígios de fuligem no exterior da pança. Superfície alisada internamente.

Diâmetro externo da base:13cm.

(SO98/W000:4)

Bases

- **Base** de fundo plano (dois fragmentos), ligeiramente alargado, de pasta arenosa, mediana, com desengordurantes de pequeno e médio calibre. Cor castanha clara no exterior e manchas mais escuras no exterior. Superfície alisada internamente.

Diâmetro externo da base:11cm.

Metais

Punhal triangular, de folha lisa, com dois orifícios de prensão, em bronze. Dimensões: comp. 11,3cm; larg. máx. 2,3cm; esp. 0,1cm.

As análises da composição química desta peça deram os seguintes resultados: Cu: 76.34 e Sn: 22.54.

3. 4. RORIZ

3. 4. 1. Introdução (Est. LII, LIII)

O povoado de Roriz é um povoado de cume, localizado numa área de montanha. Localiza-se na freguesias de Oliveira e Roriz, concelho de Barcelos.

A única campanha de escavação aí efectuada teve lugar em 1978, e foi dirigida por C. A. B. de Almeida e Teresa Soeiro. Dessa intervenção resultou um pequeno artigo, publicado em 1980 (ALMEIDA *et al* 1980).

3. 4. 2. Escavações

Estratigrafia, estruturas e espólio (Est. LIV)

As escavações verificaram-se na vertente sudeste, numa plataforma definida pela 2ª muralha, contígua à acrópole. A metodologia seguida levou à abertura de uma vala de sondagem de 7,2 x 1m. Em simultâneo, foi efectuada a limpeza de um perfil provocado pela abertura do caminho de acesso à capela da Senhora do Facho, na vertente su-sueste do povoado. Com este último trabalho pretendia-se obter uma leitura estratigráfica no fim da plataforma contígua à acrópole e obter um corte da 2ª muralha (ALMEIDA *et al* 1980: 32).

A vala de sondagem forneceu uma estratigrafia pobre, apenas com 3 camadas. A primeira correspondia a terra humosa, a segunda à romanização e a terceira a uma ocupação ou aterro do Ferro Recente. Nesta última camada, que assentava directamente sobre o saibro, descobriram-se alguns fragmentos de cerâmica de fabrico manual, entre os quais uma taça carenada (*Id. ibidem*: 34).

Na limpeza do corte do caminho foram identificadas 9 camadas estratigráficas, sendo a última estéril. Os autores apenas descrevem a 8, anterior à construção da muralha, fazendo referência ao espólio, de fabrico manual, que colocam por volta do séc V-IV a.C., atendendo ao aparecimento de taças carenadas (*Id. ibidem*: 35).

Concomitantemente às escavações, os autores analisam o espólio de superfície e admitem uma diacronia de ocupação, desde a Idade do Ferro Inicial ¹⁷⁰ até à época Romana (*Id. ibidem*: 33).

Foram as características do espólio da camada 8 e a ausência de informação sobre o encontrado nas subseqüentes que nos levaram ao reestudo das camadas 7 e 8.

Comentário ao espólio arqueológico

Observámos todo o espólio das camadas 7 e 8, proveniente da limpeza do perfil da vertente su-sueste, entretanto depositados no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos. Estudámos assim 16 fragmentos cerâmicos, 14 deles pertencentes a bordos ou bases, pelo que as panças desapareceram ou não foram recolhidas no decorrer dos trabalhos.

Apesar da escassez do espólio foi possível perceber a exclusividade de cerâmicas de fabrico manual, em ambas as camadas, a ausência de louça decorada e a predominância da cozedura redutora.

CAMADA 7		
FORMAS	QUANT (%)	PASTAS
Pote 1b	1 (17%)	Micácea
Pote 2	1 (17%)	Micácea
Potinho/púcaro	2 (33%)	Arenosa e Micácea
Base de fundo plano	2 (33%)	Arenosa
TOTAIS	6 (100%)	

¹⁷⁰-Os autores usam a designação de "Estilo A " para este período, de acordo com a classificação de C. A. F. de Almeida.

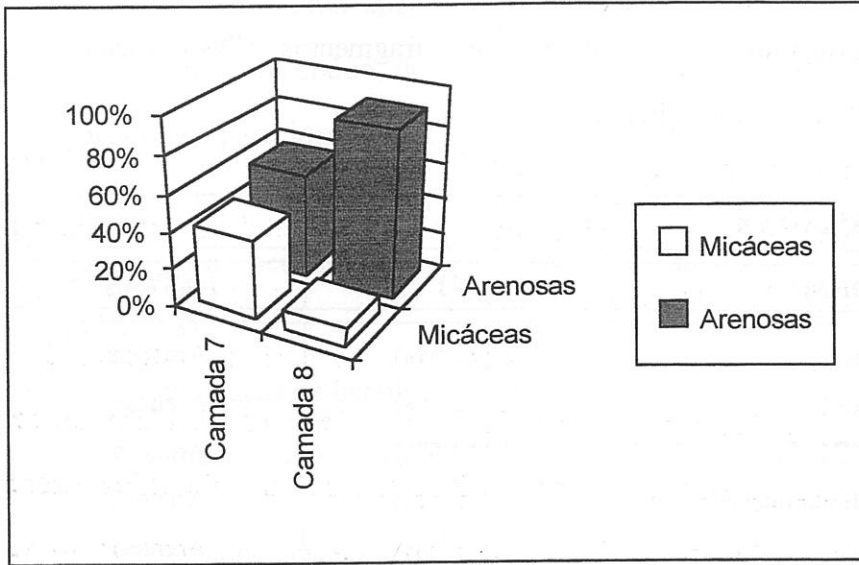
Na camada 7 identificámos apenas as formas 1b, 2 e 10. A inexistência de fuligem nos potes 1b e 2, de grande e média dimensão, respectivamente, indiciam formas para armazenagem ou transporte. Num total de 7 fragmentos, 57% correspondem a pastas micáceas e 43% a arenosas (Est. LV).

CAMADA 8		
FORMAS	QUANT (%)	PASTAS
Pote 1	1 (12,5%)	Arenosa
Pote 1b	1 (12,5%)	Arenosa
Pote 1c	1 (12,5%)	Arenosa
Potinho/púcaro	1 (12,5%)	Arenosa
Taça carenada	2 (25%)	Arenosa
Panela de asa interior	1 (12,5%)	Micácea
Base de fundo plano	1 (12,5%)	Arenosa
TOTAIS	8 (100%)	

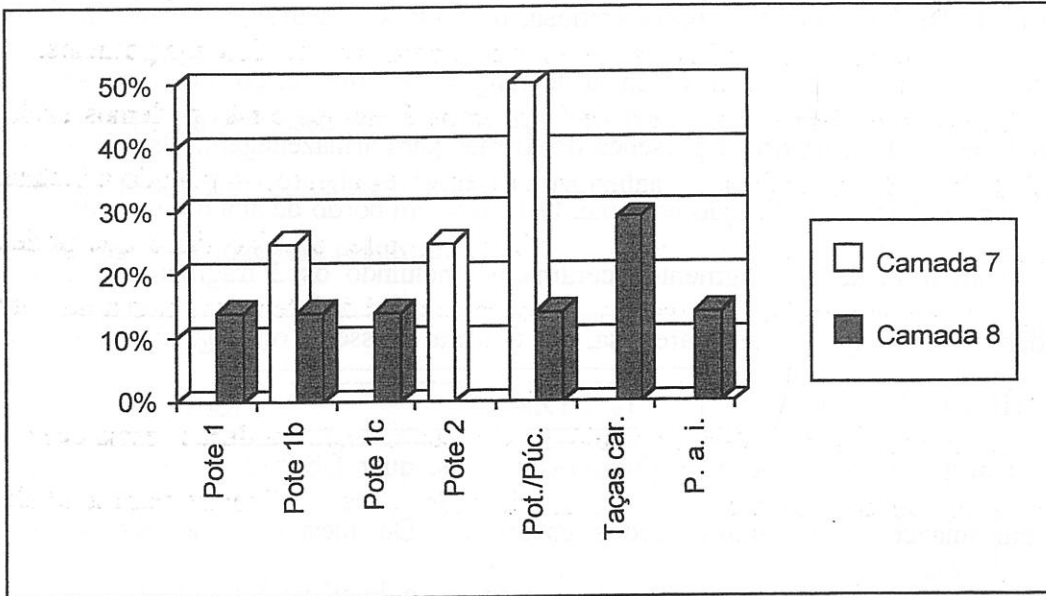
Na camada 8 as formas são relativamente variadas: estão representados os potes da forma 1, 1b, 1c, embora de pasta arenosa, os potinhos/púcaros, as taças carenadas e as panelas de asa interior. A inexistência de fuligem no pote 1c, com mais de 40 cm de diâmetro de bordo, confirma a presença de formas para armazenagem. Os potes 1 e 1b, apresentam indícios de utilização no lume. O 1b tem um bordo de aba muito pequena.

Num total de 10 fragmentos cerâmicos, incluindo os 2 fragmentos de panças referidas no catálogo, a pasta arenosa, de textura grosseira ou fina, é predominante (90%) (Est. LVI, LVII).

Em ambas as camadas os potinhos/púcaros, quer fabricados em pasta arenosa, quer em micácea, apresentam bordos esvasados. Do mesmo modo, as bases são, exclusivamente, de fundos planos, de pastas arenosas e de diâmetros pequenos.



1. Comparação entre as pastas das camadas 7 e 8



2. Comparação entre as formas das camadas 7 e 8

3. 4. 3. Síntese

As formas encontradas na camada 8, bem como as suas características técnicas são bem conhecidas em ocupações dos finais da Idade do Bronze da região e do Noroeste. A título de exemplo citemos os paralelos com os níveis do 1º quartel do I milénio AC do Barbudo I e Santinha I e dos 1º e 2º quartéis do I milénio AC do povoado de S. Julião Ib e Ic. Também a fase Ia do Coto da Pena, em Caminha, apresenta peças similares, inclusive, panelas de asa interior. Perante o conjunto de dados parece oportuno admitir uma ocupação dos finais da Idade do Bronze, i. é, anterior ao séc. V AC, provavelmente, *in situ*, na vertente su-sueste do monte de Roriz.

A camada 7 é mais difícil de avaliar, pois desconhecemos a interpretação que sobre ela fizeram, os directores de escavação. Pomos, porém a hipótese, embora de forma académica, de estarmos face a um momento de transição entre a Idade do Bronze e a do Ferro, o que poderia explicar a simultaneidade de louça em pasta arenosa e micácea, a pervivência das formas encontradas e os bordos esvasados dos potinhos.

De qualquer forma, o número de fragmentos é escasso e não podemos excluir a possibilidade de estarmos face a uma camada de escorregamento, atendendo à inclinação topográfica da mesma. Considerando esta última hipótese, o único dado que podemos "objectivar", é a existência, no povoado, de louça passível de integração numa fase antiga do Ferro Inicial.

Só novas intervenções arqueológicas nesta estação poderão esclarecer uma problemática tão complexa como a da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS DAS CAMADAS 07 E 08.

Cerâmicas

[Roriz 78 M (07)] (Est. LV)

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média e de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é micácea, fina, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 13cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa, fina, de superfície polida no interior e exterior e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano (?), de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha no exterior e negra no interior. São visíveis restos de matéria orgânica no interior.

Diâmetro externo da base: 11-19cm.

Panças

- Regista-se ainda a presença de dois fragmentos de panças, de fabrico manual e pasta arenosa, sendo um de textura grosseira e acabamento alisado e outro de textura fina e acabamento polido.

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso horizontal. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no bordo, colo e pança exteriores.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida pequena e de lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis vestígios de fuligem no bordo e colo exteriores.

Diâmetro externo da boca: > 29cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba horizontal média e de lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: > 40cm.

Forma 1c.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 0-11cm.

Forma 10.

- Fragmento de uma **taça carenada**, de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha/negra.

Diâmetro externo da boca: 0-11cm

Forma 12.

- Fragmento de uma **taça carenada**, de bordo vertical e lábio grosso arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm

Forma 12.

- Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. A asa é de secção arredondada. A pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis vestígios de fuligem no bordo exterior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 18.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Nota: Há uma ficha neste Gabinete com as seguintes indicações "Taça carena "tipo Alpiarça" séc. V-IV a.C.". Não vimos esta peça, que pensamos ser a encontrada na camada 3 da vala de sondagem.

3. 5. MONTE DO FACHO; ALTO DA TORRE

3. 5. 1. Introdução (Est. LVIII, LIX)

O Alto da Torre é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se no lugar da Torre, freguesia de Abade de Neiva, concelho de Barcelos.

A única intervenção arqueológica que conhecemos, verificou-se em 1978, quando C. A. B. de Almeida aí efectuou escavações. Dessa intervenção resultou um pequeno artigo, em 1980 (ALMEIDA *et ali* 1980).

3. 5. 2. Escavações

Estratigrafia, estruturas e espólio

As escavações verificaram-se na vertente este, entre a 3^o e a 4^o muralhas. A metodologia usada foi a abertura de uma vala de sondagem com 5 x 1m, perpendicular à 3^a linha de muralha. Nela foram detectadas 10 camadas estratigráficas, descritas por C. A. B. Almeida *et al* (1980: 29-32).

As duas primeiras foram atribuídas a terra vegetal e a terceira a uma fase de destruição e abandono do povoado, inserível na fase da Romanização.

Como camadas de ocupação (?) 4, 5 e 6, também inseríveis na Romanização, deverão relacionar-se com o pavimento argiloso que constitui a camada 7 (ALMEIDA *et al* 1980: 30).

A camada 8, que cobre uma muralha pétreia assente no saibro, poderá constituir um nivelamento para a construção do pavimento superior. Segundo o nosso ponto de vista, mesmo que esse nivelamento tenha ocorrido não podemos excluir que parte dela se possa considerar como de ocupação.

Para a camada 9 os autores põem duas hipótese interpretativas. Uma subentende que ela corresponde a escorregamentos que teriam preenchido o espaço vazio entre o

afloramento granítico e a construção da muralha e outra, que ela poderá ser contemporânea desse imóvel. A camada 10 foi identificada, igualmente, como de enchimento, provocado por escorregamentos de cotas mais elevadas, o que parece comprovar-se pelas suas características (*Id. ibidem*: 31-32).

Quanto à cronologia destas camadas os autores admitem a sua inserção num "...horizonte castrejo mal conhecido..." que consideram anterior à época de Augusto (*Id. ibidem*: 31-32).

Comentário ao espólio arqueológico (Est. LX, LXI)

A análise do espólio destas 3 camadas permitiu verificar a quase ausência de fragmentos de panças cerâmicas o que sugere não terem sido recolhidos no decorrer das escavações. Apesar da escassez da louça estudada, foi possível identificar apenas fabricos manuais e cozeduras predominantemente redutoras¹⁷¹. As pastas são, maioritariamente, micáceas, embora existam micáceas/arenosas e arenosas.

FRAG.	QUANT.		
	CAMADA 8	CAMADA 9	CAMADA 10
Bordos	7	15	7
Bases	+ de 4	6	1
Panças decoradas			2
Asas			2
TOTAIS	+ de 11	21	12

A forma identificada como pote admite uma grande diversidade morfológica, que se distingue pelos bordos, "tipos" de panças e pela relação bordo/pança. Temos bordos verticais, esvasados, em aba soerguida e em aba horizontal. Nenhum dos potes apresenta decoração.

¹⁷¹-Só, a partir da camada 6, não estudada em pormenor, encontrámos cerâmicas de fabrico a torno.

CAMADA 8		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1b	2	Micácea
Pote 2	2	Micácea
Panela de asa interior	1	Micácea
Malga	2	Arenosa/Micácea e Micácea
Bases de fundo plano	+ de 4	Arenosas (2) e Micáceas (2)
Bases de fundo plano alargado	(várias)	
TOTAIS	+11	

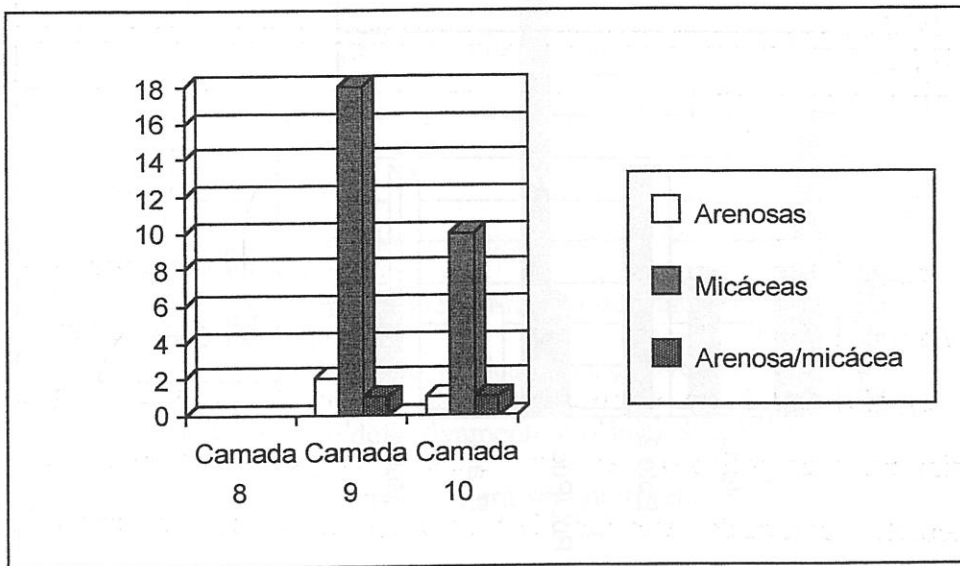
Na camada 8 identificámos potes da forma 1 e 2, panelas de asa interior e malgas. A inexistência de fuligem nas formas 1 e 2, confirma a presença de recipientes para armazenagem ou transporte.

CAMADA 9		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1b	5	Micácea
Pote 2	4	Micácea
Pot./púc.	2	Micáce
Panela de asa interior	1	Micácea
Malga	2	Arenosa e Micácea
Bases de fundo plano	5	Arenosa (1); Arenosa/Micácea (1); Micácea (3)
Bases de fundo plano alargado	1	Micácea
Indeterminados	1	Micácea
TOTAIS	21	

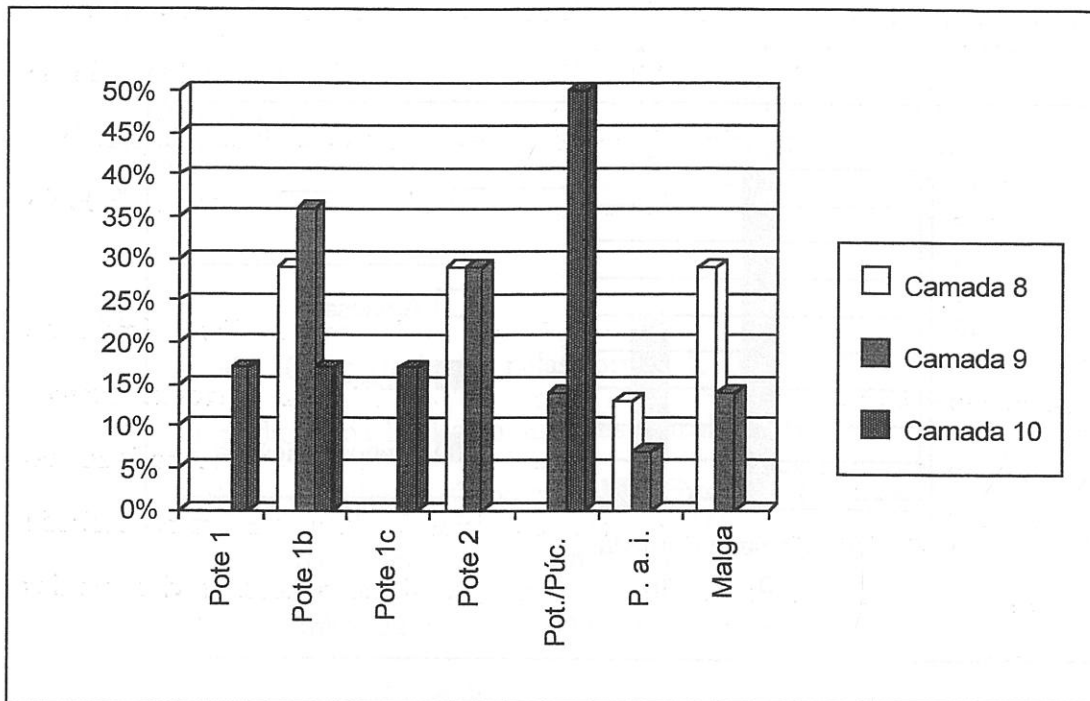
Na camada 9 as formas são, sensivelmente, idênticas às da 8, com excepção dos potinhos/púcaros, que aparecem. Os potes da forma 1b e 2 não indiciam fuligem. Os primeiros apresentam, frequentemente, diâmetros acima dos 30cm pelo que os poderemos considerar formas para armazenamento.

CAMADA 10		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1	1	Micácea
Pote 1b	1	Arenosa/Micácea
Pote 1 c	1	Micácea
Pot./púc.	3	Micácea
Bases de fundo plano alargado	1	Micácea
Panças	2	Micácea
Asas	2	Arenosa e Micácea
Indeterminados	1	Micácea
TOTAIS	12	

A camada 10 caracteriza-se pelas formas 1, 1b, 1c, 10 e ainda por uma asa da forma 18 e outra da forma 10. Estão ausentes as malgas. Apenas o pote da forma 1b não apresenta vestígios de fuligem. O pote 1 e 1c, com diâmetros que não ultrapassam os 20cm, assim como os potinhos, parecem ter sido recipientes de ir ao lume. A única técnica decorativa conhecida nesta camada é a incisão, manifestada por uma linha e por triângulos, dispostos no início da pança.



1. Comparação das pastas entre as camadas 8, 9 e 10



2. Comparação das formas entre as camadas 8, 9 e 10

3. 5. 3.Síntese

Mesmo admitindo que as camadas 9 e 10 poderão corresponder a escorregamentos, as características do espólio são muito homogêneas e permitem uma atribuição cronológica relativa.

Em termos formais, tecnológicos e decorativos o material cerâmico destas camadas, paraleliza com o de vários povoados da região, com ocupação dos inícios da Idade do Ferro. A título de exemplo, referenciamos o espólio da fase IIA do Barbudo e de S. Julião, ambos em Vila Verde (MARTINS 1988a; 1989). Este material também se assemelha, em parte, à última fase de S. Julião Id, datado pelo radiocarbono, do séc. IV e que atribuímos ao fim de um processo de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Em abono de uma cronologia antiga adentro do denominado Ferro Inicial ou mesmo de uma integração num possível momento de transição Bronze/Ferro salientamos a presença da forma 1, pote de bordo vertical e pança ovóide, muito comum na Idade do Bronze. Esta forma desaparece definitivamente nos inícios da Idade do Ferro no Barbudo e S. Julião, pelo que a sua presença poderá ser interpretada como uma pervivência dos períodos anteriores.

A forma 1b, também poderá considerar-se uma pervivência do período anterior, embora evolua de forma específica durante a Idade do Ferro. Sendo esporádica ocorre no povoado da Santinha I, em Amares e no Barbudo I, em Vila Verde (MARTINS 1989: 39, 41), em contextos dos finais da Idade do Bronze, datados, pelo radiocarbono, do 1º quartel do I milénio AC. Também está presente no Castro de Lanhoso, em contexto que cremos similar ao dos povoados anteriores. O mesmo se poderá dizer da forma 18, com antecedentes na fase Ia do Coto da Pena, em Caminha (SILVA 1986). Outras características de antiguidade dentro da Idade do Ferro, são as abas pequenas nos bordos das formas 1c e 10, assim como a predominância das decorações incisas, nomeadamente dos temas em triângulos.

Este conjunto artefactual, apresenta, no entanto, algumas características evolucionadas. São elas a aba soerguida de grande tamanho e a bases de fundo plano alargado, que, não estando ausentes, em S. Julião Id, são muito raras.

Mesmo com as limitações de uma amostragem limitada parece-nos pertinente colocar a hipótese da existência, nesta estação, de uma fase cronológico-cultural inserível num momento antigo do Ferro Inicial. Por comparação com o último momento de S. Julião I d e com S. João de Rei II, onde a cerâmica já é totalmente micácea, podemos considerar as camadas 9 e 10 do Alto da Torre como atribuíveis ao séc. IV AC.

A mesma cronologia poderá atribuir-se à camada 8, que recobre a muralha, pelo que esta estrutura se deverá incluir, também, numa fase antiga da Idade do Ferro.

Embora não tenham sido encontrados indícios seguros de uma ocupação da Idade do Bronze, no Alto da Torre, a presença de pastas arenosas e a pervivência de formas cerâmicas deste período constituem indícios da possibilidade da sua ocorrência, noutros sectores do povoado.

Só a realização de valas de sondagem, quer na acrópole quer nas vertentes desta estação, poderá evidenciar melhor as características desta ocupação e esclarecer uma das problemáticas fundamentais para este período que é a da continuidade de ocupação entre a Idade do Bronze e a do Ferro.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada, de cor bege no interior e castanha no exterior.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada, de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- Várias **base** de fundo plano alargado curto, de fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

[Cab 78 (9)]

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, com um pequeno ressalto no início da aba. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, com um pequeno ressalto no início da aba. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 32cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida grande, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: > 30cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida muito grande, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: > 30cm.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: > 30cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado . O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.

Forma 2.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

- Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio grosso. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor bege/negra. São visíveis vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 18.

- Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso arredondado. A asa exterior é de secção circular. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

- Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

- Fragmento de **bordo** de forma indeterminada. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada, de cor castanha no exterior.
- **Base** de fundo plano, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha .
- **Base** de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha .
- **Base** de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor acastanhada .
- **Base** de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha .
- **Base** de fundo plano larga, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

[**Cab 78 (10)**] Apareceu, nesta camada, pedaços de argila queimada, que cremos pertencerem a um pavimento. Apresentam impressões de círculos de cerca de 1,5cm de diâmetro.

Há, também, algumas panças de fabrico manual, de pasta arenosa e cozedura redutora (Est. LX, LXI).

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta indícios de fuligem externa no colo.

Diâmetro externo da boca: 11-19.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida grande, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta indícios de fuligem externa e interna no bordo e colo.

Diâmetro externo da boca: 19cm.

Forma 1c.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio adelgado arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, fina, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem nas faces interna e externa, no bordo e colo.

Diâmetro externo da boca: 16,8cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio adelgado arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 12,6cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Apresenta vestígios de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 12,4.

Forma 10.

- Fragmento de **bordo** esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma indeterminada.

Bases

- **Base** de fundo plano alargado, de fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

- Fragmento de pança decorada, com temas incisos no início da pança. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

- Fragmento de pança decorada, com triângulos preenchidos com linhas incisivas, paralelas a um dos lados. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Asas

- Fragmento de asa, de secção triangular, fabrico manual, pasta arenosa, de superfície polida e de cor castanha.

- Fragmento de arranque de asa, de secção circular, fabrico manual, pasta micácea, de superfície polida e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem na superfície externa. Trata-se de uma asa de **panela de asa interior**.

3. 6. SANTA MARTA DA FALPERRA

3. 6. 1. Introdução (Est. LXII, LXIII, LXIV-1, LXVII-1)

Santa Marta da Falperra é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se na freguesia de Esporões, concelho de Braga.

Os primeiros trabalhos de "escavação" remontam aos finais do século passado e foram efectuados por A. Bellino. Este autor diz ter escavado na plataforma superior, onde encontrou uma casa circular, bem como no patamar contíguo, do lado sul. É a ele que se deve, a única notícia sobre gravuras rupestres, detectadas no perímetro da 3ª muralha (BELLINO 1909: 17).

Em 1956, Russel Cortez e A. de Sousa, procedem a novas intervenções no local, pondo a descoberto estruturas pétreas, de planta rectangular, também na plataforma superior. Nos anos seguintes A. de Sousa continua os trabalhos neste local e efectua uma sondagem na vertente norte, em área contígua à acrópole. Destes trabalhos não se conhece qualquer publicação (SOUSA 1968/1970: 58).

Na década de 60, D. P. Brandão e J. R. Sousa, intervêm novamente no povoado. Destes trabalhos resulta uma publicação, em 1968/70, onde refere alguns dados sobre a estratigrafia dos cortes que efectua, afirmando existirem dois níveis arqueológicos, separados por uma camada estéril de alguma dimensão. Diz ainda, que no quadrado 15, apareceram pequenos orifícios¹⁷², junto dos quais encontrou uma "... *pequena chapa de bronze à qual aderiam ainda alguns cravos*" (SOUSA 1968/1970: 60-61). Em 1978, admite que o 1º nível desta estação se possa atribuir à Idade do Bronze (SOUSA 1978: 335, nota 12).

Já nos anos 70, A. Sousa volta a realizar escavações na plataforma superior do povoado da Falperra, que publica, de forma sumária. É nessa publicação que refere ter encontrado um machado de talão, em prospecções efectuadas na área do povoado.

¹⁷²-Pelas dimensões destas estruturas e pelas características do seu enchimento cremos que se tratam de buracos de poste.

O conjunto dessas intervenções pôs a descoberto um conjunto de edifícios de grande valor patrimonial, entre os quais uma basílica paleocristã, uma casa romana, bem como inúmero espólio destes dois períodos, mas também da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e do Calcólítico.

Dada a importância das estruturas postas a descoberto, a parcialidade das publicações que sobre elas se efectuaram e a grande diacronia de ocupação sugerida pelos materiais, M. Martins elabora um projecto de trabalho para o local, que compreende trabalhos de limpeza e de escavação. Esta investigadora tinha como objectivos valorizar a estação arqueológica, estabelecer, interpretar e datar a sua sequência de ocupação e elaborar a uma reavaliação do espólio exumado anteriormente¹⁷³. Em 1984 inicia os trabalhos de escavação, que não publica, por diversos motivos.

Atendendo à importância da sequência estratigráfica obtida e do material associado tornava-se pertinente o seu estudo, principalmente, no âmbito do projecto que a signatária desenvolve¹⁷⁴.

3. 6. 2. Escavação

Estratigrafia e estruturas (Est. LXIV-2, LXV, LXVI, LXVII-2, LXVIII, LXIX)

No Verão de 1984, M. Martins abre uma vala de sondagem, de 2,5 x 2m, que designa por Sector B1, na plataforma superior do povoado. Esta foi localizada no interior de um edifício romano e adossou a um antigo testemunho, com grande potência estratigráfica.

¹⁷³ - Segundo o que afirma M. Martins no relatório de escavações.

¹⁷⁴ -Agradecemos a M. Martins a autorização para a publicação dos dados, bem como a cedência da documentação de campo.

A escavação deste quadrado, até à rocha de base, atingiu cerca de 4m de profundidade e permitiu detectar 42 camadas estratigráficas, entre as quais diversos pavimentos e níveis de ocupação (Est. LXV, LXVII-2).

Estratigrafia:

- Camada 1a, 1b e 1c: terras de cor castanha, castanha acinzentada ou castanha amarelada, respectivamente, de média compactidade, areno-argilosas, com cascalho e entulhos de antigas escavações.
- Camada 2: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de média compactidade, areno-argilosas finas, com raízes, carvões, cascalho disperso. Camada humosa antes da deposição dos entulhos.
- Camada 3a e 3b: caracterizava-se por terras de cor amarelada, areno-argilosas grosseiras, nada compactas, com carvões, argamassa, cascalho, calhaus e uma grande acumulação de telha na base (3b). Corresponde a entulhos após o abandono das estruturas romanas A e B.
- Camada 4: caracterizava-se por terras de cor castanha acinzentada, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões, algum cascalho disperso. Poderá corresponder à reocupação da segunda fase do edifício romano.
- Camada 5: pavimento de argamassa batida, de cor amarela, muito compacto.
- Camada 6a: caracterizava-se por terras areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões, cascalho e fragmentos de telha. É uma camada de nivelamento, contemporânea da vala de fundação da estrutura B. Poderá ter espólio correspondente à ocupação do pavimento definido pela camada 7.
- Camada 6b: caracterizava-se por terras areno-argilosas grosseiras, de média compactidade, com carvões, cascalho grosseiro, bolsas arenosas e de argamassa. Corresponde à vala de fundação da estrutura B.
- Camada 6c: caracterizava-se por terras castanhas escuras matizadas com manchas amarelas de argamassa, areno-argilosas média, de média compactidade, com cascalho e calhaus. Corresponde à vala de fundação da estrutura B.
- Camada 7: pavimento de argamassa batida, de cor amarela, muito compacto.
- Camada 8: caracterizava-se por terras castanhas escuras, cinzentas ou amarelas, areno-argilosas médias e grosseiras, de média compactidade, com carvões, cascalho, bolsas de areão e de argamassa. Corresponde à vala de fundação da estrutura A.
- Camada 9: caracterizava-se por terras castanhas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos.
- Camada 10: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compactidade. Poderá ser uma lareira.

- Camada 11: caracterizava-se por terras castanhas escuras, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões dispersos.
- Camada 12: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a uma lareira.
- Camada 13: caracterizava-se por terras castanhas, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões dispersos.
- Camada 14: nível intenso de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a um nível de incêndio.
- Camada 15: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões dispersos e cascalho. Poderá ser um nível de ocupação. No perfil podem observar-se alguns buracos de poste (?).
- Camada 16: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a uma lareira.
- Camada 17: pavimento de areão, de cor castanha matizada, muito compacto.
- Camada 19: caracterizava-se por terras castanhas amareladas, arenosas grosseiras, de média compacidade. Deverá interpretar-se como camada de preparação do pavimento 17.
- Camada 20: caracterizava-se por terras cinzentas, areno-argilosas finas, de média compacidade, com carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.
- Camada 21: pavimento areno-argiloso, de cor cinzenta, muito compacto, com alguns carvões dispersos.
- Camada 22: caracterizava-se por terras amareladas, arenosas grosseiras, de média compacidade. Deverá corresponder à preparação do pavimento 21.
- Camada 23a, 3b e 3c: caracterizava-se por terras castanhas, castanhas escuras ou cinzentas, respectivamente. Estas são areno-argilosas médias e finas, de média/fina compacidade. Poderá ser um nível de abandono.
- Camada 24: terras de cor cinzenta escura, areno-argilosas grosseiras, muito compactas, com carvões dispersos. Poderá ser um pavimento (?).
- Camada 25a e 25b: pavimento de areão, de cor amarelo torrado, muito compacto, ou em desagregação (25b), com alguns, carvões dispersos.
- Camada 26: caracterizava-se por terras acastanhadas, argilosas finas, de bastante compacidade. Poderá ser um nível de abandono ou fazer ainda parte do pavimento anterior?
- Camada 27a e 27b: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas ou amareladas, respectivamente, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões dispersos. Deverá corresponder à preparação do pavimento 25.
- Camada 28: caracterizava-se por terras cinzentas escuras, areno-argilosas finas, de média compacidade, com abundantes carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.
- Camada 29: pavimento arenoso grosseiro, de cor cinzenta, muito compacto, com alguns carvões dispersos.

- Camada 30: caracterizava-se por terras cinzentas escuras, areno-argilosas finas, de média compacidade, com abundantes carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.
- Camada 31: caracterizava-se por terras amareladas acastanhadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões dispersos. Será um pavimento?
- Camada 32/33: caracterizava-se por terras castanhas amareladas ou acinzentadas (33), arenosas grosseiras, de média compacidade. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.
- Camada 34: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a uma lareira.
- Camada 35: pavimento (?) de areão amarelo acastanhado, de média compacidade.
- Camada 36: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a um incêndio ou a um nível de ocupação.
- Camada 37: caracterizava-se por terras cinzentas acastanhadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a um nível de enchimento ou de abandono.
- Camada 38: caracterizava-se por terras castanhas matizadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a um nível de enchimento ou de abandono. Esta camada cobre 2 fossas abertas no saibro com espólio.
- Camada 39: caracterizava-se por arena granítica e parece resultar de escorregamentos.
- Camada 40: caracterizava-se por terras negras, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a escorregamentos ou a uma deposição natural.
- Camada 41: caracterizava-se por terras de cor castanha, areno-argilosas finas, de pouca compacidade, com carvões dispersos. Poderá corresponder a enchimentos.
- Camada 42: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas finas, de média compacidade, com carvões, cascalho e calhaus dispersos. Enchimento de fossa?
- Camada 42a: caracterizava-se por terras cinzentas com variações escuras, areno-argilosas finas e de pouca compacidade. Enchimento de uma fossa.
- Camada 42b: caracterizava-se por terras cinzentas com variações escuras, areno-argilosas finas e de pouca compacidade. Enchimento de um possível buraco de poste.

Como verificámos pela descrição estratigráfica, a partir da camada 9, todas as estruturas são perecíveis. Ocorrem vários pavimentos que podemos supor de cabanas, algumas lareiras e possíveis buracos de poste, visíveis nas camadas 15 e 18 do perfil (Est. LXV). Associado ao pavimento da camada 21 foi detectado um sulco, semicircular, de cerca de 8cm de largura. Parece possível admitir que se trate de uma pequena vala de fundação para a inserção de pequenos troncos ou outros materiais perecíveis, capazes de

formar uma "parede". No seu interior encontrava-se uma lareira, de 20cm de diâmetro, e no exterior uma fossa (Est. LXV, LXIX). Esta estrutura, com cerca de 62cm de diâmetro por 22/28cm de profundidade, continha um fragmento de pança de uma possível urna.

No pavimento, correspondente à camada 29, já correspondente ao que considerámos Idade do Bronze, apareceram dois buracos de poste, formando o que parece um alinhamento curvo, pelo que poderiam estar associados à delimitação de uma cabana. Por baixo da camada 38 e talvez relacionada com ela, descobriu-se uma fossa que abre, em parte, no saibro de base. Tinha cerca de 40cm de diâmetro e possuía, no centro, uma mancha de terra negra, circular, que foi associado ao enchimento de um vaso, do qual se recolheu 1 fragmento de urna (?). Muito próximo deste achado, aparentemente já fora da fossa, encontrou-se outro fragmento da referida forma, com o perfil quase completo. Ao lado desta estrutura e também aberto no saibro, encontrou-se um possível buraco de poste de 10cm de diâmetro por 28 de profundidade (Est. LXVIII).

Espólio (Est. LXX a LXXVII)

Estudámos todos os fragmentos cerâmicos, depositados no Museu D. Diogo de Sousa, provenientes das camadas 9 à 42, num total de 421. Entre eles distinguimos 5 calcolíticos, que identificámos pelas suas características técnicas e decorativas. Quase todos eles apresentavam decorações incisas metopadas de tipo "Penha" (Est. LXX).

Atendendo às características do espólio, em associação com as respectivas camadas estratigráficas, tentámos uma hipótese de integração cronológico-cultural. Subdividimos assim as camadas em dois grandes momentos; um que atribuímos à Idade do Bronze (Falperra I) e outro a uma fase de transição da Idade do Bronze para a do Ferro (Falperra II). Esta subdivisão, problemática, baseou-se nas características formais e técnicas da cerâmica exumada e deverá sempre considerar-se como uma proposta de trabalho, atendendo à fragilidade da amostragem.

À Idade do Bronze fizemos corresponder as camadas compreendidas entre a 42 e a 23, por apresentarem, exclusivamente, cerâmicas de pasta arenosa e arenosa/micácea e

formas bem conhecidas deste horizonte cultural. Ao momento de transição Bronze/Ferro, considerámos as camadas contidas entre a 22 e a 9, pelo aparecimento constante e progressivo de cerâmica de pasta micácea, bem como de algumas formas novas. A análise do espólio foi, pois, efectuada segundo estes dois possíveis horizontes cronológico-culturais, sem atendermos à diacronia de ocupação de cada um deles.

FRAGMENTOS CERÂMICOS	IDADE DO BRONZE	TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO	TOTAIS
Bordos	23	15	38
Bases	8	8	16
Panças decoradas	3	2	5 ¹⁷⁵
Panças carenadas		1	1
Panças caren/decor.		1	1
Asas	3	3	6
Cossoiro		1	1
TOTAIS	37	31	68

A este número considerável de bordos, corresponde uma mediana diversidade formal. Salientamos o aparecimento de 1 cossoiro, na fase de transição.

FORMAS	IDADE DO BRONZE (%)	TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO (%)
Potes	15 (71%)	12 (71%)
Potinhos/púcaros	3 (14%)	1 (6%)
Taças carenadas	-	2 (panças) (12%)
Urnas	2 (panças) (10%)	1 (panças) (6%)
Malgas	1 (5%)	-
Panelas de asa interior	-	1 (asa) (6%)
Indeterminadas	5	1
TOTAIS	26 (100%)	18 (101%)

A maioria dos bordos corresponde a potes, em ambas as fases. Estes, são, na totalidade, de textura grosseira e de superfícies alisadas. Alguns fragmentos têm vestígios

¹⁷⁵-Existem outras 5 panças com decoração atribuível ao Calcolítico que não figuram neste quadro.

de fuligem ou de lípidos. Os potinhos/púcaros e as urnas escasseiam, embora também estejam presentes nas duas fases. As taças carenadas e as painéis de asa interior só aparecem na fase mais recente, embora a representatividade do material seja muito pequena para procedermos a generalizações.

POTES	IDADE DO BRONZE (%)	TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO (%)
Pote 1	9 (60%)	2 (17%)
Pote 1b	1 (7%)	2 (17%)
Pote 1c	-	3 (25%)
Pote 2	5 (33%)	5 (42%)
TOTAIS	15 (100%)	12 (101%)

Espólio da Idade do Bronze (Falperra I)

Cerâmicas (Est. LXXI a LXXIV)

Correspondem a esta fase 269 fragmentos cerâmicos, entre os quais 264 de fabrico manual e de pasta arenosa (98%), 4 de pasta arenosa/micácea (2%) e 1 de pasta micácea.

Em relação ao material cerâmico verificámos uma relativa pobreza de formas, entre as quais a ausência de taças carenadas. A forma 10 (potinhos/púcaros) corresponde a peças pequenas e médias, nunca ultrapassando os 12cm. Dois dos bordos são esvasados, um deles de textura mediana/fina e de acabamento polido. Um terceiro, é de bordo sub-vertical e grosseiro. A forma 15 (urna) corresponde a peças finas e polidas. A malga é grosseira e de dimensões médias. Entre os potes, são maioritários os da forma 1 e 2, seguidos da forma 1b, em pasta arenosa e de aba pequena. Nos potes em que foi possível obter dimensões (50%), notámos serem todos de tamanho médio/grande e grande, podendo estes últimos corresponder a peças para armazenagem.

As bases, apesar de não terem fornecido diâmetros em quantidade passível de análise, são diversificadas. Existem 6 de fundo plano, 1 de fundo plano alargado curto e 1 de pé alto, de pasta grosseira e acabamento alisado.

As asas apresentam secções rectangulares e ovais.

A percentagem de cerâmicas decoradas é escassa (2%), em relação à totalidade do material observado. Detectámos apenas as técnicas da incisão e da impressão. As incisões manifestam-se através de pequenos traços sobre um bordo da forma 1, possíveis triângulos preenchidos, de linhas horizontais sobre o colo de um vaso e de traços oblíquos, formando espinha. A impressão de uma série de pequenas ovais combina com linhas incisivas. Dentro do grupo das impressas existem, ainda, as marcas de unhas

Líticos

O espólio lítico é pobre e efectuado sobre matéria-prima local, como o quartzito e o granito. Destacamos 1 fragmento de um pequeno moinho dormente, aplanado, 2 polidores e 1 seixo rolado, com vestígios de lípidos. Estes últimos vêm sendo habituais em contextos de ocupação, o que poderá abonar em favor da sua interpretação como artefactos.

Metais

Dentro deste grupo de materiais identificámos uma escória ainda não analisada.

Espólio de transição Bronze/Ferro (Falperra II)

Cerâmicas (Est. LXXV a LXXVII)

Quantificámos 140 fragmentos de panças cerâmica, entre as quais 79 micáceas (56%), 54 arenosas (39%) e 7 arenosas/micáceas (5%).

A diversidade formal é maior do que na fase correspondente à Idade do Bronze e há, também, alterações consideráveis em relação às percentagens de potes. Apareceram a

forma 12 (taça carenada), sempre de textura grosseira e a 18 (panela de asa interior), esta última de pasta arenosa/micácea, com indícios de fuligem na superfície externa. Nos potes, nota-se uma redução considerável da forma 1 (sendo um deles de pasta micácea), um aumento considerável da 1b e o aparecimento da 1c, onde predominam as abas pequenas. Apesar destas novidades, as formas de tradição anterior representam ainda, 72% do total das 18 identificadas.

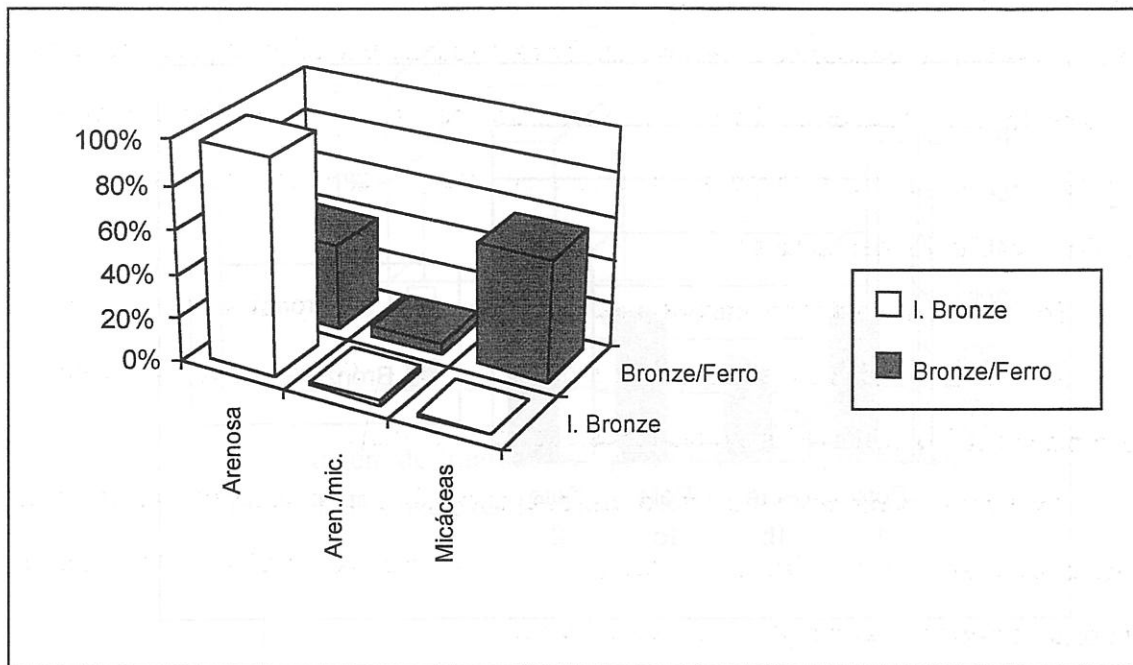
Só foi possível obter dimensões para 2 potes o que não é significativo.

As bases, de diâmetros essencialmente médios e médios/grandes, são todas de fundo plano (100%). Uma delas indicia ter estado sobre o lume.

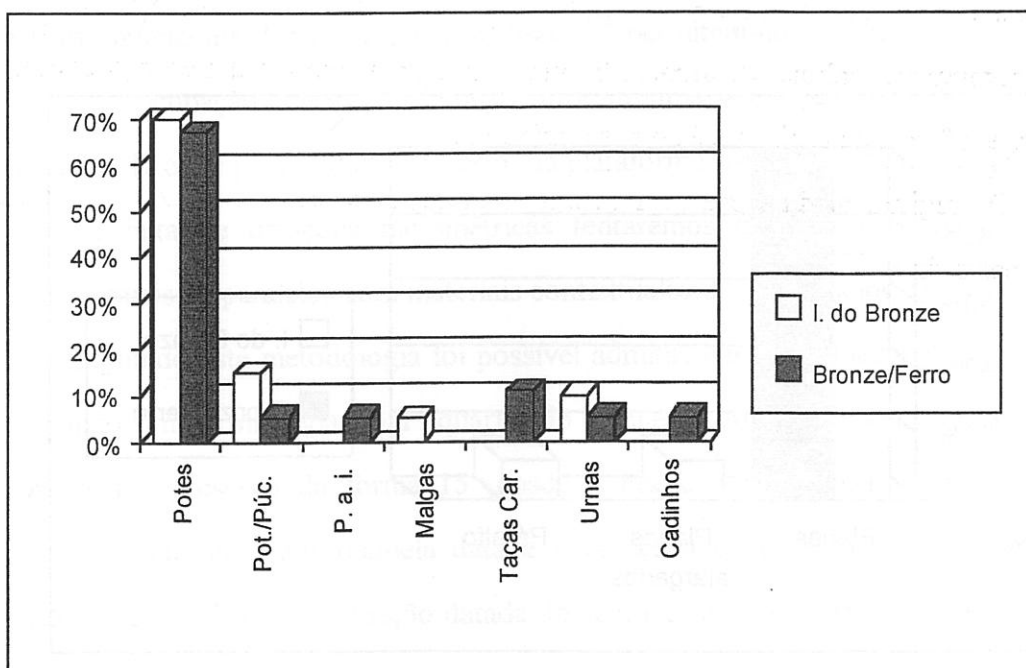
As 3 asas encontradas são muito distintas entre si. Uma é de secção rectangular, outra é circular e a terceira é irregular, com caneluras. A circular é de prensão horizontal e pertence a uma panela de asa interior.

A cerâmica decorada é reduzida (2%), em relação à totalidade do material estudado. Registámos fragmentos com decoração brunida, incisa e incisa/plástica. A primeira, elaborada através de faixas bicolores, apresenta uma temática geométrica, muito comum na cerâmica de ornatos brunidas. A última combina um cordão com traços incisos, em forma de espinha e é de pasta micácea.

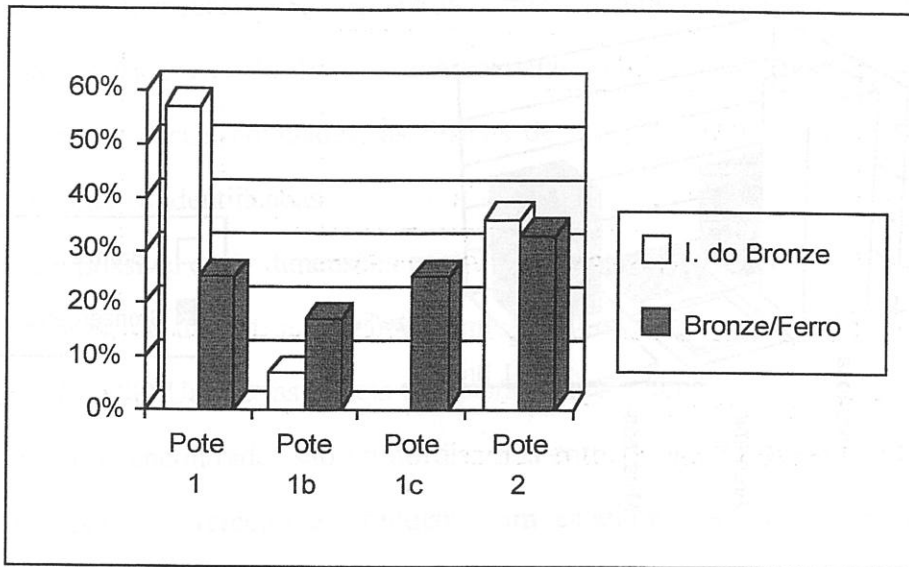
De registar ainda a presença de um cossoiro, micáceo, a evidenciar a prática da fiação nesta fase.



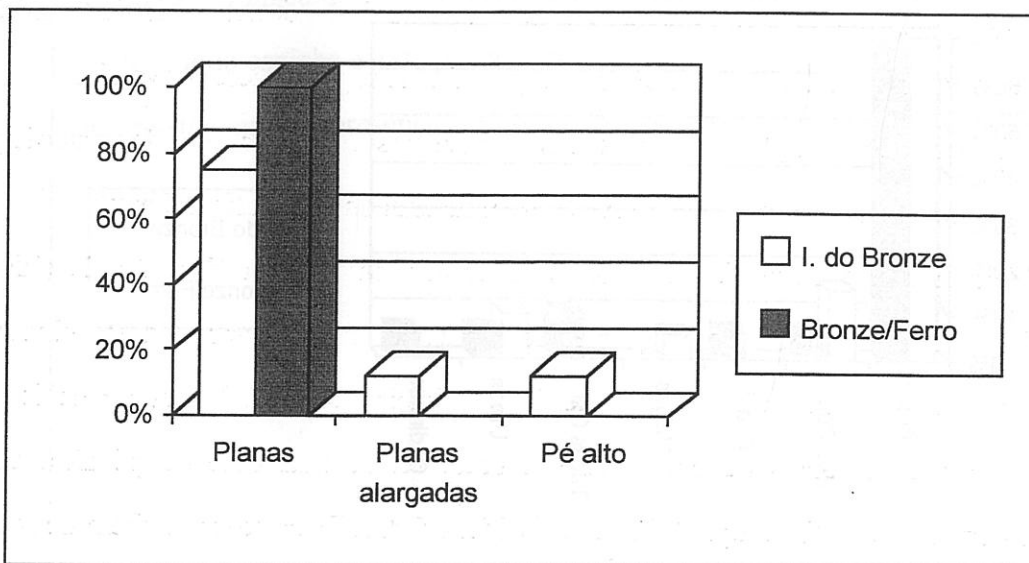
1. Comparação das pastas entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



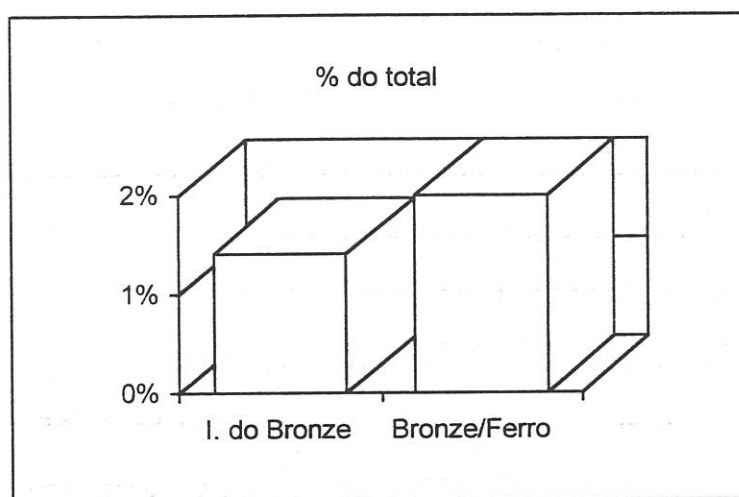
2. Comparação das formas entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



3. Comparação das formas de pote entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



4. Comparação das bases entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



5. Percentagem de fragmentos decorados entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição

3. 6. 3. Síntese

A grande potência estratigráfica deste sector, as características das suas camadas, as estruturas encontradas e o espólio analisado¹⁷⁶ permitem-nos estabelecer uma grande diacronia de ocupação desde a Idade do Bronze até uma fase indeterminada da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, na plataforma superior deste povoado.

Na falta de datações radiométricas tentaremos uma afinação da cronologia relativa, através de paralelos com materiais contextualizados pelo radiocarbono.

Seguindo esta metodologia foi possível admitir, para as camadas 42 a 23 (Idade do Bronze) uma cronologia do 1º quartel do I milénio AC. Em abono desta hipótese salientamos a presença da forma 15 (desde a primeira ocupação), desconhecida no Noroeste Peninsular antes daquela data e a presença de uma base de pé alto, com paralelos em S. Julião Ib, ocupação datada do séc. IX AC. Estas bases também ocorrem

¹⁷⁶-A ocorrência de cerâmicas incisadas metopadas, de tipo "Penha", nas camadas 6b, 6c e 8, correspondentes a valas de fundação de estruturas romanas, bem como na camada 37, indiciam uma ocupação, descontextualizada, que cremos do Calcolítico. Esta poderá datar-se, provisoriamente, de entre os finais do IV milénio aos meados do III AC por comparações com datas obtidas para o Nordeste do país (SANCHES 1997).

no povoado da Moreirinha, na Beira Interior, em contextos dos finais do II, inícios do I milénio AC (VILAÇA 1995: 235, 236, 306, 374-375). São também conhecidas na Meseta Norte, no nível II3 do povoado de La Mota (Valladolid), na Meseta Sul, em Puente I (Madrid) e em Peña Negra I (Alicante), em níveis, que cremos todos dos finais da Idade do Bronze (GARCIA ALONSO *et al* 1985; PRIEGO 1987; GONZÁLEZ PRATS 1990¹⁷⁷). De contexto similar, pelos conjuntos artefactuais em que se inserem, deverão considerar-se as bases de pé alto dos povoados dos Alegrios e do Castelejo, na Beira Interior (VILAÇA 1995: 122, 207) e do Alto da Caldeira, em Baião (JORGE: 1981). O fraco índice percentual de cerâmica decorada parece constituir mais um argumento em favor de uma cronologia dos finais da Idade do Bronze, nesta área de trabalho. Atente-se às fracas percentagens decorativas da camada da Santinha I (0,3%) e de S. Julião Ib (1%), ambos datados do 1º quartel do I milénio AC. As restantes formas comuns desde, pelo menos, a 1º metade do II milénio AC, não podem ser consideradas, por si só, como indicadores cronológicos.

Quanto à fase de transição da Idade do Bronze para a do Ferro, é difícil, senão impossível, datar o início do seu processo, muito embora, como hipótese de trabalho, a possamos considerar, como um fenómeno que ocorre no 2º quartel do I milénio AC.

Em abono desta hipótese, verificamos que as formas cerâmicas se mantêm inalteráveis e que só o pote 1c aparece como inovador, na primeira ocupação desta fase (camada 20). Na segunda ocupação (camada 15), a presença de um fragmento cerâmico carenado, decorado com ornatos brunidos da variante A, categoria estabelecida por R. Vilaça (1995: 283) poderá possibilitar alguns dados cronológicos.

Estes são conhecidos numa ampla faixa meridional do Sudoeste Peninsular, embora ocorram no Centro do país, nomeadamente na Estremadura e na Beira Interior. Nesta última região foram encontrados nos povoados do Monte Frade e da Moreirinha, em contextos dos finais do II, inícios do I milénio AC (VILAÇA 1995: 133, 159-160, 217, 220, 234-235). Se esta cerâmica é comum nos níveis inseríveis nestas balizas

¹⁷⁷-Em R. Vilaça (1995: 306).

cronológicas, ela perdura na camada de abandono do povoado da Moreirinha, não datada pelo radiocarbono, mas que cremos posterior aos meados do séc. IX AC.

Estes dados mais não concorrem do que acentuar o carácter precoce em que este processo de transição se iniciou. Também a permanência de formas de tradição anterior, como as taças carenadas, até à penúltima camada de ocupação, a n.º 11, abona, como indicador de antiguidade.

As características arcaizantes das estruturas (perceíveis e idênticas à Falperra I) e do espólio das camadas de transição permitem-nos colocar a hipótese de estarmos perante um momento inicial deste processo de média duração, cujas etapas posteriores teriam sido, eventualmente, destruídas por terraplenadas, na preparação da plataforma superior para ocupações de época romana e medieval.

Esta hipótese de trabalho, torna pertinente defender novas sondagens neste povoado, onde a detecção de níveis de transição mais recentes e de níveis do Ferro Inicial, tornariam mais inteligível este processo de mudança, em continuidade. As questões em aberto tornam, também, indispensável a limpeza do perfil B1 para a obtenção de materiais orgânicos passíveis de datação pelo radiocarbono, de modo a afinar a cronologia desta sequência de ocupações e deste processo de transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

Em qualquer uma destas fases podemos ainda integrar um machado de talão de duplo anel, descontextualizado, bem como uma chapa de bronze rebitada que cremos pertencer a um caldeiro.

Em **resumo**, podemos dizer que no povoado da Falperra existiram três grandes momentos de ocupação, anteriores à Idade do Ferro. O mais antigo poderá atribuir-se ao Calcolítico, que aparece descontextualizado, o seguinte ao finais da Idade do Bronze e o terceiro à transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

CATÁLOGO DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE 1984

[B1, Cam. 6b e 8] Nestas duas camadas correspondentes às valas de fundação das estruturas A e B, respectivamente, ocorrem cerâmicas atribuíveis à Idade Média, à época Romana e às Idades do Ferro, do Bronze e do Calcolítico, que não especificaremos.

[B1, Cam. 9] Verificámos apenas a ocorrência de 1 fragmento cerâmico, de pasta arenosa. Nesta camada há ainda 3 bordos da mesma peça, de uma forma posterior à Idade do Ferro, que considerámos intrusivos. São de pasta muito bem cozida e a torno.

Bases

- Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor bege e superfície corroída.

Diâmetro externo da base: 13,2cm.

[B1, Cam. 11]

Bordos

- Fragmento de **bordo** esvasado e de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de superfície alisada e de cor bege/castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

- Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 16,6cm.

Panças

- Fragmento de **pança carenada**, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[B1, Cam. 13] Observámos 6 fragmentos de panças, 2 de pasta arenosa e 4 micácea.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal grande e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha

Diâmetro externo da boca: 27,4cm.

Forma 1c.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida média e lábio indeterminado Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

[B1, Cam. 13/14] Observámos 13 fragmentos de panças, 9 de pasta micácea e 4 de arenosa. Há algumas, poucas, intrusões de cerâmicas medieval e calcolítica Talvez devido à mistura com terras das valas de fundação das estruturas A e B.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e vassourada, de cor bege

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa/micácea, de cor castanha/bege e superfície alisada, com fuligem no exterior.

Diâmetro externo da base: 27,6cm.

Panças

- Fragmento de **pança** com decoração incisa, com linhas horizontais e verticais, eventualmente de origem calcolítica, de pasta arenosa, de textura muito grosseira e de cor castanha.

- Fragmento de **pança** com decoração incisa, de tipo "Penha", de pasta arenosa, de textura muito grosseira e de cor castanha.

Outros

- **Cossoiro** cerâmico, de pasta micácea. e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 1,6cm

- **Asa** de pasta micácea, grosseira, superfície alisada e de cor bege, decorada com dois sulcos, fazendo caneluras.

[B1, Cam. 15] Contámos 5 fragmentos cerâmicos de pasta arenosa e 22 de pasta micácea.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa/micácea, de cor castanha/bege e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 13,4cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, com grandes palhetas, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 20cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 18,2cm.

Panças

- Fragmento de **pança** com decoração plástica, sob a forma de cordão e incisões em espinha, de pasta micácea, com palhetas de mica de grande calibre, de textura grosseira, superfície alisada e cor castanha.

- Fragmento de **pança carenada** com decoração brunida, de temática geométrica, de textura mediana, pasta arenosa e cor castanha.

[B1, Cam. 17] Estudámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, um deles de textura fina e 4 de micácea.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta grosseira¹⁷⁸

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Colos

- Fragmento de **colo** com decoração incisa, de pasta arenosa, de textura grosseira, superfície alisada e cor castanha.

[B1, Cam. 18] Contámos 2 fragmento cerâmico, de pasta arenosa e 3 de micácea.

¹⁷⁸-Por não terem sido encontradas, algumas peças foram apenas estudadas pelos desenhos efectuados na década de 80. Nestes casos não foi possível determinar o tipo de pasta, a textura, o acabamento e a cor de cada uma delas.

[B1, Cam. 19] Estudámos 7 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, um deles com acabamento vassourado, 1 de pasta arenosa/micácea e 3 de micácea.

[B1, Cam. 20] Quantificámos 10 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 1 de textura fina e 17 de pasta micácea, algo arenosa. Alguns destes últimos apresentam, ainda, palhetas de mica mal distribuída.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na face externa.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta (?), grosseira

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, grosseira

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1c.

- Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege/castanha

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1c.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e de lábio grosso arredondado. Fabrico manual

Diâmetro externo da boca: 7,2cm.

Forma 10.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

- Arranque de **asa** de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.
- Arranque de **asa** de secção circular, de panela de asa interior, de fabrico manual, pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha/negra, com vestígios de fuligem no exterior.

[**B1, Cam. 21**] Contámos 7 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 1 deles de textura fina e 1 de pasta arenosa/micácea.

Bordos

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

[**B1, Cam. 21a-fossa**] Estudámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 4 de pasta micácea. Nas pastas arenosas parece existir uma pança de urna, de textura fina e superfície polida.

Bordo

- Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

[**B1, Cam. 22**] Quantificámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea.

[**B1, Cam. 23**] Contámos 4 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta micácea.

[B1, Cam. 24] Quantificámos 6 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

Bordos

- Fragmento de pote de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Líticos

- Polidor sobre seixo granítico, de grão fino.

[B1, Cam. 25a] Quantificámos 2 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 26]

Bordos

- Fragmento de pote de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 23,8cm

Forma 2.

Asas

- Fragmento de asa, de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

[B1, Cam. 27a] Quantificámos 4 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 27b] Contámos 2 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 30]

Bases

- Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta mediana, arenosa, de cor castanha e superfície polida.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Panças

- Fragmento de pança com decoração incisa, de pasta arenosa, grosseira.

[B1, Cam. 32/33] Quantificámos 1 fragmento cerâmico, de pasta arenosa/micácea.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: >19cm.

[B1, Cam. 35] Quantificámos 9 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa grosseira e 1 intrusivo da vala de fundação da estrutura A.

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 25,2cm.

Forma 1.

[B1, Cam. 36] Contámos 9 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa, 2 deles com alguma mica, que cremos da argila. Analisámos, igualmente 1 pança de pasta arenosa/micácea.

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 17cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **bordo** sub-vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Apresenta decoração incisa sob o bordo.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Líticos

- Fragmento de moinho dormente aplanado, de granito de grão fino. Apresenta vestígios de fogo.

[B1, Cam. 37] Quantificámos 51 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 40 de textura grosseira, 7 de textura fina e superfícies polidas e 4 de mediana.

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 35,4cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida pequena e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

- Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio adelgado/arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 22.

- Fragmento de 1 **bordo** indeterminado, esvasado, de lábio adelgado, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

- Fragmento de 1 **bordo** indeterminado, esvasado, de lábio adelgado/arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor alaranjada no exterior e negra no interior. Má cozedura.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa e grosseira de cor castanha/negra e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de fundo plano alargado curto, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor bege e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

- **Base** de pé alto, de fabrico manual, de pasta arenosa, de textura grosseira, de cor bege e de superfície alisada

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

- Fragmentos de **3 panças** com decorações incisivas metopadas, de tipo "Penha", de pastas arenosas, muito grosseiras e de cores castanhas.

- Fragmento de **pança** com decoração incisiva e impressa, de pasta arenosa, grosseira e de cor castanha.

Asas

- **Asa**, de secção oval, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor bege.

- Fragmento de **asa** (?), de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

Metais

- Escória de metal não identificado.

[B1, Cam. 38] Quantificámos 128 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea. Encontrámos, apenas, 9 panças de textura fina.

Bordos

- Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19,7cm.

Forma 1.

- Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1 (?).

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22,8cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: 32cm.

Forma 2.

- Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2 (?).

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada. e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11,8cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana/fina, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 12cm.

Forma 10.

- Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo sub-vertical, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada. e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 9,8cm.

Forma 10.

- Fragmento de 1 **bordo** de forma indeterminado, esvasado, de lábio adelgado e muito deteriorado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor bege. Apresenta 3 linhas incisais horizontais, finas, sobre o colo.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

- Fragmento de 1 **bordo** de forma indeterminado, esvasado, de lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 17,2cm.

- **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

- Fragmento de **pança** decorada com a técnica impressa, com motivos efectuados com unhas, de pasta arenosa, grosseira, superfície alisada e cor castanha.

Líticos

- Fragmento de polidor, sobre seixo granítico de grão médio.
- Fragmento de seixo granítico de grão fino.
- Fragmento de seixo quartzítico, com vestígios de lípidos.

[B1, Cam. 39] Observámos 5 fragmentos cerâmicos, 4 de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea.

[B1, Cam. 40/42] Apenas se exumaram 8 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa. Dois deles parecem corresponder à forma 15, ou seja, a uma urna. Apresentam pastas finas e superfícies polidas.

4. ESCAVAÇÕES: CARACTERIZAÇÃO DOS ACHADOS

4.0. Introdução

O estudo monográfico de cada estação transmite em pormenor os resultados obtidos no decurso das muitas campanhas de escavação que efectuámos entre 1989 e 1996. Com este trabalho, que focaliza a história local de cada povoado, pretendemos obter, tanto quanto possível, leituras sobre as estratégias económicas, a reconstrução social e os processos simbólicas de cada comunidade, em interacção com os diferentes cenários ecológicos em que elas se desenvolveram e actuaram. Privilegiámos assim o estudo do que A. Sherratt (1993: 128) denomina "*micro-estruturas da vida diária*", elaborado através da contextualização dos dados.

Será a partir da correlação dos vários estudos locais ou micro-espaciais (nível baixo de análise) que passaremos para o outro patamar da investigação (nível média de análise) onde o objectivo foi estabelecer padrões comportamentais idênticos ou dissemelhantes entre ocupações coetâneas, possibilitando, posteriormente, o estabelecimento de um ou vários quadros evolutivos, a nível regional.

Cada monografia obedeceu aos seguintes critérios de apresentação:

- introdução;
- localização, contexto geomorfológico e ambiental;
- objectivos e metodologia;
- escavações;
- cronologia, fases de ocupação e organização interna o povoado;
- caracterização da cultura material.

No primeiro capítulo efectuámos a localização administrativa, o historial e os objectivos de ordem geral que levaram às intervenções arqueológicas de cada estação. No segundo posicionámos cada uma delas em termos micro-espaciais, revelando os

diversos recursos existentes em cada local, inserindo-os, posteriormente, em unidades geomorfológicas de maior amplitude. No seguinte anunciámos os objectivos gerais e os particulares de cada acção desenvolvida, o número de intervenções efectuadas, as áreas escavadas, a metodologia de campo e laboratório usadas, as técnicas e recursos disponíveis e as dificuldades encontradas no decorrer dos trabalhos. No capítulo escavação descrevemos a estratigrafia, as estruturas e o espólio por cortes, bem como o resultado das diversas análises laboratoriais (antracologia, arqueozoologia, composição química dos achados metálicos, paleocarpologia, palinologia, radiocarbono, entre outras). No final de cada corte fizemos uma pequena síntese dos resultados obtidos, tentando já estabelecer uma comparação diacrónica entre as diferentes ocupações encontradas e inferir dados de ordem socio-económica e ritual sobre cada uma delas. Seguidamente comparámos as ocupações dos diferentes cortes associando aquelas que, através de várias metodologias de análise, nos pareceram coetâneas, com o objectivo de procedermos a sínteses globais sobre as diversas ocupações dos povoados. No último capítulo, e quando o volume dos dados o justificava, efectuámos um estudo exaustivo da cultura material, com especial destaque para a e os objectos metálicos.

4. 1. ALTO DE S. BENTO

4. 1. 1. Introdução

O sítio arqueológico do Alto de S. Bento localiza-se na freguesia de S. Martinho de Tibães, concelho de Braga, na margem esquerda do rio Cávado.

Só foi identificado em 1995, por Luís Fontes durante os trabalhos arqueológicos que se processavam no adro da capela de S. Bento, pertencente ao Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Apesar de manter relativamente bem preservadas as suas vertentes oeste e este, foi modificado a norte, pela construção de um escadório de acesso à referida capela.

O interesse do estudo deste local reside na sua posição geo-estratégica em relação ao vale do Cávado e às jazidas de estanho que ocorrem nas imediações.

4. 1. 2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental (Est. LXXVIII a LXXX)

O sítio arqueológico de S. Bento, dentro da cerca do mosteiro de S. Martinho de Tibães, localiza-se num remate de esporão da vertente norte do Monte de S. Filipe, com boas condições de visibilidade para o vale do Cávado, bons acessos a terrenos agrícolas pelo lado oeste e vertentes abruptas a este. Apresenta as seguintes coordenadas Gauss: M=171,1 ; P= 509,4 , à cota de 145m (f.70 - 1:25 000).

O substrato rochoso é composto por corneanas pelíticas e quartzo feldspáticas (rochas silúricas metamorfozadas) que não ocorrem à superfície.

A cerca de 500m para norte e este há solos de classe A, de utilização agrícola (f.70 - 1: 25 000).

A menos de 1Km para sudoeste ocorrem as jazidas de estanho de Cabreiros e para sudeste as de volfrâmio de Tibães, ambas no concelho de Braga. A 3Km para norte

do Cávado, na freguesia de Cabanelas (Vila Verde), encontram-se jazidas de estanho e barreiros.

Os recursos aquíferos são abundantes. Na vertente este existem nascentes e regatos, alguns deles afluentes da margem esquerda do Cávado.

A cobertura vegetal é essencialmente arbustiva e arbórea, resultado de décadas de trabalhos efectuados pelos frades que habitaram o mosteiro.

O acesso faz-se por caminho de pé posto ou pelo escadório da Capela de S. Bento, pertencente ao recinto do Mosteiro.

4. 1. 3. Objectivos e metodologia (Est. LXXXI, LXXXII)

O objectivo principal desta intervenção arqueológica, da responsabilidade técnica e científica de Luís Fontes, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho¹⁷⁹, era a reconstituição do traçado do antigo jardim, fronteiro à capela de S. Bento. Iniciados os trabalhos em 1995, detectaram-se, em planta, as primeiras fossas, abertas na alterite. Esta descoberta viria a encorajar o alargamento da área de trabalho e a escavação de algumas fossas, em 1996/1997, agora numa perspectiva de integração cronológica-cultural destes achados, de determinar a área de ocupação deste sítio arqueológico e estabelecer a(s) sua(s) funcionalidade(s).

Abriram-se assim 71 quadrados de 1,5 x 1,5m, numerados de 1 a 71, no jardim e áreas adjacentes à referida capela. A quadrícula foi orientada segundo o Norte geográfico e a escavação processou-se por camadas artificiais, na fase inicial e, posteriormente, por camadas naturais. Atendendo ao objectivo principal dos trabalhos, só alguns quadrados foram escavados até à rocha de base. As camadas foram numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes.

¹⁷⁹-Agradecemos ao Dr.º Luís Fontes o ter facultado o relatório das escavações e a cedência dos dados aqui referenciados.

As fossas foram indicadas por números árabes e as restantes estruturas por letras maiúsculas. Todas as plantas e perfis foram desenhados à esc. 1: 20, cotados e fotografados.

O ponto topográfico correspondeu a um dos cantos da soleira do chafariz, referenciado na planta.

Na parte escavada das fossas foram retirados a totalidade dos sedimentos para análises de ecofactos. A crivagem a seco e tratamento laboratorial destes sedimentos está a ser efectuada por Giselda Oliveira, colaboradora da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito da sua dissertação de mestrado.

Analisámos a estratigrafia e o espólio de cada fossa de forma individual. Os objectos cerâmicos foram integrados na tabela formal geral. Os macrorrestos vegetais, ainda em fase de estudo, revelaram alguns indícios de interesse.

O espólio foi depositado no Museu de S. Martinho de Tibães, Mire de Tibães, Braga.

4. 1. 4. Escavações

4. 1. 4. 1. Estratigrafia, estruturas e espólio (Est. LXXXII a LXXXV)

4. 1. 4. 1. 1. Plataforma superior

Estratigrafia

O início dos trabalhos começou pela decapagem superficial de todo a área do jardim. Terminada esta fase incidiu-se mais no quadrante sudoeste do mesmo, onde se escavaram alguns quadrados até à rocha de base. A estratigrafia era, *grosso modo*, escassa e compreendia fundamentalmente 3 camadas com espólio de épocas históricas.

Na base da última camada surgiram 15 fossas abertas na alterite, das quais 11 foram escavadas, em parte, e cuja estratigrafia descreveremos pormenorizadamente.

Fossa 1 (SB 51)

A limpeza do perfil norte desta fossa, até à rocha base, permitiu verificar que ela atingia cerca de 1,14m de profundidade máxima e distinguir 2 camadas estratigráficas, com algumas subdivisões (Est. LXXXIII).

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, castanha e amarelado, de média compacidade, argilosa, com algum cascalho.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas com algumas manchas esbranquiçadas, arenosa, de média compacidade, com algum cascalho e pedra miúda.

-Camada 2b: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e algum cascalho.

-Camada 2c: caracterizava-se por terras amareladas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedra miúda e calhaus dispersos.

-Camada 2d: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedras e blocos pétreos.

Fossa 3 (SB 51)

A observação do perfil sul desta fossa, demonstrou que ela tinha cerca de 1,04m de profundidade máxima e 2 camadas estratigráficas, com algumas subdivisões (Est. LXXXIII).

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, castanha e amarelado, de média compacidade, argilosa, com algum cascalho.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras amareladas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedra miúda e calhaus dispersos.

-Camada 2b: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

Fossa 5 (SB 16)

A análise dos perfis norte e este desta fossa, demonstraram 3 camadas estratigráficas e que ela atingia os cerca 96cm de profundidade máxima (Est. LXXXIII).

-Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

-Camada 2: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, o castanho e o acinzentado, argilosa, de média compactidade, com pedra e pedra miúda e xisto em desintegração.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, argilosas, de média compactidade com carvões dispersos e alguma pedra miúda e cascalho.

-Camada 3: caracterizava-se por terras avermelhadas escuras, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

Fossa 6 (SB 11)

A observação dos diferentes perfis efectuados nesta fossa, demonstrou que ela tinha 80cm de profundidade máxima, apesar de perturbada pelo lado nordeste. Foi possível identificar 1 camada estratigráfica.

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhado com manchas esbranquiçadas e negras, argilosa, de média compactidade.

Fossa 7 (SB 10)

A estrutura identificada como fossa 7 é duvidosa. A pequena depressão detectada a noroeste do quadrado poderá estar relacionada com uma canalização que passava pelo local. O seu enchimento não se distinguia da camada que se sobrepunha, pelo que só novos trabalhos permitirão interpretar melhor este "incidente".

Fossa 8 (SB 10/11)

A limpeza dos perfis norte e este desta fossa, até à rocha base, permitiu verificar que esta estrutura foi perturbada, a oeste, por uma canalização. Tinha cerca de 54cm de profundidade máxima e 3 camadas estratigráficas ainda *in situ* (Est. LXXXIV).

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhadas, com manchas amareladas e acinzentadas, argilosa, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

-Camada 2: caracterizava-se por terras de cor castanhas claras, argilosas, de média compactidade, com algum cascalho.

-Camada 3: caracterizava-se por terras amareladas, de tipo saibro, de média compactidade.

Fossa 10 (SB 10)

Era uma estrutura baixa com cerca de 16cm de profundidade. Continha apenas uma camada.

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor castanhas claras, argilosas, de média compactidade, com algum cascalho.

Fossa 12 (SB 14/15)

Esta fossa, dupla, tinha de profundidade máxima 84cm e de mínima cerca de 48cm (Est. LXXXV).

-Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

-Camada 1a: caracterizava-se por terras avermelhadas e castanhas, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões.

Fossa 13 (SB 10/14)

Esta fossa, apesar de perturbada na parte superior pela passagem de uma canalização, apresentava 1 camada *in situ*, bem visível no perfil sul. Tinha cerca de 50cm de profundidade máxima (Est. LXXXIV).

-Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhadas, com manchas amareladas e esbranquiçadas, argilosas, de média compactidade, com algum carvão.

Fossa 14 (SB 34)

Com cerca de 80cm de profundidade máxima, esta fossa apresentava 2 camadas (Est. LXXXV).

- Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas e amareladas, saibrosas, de média compacidade, com algum cascalho.
- Camada 2: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade. Contém alguns carvões dispersos.

Fossa 15 (SB 14/18)

O perfil oeste do quadrado SB 14, demonstrou que esta estrutura tinha cerca de 22cm de profundidade e, aparentemente, apenas 1 camada.

- Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas claras, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões e pedra miúda.

Estruturas (Est. LXXXII a LXXXVII)

A análise estratigráfica demonstrou-nos que após a camada humosa existem restos de arruamentos e de canteiros da Idade Moderna. A camada 3, que assentava sobre a alterite, não era uniforme e apresentava espólio que demonstrava revolvimento. Por vezes, em parte desta camada abriram-se algumas das fossas. O nível de ocupação contemporâneo destas estruturas, parece ter sido completamente destruído, pelo que a profundidade das mesmas é sempre aproximada.

Das 15 fossas detectadas, apenas podemos conhecer com alguma exactidão, a planta da 8. Pelo facto de muitas delas se encontrarem por baixo dos arruamentos da época moderna, não foi possível escavar os quadrados por onde se estendiam tais estruturas e, assim, ter a percepção das respectivas plantas.

Das fossas passíveis de estudo mais exaustivo, 3 apresentavam planta alongada e 5 planta subcircular, com profundidades muito diversificadas.

N.º DA FOSSA	MORFOLOGIA/PLANTA	DIMENSÕES (comp. x larg. x prof.)
Fossa 3	Subcircular	0,76m x c. 0,70m x 1,04m
Fossa 5	Subcircular	0,74m x c. 0,72m x 0,96m
Fossa 6	Subcircular	0,62m x 0,60m x 0,80m
Fossa 8	Subcircular	0,80m x c.0, 80m x 0,54m
Fossa 10	Subcircular	0,52m x 0,50m x 0,16m
Fossa 12	Alongada	1,30m x 0,70m x 0,48m
Fossa 13	Alongada	0,90m x c. 0,60m x 0,50m
Fossa 15	Alongada	0,74m x 0,54m x 0,22m

Espólio

Cerâmicas

O espólio das camadas 1, 2 e 3 correspondia a louça e vidros de época histórica. Exceptuando um fragmento de pança arenosa, grosseira de fabrico manual, encontrado na camada humosa do quadrante noroeste do jardim, todo o material da Idade do Bronze proveio do interior das fossas. Este era escasso (17 fragmentos) e poderá subdividir-se em grosseiro (82%) e mediano/fino (18%). A cozedura era regular. As cores variavam entre o castanho claro e o castanho alaranjado. As superfícies eram, predominantemente, alisadas (88%) mas existiam acabamentos polidos (12%). Não se identificaram vestígios de lípidos ou de matéria orgânica.

N.º DA FOSSA	CAMADA	QUANTIDADE	FRAGMENTOS
Fossa 1	Camada 2a e 2b	8	Panças
Fossa 5	Camada 1	1	Pança
Fossa 6	Camada 1	4	1 base; 3 panças
Fossa 12	Camada 1	1	Bordo
Fossa 14	Camada 2	1	Pança
Fossa 15	Camada 1	1	Pança

Formas

O único fragmento passível de fornecer forma era o bordo da fossa 12. Trata-se de um pote da forma 7, de textura grosseira, acabamento alisado e de cor castanha alaranjada. Tinha um bordo em aba soerguida média e apresentava, no colo, um cordão liso, aplicado horizontalmente. Media cerca de 29cm de diâmetro de boca.

Bases

O único exemplar conhecido pertencia a um fundo plano, grosseiro, de acabamento alisado e de cor castanha alaranjada. Notavam-se impressões de algumas dedadas no interior, que cremos serem defeito de fabrico. Media de diâmetro mais do que 20cm.

Decorações

Apenas reconhecemos a decoração plástica, através de um cordão horizontal sobre o colo do pote da forma 7.

Macrorrestos

Em 24 litros de sedimentos da fossa 3 recolheram-se várias sementes, a maioria delas indeterminadas. Entre as identificadas conta-se a presença de *Triticum* e de *Brassica* (?).

4. 1. 4. 1. 2. Área Oeste

Estratigrafia

A estratigrafia era pouco espessa e caracterizava-se por 3 camadas. Após a camada humosa, existia a 2, revolvida, com espólio moderno e a 3, de cor castanha amarelada, algo saibrosa, de grande compacidade, com alguns carvões, cascalho, pedra miúda e calhaus.

Estruturas

Na camada 3 dos quadrados SB 63, 65 e 71, surgiu uma estrutura cortada no substrato rochoso. Tratava-se de um sulco de secção sub-rectangular, de 22/24 cm de largura, de 16/18cm de profundidade média, de forma semicircular, com uma abertura de cerca de 40cm, voltada a norte. No sentido norte-sul, media cerca de 1,20m de diâmetro médio.

Espólio

Cerâmicas

Nesta área de intervenção apenas detectámos um fragmento de cerâmica manual, de pasta arenosa, grosseira, passível de integração na Idade do Bronze. Era o único que apresentava vestígios de lípidos na superfície interior. Foi recolhido na camada 3 do quadrado SB 65.

4. 1. 5. Cronologia, fases de ocupação e organização interna do povoado

A análise da sequência estratigráfica e das estruturas indicia apenas um momento de ocupação atribuível à Idade do Bronze, que se teria desenvolvido, quer na plataforma superior, quer no início da vertente oeste.

A escassez de espólio e a fraca potência estratigráfica apontam para uma ocupação de curta duração, talvez sazonal e, provavelmente, muito especializada em termos funcionais.

Quanto a este último aspecto parece possível admitir que o local tenha funcionado como silo, ou armazém de géneros. Em abono desta hipótese de trabalho concorrem várias das características do sítio:

- localização geográfica do local, na proximidade de solos agrícolas, bem irrigados e de fácil acesso;

- proximidade da importante via de transporte ou escoamento, constituída pelo vale do Cávado;

- exclusividade de estruturas de fossa na plataforma superior, local de boa drenagem;

- abandono das fossas, ainda durante a Idade do Bronze. As características da estratigrafia e do espólio encontrado no seu interior são a esse respeito bastante elucidativas. Se estas estruturas tivessem servido de recintos tumulares ou rituais seria pouco provável a sua violação em época tão recuada;

- presença esporádica de cereal nos sedimentos da fossa 3 (os únicos estudados até agora);

- espólio cerâmico indiciando a existência de grandes recipientes para guardar materiais secos. Em todos os fragmentos da plataforma superior estão ausentes os indicadores de gorduras, de matéria orgânica ou da presença de actividades feitas ao lume.

Como hipótese de trabalho, a estrutura da área oeste, em local onde não existiam fossas, poderá interpretar-se como uma estrutura de cabana, com fins de apoio às actividades desenvolvidas na plataforma superior. De salientar ser esta a única zona com cerâmicas indiciando transformação de alimentos.

Este sítio arqueológico teria, assim, que entender-se, como fazendo parte de uma rede de povoamento mais complexa, onde se inscreveriam outras categorias de fixação humana no espaço.

4. 2. CABANAS

4. 2. 1. Introdução

O povoado de Cabanas localiza-se na freguesia de Dume, concelho de Braga, na margem esquerda do rio Cávado.

Foi identificado por L. Fontes em 1990, mantendo ainda intactas, as suas vertentes oeste, noroeste e parte da este. A vertente sul achava-se bastante degradada por desaterros e terraplanagens e a nordeste encontrava-se danificada por pedreiras. A plataforma superior indicava extracção de pedra, por processo artesanal. Apesar das más condições de conservação foi possível identificar, pelos achados de superfície, espólio integrável na Idade do Bronze e na do Ferro Recente.

Como estação arqueológica integrada no plano director do concelho de Braga, mantinha-se salvaguardada de novas perturbações, pelo que não era nossa intenção proceder a escavações arqueológicas, antes da finalização da nossa dissertação de doutoramento.

Em 1996, uma atitude pouco cuidadosa por parte da Câmara Municipal de Braga, permitiu a destruição do que restava da vertente sul e a totalidade da oeste. Antes desta destruição foi possível verificar a existência de taludes artificiais, de outras estruturas pétreas e fragmentos de cerâmica manual e micácea, integráveis tecnicamente na Idade do Bronze e na do Ferro Recente. Não se detectaram níveis de transição entre estas duas fases de ocupação. Também não foi possível perceber se as cerâmicas da Idade do Bronze, encontradas nesta vertente, eram provenientes de níveis *in situ* ou de escorregamentos.

Confrontados com uma situação de emergência o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, pede a colaboração da Unidade de Arqueologia e efectua algumas sondagens no povoado, em Fevereiro de 1996.

4. 2. 2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental (Est. LXXXVIII a XC)

O povoado de Cabanas fica localizado num Outeiro do vale do Cávado, com uma visibilidade de 360 graus. As coordenadas Gauss, segundo a C. M. P., folha n.º 56, na esc. 1:25 000 são: M=175,9 ; P= 510,9, à cota máxima de 190m.

O substrato rochoso é composto por granitos porfiróides de grão médio a fino, monzoníticos de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), que ocorriam na plataforma superior.

A cerca de 500m para oeste existem solos de classe A, de utilização agrícola (f.56 - 1: 25 000).

Recursos minerais de volfrâmio e estanho surgem a 4 e a 6 Km para Sudeste, em Tibães e Cabreiros, respectivamente. A 5 Km para noroeste encontram-se os barreiros do Prado/Cabanelas (Vila Verde).

Os recursos hidrológicos manifestam-se por linhas de água ou regatos, que se formam nas suas vertentes e drenam para a ribeira do Vale do Outeiro e para a de Panoias, ambas afluentes do Cávado.

A cobertura vegetal, no que resta do povoado, consiste numa vegetação arbustiva e arbórea, com predomínio do eucalipto e do pinheiro. Aparecem ainda, alguns resquícios de carvalho.

O acesso faz-se pela estrada municipal que liga Braga a Palmeira através de um caminho municipal, ao lado das instalações da Volvo.

4. 2. 3. Objectivos e metodologia (Est. XCI)

O interesse deste povoado, com indícios de ocupação da Idade do Bronze, reside na compreensão da sua posição topográfica e das suas características de visibilidade, em relação ao ecossistema de vale. Importava, igualmente, determinar a diacronia de ocupação, entender a localização espacial dos diferentes momentos e tentar perceber áreas de especialização funcional, na zona ainda preservada do povoado.

As sondagens de emergência foram efectuadas em dois locais distintos: na plataforma superior (corte 1) e na vertente este (corte 2). No corte 1, já muito destruído por terraplanagens, foi possível limpar dois perfis já existentes, o A/B, virado a este e o C/D, virado a sul, e ainda escavar um rectângulo de 1,5m x 1,9m, identificado com o número 101, não orientado para norte. No corte 2 abriu-se o quadrado número 301, de 1,5 x 1,5m, este sim, integrado numa quadrícula mais vasta, orientada para o Norte magnético. A escavação processou-se por camadas naturais, até à rocha de base, numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes, por vezes seguidas de letras, quando se tornou necessário efectuar subdivisões.

No corte 1 a limpeza dos perfis permitiu constatar uma escassa deposição sedimentar, sendo frustes os vestígios arqueológicos, o que indicia uma grande erosão neste sector do povoado. Os resultados do corte 2 desencorajaram novas sondagens nesta área, onde não se verificaram estruturas *in situ*.

Cada corte foi estudado de forma individual. Em cada um deles descrevemos a estratigrafia, as estruturas associadas a cada camada e o espólio respectivo. As estruturas foram referenciadas por letras maiúsculas.

Todas as datas radiocarbono foram calibradas segundo o programa de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993), na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O espólio encontra-se no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

4. 2. 4. Escavações

4. 2. 4. 1. Estratigrafia, estruturas e espólio

4. 2. 4. 1. 1. Corte 1

Estratigrafia (Est. XCII, XCIII)

A limpeza do perfil A/B, até á rocha de base, atingiu cerca de 80cm, de profundidade nalguns locais e apenas 10cm noutros. Na zona melhor conservada detectaram-se 4 camadas estratigráficas.

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compacidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

-Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas escuras, muito arenosa, de pequena compacidade, com carvões dispersos e cascalho de pequeno e médio porte. Descontínua, provavelmente devido a processos erosivos. Em alguns locais poderá considerar-se como o que resta de uma camada de ocupação.

-Camada 1 (L): apresentava as mesmas características da camada 1, mas com pequenas bolsas. Encontrava-se por baixo da camada 2, que perturbou. Lura provável.

-Camada 2: caracterizava-se por terras castanho amareladas, por vezes acinzentadas, argilosas médias, de média compacidade com alguns carvões dispersos. Deverá interpretar-se como camada de ocupação.

-Camada 2A: pavimento de terra batida, de coloração amarelada e castanha clara, arenoso, de grande compacidade e com alguns carvões dispersos.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanho amareladas, areno-argilosas médias e grosseiras, de média compacidade. Parece corresponder a uma zona de mistura da arena granítica com a camada 2.

-Camada 3: caracterizava-se por terras negras, muito arenosas, de textura fina e de pequena compacidade. Encontrava-se localizada entre dois afloramentos graníticos. Poderá corresponder a uma deposição natural. É estéril.

A limpeza do perfil C/D, também até á rocha mãe, atingiu cerca de 86cm de profundidade máxima e 66cm de profundidade mínima. Permitiu distinguir 2 camadas estratigráficas.

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compacidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

-Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas escuras, por vezes com manchas mais claras, na base, muito arenosas, de pequena compacidade, com carvões dispersos e blocos líticos, de pequeno, médio e grande porte. Alguns são facetados numa das extremidades. Cremos que poderão pertencer a uma estrutura muito alterada. Esta camada revolveu, profundamente, a 2.

A escavação do rectângulo número 101 demonstrou que esta área estava totalmente revolvida. O aglomerado pétreo detectado à superfície correspondia a alterações provocadas pela construção de um muro de propriedade, que passava nas proximidades. Apenas se detectou a camada humosa.

Estruturas

Como verificámos pela descrição estratigráfica, a camada 1, apesar de muito perturbada, continha, no perfil C/D, indícios de um possível muro de parede dupla. No perfil A/B não surgiram vestígios de estruturas, o que não surpreende atendendo à pequena área onde a estratigrafia se conserva sem grandes alterações.

Na camada 2 do perfil A/B, apareceu um pavimento arenoso, provavelmente de uma estrutura habitacional precívél, com 16cm de espessura máxima.

Espólio

O espólio das camadas 1 e 2 que constituíam este corte correspondia a 172 fragmentos cerâmicos, 1 objecto metálico e alguns macrorrestos vegetais.

Camada 0

Aqui exumaram-se cerâmicas micáceas e arenosas dos dois períodos cronológico-culturais. Do horizonte mais antigo apartámos 1 base de fundo plano, de superfícies corroídas e de pequenas dimensões, 1 bordo de potinho/púcaro, de textura fina, de superfície polida, de cor castanha e de diâmetro médio e 1 "tubo", em pasta arenosa grosseira e de cor castanha, rematado nas duas extremidades. Não apresentava sinais de combustão.

Camada 1

Nesta camada quantificámos 155 fragmentos cerâmicos. Com excepção de 1, com características actuais, 102 eram de fabrico a torno, de pasta micácea oxidante e com formas inseríveis na Idade do Ferro Recente e 52, eram de fabrico manual e pasta arenosa, com características da Idade do Bronze. Estes últimos, provenientes, sem dúvida, da camada 2, deverão encarar-se como descontextualizados, atendendo a eventuais processos pós-deposicionais ou a problemas de individualização das camadas na fase de escavação. Registe-se que algumas destas panças e bordos colavam com os da camada 2, pelo que estudaremos estes materiais em conjunto.

No grupo das cerâmicas a torno registámos as formas 1b (2 ex.) e 4 (6 ex.) da Fase III de M. Martins (1990: 161), bem como bases de fundo plano e de fundo plano alargado.

Camada 2

Contabilizámos 19 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pasta arenosa que a adicionarmos aos da camada 1 perfazem 71. É com base neste número que efectuaremos os cálculos percentuais. Nesta camada exumámos ainda um artefacto metálico.

Cerâmicas (Est. XCIV a XCVIII)

A cerâmica estava, integralmente, representada por fragmentos de fabrico manual. As pastas eram de cozedura regular ou má. O acabamento externo era, de uma forma geral, alisado, embora existissem algumas peças rugosas. A textura era, maioritariamente, grosseira, com algumas excepções (4%). As cores variavam entre os vários tons de alaranjado, bege, castanho e negro.

Deste conjunto individualizámos alguns bordos e bases, num total de 11, passíveis de estudo formal.

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	9
Bases	1
Panças carenadas	1
TOTAIS	11

Formas

Com base na tabela formal efectuada para a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro estabelecemos 5 formas cerâmicas para a 2ª ocupação do povoado de Cabanas. A maior representatividade de bordos correspondia a formas de potes, embora variados, seguidas de potinhos/púcaros e de taças carenadas.

FORMAS	QUANT	(%)
Potes	5	(50%)
Potinhos/púcaros	2	(20%)
Taças carenadas	1 (pança)	(10%)
Indeterminadas	2	(20%)
TOTAIS	10	(100%)

A forma identificada como pote admitia alguma variedade morfológica, embora em termos de bordos eles sejam apenas esvasados (80%) e verticais (20%). A maioria dos potes (80%) não apresentava decoração.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	1	(40%)
Pote 2	2	(40%)
Pote 4	2	(20%)
TOTAIS	5	(100%)

Todos os potes apresentavam superfícies alisadas, com cores beges e castanhas. Nenhum deles indicava vestígios de lípidos. Os seus diâmetros entram na classe dos médios, médios/grande e grandes. Os potinhos/púcaros apresentavam apenas bordos esvasados. A textura das pastas era grosseira e as superfícies eram apenas alisadas. Um deles continha indícios de fuligem no exterior. A taça carenada era de textura fina, acabamento polido e de cor castanha.

Bases

O único exemplar conhecido era de fundo plano, com um diâmetro médio, que não ultrapassava os 20cm.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da incisão, sobre um lábio e pote. As decorações representavam apenas 1% do total dos fragmentos.

Metais

Foi recolhido um único artefacto, em bronze. Tratava-se de um pequeno aro, fragmentado.

Macrorrestos

Foram recolhidas amostras desta camada para análise de eventuais restos de sementes ou frutos carbonizados. A crivagem e o estudo das terras, efectuado por Giselda Oliveira, não revelou qualquer elemento paleocarpológico, permitindo apenas, a recolha de restos de madeira carbonizada. Atendendo à parca quantidade destes últimos, optámos por seleccioná-los para análises de radiocarbono.

Datas de radiocarbono

Devido à escassez de matéria orgânica a amostra foi analisada pelo laboratório de Faculteit Natuur-en Sterrenkunde, da Universidade de Utrecht através do AMS.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC - 5661	2798 ± 29	988 - 955 (0,41)	1003 - 892 (0,89)
		945 - 904 (0,59)	885 - 847 (0,11)

Esta amostra extraída do perfil A/B concorda com as características da cultura material, pelo que é, perfeitamente, aceitável.

4. 2. 4. 1. 2. Corte 2

Estratigrafia

A escavação do quadrado 301, até à rocha de base, permitiu detectar uma sequência estratigráfica de 4 camadas.

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compactidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

-Camada 1: caracterizava-se por terras mescladas, castanhas claras e beges, areno-argilosas finas, de média compactidade, com blocos pétreos de pequeno e médio calibre. Camada de escorregamentos.

-Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas escuras, de textura arenosa fina, medianamente argilosas, de média compactidade, com alguns carvões dispersos e abundância de blocos pétreos de pequena e média dimensão. Camada de escorregamentos.

-Camada 3: caracterizava-se por terras castanhas amareladas e acinzentadas, de textura arenosa fina, de pequena compactidade, com abundância de cascalho granítico. Camada de escorregamentos.

Como verificamos pela descrição estratigráfica, todas as camadas são de escorregamentos da plataforma superior.

A sua importância reside no facto de permitirem comprovar as ilações de ocupação assumidas para a plataforma superior, de podermos confirmar a existência de estruturas pétreas no Ferro Recente e de alargarmos os nossos conhecimentos sobre os artefactos correspondentes a cada período.

Espólio

O espólio das diferentes camadas deste quadrado era, exclusivamente, cerâmico. Em todas elas ocorria olaria de fabrico a torno, pasta arenosa ou micácea e cozedura oxidante, bem como fragmentos de fabrico manual e pasta arenosa, similares aos detectados no corte 1. Tal facto parece justificar o seu estudo em conjunto. Faremos referência apenas a peças que permitam forma ou que possuam aspectos decorativos importantes.

Em relação à olaria da Idade do Ferro Recente, destacamos uma maior diversidade formal. Encontraram-se bordos da forma 1a, 2 e 4 da fase III de M. Martins (1990: 161) e bases de fundo plano, de cerâmica fina e de fundo plano alargado, em pastas de textura mais grosseira.

Apareceram panças com decoração plástica e incisa e com decoração impressa. A primeira correspondia a um cordão com incisões oblíquas e a segunda a séries de "SSS".

Destacamos ainda a presença de 1 pequeno disco, em pasta micácea, de textura grosseira.

Entre as cerâmicas atribuíveis à Idade do Bronze contabilizámos 1 bordo esvasado de forma indeterminada e 1 disco ou tampa, de cerca de 7 cm de diâmetro, por 1cm de espessura, semelhante à tampa do vaso encontrado no Lugar da Mata, em Sequeade, Barcelos (SOEIRO 1982).

4. 2. 5. Cronologia, fases de ocupação e organização interna do povoado

A análise da sequência estratigráfica e da cultura material móvel do corte 1, permite defender a existência de duas camadas de ocupação, bem distintas, na plataforma superior do povoado. A mais antiga integra-se na Idade do Bronze e a outra na Idade do Ferro Recente.

Há, portanto, uma grande descontinuidade de ocupação, pelo menos nesta zona do povoado. O corte 2 não forneceu níveis de ocupação *in situ*, pelo que os materiais aí encontrados deverão ser provenientes da plataforma superior.

Em relação à organização espacial do povoado, podemos considerar que na Idade do Ferro Recente ele ocupava a plataforma superior e a vertente oeste, onde, em prospecções anteriores à sua destruição, verificámos indícios de estruturas pétreas. Em relação à Idade do Bronze, os dados são menos explícitos. Se não duvidamos da existência de níveis de ocupação na acrópole, os escassos fragmentos encontrados na vertente oeste, não autorizam conclusões.

Ao analisarmos o espólio da Idade do Bronze verificámos que apesar de escasso, ele oferece algumas oportunidades de leitura cronológica, socio-económica ou simbólica.

As formas são todas comuns desde o 1ª quartel do II milénio AC, com excepção do "tubo" cerâmico e da taça carenada, cujas características técnicas (textura fina e acabamento polido), só são conhecidas a partir do último quartel do II milénio AC.

"Tubos" semelhantes existem nos povoados da Santinha I ou II, em Amares e S. Julião Ib, em Vila Verde (MARTINS 1988a), em contextos do 1º quartel do I milénio AC.

A fraca percentagem de decorações (1%)¹⁸¹ é outro elemento que aponta para uma cronologia recente dentro da Idade do Bronze.

O conjunto destes dados, concorda com a data de radiocarbono e permite a integração do povoado de Cabanas, por volta do séc. X AC.

Os dados passíveis de uma leitura funcional do povoado, são escassos. Na pequena área de escavação registou-se um fragmentos com indícios de ter estado ao lume, pelo que todas as formas de potes teriam servido para transporte ou armazenagem de alimentos. Nesta mesma área também se manusearam artefactos metálicos e um tubo, peça rara, em contextos da Idade do Bronze. O conjunto destas características leva-nos a colocar a hipótese de estarmos numa área funcional do povoado, afastada das actividades domésticas de preparação de alimentos.

Ao contrário das outras peças encontradas, o "tubo" cerâmico está pouco danificado, apresentando parte da extremidade que falta aos descobertos em S. Julião e Santinha, o que tornou possível a sua reconstituição. Pelo facto destas peças apresentarem acabamento pelas duas extremidades pensamos que farão parte de um objecto compósito, onde, na extremidade oposta ao bico, adossaria material perecível. O achado em S. Julião foi denominado de "bíberon" (MARTINS 1988a). Embora possamos admitir que se trata da extremidade de um objecto associado à ingestão de líquidos, também não excluimos a hipótese de ser o bocal de um instrumento musical. A hipótese de se tratar da extremidade de um fole não encontra consistência pois as peças não apresentam sinais de combustão ou de terem estado sujeitas a calor intenso. Sendo os contextos de achado pouco explícitos, não possuímos argumentos a favor de nenhuma das hipóteses. Técnica e formalmente estas peças são de fabrico fácil, pelo que a sua

¹⁸¹-A escassez decorativa parece ser comum em povoados dos finais do II, inícios do I milénio AC. A título de exemplo, cite-se o Barbudo I, em Vila Verde (MARTINS 1989: 80), Castelo de Matos, em Baião (DINIS 1991/1992: 131), Lavra II, em Marco de Canaveses (SANCHES 1995:116), a Santinha I e II, em Amares, Santa Ana, em Chaves (SANTOS 1995:117) e S. Julião Ia, Ib e Ic, em Vila Verde

raridade só se poderá compreender no âmbito de um comportamento de excepção ou de uma actividade muito específica.

Em suma, as características dos achados, em conjugação com a localização da estação face aos diferentes recursos (estanho, águas minero-medicinais, barreiros, solos agrícolas) permitem pensar que estaríamos face a um povoado de alguma importância geo-estratégica, favorecido pela proximidade do rio Cávado, verdadeiro corredor de ligação entre as várias comunidades do litoral e do interior ribeirinho. Cabanas localiza-se, também, numa zona charneira de transição da paisagem de vale para a de montanha, podendo funcionar como "porta" de comunicação entre as comunidades ribeirinhas e as de ecossistemas de montanha, normalmente mais isoladas.

4. 3. GRANJINHOS

4. 3. 1. Localização, contexto geomorfológico e ambiental (Est. XCIX, C)

O conjunto dos quatro vasos que aqui se estudam foram encontrados, em 1993, durante as escavações de emergência, realizadas nos Granjinhos, Braga, no âmbito do projecto "Salvamento de Bracara Augusta"¹⁸², numa área, originalmente, de vertente suave e a cerca de 600m a norte do rio Este. Segundo a C.M.P., esc. 1: 25 000, folha n.º 70, as coordenadas Gauss do local, são as seguintes: M=175,8; P= 508,8 entre 170 a 180m.

É de referir a existência de vestígios de um povoado da Idade do Bronze, no Alto da Cidade, à cota máxima de 182m e a cerca de 500m, a oeste-sudoeste, dos achados dos Granjinhos, com o qual estes se poderão relacionar.

4. 3. 2. Objectivos

O objectivo do estudo deste espólio reside na tentativa da sua interpretação funcional e inserção cronológica e cultural.

¹⁸²-Os trabalhos, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e do Museu D. Diogo de Sousa, foram dirigidos pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

4. 3. 3. Escavações

4. 3. 3. 1. Estratigrafia, estruturas e espólio

Estratigrafia e estruturas (Est. CI, CII)

O achado verificou-se no sector A, nos limites dos quadrados 13 e 14, aparentemente na base da camada 2, interpretada como sendo de revolvimento¹⁸³ e sobreposta a uma outra, arenosa e estéril. As condições de achado destes recipientes, cujas bases se dispunham horizontalmente, à mesma cota e aparentemente *in situ*, permitem atribuí-los a uma camada que teria desaparecido na sua quase totalidade. Uma boa parte dos fragmentos que permitiram a reconstituição integral dos vasos inseriam-se na camada 2, numa zona bastante localizada. Apesar da área de escavação ter sido vasta¹⁸⁴, não foram detectadas outras cerâmicas técnica ou morfologicamente similares pelo que depreendemos tratar-se de um achado isolado, fora de um contexto doméstico.

Estes recipientes pareciam estar circunscritos por um semi círculo (talvez o que restou de um possível círculo destruído pela camada 2), efectuado com pedra miúda, a seco, estrutura esta, a cota ligeiramente inferior à dos achados cerâmicos mas que poderiam corresponder à base de qualquer construção efectuada com materiais perecíveis.

Espólio (Est. CIII, CIV)

Era constituído por um conjunto de potes de fabrico manual, três deles da forma 5, de panças subcilíndricas e um da forma 1, de pança ovóide. As pastas eram arenosas, de fabrico grosseiro, com desengordurantes de grande e médio calibre e mal cozidas. As

¹⁸³-As informações estratigráficas e de campo foram-nos fornecidas pelo Dr.º Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, a quem agradecemos.

¹⁸⁴-Cerca de 1000m².

superfícies, apenas alisadas, apresentavam uma coloração heterogénea, variando entre o castanho alaranjado e o castanho escuro. As bases correspondiam a fundos planos simples.

Vaso 1 n.º296¹⁸⁵

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, liso, com duas asas, de secção rectangular, que arrancam directamente do bordo, ligeiramente esvasado e de lábio arredondado. Apresenta vestígios de fuligem no bordo e início da pança.

Dimensões:

Alt.-28cm

Diâm. de boca-16,8cm

Diâm. de base-14,3cm

Diâm. de bojo-21cm

Esp.-0,5cm a 0,9cm.

Vaso 2 n.º297

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, de colo curto e muito pouco pronunciado. O bordo é horizontal e o lábio arredondado. Apresenta no bordo, colo e início da pança vestígios de fuligem e de outra substância não identificável. O início da pança é decorado com a aplicação plástica de dois semi-medalhões.

Dimensões:

Alt.-35 a 36,5cm

Diâm. de boca-20cm

Diâm. de base-17cm

Diâm. de bojo-26,7cm

Esp.-0,7cm a 1cm.

Vaso 3 n.º298

Pote da forma 1 de pança tendencialmente ovóide, com colo ligeiramente acentuado, bordo horizontal, com lábio irregular provocado por impressões de dedadas.

No início da pança existem dois mamilos alongados e no fundo, junto à base, existem igualmente impressões de dedadas. O vaso apresenta sob o bordo e início da pança, restos de fuligem ou de outra substância orgânica.

Dimensões:

Alt.-25,5cm

¹⁸⁵-Números correspondentes ao inventário do Museu D. Diogo de Sousa, onde as peças se encontram em depósito.

Diâm. de boca-21,5cm

Diâm. de base-18cm

Diâm. de bojo-25,5cm

Esp.-0,5cm a 0,8cm.

Vaso 4 n.º299

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, lisa, com duas asas de secção rectangular que arrancam directamente do bordo e terminam no início da pança. O bordo é horizontal com um lábio, igualmente, horizontal recto.

Dimensões:

Alt.-24,2cm

Diâm. de boca-18,4cm

Diâm. de base-14,5cm

Diâm. de bojo-21cm

Esp.-0,5cm a 1cm.

4. 3. 4. Cronologia e funcionalidade da jazida

Na face interna destes recipientes e na sua metade inferior, registámos restos de uma substância de cor escura que recolhemos para análise com o objectivo de determinarmos a funcionalidade deste achado. Duas destas amostras foram analisadas por Teresa Taboada Castro¹⁸⁶, do Laboratório de Edafologia da Fac. de Farmácia da Univ. de Santiago de Compostela, através dos métodos HCI 0,1N e de Bray II. Os resultados indicaram percentagens altíssimas de fósforo, por 100g, como se pode ver no quadro da página seguinte.

Muito embora os fragmentos cerâmicos, que colavam entre si, estivessem dispersos numa área de 16m², as condições da jazida indiciam uma deposição intencional de quatro vasos que se podem incluir na mesma família morfológica.

¹⁸⁶-A quem agradecemos as análises efectuadas.

Os teores de fósforo registados nos conteúdos de dois recipientes analisados, sugerem-nos que contiveram ossos ou cinzas humanas e, por conseguinte, deveriam ter servido como urnas sepulcrais, hipótese que Teresa Taboada corrobora. Verificámos que os vasos apresentavam diferenças de altura entre si, mas a ausência de um contexto mais preciso e de paralelos conhecidos impede a formulação de hipóteses sobre o significado funcional e socio-simbólico destas diferenças.

Resultados da análise de fósforo da "ESCAVAÇÃO DOS GRANJINHOS"¹⁸⁷		
Mostra	mgr P/100g	
	HCIO,1N	Bray II
GRANJ 93 SA/Q14 (2) 297-93 (Contido do vaso)	168.67	117.15
BRA 93 GRANJ 93 SA/Qd 13 (Camada 2) (Terras en contacto co vaso)	135.46	101.05

Face às condições da jazida e aos resultados obtidos em laboratório admitimos estar perante uma manifestação de enterramento, associada ao ritual de incineração e localizada, relativamente perto do povoado do Alto da Cividade

Se bem que cronologicamente possamos considerar estes recipientes como atribuíveis à Idade do Bronze do Noroeste, quer pela sua morfologia, quer pelo ritual a que parecem associar-se, uma classificação temporal mais fina é problemática e sugerem-nos algumas considerações.

A forma 1 é muito comum e aparece associada a contextos de povoado, desde a 1ª metade do II milénio AC (Sola Ia e Ib, Braga) até aos inícios do 2º quartel do I milénio AC em estações da região (S. Julião Ic e Id, Vila Verde; S. João de Rei I, Póvoa

¹⁸⁷-Teresa Taboada Castro diz no final do relatório " *As altas concentracions de fósforo son indicativas de unha intensa actividade humana, ó que apunta a que ó vaso poida corresponder a unha urna funeraria* ".

de Lanhoso; Vasconcelos, Braga), pelo que não poderá funcionar como indicador cronológico e cultural.

A forma 5, embora muito rara, também é conhecida no povoado do Barbudo I, Vila Verde, na camada 4 do corte 2, datada, pelo radiocarbono, do 1º quartel do I milénio AC (MARTINS 1989a: 66, 76,78, est. XLIV - 2)¹⁸⁸.

Se relacionarmos este achado com o povoado do Alto da Cividade que, também, datámos do 1º quartel do I milénio AC, não seria descabida a hipótese de inserção deste conjunto funerário num momento cronológico e cultural dos finais da Idade do Bronze. Tal hipótese concorda com os poucos paralelos cerâmicos datados radiometricamente e com as evidências de incineração que possuímos para a sub-região do Cávado, materializada pela estrutura cistóide do povoado da Santinha I, num nível datado do séc. X AC.

Na bacia do Lima foi encontrada uma estação arqueológica que cremos poder paralelizar com a dos Granjinhos, em vários aspectos. Trata-se do achado das Boucinhas/Regueira, Ponte de Lima, onde se detectaram dois vasos, o n.º 1 e 3, provenientes de fossas abertas no saibro (ALMEIDA *et alii* 1994), que se podem inserir na forma 5. Os potes 1 e 3 das Boucinhas, de perfil subcilíndrico, também apresentam asa de prensão vertical e, embora o n.º 3, se distinga pela exuberância da sua decoração plástica esta técnica não está ausente do pote 2 dos Granjinhos. Embora C. A. B. de Almeida *et alii* (1994: 554, 549) tenham atribuído a esta estação um possível carácter habitacional referem que o vaso n.º 1 apresenta acentuada concentração de cinzas e de manchas negras no "fundo e base da pança", o que também ocorre nos recipientes dos Granjinhos. Por este motivo, pela escassez de materiais da Idade do Bronze na área, pela boa conservação dos potes e pela presença de resíduos de cinza em todos eles é provável que estejamos perante um achado de carácter funerário e ritual, em zona de vertente

¹⁸⁸- No Monte Padrão, Stº Tirso, há dois vasos que M. Martins (1985) classificou como troncocónicos, muito embora, pelas suas características gerais (forma e dimensões), os tenham incluído na forma 11, que designamos de vasos subcilíndricos. Estes, apesar de aparentados com a forma 5, distanciam-se dela pelas dimensões, nomeadamente pela altura, diâmetro de boca e volume.

suave e fora de um contexto habitacional, na estação das Boucinhas/Regueira, à semelhança do que ocorreu nos Granjinhos.

4. 4. SANTINHA

4. 4. 1. Introdução

O povoado da Santinha localiza-se na margem direita da bacia do curso médio do Cávado, na freguesia de Amares, no concelho do mesmo nome. A primeira referência a esta estação data de 1943, e é efectuada por A. Cunha que detectou estruturas e fragmentos cerâmicos, sem no entanto, tentar enquadrar cultural e cronologicamente o que observou (CUNHA 1943). Mais tarde, o mesmo autor identifica louça que classifica como "castreja" e romana (CUNHA 1975: 525). M. Martins (1990: 64) cita o povoado como fortificado atribuindo-lhe dois momentos de ocupação: um na Idade do Ferro e outro na Romanização. Nos anos 90, novas prospecções no local permitiram detectar cerâmicas tecno-tipológicas enquadráveis no Calcolítico e na Idade do Bronze da região. O interesse científico dos materiais descobertos, a posição geo-estratégica do povoado, o avanço de pedreiras nas vertentes sul e oeste, bem como as obras a efectuar pela confraria de N^a Senhora da Paz, na plataforma superior, tornavam pertinentes o estudo desta estação.

Foram assim programadas duas campanhas de escavações, durante o verão de 1993 e a primavera de 1994. Destas intervenções resultou uma publicação, sucinta, dos resultados (BETTENCOURT 1995: 60-61).

4. 4. 2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental (Est. CV a CVII, CXVI)

O povoado da Santinha localiza-se na plataforma superior e na vertente sul de um outeiro, nos contrafortes da serra do Gerês à cota máxima de 195m. As coordenadas Gauss, segundo a C. M. P., folha n.º 56, na esc. 1: 25 000 são: M= 182,3; P= 518,3.

A plataforma superior é aplanada e defendida a este e oeste por afloramentos. As vertentes são abruptas a sudoeste, oeste e noroeste. A norte parecem existir taludes

artificiais, mas a intensidade da vegetação nesta zona não permitiu qualquer tipo de prospecção.

Apesar da cota absoluta de 195m, lhe conferir boas condições de visibilidade para o vale do Cávado, o povoado fica apenas a cerca de 90m de altura e tem bons acessos a terrenos de vale pelo lado sudeste.

O substrato rochoso é composto por granitos porfiróides de grão médio a fino, calco-alcalinos de duas micas com predominância de biotite. Estes afloram frequentemente à superfície, quer a este e oeste da plataforma superior, quer ocupando a totalidade das vertentes sudoeste e oeste, onde hoje ocorre intensa exploração de pedra.

Os solos são de origem antrópica.

A rede hidrológica é de tipo primário. A norte e este nascem linhas de água que alimentam a ribeira do Bárrio, afluente da margem direita do Cávado.

A cobertura vegetal, quer no alto, quer nas vertentes revela resquícios de uma vegetação de bosque constituída por Amieiros, Carvalhos, Loureiros, Pereiras selvagens, Pinheiros bravos, Sobreiros e Salgueiros, entre outras árvores de introdução recente, como os Eucaliptos e as Mimosas. A vegetação arbustiva e herbácea é constituída por Fetos, Giestas, Madressilva, Silveiras, Tojos e Urzes.

O acesso faz-se a partir da sede do concelho, por um caminho municipal que conduz à extremidade oeste da plataforma superior, local onde se implantou a Capela de N^ª Senhora da Paz.

A exploração industrial de pedra, as terraplanagens frequentes na plataforma superior e o alargamento de caminhos tem afectado profundamente a estação arqueológica.

4. 4. 3. Objectivos e metodologia (Est. CVII)

Além dos objectivos expostos na introdução deste trabalho e que motivaram as intervenções arqueológicas, importava:

-estabelecer a diacronia de ocupação deste povoado, atendendo às características exteriores que perspectivavam uma articulação entre este período e os inícios da Idade do Ferro;

-perceber se as diferentes ocupações apresentavam carácter de continuidade;

-localizar as áreas de distribuição da cada ocupação e inferir leituras funcionais e socio-económicas de cada uma delas;

-identificar novas formas de ocupação da paisagem durante a Idade do Bronze e Ferro Inicial e articulá-las com o quadro regional de povoamento.

Perante a distribuição dos achados de superfície, resolvemos iniciar os trabalhos pela limpeza do perfil superior do caminho que dá acesso à capela de N^a Senhora da Paz e abrir, posteriormente, três zonas de escavação; uma na plataforma superior do monte e parte da encosta sul, que denominámos de corte 1 e outras, na vertente sul, designadas de corte 2 e 3. A quadrícula usada foi de 1,5m x 1,5m, para os Cortes 1 e 3 e de 2 x 2m para o corte 2¹⁸⁹. A orientação foi a do Norte magnético.

No corte 1 abrimos uma área de escavação de 76,5m², com o objectivo de verificarmos a existência de uma "muralha" no limite da plataforma superior e de conhecermos as estruturas no interior deste recinto. No corte 2, a 19m para sudeste do primeiro, pretendíamos perceber o significado de um aglomerado pétreo associado a um "covacho" aberto no saibro. Para tal quadriculámos 13,5m², embora nem todos os quadrados tenham sido escavados na íntegra devido ao número de árvores particulares, que estávamos impedidos de abater. O corte 3, a 14,10m para este do corte 2, compreendia 47,4m², abertos de modo a permitirem a compreensão de uma estrutura pétreo, detectada no perfil do caminho que serve a capela de N^a Senhora da Paz.

¹⁸⁹-A quadrícula e os trabalhos topográficos necessários à sua consecução, foram executados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, na pessoa do Sr. José Manuel Leite.

O corte 1, no qual se pretendiam continuar os trabalhos em 1994, ficou aberto após a campanha de 1993. Foi tapado e terraplenado, sem aviso prévio e de má fé, pela Comissão de Festas de N^a Senhora da Paz, o que impossibilitou a continuação dos trabalhos na referida zona. Os corte 2 e 3 foram tapados após a consecução dos trabalhos, tal como foi acordado com o proprietário do terreno¹⁹⁰.

A escavação processou-se por camadas naturais, com crivagem parcial da terra de vários quadrados, para detecção de sementes ou de outros ecofactos de igual importância. Os crivos utilizados foram os de malha muito fina e a crivagem processou-se a seco.

As fossas, abertas no saibro, foram escavadas posteriormente, e por partes, o que permitiu obter o perfil de cada uma. A terra das fossas foi crivada na totalidade.

A identificação das camadas, com algarismos árabes, efectuou-se de cima para baixo, com subdivisões, quando necessário. Todos os quadrados foram escavados até à rocha de base.

Os desenhos de campo foram efectuados pela autora e por José Manuel Leite, técnico da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Foi, igualmente, efectuado um registo fotográfico dos trabalhos.

Os pontos topográficos convencionais, corresponderam sempre a proeminências de afloramentos graníticos, referenciados nas plantas.

Analisaremos cada corte de forma individual. Em cada um deles descreveremos a estratigrafia, as estruturas associadas a cada camada e o espólio respectivo. As estruturas foram identificadas por letras maiúsculas.

O espólio foi observado na íntegra. A cerâmica foi enquadrada na tabela formal explícita na introdução deste capítulo. Todos os objectos metálicos foram analisados de modo não destrutivo, pela técnica de Fluorescência de Raios-X, no I.C.R.B.C. de

¹⁹⁰ -As intervenções arqueológicas neste povoado não contaram com o apoio do IPPAR, que na época não se dignou responder às advertências sobre as ameaças a que estação estava sujeita. Obtivemos um apoio pontual da Câmara Municipal de Amares, que mandou efectuar a limpeza preliminar, cedeu esporadicamente um trabalhador e prometeu um levantamento topográfico, realizado apenas em parte.

Madrid¹⁹¹. As análises de antracologia foram efectuadas pela Doutora Isabel Figueiral, no Instituto Botânico da Universidade de Montpellier II e as de paleocarpologia pelo Doutor Pablo Ramil, na Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela, por A. Dopazo Martínez e Giselda Oliveira. As datações de radiocarbono foram efectuadas no Instituto de Química Física "Rocasolano", em Madrid¹⁹². Todas as datas foram calibradas segundo o programa de calibração de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993) na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O material recolhido foi depositado no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

4. 4. 4. Escavações

4. 4. 4. 1. *Estratigrafia, estruturas e espólio*

4. 4. 4. 1. 1. Corte 1 (Est. CIX a CXI, CXVII a CXVIX)

Estratigrafia

A estratigrafia, escassa, compreendia 4 camadas, podendo duas delas ser interpretadas como de ocupação/abandono. Na penúltima abriam-se várias fossas, apenas escavadas em parte, e cuja estratigrafia descreveremos individualmente.

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha, argilosas finas, de pequena compacidade, com algumas raízes, pedra, pedra miúda e cascalho, dispersos. Camada humosa.

¹⁹¹-Agradecemos a Ignácio Montero Ruíz a disponibilidade para analisar estas peças.

¹⁹²-Agradecemos ao Doutor Fernán Alonso a disponibilidade manifestada para a realização das várias amostras e para o esclarecimento de todas as dúvidas que tivemos no âmbito deste trabalho relativas a datas de radiocarbono. Os seus conselhos, sempre pertinentes, foram de grande utilidade para a signatária.

- Camada 1: camada de ocupação/abandono (ver estratigrafia das fossa 1, 2 e 3).
- Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões dispersos. Camada de ocupação/abandono.
- Camada 3: arena granítica.

Camada 1

Fossa 1

A limpeza do perfil norte desta fossa, até à rocha base, permitiu verificar uma estratigrafia heterogénea (Est. CX-5).

- Camada a: saibro.
- Camada b: caracterizava-se por terras castanhas com manchas de saibro em profusão, arenosa, de média compactidade, perturbada por algumas raízes e com carvões dispersos.
- Camada c: caracterizava-se por terras castanhas escuras, argilosas finas, de média compactidade. Na base apresenta concentrações de blocos e calhaus.

Fossa 2

A limpeza do perfil oeste desta fossa, até à rocha de base, permitiu verificar 1 camada estratigráfica (Est. CXI-2).

- Camada a: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, castanhas com muitas manchas acinzentadas ou amareladas, argilosa fina, de pequena compactidade, com alguns blocos, calhaus e pedra dispersos.

Fossa 3

O perfil oeste permitiu distinguir a seguinte camada (Est. CXI-3):

- Camada a: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, castanhas com manchas acinzentadas em profusão, argilosa fina, de pequena compactidade, com alguns calhaus e pedra miúda, dispersos.

Camada 2

Fossa 1

Não existe perfil desta fossa. Foi detectada já numa fase adiantada de escavação. O enchimento observado correspondia a uma camada similar à de ocupação.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, com pequenas manchas de saibro, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

Fossa 2

Na limpeza do perfil oeste observámos a seguinte estratigrafia (Est. CX-1):

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, com pequenas manchas de saibro, areno-argilosas médias, de média compactidade, com blocos e calhaus e pedras.

-Camada 2b: bolsa de saibro.

Fossa 3

Na limpeza do perfil oeste registámos o seguinte (Est. CX-2):

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

-Camada 2b: saibro.

-Camada 2c e d: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

Fossa 4

A observação do perfil oeste permitiu identificar o seguinte (Est. CX-3):

-Camada 2a: saibro.

-Camada 2b: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões, pedra e pedra miúda, dispersos.

Fossa 5

A observação do perfil este demonstrou a seguinte estratigrafia (Est. CX-4):

-Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões, calhaus e pedra, dispersos.

-Camada 2b: caracterizava-se por terras castanhas claras, arenosas, de média compactidade.

Parecia corresponder à mistura do enchimento com o saibro de base.

Estruturas

Camada 1 (Est. CIX-A, CXI, CXVIX)

Apesar do nível de ocupação ter desaparecido, atendendo a que a plataforma superior foi profundamente terraplenada, tendo servido, regularmente, como recinto de lazer durante as festas religiosas aí realizadas, detectaram-se ainda três fossas. A n.º 1, encontrada nos quadrados X8, X9, Z8 e Z9, estava coberta por saibro e cortou a camada 2 ao ponto de ter perturbado estruturas mais antigas. A n.º 2 e 3 inscritas nos quadrados S11, S12, R12 e Q11, Q12, Q13, respectivamente, foram parcialmente escavadas.

N.º DA FOSSA	PLANTA/SECÇÃO	DIMENSÕES APROX. (comp. x prof.)
Fossa 1	Circular/subcilíndrica	2,5m x 0,72m
Fossa 2	Circular/troncocónica	> de 1,60m x 0,72m
Fossa 3	(?) /sub-esférica	2,62m (norte-sul) x 0,46m

Camada 2 (Est. CIX, CX-1 a 4, CXI-M, CXVII, CXVIII)

Nesta camada inscreviam-se cinco fossas, cinco buracos de poste, um murete não afeiçoado, encontrado ao nível da vala de fundação e uma eventual estrutura lítica, no extremo sul do quadrado A3. Esta última compunha-se de um "alinhamento" de pedras, talvez ao nível da sapata e adossava a um afloramento granítico, que neste local parecia ter sido cortado. A hipótese de trabalho que então nos ocorreu é que poderíamos estar face a um pequeno muro que circunscreveria a plataforma superior, mas o impossibilidade de continuarmos as escavações não permitiu confirmar ou infirmar tal hipótese.

O murete, orientado de noroeste para sudeste, deveria pertencer às fundações de uma cabana, no seio da qual se localizavam diferentes fossas. A distribuição de 3 buracos

de poste no interior da área delimitada por este recinto, abonam a favor desta hipótese. Um quarto, adossado ao murete, deveria relacionar-se com a parte superior desta estrutura, feita em materiais perecíveis. O resultado da antracologia revelou o predomínio do binómio Carvalho/Leguminosas (FIGUEIRAL, neste vol.), excelentes materiais de construção para vigas ou para entrançados, eventualmente usados para esses fins. Embora o Carvalho possa ser usado como combustível, a ausência de lareiras neste nível de ocupação, não apoia a sua utilização nesse sentido. O conjunto de estruturas encontradas também inviabiliza o uso de Leguminosas para cama do gado.

O buraco de poste do quadrado Z5 tinha cerca de 20cm de diâmetro por 8cm de profundidade mínima. O do quadrado X6, era, sensivelmente oval, com cerca de 40cm x 30cm x 14cm de profundidade mínima. O do quadrado Q13, não escavado na totalidade por se encontrar parcialmente coberto por blocos graníticos, tinha no sentido este-oeste, 20cm. O adossado ao murete, no quadrado Z7, encontrava-se rodeado por duas pedras inclinadas para o seu interior e media 30cm x 20cm x 27cm. O do quadrado X9, tinha 42cm x 36cm x 30cm a 35cm. Numa amostragem de 55 carvões, retirada do interior deste último, 51 pertenciam a Carvalho (FIGUEIRAL, neste vol.), o que abona em favor da funcionalidade estabelecida para estas estruturas.

Das cinco fossas detectadas, apenas pudemos conhecer com alguma exactidão, a planta de três. A fossa n.º 4 encontrava-se parcialmente coberta com saibro e a n.º 2 estava coberta de pedras (Est. CXVIII-1/2).

N.º DA FOSSA/LOCALIZ.	MORFOLOGIA/PLANTA	DIMENSÕES (comp. x larg. x prof.)
Fossa 1 (Quad. Z6/Z7)	Circular	60m (diâm.) x 0,26m (prof. mín.)
Fossa 2 (Quad. V8)	Alongada (?)	1,20m (norte-sul) x 0,64m (prof.)
Fossa 3 (Quad. X7/X8)	Circular	0,82m x 0,42m (prof.)
Fossa 4 (Quad. V6/V7)	Alongada	0,88m x c.0,72m x 0,44m
Fossa 5 (Quad. V7)	Irregular	0,86m (norte-sul) x 0,44m (prof. mín.)

Espólio

O espólio das camadas que constituía este corte correspondia a 9 853 fragmentos cerâmicos, 75 líticos, 1 objecto metálico e vários ecofactos¹⁹³.

Camada 0

A camada humosa era representada por 431 artefactos cerâmicos e 5 líticos. O espólio cerâmico era bastante diversificado em termos técnicos e formais. Pelas suas características gerais poderiam enquadrar-se no Calcolítico, na Idade do Bronze e, eventualmente, na Idade do Ferro.

A maioria da cerâmica era de pasta arenosa (95%), embora quantificássemos 9 fragmentos arenosos/micáceos (2%) e 14 micáceos (3%). Neste último grupo distinguimos cerâmicas de fabrico manual e de pasta redutora, assim como as formas 1 e 18, de pote e panela de asa interior, respectivamente. As bases eram de fundo plano e a decoração incisa e impressa estava presente. Se a última era pouco explícita, a incisa parecia traduzir um motivo à base de rectângulos.

Nos achados líticos destacámos um suporte ou base, sobre seixo quartzítico. Nas superfícies aplanadas encontravam-se inúmeros traços irregulares, resultado de incisões efectuadas, provavelmente, em materiais perecíveis, colocados sobre esta peça.

Camada 1

O espólio desta camada, continha 566 fragmentos de olaria e 5 achados líticos distribuídos do seguinte modo:

- Fossa 1 (Quads Z8, Z9, X8 e X9) - 551 fragmentos cerâmicos de pastas e texturas diversas, entre os quais 529 de pasta arenosa 17 de pasta micácea e 5 de arenosa/micácea. Reservámos 25 fragmentos de bordos, bases e asas para análise pormenorizada. Contámos ainda com 5 líticos e vários macrorrestos de origem vegetal.

¹⁹³-Só quantificámos o espólio das camadas 1 e 2.

- Fossa 2 (Quads S11, S12 e R13) - 15 fragmentos cerâmicos de pasta arenosa e textura grosseira, incluindo 2 bordos. Foram recolhidos diversos macrorrestos de origem vegetal, entre os quais sementes de trigo e de *Brassicac*s (DOPAZO MARTÍNEZ 1996).

Fossa 3 (Quads Q11, Q12, Q13) - sementes de peras/pomos.

Cerâmicas

A totalidade dos artefactos cerâmicos desta camada perfazia 566. Deste conjunto individualizámos alguns bordos, bases e asas, num total de 27 fragmentos passíveis de um estudo formal.

A cerâmica estava integralmente representada por fragmentos de fabrico manual. As pastas eram de cozedura regular ou má. O acabamento externo era, de uma forma geral, alisado, embora existissem algumas peças rugosas. A textura era, maioritariamente, grosseira, com algumas excepções. As cores variavam entre os vários tons de alaranjado, bege, castanho e negro. As pastas eram maioritariamente arenosas (96%), seguida das micáceas (3%) e por último, arenosas/micáceas (1%).

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	23
Bases	3
Asas	1
TOTAIS	27

Formas

Todos os bordos identificáveis correspondiam a potes, embora de morfologia pouco variada. Na base desta camada, i. é, no fundo da fossa 1, quadrado Z8, apareceu um bordo de malga decorada com triângulos preenchidos por traços, que atribuímos ao Calcolítico.

FORMAS DA IDADE DO BRONZE	QUANT	(%)
Potes	7	(100%) ¹⁹⁴
Indeterm.	16	-
TOTAIS	23	(100%)

A forma identificada como pote distinguia apenas duas formas e dois "tipos" de bordos: os verticais e os esvasados. Em nenhum deles existia decoração. Apenas 2 potes da forma 1 continham indícios de fuligem: 1 no bordo e colo e outro no colo exterior. Ambas as peças inscreviam-se em diâmetros que não ultrapassavam os 30cm de diâmetro. Todas as formas de bordos com diâmetros identificáveis eram superiores a 20cm, sendo 3 superiores a 30cm.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	6	(86%)
Pote 2	1	(14%)
TOTAIS	7	(100%)

Bases

As bases eram todas de fundo plano, com diâmetros que não ultrapassavam os 20cm. Duas superiores a 10cm continham indícios de fuligem externa.

Asas

O único fragmento de asa conhecido nesta camada apresentava uma secção muito irregular. A textura da sua pasta era grosseira.

¹⁹⁴ - Não foram contempladas as formas indeterminadas.

Decorações

Apenas reconhecemos 1 fragmento decorado com incisões. Tratava-se do bordo de malga calcolítica, já referenciado anteriormente.

Líticos

Os líticos, em número de 5 compreendiam apenas seixos rolados de granito, quartzo e quartzito e uma lasca não retocada.

MATERIAL LÍTICO
3 seixos (1 com vestígios de lípidos).
1 lasca não retocada, de quartzo.
1 seixo quartzítico, com retoque unifacial, distal.

Ecofactos

Os ecofactos, escassos, foram descobertos através da crivagem a seco dos sedimentos das fossas números 1 e 2 desta camada. Apareceram carvões, que destinámos a análises de antracologia, e macrorrestos de sementes e frutos.

O resultado da antracologia revelou a presença de algumas espécies arbóreas, como o Sabugueiro e o Salgueiro e de árvores passíveis de fornecerem alimento como a Avelã, o Carvalho, o Sobreiro e a Rosácea de tipo Pereira/Escambroeiro. Identificámos ainda Esteva, Vide branca, Leguminosas e Fetos.

As análises de paleocarpologia demonstraram a existência, na fossa n.º 1, de frutos de bolota. Entre os cereais detectaram-se macrorrestos de trigo, cevada e milho miúdo. As Leguminosas estavam representadas pela fava (*Vicia faba celtiberica*), pela ervilha (*Pisum*) e por uma grande quantidade de *Brassica*. A fossa n.º 2, continha apenas sementes de *Brassica*.

Camada 2

À camada 2 correspondiam 8 856 fragmentos de cerâmica. Apesar da abundância deste tipo de espólio, não recuperámos formas completas, pelo que nos limitámos a estudar os bordos, as bases, as asas e as panças carenadas ou decoradas. Seleccionámos, assim, 478 fragmentos cerâmicos passíveis de um estudo exaustivo. De igual modo, analisámos 62 artefactos líticos e 3 metálicos.

Cerâmicas

A cerâmica, bastante abundante, estava, integralmente, representada por fragmentos de fabrico manual. As pastas eram, na sua maioria, arenosas, com 8 508 exemplares (96%), mas estavam presentes as arenosas/micáceas, com 227 fragmentos (3%) e as micáceas, com 120 (1%). As texturas eram grosseiras (98%) e finas/medianas (2%). A cozedura era regular ou má. O acabamento externo era, de uma forma geral, alisado, embora existissem algumas peças polidas e vassouradas. As cores variavam entre os vários tons de castanho e do bege.

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	333
Bases	107
Asas e arranques de asa	13
Panças carenadas	2
Panças decoradas	22
Discos	1
TOTAIS	478

Formas

A maior representatividade de bordos correspondia a potes, embora de morfologia variada. A segunda forma mais representada eram os potinhos/púcaros, seguida das taças carenadas e das malgas.

Existem nesta camada (quadrados A6, B6 e R13) quatro bordos de malgas, que atribuímos ao Calcolítico, quer pelas características decorativas, com motivos impressos e incisos, quer pelo tipo de pasta, muito grosseira.

É de referir o aparecimento de um disco, raro em contextos similares.

FORMAS	QUANT	(%)
Potes	102	(84%) ¹⁹⁵
Pot./Púc.	14	(11%)
Taças carenadas	5 (2 panças)	(4%)
Malgas	1	(1%)
Discos	1	(1%)
Indeterm.	211	-
TOTAIS	334	(101%)

A forma identificada como pote admitia uma grande variedade morfológica, que se distinguia pelos bordos, "tipos" de panças e pela relação bordo/pança. Tínhamos bordos verticais (65%), esvasados (31%), em aba soerguida (3%) e em aba horizontal interior (1%). A maioria dos potes não apresentava decoração (3%). Grande número deles não apresentava sinais de fuligem (95%). Esta apenas se manifesta na forma 1 (2 ex.) e na 2 (2 ex.). As dimensões eram de um modo geral, grandes e muito grandes. Das 71 identificadas, 33 eram grandes ou muito grandes (46%), 27 eram médias/grandes (38%) e apenas 11 médias (16%).

Os potinhos/púcaros apresentavam uma maioria de bordos esvasados (57%), seguidos dos verticais (29%). Cerca de 14% eram indetermináveis.

A textura das pastas dividia-se entre as finas e medianas (50%) e grosseiras (50%). Só uma forma continha indícios de fuligem no bordo e colo exterior (7%).

¹⁹⁵-Neste cálculo percentual excluimos os indeterminados.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	64	(63%)
Pote 1b	3	(3%)
Pote 2	30	(29%)
Pote 4	2	(2%)
Pote 7	1	(1%)
Pote 20	1	(1%)
Pote 21	1	(1%)
TOTAIS	102	(100%)

As taças carenadas eram bastante escassas, feitas em pastas de textura fina e com acabamento polido. A única passível de análise, em termos de diâmetro, revelou ser de grandes dimensões, i. é, entre os 29 e os 39cm, o que a torna rara.

Como malga classificámos um único fragmento, quer pelas características do bordo e do lábio, quer da pança. Esta era, também, a única peça de pasta micácea. Todas as suas particularidades permitem isolá-la das malgas Calcólíticas.

Bases

Entre os 107 fragmentos de bases 101 (94%) correspondiam a fundos planos, 1 a um fundo plano alargado (1%). Os restantes eram indetermináveis.

Os diâmetros das bases eram bastante diversificados, muito embora, não excedessem os 30cm. O maior número concentrava-se, no entanto, nos diâmetros médios, i. é, entre os 11 e os 19cm.

O acabamento exterior era maioritariamente, alisado, embora seja de referir cinco casos polidos. Três destes últimos apresentavam pastas de textura mediana ou fina. Nenhum destes fragmentos apresentava sinais de fuligem ou aspecto calcinado.

Uma das bases, detectada no quadrado X5, foi classificada como Calcólítica pela semelhança da sua pasta com a dos bordos deste período.

Asas

Os fragmentos de asa apresentavam grande uniformidade. As asas de secção subrectangular estavam em maioria (77%) seguidas das ovais (23%). A textura das suas pastas era grosseira, com excepção de dois exemplares de textura fina. Não eram conhecidas asas com acabamento exterior polido. Todas elas poderiam pertencer a púcaros.

Decorações

Identificámos 29 fragmentos decorados, entre panças e bordos. Treze deles foram atribuídos ao Calcolítico. Entre os 16, integráveis na Idade do Bronze, pudemos distinguir duas técnicas decorativas: a incisa (69%) e a plástica (31%). Dentro da primeira técnica distinguimos linhas horizontais ou verticais (8 ex.) triângulos (1 ex.) e traços sobre os lábios dos potes (2 ex.). Algumas incisões cabiam na categoria de espatuladas. A decoração plástica manifestava-se por cordões horizontais (2 ex.) e mamilos circulares ou alongados (3 ex.) Os mamilos apareciam sobre panças lisas (1 ex.) ou carenadas (2 ex.)

As decorações representavam menos de 0,5 % do total dos fragmentos da camada da Idade do Bronze.

Líticos

Os líticos eram bastante diversificados. Numerosos seixos rolados de granito, quartzo e quartzito, parecem ter sido trazidos intencionalmente, de zonas ribeirinhas, motivo pelo qual efectuámos o seu estudo detalhado. Procedemos, de igual modo, em relação às lascas simples, maioritariamente, sobre seixos. As características apresentadas em muitos destes líticos pareciam revelar que teriam servido como artefactos.

As matérias primas usadas foram: o quartzito (48%), o granito (20%), o quartzo (17%), o xisto (9%), o arenito (3%) , o grés (1,5%) e o sílex (1,5%).

MATERIAL LÍTICO

16 seixos (8 com vestígios de lípidos).
22 lascas não retocadas (16 sobre seixo e 4 com vestígios de lípidos).
1 lasca retocada com uma "encoche" na face distal de quartzito.
1 fragmento de polidor ou de moinho movente, em granito de grão fino.
4 nódulos de quartzo, alterados pelo fogo com vestígios de lípidos.
5 fragmentos de moinhos dormentes aplanados de granito de grão médio e fino.
1 seixo com desgaste central de forma circular, fragmentado, de granito de grão médio.
1 seixo quartzítico, com retoque bifacial, nas duas faces.
1 lasca com vestígios de utilização parcial, na face esquerda.
1 ponta de seta pedunculada, com retoque abrupto, parcial, na face esquerda. É de sílex róseo, opaco ¹⁹⁶ .
2 polidores, um fragmentado, de quartzito com vestígios de lípidos e outro de arenito.
1 triturador, sobre seixo, em granito de grão fino.
3 moinhos dormentes barquiformes, de grandes dimensões em granito de grão médio. Dois deles encontram-se fragmentados.
3 fragmento de 1 molde, de duas barras, bivalve.

Metais

O espólio metálico era raro mas concentrava-se todo no quadrado A6. A par de um objecto pulverizado, recolhemos um pequeno aro ou argola de bronze¹⁹⁷ e um fragmento de vareta, em bronze binário. É de assinalar que o único molde encontrado neste sector do monte, proveio do quadrado A5, contíguo ao anterior e a uma cota, sensivelmente idêntica. Todos este espólio se situava entre os (-97 e os -80cm) do ponto topográfico convencional.

¹⁹⁶- Esta peça encontrava-se nos limites das camada 0 e 2.

¹⁹⁷- Por razões que desconhecemos este objecto desapareceu.

Ref. Lab.	Obj.	FE	NI	CU	ZN	AS	AG	SN	SB	AU	PB
PA7025	vareta	0.347	-	80.86	-	-	0.027	18.76	-	-	-

Ecofactos

Os ecofactos, relativamente raros, foram descobertos, na sua maioria, através da crivagem a seco. Apareceram alguns carvões que reservámos para datações radiocarbónicas e para análises de antracologia, macrorrestos de sementes e frutos e fragmentos de dois ossos, inclassificáveis¹⁹⁸, um deles com algumas incisões que parecem ter sido efectuadas pelo homem.

O resultado da antracologia revelou a presença de algumas árvores, de que são exemplo o Amieiro, o Buxo, o Freixo, o Pinheiro bravo, o Sabugueiro e o Salgueiro. Entre as árvores passíveis de fornecerem alimento detectaram-se restos de Aveleiras, Carvalhos, Sobreiros e Rosáceas tipo Pereira/Escambroeiro. Existiam ainda Estevas e várias Leguminosas, entre as quais as de tipo tojo.

Os resultados da paleocarpologia demonstraram a presença de bolota, de *Pyrus*, de *Sorbus*, de trigo, de milho miúdo, de favas (*Vicia faba celtiberica*) e de *Brassica*.

Datas de radiocarbono

Todas as amostra de radiocarbono foram provenientes da camada 2 deste corte.

¹⁹⁸- Segundo o Prof. Doutor Miguel Telles Antunes do Centro de Estudos Geológicos da Universidade Nova de Lisboa.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1145	2800±33	991 - 952 (0,45) 948 - 904 (0,55)	1007 - 890 (0,86) 889 - 845 (0,14)
CSIC - 1084	2793±53	995 - 895 (0,83) 877 - 852 (0,17)	1054 - 817 (100)

A amostra CSIC - 1145, foi retirada do quadrado A6, à cota de -90 a -80cm do ponto convencional e data a 1ª ocupação *in situ* do povoado. A amostra CSIC - 1084, foi retirada do quadrado A5, também à cota de -90 a -80cm do ponto convencional e confirma a data obtida para a 1ª ocupação do povoado.

Referência do laboratório	Data BP	Média anos BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1145	2800±33	2798±30	989 - 955 (0,42)	1003 - 892 (0,88)
CSIC - 1084	2793±53		945 - 904 (0,58)	885 - 847 (0,12)

A média ponderada destas duas datas precisa a cronologia e permite admitir uma primeira ocupação entre os finais do séc. XI, inícios do X e os finais X, inícios do IX AC, ou seja, uma data, muito provavelmente em torno do séc. X AC. Se tivermos em consideração a calibração a 1 sigma da data CSIC - 1145, verificamos que ela abona a favor desta hipótese.

Síntese do corte 1

A sequência estratigráfica em articulação com a presença de estruturas detectadas neste corte, permite admitir dois níveis de ocupação distintos neste sector do monte, atribuíveis à Idade do Bronze.

A existência de uma ocupação Calcolítica, não documentada na estratigrafia, mas materializada por espólio na camada humosa ou por raros fragmentos na base da camada 2, é muito provável. A distribuição espacial destes artefactos, nos quadrados mais orientais da escavação, leva-nos a sugerir que esta ocupação ocorreu na zona mais elevada da plataforma superior, onde abundam afloramentos graníticos à superfície, formando por vezes, abrigos naturais, que poderão ter facilitado as condições de assentamento.

A presença de raros fragmentos de cerâmica micácea, não permite concluir uma ocupação efectiva da Idade do Ferro.

O primeiro momento de ocupação da Idade do Bronze, está registado pela camada 2 e demonstra um estágio da vida do povoado, abalizado também no cortes 2 e 3. O tipo de dados recolhidos indicia que esta zona corresponderia a uma área funcional importante, representada por uma cabana de grandes dimensões, onde se inscreveram várias fossas, cerâmicas, líticos e ecofactos, testemunhos de intensa actividade agrícola.

Os vestígios relacionados com esta actividade eram de vária ordem. Além dos moinhos dormentes e moventes, de grandes e pequenas dimensões, a paleocarpologia revelou a presença de cereais de trigo e milho miúdo, bem como de *Vicia faba celtiberica* e *Brassica*. Estes macrorrestos, eventuais indicadores da prática de uma policultura altamente produtiva, poderão revelar a utilização efectiva dos solos de classe A, aparentemente bem drenados, localizados a 500m do povoado.

Embora actualmente o enchimento das fossas tenha características detríticas, quer pelo tipo de sedimentos, quer pelos artefactos e ecofactos aí encontrados, a hipótese da sua funcionalidade original era a de terem servido como estruturas de armazenagem de bens agrícolas. A sua localização, no topo do povoado, o investimento em abate de árvores, entre outros, para a construção da cabana protectora, bem como a sua associação maioritária, com a forma pote (84%) parecem ser bons argumentos a favor desta hipótese. Verificámos ainda a quase total ausência de vestígios de fogo nestas formas (95%) e que a maioria delas era de dimensões grandes ou muito grandes (46%) ou médias/grandes (38%). Também as bases, maioritariamente médias e sem vestígios de

fogo, abonam a favor da presença maciça de recipientes de armazenagem ou transporte de produtos secos, nesta área do povoado. A especialização desta zona em área de armazenagem, está igualmente documentada pela ausência de pesos líticos.

Outra actividade encontrada nesta área e circunscrita aos quadrados A5 e A6, na periferia das fossas, parece ter sido a metalurgia. Aí detectaram-se três objectos em bronze e um molde de fundição de barras pouco espessas. Este último objecto, que deve ter sido usado na metalurgia do bronze, atendendo aos artefactos a que se associava, também pode ter servido para a fundição de ouro, tendo em conta a existência provável deste minério nas margens do Cávado.

É interessante verificar a associação de duas actividades económicas na época; a armazenagem dos excedentes da exploração agrícola e a transformação metalúrgica, bem como a sua distribuição espacial, na área nuclear do povoado, eventualmente delimitada por um murete.

As características do espólio cerâmico e as datas de radiocarbono situam esta ocupação entre os finais do séc. XI e os inícios do IX AC.

O segundo momento de ocupação é definido pela camada 1, onde são visíveis novas estruturas que alteraram significativamente as anteriores. A estrutura pétreia primitiva foi abandonada e parcialmente demolida, e as perecíveis alteraram-se, aumentando de dimensões e reordenando-se de modo distinto da fase anterior, o que poderá relacionar-se com o incremento da produção agrícola. Os dados paleocarpológicos demonstraram uma maior variedade de cereais e de legumes do que na fase anterior. A par da manutenção do trigo e do milho miúdo, aparece a cevada e a ervilha (*Pisum*). Se bem que a perpetuação das funções de armazenagem se possam ter verificado nas duas ocupações esta poderá não ter sido contínua atendendo a que há modificações substanciais nas novas estruturas de silagem. Apesar do nível de ocupação se encontrar em boa parte destruído, o conjunto de dados não inviabiliza que coloquemos duas hipóteses de trabalho. A primeira admite que esta camada se relacione com o abandono do povoado, nesta zona do monte e a segunda, que tal se tenha verificado

entre o séc. IX e o 2º quartel do I milénio AC. Estas hipóteses alicerçam-se em vários argumentos:

-boa conservação de algumas das estruturas desta fase. Uma ocupação posterior da Idade do Ferro, mesmo que fruste, teria, certamente, perturbado os níveis subjacentes.

Nos outros cortes do povoado também não se verificaram ocupações posteriores;

-percentagem crescente de cerâmicas micáceas, em relação à camada anterior, ainda que as formas se mantenham tradicionais;

-presença, na camada humosa, de idêntica percentagem de cerâmica micácea, bem como de fabricos manuais e de cozeduras redutoras. Também aqui aparece a forma 1 e a panela de asa interior, de tradição anterior. Esta camada, pouco expressiva em espessura, poderá considerar-se mesmo, como o resultado de revolvimentos da camada anterior.

4. 4. 4. 1. 2. Corte 2 (Est. CXII, CXIII, CXX)

Estratigrafia

Registámos quatro camadas neste corte. A primeira correspondia à camada humosa. A segunda, relacionava-se com o enchimento de uma fossa cortada na camada subjacente e a terceira, melhor preservada, assentava directamente na arena granítica.

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha, argilosas finas, de pequena compacidade, com raízes, carvões dispersos, blocos, calhaus, pedras e pedra miúda dispersos.

Camada humosa.

-Camada 1: Camada de ocupação/abandono (ver estratigrafia da fossa 1).

-Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, argilosas médias e de pequena compacidade, com alguns carvões dispersos. Camada de ocupação/abandono.

-Camada 2a: caracterizava-se por terras acinzentadas claras, areno-argilosas médias e de pequena compacidade, com algumas alguns carvões, pedra e pedra miúda, dispersos. Nalgumas zonas há indícios de raízes.

-Camada 3: arena granítica.

Camada 1

Fossa 1

A limpeza do perfil este desta fossa, até à rocha base, distinguiu uma estratigrafia bastante complexa (Est.CXIII-3).

-Camada 1a: caracterizava-se por terras castanhas amareladas, com manchas de saibro, arenosas, por vezes de elevada compacidade. Cobertura da fossa.

-Camada 1b: caracterizava-se por terras amareladas, arenosas, de elevada compacidade. Saibro.

-Camada 1c: caracterizava-se por terras castanhas escuras, arenosas, de média compacidade, com blocos, calhaus e pedras, concentrados na base. No seio desta camada há inúmeras bolsas de outras semelhantes à 1b.

Camada 2

Fossa 1

A observação do perfil norte desta estrutura permitiu verificar um enchimento bastante homogéneo e semelhante ao da camada de ocupação (Est. CXIII-4):

-Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, argilosas médias e de pequena compacidade, com carvões dispersos, alguns blocos e calhaus, na base.

Estruturas

Camada 1

Esta camada caracterizava-se pela presença de uma fossa aberta na camada 2 e no saibro, nos quadrados A1 e A2. De perfil subcilíndrico e planta sensivelmente circular, media 1,34m de largura máxima por 1,02m de profundidade. Encontrava-se coberta por uma camada espessa de saibro (Est. CXIII-1, CXX-1,2 F1).

Camada 2

Nesta camada encontrámos uma fossa e um buraco de poste, no quadrado A2 e uma estrutura circular, rodeada por pedras, nos quadrados A0, A1 e B1.

A fossa n.º 1 de perfil irregular e de planta subcircular, tinha 76cm de largura máxima, no sentido este-oeste, e cerca de 40cm de profundidade. O buraco de poste, circular, apresentava um diâmetro de 32cm, por 50 cm de profundidade. Num dos lados adossava a um bloco pétreo. A estrutura circular rodeada por blocos líticos, parecia delimitar uma cabana. Esta teria cerca de 3m no sentido noroeste-sudeste e conservava ainda, 1,50m no sentido norte-sul, zona onde foi cortada pelo caminho de acesso à capela. O facto desta estrutura ter sido escavada cerca de 70cm no saibro afasta-a da morfologia das cabanas conhecidas. O círculo de pedras delimitaria não o nível do pavimento, mas um nível intermédio, a partir do qual se teriam desenvolvido as paredes/tecto. Estaríamos, assim, face a uma estrutura de cabana semi-subterrânea, que ao derrubar teria provocado o enchimento de um vasto covacho. Em abono desta interpretação, salienta-se o aparecimento de argila de revestimento perto desta construção (quadrado A1) e de grande quantidade de macrorrestos de Carvalho e Leguminosas nos quadrados A0, A1, B1 e B2 (Est. CXIII-2).

A proximidade da fossa n.º 1 em relação a um buraco de poste pode indicar que esta se encontrava no interior de um recinto fechado (Est. CXIII-2 e 4, CXX-2).

Espólio

O espólio das camadas deste corte correspondia a 1 229 fragmentos cerâmicos, 22 achados líticos, 1 objecto metálico, 1 artefacto em vidro e diversos ecofactos.

Camada 0

Cerâmicas

A camada humosa era representada por 233 fragmentos cerâmicos diversificados e por 7 achados líticos. Registámos cerâmicas arenosas do Calcolítico (das quais destacamos um bordo com decoração incisa e impressa), da Idade do Bronze e 17

fragmentos micáceos, de cozedura redutora. Ocorreu ainda 1 fragmento de telha incaracterístico.

Quanto ao material lítico salientamos o aparecimento de 1 peso sobre seixo e de 1 fragmento de moinho dormente aplanado.

Camada 1

Esta camada compreendia 35 fragmentos cerâmicos e alguns ecofactos encontrados no interior de uma fossa do quadrado A1/A2. Dentro dos artefactos só 5 bordos foram passíveis de estudo mais aprofundado. Não registámos líticos.

Cerâmicas

Todos os fragmentos eram de fabrico manual. As pastas eram de cozedura regular ou má, com desengordurantes arenosos, arenosos/micáceos (3%) e micáceos (3%). O acabamento externo era alisado (97%), ou polido (3%). A textura era maioritariamente, grosseira (97%). As cores compreendiam vários tons de castanho. Não se verificaram indícios de lípidos ou fuligem.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	5
TOTAIS	5

Formas

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	1	(50%)
Malgas	1	(50%)
Indeterm.	3	-
TOTAIS	5	(100%)

O pote identificado inscrevia-se na forma 1, não tinha vestígios de fuligem e apresentava um diâmetro entre os 20 e os 30cm. A malga, forma 22, também não indiciava vestígios de fuligem. Dentro dos bordos indeterminados, registou-se um, de pasta fina e acabamento polido.

Ecofactos

Os ecofactos, eram muito escassos e foram identificados através da crivagem a seco dos sedimentos da única fossa encontrada nesta camada. Detectámos carvões que analisámos pela antracologia, bem como macrorrestos de sementes.

As análises da antracologia revelaram a presença das seguintes espécies arbóreas: Freixo, Sobreiro e Carvalho, este último, em grande quantidade. Identificámos, ainda Estevas, Urze branca/Torga e inúmeras Leguminosas.

Os resultados da paleocarpologia demonstraram a existência, na fossa n.º 1, de macrorrestos de *Triticum*, *Pisum* e de grande quantidade de *Brassica*.

Camadas 2

Seleccionámos 961 fragmentos de cerâmica correspondentes a esta camada. Este espólio era abundante e foi possível recuperar 1 forma completa. Os bordos, as bases, as asas e as panças carenadas ou decoradas foram estudadas exaustivamente. Analisámos ainda 15 líticos.

Cerâmicas

A cerâmica estava integralmente representada por fragmentos de fabrico manual, com características semelhantes às da camada 2 do corte 1. As pastas, de cozedura regular ou má, apresentavam na sua maioria, desengordurantes arenosos (99%).

Existiam, contudo, alguns fragmentos de cerâmica arenosa/micácea (4 ex.) e micácea (4 ex.). O acabamento externo era manifestamente, alisado, embora se quantificassem algumas peças rugosas. É curioso notar que mesmo os fragmentos de textura mais fina (2%) não apresentavam polimento. As cores variavam entre os vários tons de castanho, bege e alaranjado.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	91
Vasos	1
Bases	10
Asas e arranques de asa	11
Panças carenadas	1
Panças decoradas	11
TOTAIS	125

Formas

A maior parte dos bordos correspondia à forma pote, embora de morfologia variada. A segunda forma mais representada eram os potinhos/púcaros, seguida das taças carenadas.

Existiam nesta camada 3 panças que se podem atribuir ao Calcolítico (quadrados B1 e B2). Os critérios de distinção basearam-se nas técnicas e temas decorativos, nas formas e no tipo de pasta.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	34	(83%)
Pot./Púc.	6	(15%)
Taças car.	1	(2%)
Indeterm.	52	-
TOTAIS	93	(100%)

A forma identificada como pote admitia três variedades morfológicas, que se distinguíam pelos bordos e pela relação bordo/pança, por vezes difícil, devido às pequenas dimensões de alguns fragmentos.

FORMAS	QUANT.	(%)
Pote 1	12	(35%)
Pote 2	21	(62%)
Pote 3	1	(3%)
TOTAIS	34	(100%)

A forma 1 correspondia a potes de dimensões médias e médias/grandes. Entre eles 50% inseriam-se entre os 21 e os 30cm e 17% ultrapassavam esta dimensão, embora sendo inferiores a 40cm. Os diâmetros entre 11 e 20cm contabilizavam, também, 17%. Os restantes eram indetermináveis. Os vestígios de fuligem externa apareceram em 42% destas peças e quase sempre em potes com menos de 30cm. Apenas 1 caso fugia a esta característica.

Os potes da forma 2 não apresentavam evidências de fuligem. A maioria dos diâmetros eram inferiores a 30cm (76%), sendo 1 maior (5%). Os restantes eram indetermináveis.

O único exemplar de pote 3 tinha um diâmetro maior do que 40cm.

As decorações eram raras e representavam 6% da totalidade dos potes. Estas eram exclusivamente impressas e localizavam-se sobre os lábios de bordos da forma 1.

Os potinhos/púcaros apresentavam 50% de bordos esvasados, 33% de bordos verticais e 17% de indetermináveis. A textura das pastas dividia-se entre grosseiras (67%) e finas/medianas (33%). Os acabamentos exteriores eram sempre alisados. Só um bordo continha indícios de fuligem na face externa (17%). Um dos fragmentos apresentava vestígios de lípidos no interior do colo e da pança.

O único exemplar que classificámos como taça carenada correspondia a uma pança com carena bem acentuada. A pasta era, no entanto, de textura grosseira e o acabamento alisado, o que torna esta peça atípica.

Na fossa encontrada nesta camada, detectaram-se 3 bordos diferentes entre si, embora 2 correspondam a potes da forma 1, com diâmetros entre os 20 e os 29cm. O terceiro era indeterminado.

Não verificámos tendências na distribuição das várias formas, com excepção da 10 que parecia concentrar-se no quadrado A1, em 67% dos casos.

Bases

Todas as bases correspondiam a fundos planos. Os diâmetros nunca excediam os 20cm. Os diâmetros pequenos, até 10cm estavam bem representados (50%).

Apenas uma das bases tinha vestígios de ter estado sobre o lume, pois apresentava-se calcinada. Duas bases pequenas e uma média continham vestígios de matéria orgânica.

Asas

Os fragmentos de asa apresentavam grande uniformidade. As asas eram todas de secção sub-rectangular, com pastas de textura grosseira e com acabamento exterior alisado. Todas estas asas poderiam pertencer a púcaros.

Decorações

Identificámos 11 fragmentos decorados, entre panças e bordos. Três fragmentos, encontrados nos quadrados B1 e B2, atribuíram-se ao Calcolítico, pelo tipo de decorações - puncionamento arrastado, tipo "Penha" e triângulos incisos preenchidos com impressões. Além dos aspectos decorativos a textura e as características das pastas destes fragmentos isolava este espólio do restante.

Entre os 8 fragmentos integráveis na Idade do Bronze, identificámos três técnicas decorativas: a incisa (50%) a impressa (25%) e a plástica (25%). Dentro da primeira distinguimos linhas horizontais ou em diagonal, por vezes espatuladas (4 ex.). A decoração plástica manifestava-se por cordões horizontais e mamilos circulares (2 ex.). As impressões registavam-se sobre os lábios de potes, sob forma de dedadas (2 ex.).

As decorações apenas representam (0,8%) do total dos fragmentos da camada da Idade do Bronze.

Líticos

Os líticos faziam-se representar por seixos rolados, por lascas não retocadas, por elementos fixos de moinhos manuais e por um peso.

As matérias primas usadas foram o quartzito (47%), o granito (20%), o quartzo (20%), o xisto (7%) e o arenito (7%).

MATERIAL LÍTICO
5 seixos (2 com vestígios de lípidos e os restantes fragmentados e alterados pelo fogo).
1 seixo polido bifacialmente, de quartzito (grande quantidade de lípidos numa das superfícies mais aplanadas).
1 peso sobre seixo granítico, com entalhes laterais, bifaciais.
6 lascas não retocadas (3 sobre seixo e 2 com vestígios de lípidos).
2 fragmentos de moinhos dormentes aplanados de granito de grão médio (1 com vestígios de lípidos).

Metais

Esta camada forneceu, no quadrado A0, uma placa de bronze, rebitada, que interpretámos como pertencendo a um caldeiro. Este artefacto tem uma composição de estanho elevada, o que poderá associar-se ao método de analisado.

Ref. Lab.	Obj.	FE	NI	CU	ZN	AS	AG	SN	SB	AU	PB
PA6965	caldeiro	0.673	-	78.24	-	-	0.051	21.03	-	-	-

Vidros (Est. CLI-2).

Recolhemos, no quadrado A2, uma conta de vidro escura, com incrustações de várias tonalidades.

Ecofactos

Os ecofactos foram exumados, na sua maioria, através da crivagem a seco. A partir de origem vegetal recolhemos um fragmento de osso inclassificável, no interior da possível cabana deste sector.

O resultado da antracologia revelou a presença de algumas árvores de fruto como a Aveleira, o Carvalho, a Nogueira e a Rosácea tipo Pereira/Escambroeiro. Outras espécies arbóreas encontradas foram o Amieiro-negro, o Freixo, o Sabugueiro e o Salgueiro. Registaram-se, ainda, Estevas e Leguminosas. De registar a importância do binómio Carvalho/Leguminosas nas imediações da estrutura circular.

Os estudos de paleocarpologia forneceram indicadores da existência de bolota, de trigo, de fava e de *Brassica*. A única fossa registada nesta camada continha apenas sementes de *Brassica*.

Datas de radiocarbono

As amostras de radiocarbono foram retiradas da camada 2 deste corte.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1144	2917±27	1126 - 1036 (100)	1199 - 1176 (0,04) 1167 - 1005 (0,96)
CSIC - 1315	2837±27	1003 - 971 (0,47) 969 - 932 (0,53)	1043 - 908 (100)

A amostra CSIC - 1315 foi retirada da base da camada 2 e é estatisticamente semelhante às obtidas para a camada 2 do corte 1 e 1 do corte 3, pelo que é perfeitamente aceitável. O mesmo não podemos dizer da CSIC - 1144, retirada do topo da camada 2. O material analisado foram bolotas, dispersas por 13cm de camada. Esta data é demasiado antiga por comparação com todas as outras do povoado e com a obtida para a base da camada.

Síntese do corte 2

A área a que correspondia este corte indica também dois momentos de ocupação. O mais antigo relaciona-se com a camada 2 que assenta directamente na rocha de base. O momento seguinte, que cremos de abandono, representa-se pela camada 1. Estas ocupações parecem coetâneas com as do corte 1.

O material da camada humosa com algumas cerâmicas Calcolíticas, indica, uma vez mais, uma estratigrafia invertida. Os 17 fragmentos micáceos de fabrico manual não forneceram formas e eram inconclusivos em termos cronológico-culturais.

Os artefactos e as estruturas recolhidos na camada 2 sugerem que esta zona corresponderia a uma área funcional, talvez com características distintas das do topo do monte. Em abono desta hipótese registamos as características da cabana, de pequena dimensão, a sua associação com uma grande quantidade de cerâmica, bem como as características desta. O tamanho dos potes, quer na forma 1, quer na 2, distingue os dos

do corte 1, pelas suas dimensões, maioritariamente médio/grandes, sugerindo formas de cozinha, transporte ou de pequena armazenagem de produtos secos. Os diâmetros das bases também eram reveladores de louça de dimensões mais pequenos, pois 50% deles eram inferiores a 11cm. As duas últimas actividades devem ter-se verificado, essencialmente na forma 2 e 3, onde não há vestígios de lípidos ou de fuligem. As actividades de cozinha estariam reservadas à forma 1, onde 42% de fragmentos apresentavam sinais de utilização sobre o lume, e à forma 10 com indícios de fogo ou de transformação de alimentos em 33% dos casos. Esta forma era mais abundante neste corte, com 67% dos elementos distribuídos no quadrado A1, na área da cabana.

A presença de apenas uma fossa de pequenas dimensões e perto da cabana, poderia constituir um reservatório individual de provisões para os utilizadores daquela estrutura. Esta hipótese, meramente académica, deverá ser encarada como uma questão que futuras investigações poderão esclarecer.

Além dos indícios de actividades de cozinha, estão presentes artefactos associados à moagem (fragmentos de 2 moinhos aplanados) e à pesca (pesos), muito provavelmente, efectuada nas águas do Cávado. A interpretação dos pesos como atributos de pesca é feita pela ausência constante de macrorrestos de linho em povoados da região. Embora possam ter sido usados em teares de lã, a ausências de cossoiros ou outros objectos associados à tecelagem, tornam mais plausível a hipótese apresentada. A proximidade do Cávado, a cerca de 2Km, e o facto da sua abundância em peixe permitir, ainda na primeira metade deste século¹⁹⁹, a pesca à rede, faz-nos pensar que este recurso alimentar não teria sido ignorado pelas populações do local, tanto mais que elas se deslocavam à zona ribeirinha, onde colhiam seixos rolados, matéria-prima usado no fabrico de objectos líticos e abatiam Amieiros, Amieiro-negro, Aveleira, Freixo, Salgueiro e Sabugueiro (FIGUEIRAL neste vol.).

¹⁹⁹- Informações orais colhidas da população mais idosa do concelho, durante os vários anos em que aí efectuámos trabalhos de campo.

A descoberta de um fragmento de caldeiro, em bronze, e uma conta de vidro, ambas peças de excepção, poderá significar que este local foi, também, palco de actividades de carácter comunitário ou ritual (BETTENCOURT 1995c).

O conjunto de evidências deste corte, sugere-nos uma área de actividades mais diversificadas do que na plataforma superior, muito provavelmente, de âmbito doméstico e ou comunitário/ritual.

A segunda ocupação estava escassamente representada, mas notam-se as mesmas tendências do que no corte 1: fossas de grande dimensão, maior percentagem de cerâmica micácea e monotonia de formas. A paleocarpologia continua a assegurar a prática de uma policultura de cereais e legumes. A amostragem permite sugerir que esta zona também terá servido de armazenagem, embora não tenhamos dados para identificar outras actividades possíveis.

4. 4. 4. 1. 3. Corte 3 (Est. CXIV, CXV, CXXI, CXXII, CXXIII)

Estratigrafia

No decorrer da escavação dos vários quadrados deparámo-nos com a seguinte estratigrafia (Est. CXIV-2/3):

-Camada 0: caracterizava-se por terras de cores castanhas, heterogénea, argilosas finas, de pequena compacidade, com raízes, carvões, blocos, calhaus e pedras dispersas. Camada humosa.

Nos quadrados A5/A6, B4 a B7 e C6/C7 foi difícil distinguir a camada humosa das restantes, até ao nível das estruturas pétreas. Mesmo assim optámos por considerar como camada 1, as terras que, a cerca de 20cm, pareciam apresentar uma coloração um pouco mais escura e uma maior compacidade.

-Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compacidade, com alguns carvões dispersos. Camada de ocupação/abandono.

-Camada 1': caracterizava-se por terras castanhas claras, areno-argilosas, resultante da desintegração da rocha.

-Camada 1A: correspondia a terras amarelas, arenosas, de elevada compactidade. Corresponde a um pavimento, em saibro.

-Camada 1a: terras semelhantes às da camada 2 mas mais compacta. Correspondem ao "enchimento" da "muralha". Não aparece em todos os quadrados.

-Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas escuras, arenosas médias, de média compactidade. Possível solo contemporâneo da primeira ocupação do local. Camada estéril.

Fossa 1

A fossa 1 apresentava uma estratigrafia particular onde se distinguiam várias camadas (Est. CXIV-3):

-Camada 1b: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões, calhaus e pedras, dispersos.

-Camada 1c: bolsas de saibro.

-Camada 1d: caracterizava-se por terras castanhas, arenosas médias, de pequena compactidade, com alguns carvões e pedras miúda, dispersos.

-Camada 1e: caracterizava-se por terras castanhas escuras, argilosas finas, de pequena compactidade, com pedras miúdas, dispersas.

Estruturas (Est. CXIV-1/1a, CXV)

As estruturas encontradas na camada 1 poderão associar-se quer a actividades domésticas, quer a sepulcrais. Em relação ao primeiro caso exumámos parte de um fundo de cabana, em saibro, adossado a um afloramento granítico, pelo lado sul. Eventualmente rodeado por pedras, associava-se a um buraco de poste. Não foi escavado na totalidade, mas media no sentido este-oeste 3m. O buraco de poste, apenas detectado no perfil, só foi parcialmente escavado, mas continha vestígios de madeira de Carvalho e Sobreiro e inúmeras Leguminosas. Tinha 42cm de comprimento por 34cm de profundidade. No âmbito das estruturas domésticas, foi ainda detectada uma fossa aberta na camada e no saibro. Não conhecemos a sua planta, mas apresentava um perfil sub-elíptico. Media, no sentido este-oeste 1,20m e de profundidade 74cm. Parece que no topo se encontrava delimitada por pedras.

No que respeita aos dados sepulcrais, encontramos, na junção dos quadrados B8, B9, C8 e C9, uma estrutura cistóide, construída por lajes e pedras graníticas, sem *tumulus*, de planta sub-rectangular com 50cm no sentido oeste-este, 40cm no sentido norte-sul e com cerca de 28cm de profundidade, coberta por um pequeno aglomerado pétreo (BETTENCOURT1995a: 113; 1995b: 60; 1996). A laje de maior dimensão localizava-se a sul e estava calçada, na base, por três pequenas pedras. No interior desta estrutura, a sul, debaixo de uma laje tombada, foi encontrado um pequeno vaso fragmentado e alguns carvões dispersos. Tratava-se de um potinho com vestígios de fuligem no exterior.

A rodear todas estas estruturas existia um muro ou "muralha" com cerca de 1,70cm de largura média, atingindo nalguns locais 40-50cm de altura, construído em pedra de grande e média dimensão. A sapata, colocada numa vala de fundação, efectuada intencionalmente, era formada por pedras de grandes dimensões, bem como a face externa, constituída por pedras relativamente alisadas e sobrepostas a seco. A face interna encontrava-se bastante derrubada, pelo que se torna difícil tecer considerações sobre as suas características. Orientava-se no sentido nordeste-sudoeste e foi cortado pelo caminho de acesso à capela. Em prospecções efectuadas na vertente sul, do outro lado do caminho, verificámos que esta estrutura continuava por uma área considerável.

A largura, os aspectos construtivos e a extensão deste imóvel permitem supor que ele rodearia uma boa parte do povoado pelas vertente sul. Não foi possível visualizar a extensão total do seu traçado, tentada através da análise de fotogramas de 1947 e 1983. Tal ficou a dever-se à florestação precoce do monte e à data de início da extracção industrial de pedra na área do povoado.

Na face externa da "muralha" não foram detectados vestígios de fosso.

Espólio

O espólio deste corte correspondia a 2045 fragmentos cerâmicos, 19 líticos, 1 objecto metálico e vários ecofactos.

Camada 0

A camada humosa continha 1 214 fragmentos cerâmicos e 11 líticos. O espólio cerâmico era algo diversificado em termos técnicos e formais. Dentro da cerâmica de pasta arenosa ou arenosa/micácea enquadrável na Idade do Bronze, distinguimos 1 151 fragmentos de textura grosseira, contra 42 de textura mediana ou fina. Ocorreram ainda 11 fragmentos de pasta arenosa, muito grosseira que inserimos no Calcolítico, por comparação com as pastas e as decorações das cerâmicas deste período. Neste último grupo incluímos 3 bordos cerâmicos com decoração incisa metopada de tipo "Penha". Ao cômputo global adicionámos ainda 8 panças e 1 bordo da forma 1c, em pasta micácea

Atendendo ao número de achados classificáveis na Idade do Bronze, optámos por fazer um estudo pormenorizado deste espólio. Seleccionámos assim, 40 fragmentos de bordos, de bases, de asas, de panças carenadas e decoradas para análise.

Cerâmicas (Est. CLI-1)

De uma forma geral as pastas da cerâmica da Idade do Bronze eram de cozedura regular ou má, com acabamento externo alisado, embora existissem algumas peças corroídas. As cores variavam entre os vários tons de castanho, bege e alaranjado.

FRAGMENTOS DA IDADE DO BRONZE	QUANT.
Bordos	21
Bases	5
Asas	2
Panças carenadas	1
Panças carenada/decorada	2
Pança decorada	3
Tubo cilíndrico	1
TOTAIS	125

Formas

Os bordos da forma pote eram maioritários. As outras formas estavam mal representadas.

FORMAS DA IDADE DO BRONZE	QUANT	(%)
Potes	5	(71%)
Pot./Púc.	1	(14%)
Taças car.	1 (pança)	(14%)
Indeterm.	15	-
TOTAIS	22	(99%)

A forma identificada como pote admitia três variedades morfológicas.

VARIETADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	2	(40%)
Pote 2	2	(40%)
Pote 4	1	(20%)
TOTAIS	5	(100%)

Os potes da forma 1, de superfície alisada e de cor castanha, não apresentavam indícios de fuligem. Só possuímos dimensões para um deles que entrava na categoria dos médios/grandes. Os potes da forma 2 eram de grandes dimensões e não continham vestígios de lípidos ou fuligem. O pote 4 era de dimensões médias, de textura fina e de superfícies alisadas. O potinho/púcaro apresentava o bordo esvasado, textura fina e acabamento alisado, enquanto a taça carenada, também fina, tinha as superfícies polidas.

Bases

Todas as bases correspondiam a fundos planos. Eram de textura grosseira e de superfícies alisadas.

Asas

Reconhecemos apenas 2 asas de secção sub-rectangular, com pastas de textura grosseira e de superfícies alisadas.

Decorações

Só identificámos fragmentos com decoração plástica. Dois deles apresentavam mamilos sobre a carena de possíveis taças carenadas, e um terceiro, um cordão horizontal sobre a pança.

Líticos

Os líticos estavam representados por seixos rolados, por lascas não retocadas, por elementos fixos de moinhos manuais e por um peso.

As matérias primas usadas foram o granito (46%), o quartzito (36%), o quartzo (9%) e o sílex (9%).

MATERIAL LÍTICO
• 7 seixos (1 com vestígios de lípidos).
• 1 peso sobre seixo granítico, com entalhes laterais, bifaciais.
• 1 lasca não retocada de sílex róseo, opaco.
• 2 moinhos dormentes aplanados de granito de grão médio (1 deles fragmentado).

Ecofactos

O diagrama antracológico revelou, na zona de contacto entre esta camada e a 2, a presença de Carvalhos, de Rosáceas de tipo Pereira/Escambroeiro, de Salgueiros e de Leguminosas.

As recolhas de paleocarpologia indicaram a existência de bolota e sementes de *Vicia fava*, ambos extraídos da base da camada 0, do quadrado B5.

Breve comentário ao espólio da camada 0

A cerâmica da camada humosa é variável e correspondia a diversos períodos cronológicos. Se a presença de cerâmica micácea é mínima e inconclusiva, o mesmo não poderá dizer-se da quantidade de fragmentos integráveis no IV ou III milénio AC. Estes manifestam-se quer através de vasos hemisféricos, com decoração incisa metopada, de tipo "Penha", quer de fragmentos lisos, com pastas arenosas e desengordurantes de grande e médio calibre, cuja presença nesta camada, só poderá explicar-se por escorregamento da plataforma superior.

As cerâmicas da Idade do Bronze, representadas por fragmentos de potes e de potinhos/púcaros, poderão corresponder quer a escorregamentos, quer a perturbações da camada *in situ*.

Camada 1

O espólio desta camada distribuía-se por 831 fragmentos cerâmicos, 8 achados líticos, 1 metálico e diversos ecofactos.

Dentro da cerâmica de pasta arenosa ou arenosa/micácea enquadrável na Idade do Bronze, distinguimos 827 fragmentos. Ocorreram ainda 2 bordos e 2 panças que inserimos no Calcolítico, pelas suas características gerais. Este material era pouco expressivo. Os fragmentos eram de dimensões exíguas, pelo que uma integração formal e uma classificação da temática decorativa era difícil. Todos eram decorados através de linhas incisas, espatuladas.

Cerâmicas

No grupo das cerâmicas da Idade do Bronze (827) distinguimos 817 fragmentos de textura grosseira e 10 de textura mediana ou fina. Destacámos 71 fragmentos passíveis de um estudo formal e decorativo.

O espólio cerâmico era todo ele de fabrico manual. Apresentava pastas arenosas (823 ex.), arenosas/micáceas (1 ex.) e micáceas (3 ex.), de cozedura regular ou má. O acabamento externo era, de uma forma geral, alisado, embora existissem peças rugosas ou polidas. Predominava a louça de textura grosseira e as formas pote e potinho/púcaro. As taças carenadas eram raras. As cores variavam entre os tons alaranjados, beges, castanhos, acinzentados e negros. Estava presente a decoração incisa e impressa sobre os lábios e a plástica, através de mamilos, sobre as panças.

FRAGMENTOS DA IDADE DO BRONZE	QUANT
Bordos	42
Vasos	3
Bases	14
Asas	5
Panças decoradas	5
Panças carenadas	2
TOTAIS	71

Formas

A maior parte das formas identificáveis correspondiam a potes, embora de morfologia algo variada.

FORMAS DA IDADE DO BRONZE	QUANT	(%)
Potes	16	(67%)
Pot./Púc.	4	(17%)
Taças car.	4 (2 panças)	(17%)
Indeterm.	23	-
TOTAIS	47	(101%)

A forma identificada como pote caracterizava-se por bordos verticais (50%), bordos esvasados (38%), reentrantes (6%) e em aba horizontal interior (6%). Apenas sobre o lábio de um pote da forma 2 encontrámos decoração incisa. Só foi possível obter as dimensões de 38% dos potes (6 ex.). O único com dimensão média era o de duplo bordo. Os restantes apresentavam tamanhos médios/grandes e grandes. Apenas 13% continham indícios de lípidos, que se manifestaram na forma 4 e 2, esta última de grandes dimensões. A fuligem ocorreu apenas na forma 4 (1 ex.).

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	7	(44%)
Pote 2	5	(31%)
Pote 4	2	(13%)
Pote 20	1	(6%)
Pote 21	1	(6%)
TOTAIS	16	(100%)

Os bordos dos potinhos/púcaros inscreviam-se entre os verticais e os esvasados, com diâmetros entre os pequenos e os médios. Esta forma concentrava-se exclusivamente, no quadrado C9. As taças carenadas foram todas fabricadas em pastas de textura fina. A única em que foi possível obter dimensões, não ultrapassava os 10cm.

Bases

As bases eram todas de fundo plano, com diâmetros variados, desde os pequenos aos grandes. Apenas uma peça ultrapassava os 20cm e deveria corresponder a um grande pote de provisões. As superfícies eram quase sempre alisadas (82%). As restantes apresentavam-se corroídas. Apenas uma peça, com um pequeno diâmetro, indiciava uma cor acinzentada e vestígios de ter estado em contacto directo com o lume. As pastas eram todas grosseiras.

Asas

Os fragmentos de asas apresentavam exclusivamente secção sub-rectangular. A textura das pastas era grosseira, com excepção de um caso. O acabamento exterior era alisado. A cozedura era, num dos casos, de má qualidade. Existia uma maior concentração destas peças no quadrado B9.

Decorações

Estavam presentes 6 peças decoradas com três técnicas distintas a plástica (33%), a incisa (50%) e a impressa (17%), numa percentagem muito baixa, em relação ao cômputo global do espólio cerâmico (0,7%). A decoração plástica (2 ex.), manifestava-se através de mamilos arredondados ou alongados, sempre sobre superfícies polidas. A incisa era constituída por traços sobre os lábios de bordos (2 ex.) e por 1 fragmento que registava traços espatulados, ténues, sobre a pança. A decoração impressa aparece apenas no caso de um bordo sobre o qual se imprimiram unhas.

Líticos

Os líticos, em número de 8 compreendiam seixos rolados, polidores e moinhos. A matéria-prima mais usada foi o granito (75%), seguido do quartzito (12,5%) e do arenito (12,5%).

MATERIAL LÍTICO

- 1 seixo granítico (com vestígios de lípidos).
- 2 moinhos moventes, fragmentados, em granito de grão fino e em arenito.
- 1 polidor de quartzito (sobre seixo, com vestígios de lípidos).
- 2 moinhos dormentes aplanados, fragmentados, em granito de grão médio (1 com vestígios de lípidos).
- 2 moinhos dormentes barquiformes, em granito de grão médio, de grandes dimensões.

Metais

O único achado metálico exumado nesta camada e encontrado no quadrado E9, correspondia a resquícios pulverizados de uma peça indeterminada, em bronze.

Ecofactos

Os ecofactos, embora em pequenas quantidades, forneceram resultados bastante interessantes. Representados apenas por carvões vegetais e sementes, foram analisados pelo radiocarbono, pela antracologia e pela paleocarpologia.

A antracologia revelou a presença de algumas espécies arbóreas, tais como o Freixo, o Pinheiro e o Salgueiro. Entre as árvores passíveis de fornecerem alimento encontram-se os Carvalhos e os Sobreiros. Apareceram ainda Estevas, Silvas e Leguminosas.

As análises paleocarpológicas permitiram identificar bolotas, restos de trigo, milho miúdo e sementes de *Brassica*. No interior da fossa existente nesta camada, crivada na íntegra, detectaram-se 1460 sementes de *Brassica* e 2 de trigo, apesar desta estrutura não estar intacta.

Datas de radiocarbono

Esta amostra pretendia datar o início da ocupação deste corte. Os carvões, dispersos, foram retirados, sensivelmente, da base da "muralha" da camada 1.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1085	2761±50	970 - 970 (0,01) 930 - 830 (0,99)	999 - 814 (100)

Esta data concorda com as obtidas para a camada 2 do corte 1, pelo que admitimos uma cronologia semelhante para ambos os Cortes.

Síntese do corte 3

A presença de fragmentos de cerâmica incisa metopada de tipo "Penha", na camada humosa, fazem-nos, mais uma vez, supor a existência de uma ocupação atribuível ao IV ou III milénio AC, na zona dos afloramentos graníticos, localizados na plataforma superior.

A partir da estratigrafia distinguimos apenas uma ocupação *in situ*, no corte 3, que se representa pela camada 1, assente directamente na rocha de base. As suas características genéricas e a data de radiocarbono fazem-na contemporânea dos primeiros momentos de ocupação dos cortes 1 e 2.

As particularidades das estruturas e do espólio desta camada fazem desta zona do povoado uma área diversificada da plataforma superior e com diversidades de funções.

A maior novidade materializa-se na presença de um muro ou "muralha", orientado de nordeste para sudoeste. Uma das funções desta estrutura parece ter sido a de criar uma plataforma artificial na vertente sul do povoado. No interior deste recinto, de dimensões consideráveis, parece ter-se desenvolvida grande parte do povoado, pelo

que este imóvel poderá também entender-se como uma delimitação simbólica do espaço efectivo de ocupação. Na área contígua a esta estrutura não se detectaram indícios de qualquer ocupação. Apenas, e esporadicamente, se reconhecem estruturas semelhantes à cabana do corte 2, com espólio, dispostas esparsamente ao longo do perfil do caminho de acesso à capela, a sudeste.

No interior deste recinto, ter-se-iam desenvolvido estruturas domésticas, sepulcrais e/ou rituais. A presença de algumas ossadas nos cortes 1 e 2, sugerem que este era também um povoado ganadeiro, pelo que esta "muralha" poderá corresponder, igualmente, a uma cerca, necessária para a protecção de animais.

Como exemplo das actividades domésticas apontamos o fundo de cabana e a fossa, que continha várias sementes no seu interior. Em abono deste tipo de actividades, salientamos, também, a presença de fragmentos móveis e dormentes de moinhos, 1 deles com restos de lípidos, a maior percentagem das formas 10 (17%) e 12 (17%), em relação ao corte 1 e a presença de indícios de fogo em 13% dos potes. Os potes de dimensões médias/grandes e grandes, sem restos de gorduras ou de vestígios de fogo, poderão traduzir recipientes de transporte ou armazenagem de alimentos secos. Dois deles, da forma 2, detectados nos quadrados B7 e B10, associavam-se a sementes de cereais.

As actividades rituais representam-se pela presença de uma tumulação com um potinho, no seu interior. Em abono de uma área de ritualização neste sector do povoado e em zona adjacente a esta estrutura, verificámos a existência de um pote, ao qual se associavam várias agulhas e um braquiblasto de Pinheiro. Esta particularidade e a raridade de restos desta espécie em diagramas antracológicos deste período, levou I. Figueiral (neste vol.) a admitir tratar-se de um contexto ritual. A distribuição dos potinhos/púcaros no interior ou em área contígua à sepultura, poderá também prender-se com aspectos simbólicos que por ora nos escapam.

4. 4. 5. Cronologia e fases de ocupação

O tipo de escavação efectuada, em diferentes zonas forneceram um conjunto de dados diversos sobre possíveis estruturas defensivas, organização espacio-funcional do povoado e cronologia de ocupação.

Apesar da extensão do povoado, o facto dos cortes terem sido efectuados em áreas distintas, permite-nos algumas generalizações, todavia passíveis de discussão.

Para cada corte, e tendo em conta a sequência estratigráfica, as estruturas, o espólio e as datas de radiocarbono, estabelecemos os diversos momentos de ocupação. Naturalmente, o valor relativo de cada sequência, exigiu da nossa parte, uma tentativa de correlação cronológica entre elas a fim de definir uma cronologia interna para o povoado. As fases estabelecidas, foram posteriormente integradas num âmbito cronológico-cultural mais amplo, através dos paralelismos com outras estações.

4. 4. 5. 1. *Estratigrafia e cronologia interna do povoado*

Após análise da sequência estratigráfica, das estruturas e do espólio de cada corte podemos sumariar a ocupação de cada um da seguinte forma:

Corte 1

1ª ocupação - Cam. 2

2ª ocupação - Cam. 1

Corte 2

1ª ocupação - Cam. 2

2ª ocupação - Cam. 1

Corte 3

1ª ocupação - Cam. 1 = Cam. 2 dos Cortes 1 e 2.

Tendo em conta o conjunto global das características e as datas de radiocarbono podemos admitir que a 1ª ocupação dos três cortes era contemporânea e que a 2ª dos cortes 1 e 2 era sincrónica.

Apenas no corte 3 não se registou a 2ª ocupação. As condições de jazida, nessa zona, não eram as mais favoráveis, pelo que só novas intervenções no local poderão ajudar a esclarecer melhor este assunto.

Destes dados inferimos uma continuidade de ocupação/reocupação em, pelo menos, duas zonas do povoado, que agrupámos em duas fases:

1. Ocupação dos finais da Idade do Bronze, entre os finais dos séc. XI e os inícios do IX AC, muito provavelmente do séc. X AC = Santinha I
2. Ocupação dos finais da Idade do Bronze = Santinha II.

4. 4. 5. 2. Tratamento estatístico do espólio cerâmico²⁰⁰

Para estabelecer a significância estatística entre as variáveis consideradas usámos o teste do **Qui-quadrado de Pearson (Chi 2)**. A aplicação do teste do **Coefficiente de Contingência (CC)** veio permitir perceber estatisticamente, qual o grau de associação entre duas variáveis consideradas significativas pelo Qui-quadrado. A utilização destes dois testes relaciona-se com as precauções apontadas por S. Shennan (1988: 74 e segs.), em relação à exclusividade da utilização do Qui-quadrado, cujos resultados, frequentemente previsíveis, tornaria, à partida, os resultados bastante limitados. Assumimos, também, que não aceitamos os testes quantitativos como capazes de conferir validação objectiva das questões levantadas. Eles constituem, apenas, um dado mais a

²⁰⁰ - Agradecemos à Dr.ª Fátima Gonçalves, do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, as sugestões sobre precisões de linguagem estatística.

conjugar com a contextualização espacial, cronológica e cultural da totalidade do espólio arqueológico.

a) Comparação da fase I da Santinha, entre os cortes 1, 2 e 3

Usando as variáveis (forma, composição das pastas e técnicas decorativas) tentamos testar, em termos quantitativos, as fases de ocupação, aparentemente idênticas, nos diferentes cortes onde elas ocorrem.

Corte 1 vs Corte 2

Variedade das Formas				Tipo de Pastas				Técnicas Decorativas			
Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC
44.00	28	.028	.894	3.00	2	.223	.707	6.00	4	.199	.816

Corte 1 vs Corte 3

Variedade das Formas				Tipo de Pastas				Técnicas Decorativas			
Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC
46.75	35	.089	.899	6.00	4	.199	.816	6.00	4	.199	.816

Corte 2 vs Corte 3

Variedade das Formas				Tipo de Pastas				Técnicas Decorativas			
Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC
30.25	20	.066	.856	3.00	2	.223	.707	6.00	4	.199	.816

Em relação à variável **forma** os resultados revelaram a seguinte informação:

- A ocupação I, do corte 1 é estatisticamente diferente da I, do corte 2.

- A ocupação I, do corte 1 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação muito elevado.
- A ocupação I, do corte 2 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação muito elevado.

O estudo estatístico da variável **composição das pastas** permitiu os seguintes resultados:

- A ocupação I, do corte 1 é significativamente semelhante à I, do corte 2, com um grau de associação elevado.
- A ocupação I, do corte 1 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação muito elevado.
- A ocupação I, do corte 2 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação elevado.

Os resultados obtidos para a variável **técnica decorativa** são os seguintes:

- A ocupação I, do corte 1 é significativamente semelhante à I, do corte 2, com um grau de associação muito elevado.
- A ocupação I, do corte 1 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação muito elevado.
- A ocupação I, do corte 2 é significativamente semelhante à I, do corte 3, com um grau de associação muito elevado.

Síntese

Os resultados obtidos parecem demonstrar a equivalência estatística, em termos formais, da ocupação I, entre os cortes 1 e 3, com grande probabilidade de aceitação. A diferença estatística existente entre os cortes 1 e 2 poderá relacionar-se com áreas funcionalmente distintas do povoado, hipótese já levantada aquando do estudo pormenorizado destes cortes. Em relação à composição das pastas e às técnicas

decorativas os resultados são equivalentes em todos os cortes onde se manifestou esta ocupação.

b) Comparação da fase II da Santinha, entre os cortes 1 e 2

Em relação a esta ocupação hipotética, apenas quantificamos as variáveis (forma e composição das pastas), excluindo as decorações pela sua inexistência na amostragem.

Variedade das Formas				Tipo de Pastas			
Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC
3.00	2	.233	.707	3.00	2	.22	.707

Os testes quantitativos permitiram inferir, em relação à variável **forma** o seguinte:

- A ocupação II, do corte 1 é significativamente semelhante à II, do corte 2, com um coeficiente de contingência muito elevado.

Em relação à variável **composição das pastas** notámos:

- A ocupação II, do corte 1 é significativamente semelhante à II, do corte 2, com um coeficiente de contingência muito elevado.

Síntese

Os resultados obtidos para as formas e composição das pastas são quantitativamente aceitáveis e concordantes com a hipótese experimental de que existiria equivalência cronológica relativa, entre as fases II dos cortes 1 e 2.

c) Comparação entre a Santinha I e II

Tendo por base as variáveis (forma, composição das pastas e técnicas decorativas) comparámos entre si as duas sequências de ocupação definidas para o povoado, com o objectivo de verificarmos eventuais semelhanças ou diferenças estatísticas entre elas.

Variedade das Formas				Tipo de Pastas			
Chi2	DF	p	CC	Chi2	DF	p	CC
17.42	14	.235	.783	6.00	4	.199	.816

A leitura dos resultados, em termos da **variável forma**, suscita-nos alguns comentários a saber:

- A fase de ocupação I é significativamente semelhante à II, com um coeficiente de contingência elevado.

Os resultados estatísticos da **composição das pastas** são os seguintes:

- A fase de ocupação I é significativamente semelhante à II, com um coeficiente de contingência muito elevado.

Síntese

Os resultados da **variável forma** e da **composição das pastas** podem considerar-se aceitáveis. A semelhança estatística entre as duas fases e o coeficiente de contingência elevado entre as variáveis em análise poderão abonar, em favor, quer de uma hipotética continuidade de povoamento entre as duas fases consideradas, quer de um intervalo relativamente curto entre elas

4. 4. 5. 3. *Datas de radiocarbono*

As datas apresentadas foram extraídas de contextos estratigráficos onde se identificou a presença da primeira ocupação do povoado que designámos por Santinha I e que encontramos nos três cortes abertos nesta estação.

Santinha I

Referência do laboratório	Data BP	Contexto	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1145	2800 ± 33	Corte 1 (cam.2)	991 - 952 (0,45) 948 - 904 (0,55)	1007 - 890 (0,86) 889 - 845 (0,14)
CSIC - 1084	2793 ± 53	Corte 1 (cam.2)	995 - 895 (0,83) 877 - 852 (0,17)	1054 - 817 (100)
CSIC - 1315	2837 ± 27	Corte 2 (cam.2)	1003 - 971 (0,47) 969 - 932 (0,53)	1043 - 908 (100)
CSIC - 1085	2761 ± 50	Corte 3 (cam.1)	970 - 970 (0,01) 930 - 830 (0,99)	999 - 814 (100)

O conjunto destas datas são estatisticamente semelhantes pelo que foi possível efectuar a média ponderada para esta ocupação.

Referência do laboratório	Data BP	Contexto	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1145	2800 ± 33	2810 ± 19	986 - 957 (0,52) 943 - 917 (0,48)	997 - 907 (100)
CSIC - 1084	2793 ± 53			
CSIC - 1315	2837 ± 27			
CSIC - 1085	2761 ± 50			

O resultado permite situá-la em pleno séc. X AC.

4. 4. 5. 4. Fases de ocupação

Com base nas considerações efectuadas designámos a ocupação mais antiga por Santinha I e a seguinte, por Santinha II.

Antes de sintetizarmos estes dois momentos de ocupação queremos referir que a primeira ocupação da Santinha, embora descontextualizada deverá atribui-se ao Calcolítico.

Deste período obtivemos espólio cerâmico e lítico. A distribuição dos fragmentos na camada humosa dos três cortes, na base das camadas que caracterizam a 1ª ocupação da Idade do Bronze, nos cortes 1 e 3 e a sua concentração nos quadrados mais orientais da plataforma superior, permitem pensar que a ocupação Calcolítica estaria concentrada na zona mais elevada do monte. Aí ocorrem afloramentos graníticos em profusão, proporcionando alguns abrigos naturais. A presença de cerâmicas com decoração incisa metopada de tipo "Penha" e com triângulos preenchidos por incisões ou impressões, data esta ocupação do IV ou dos inícios do III milénio AC (Est. CXXIV).

Santinha I

Esta fase de ocupação, a primeira detectada *in situ* neste povoado, corresponde aos finais da Idade do Bronze, mais precisamente ao séc. X AC.. Foi encontrada na acrópole e em vários locais da vertente sul deste monte.

Santinha II

Inserível no Bronze Final, ou no início da transição que conduzirá à Idade do Ferro, a segunda ocupação do monte da Santinha ocorreu na plataforma superior e no

início da vertente sul. Por se encontrar muito destruída na acrópole e na vertente, dela apenas restavam algumas fossas abertas na ocupação anterior e um espólio relativamente pobre.

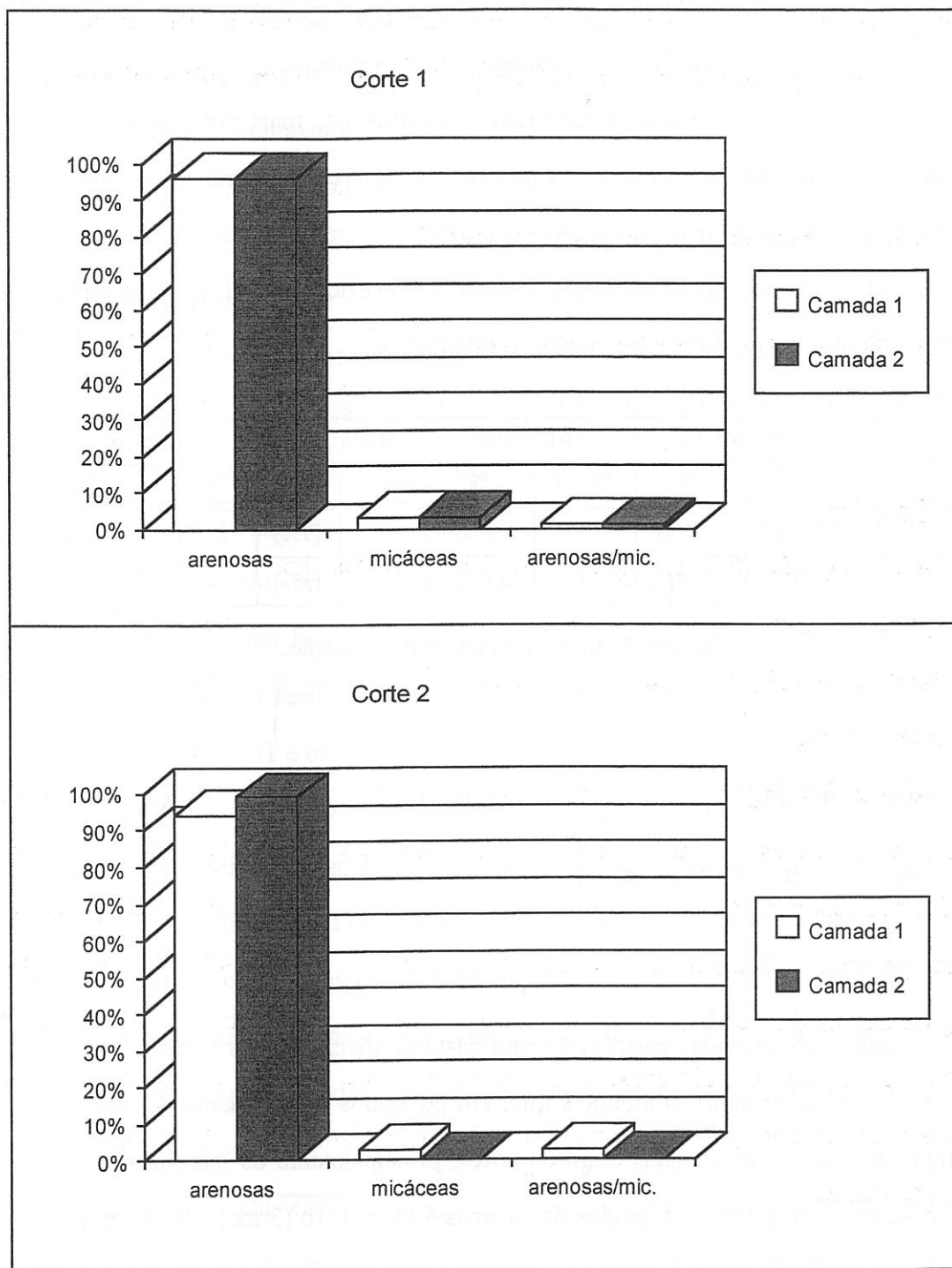
4. 4. 6. Caracterização da cultura material

O espólio deste povoado contabilizou 13 127 fragmentos cerâmicos, 116 artefactos líticos, 5 metálicos e 1 de vidro, distribuídos de forma distinta.

Cerâmica

A 1ª ocupação (Santinha I) continha 10 648 restos cerâmicos, dos quais só 10 622 se podem atribuir à Idade do Bronze. Os restantes inserem-se no Calcolítico. A 2ª ocupação (Santinha II), corresponde apenas a 601 fragmentos. Os restantes inscrevem-se na camada humosa.

Apesar dos fragmentos se apresentarem, na sua maioria, de pequena dimensão, foi possível o seu estudo macroscópico com o objectivo de tentarmos uma leitura evolutiva dos fabricos e formas da produção cerâmica do povoado. A análise global do material permitiu distinguir três variantes de pastas: as arenosas compostas por desengordurantes de quartzo, por vezes com exíguas partículas de mica, que cremos atributo da argila; as micáceas, com predomínio de biotite e moscovite e as arenosas/micáceas com grãos de quartzo e palhetas de mica, usadas em simultâneo e de forma intencional.



1. Comparação das pastas, entre as camadas 1 e 2, nos cortes onde elas se sobrepõem.

Em termos de textura isolámos dois grupos. O das pastas grosseiras, com desengordurantes > que 1mm. As suas superfícies podiam ser alisadas, vassouradas ou rugosas. As cozeduras eram, regra geral, regulares, mas existiam as más. As cores variavam entre os beges, os alaranjados, os castanhos, os acinzentados e os negros. O

segundo grupo, com menos expressão quantitativa, compreendia pastas de textura mediana e fina, de melhor qualidade. Os desengordurantes nunca excediam 1mm e, neste caso, apenas pontualmente. Estas peças eram, normalmente, mais homogéneas, mais consistentes e menos porosas do que as do primeiro grupo. As cozeduras eram regulares e o acabamento exterior podia ser alisado ou polido. As cores predominantes eram os castanhos, embora existissem peças beges. Estas características ocorriam quase sempre associadas a recipientes de dimensões médias ou pequenas.

OCUPAÇÕES	ARENOSAS		AREN./MIC		MICÁCEAS		TOTAIS	
	Quant.	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
Santinha I	10 263	(97%)	232	(2%)	127	(1%)	10 622	(100%)
Santinha II	577	(96%)	6	(1%)	18	(3%)	601	(100%)

Distribuição do tipo de pastas por ocupação.

4. 4. 6. 1. Santinha I

Cerâmicas (Est. CXXV a CXLII)

Formas

As formas referenciadas nesta fase eram bastante diversificadas embora comuns, quer em povoados de cronologia idêntica, quer em povoados do II milénio do Noroeste de Portugal. As mais representadas eram os potes, principalmente os das formas 1 e 2 (83 e 56 exs., respectivamente), seguidos das formas 4 (4 ex.), 1b (3 ex.) e 20 (2 ex.). Os potes 3, 7, 19 e 21 apareceram apenas uma vez. Os potinhos/púcaros (forma 10) ocorreram em 24 casos, as taças carenadas (forma 12), em 13 e as malgas (forma 22) apenas num caso. Estavam ausentes formas raras como a 15, a 16 e a 17, entre outras.

Entre os potes, de morfologia variada, contavam-se as formas 1, 2, 3 e 4, as mais comuns nos finais da Idade do Bronze do Noroeste de Portugal. Existiam também as formas 1b e 20, raras embora presentes em contextos cronológico-culturais idênticos (povoado do Barbudo - Vila Verde). A forma 21 é apenas conhecida no Monte Padrão

(Santo Tirso), cuja cronologia poderá ser anterior à da Santinha e a 7 é bastante comum na 1ª metade do II milénio AC.

Os potes apresentavam diâmetros médios, médios/grandes, grandes e muito grandes sugerindo peças de capacidades e funções bastante variáveis.

Pelas características dos seus diâmetros e pela frequente ausência de lípidos ou de fuligem, os potes da forma 2 e 3, indiciavam funções de transporte ou de armazenagem de produtos secos. Eram os potes da forma 1, os que mais apresentavam sinais de terem sido utilizados sobre o lume (8%), embora um bom número deles possa ter servido também para armazenagem e transporte de produtos secos ou gordurosos. Esta última funcionalidade também não se pode excluir das formas 2 e 4.

Dos 13 fragmentos com sinais de fogo, apenas 10 permitiram definir o diâmetro, sendo dois deles da forma 10 e um de contexto funerário que excluímos. Se atendermos apenas aos potes (8 ex.) verificamos que 50% correspondiam a tamanhos entre os 21 e os 30cm, 38% entre os 31 e os 40cm e 13% entre os 11 e os 20cm.

Os potinhos/púcaros constituíam 13% dos recipientes classificáveis formalmente. Podiam apresentar bordos verticais ou esvasados e pastas de textura grosseira ou fina. A presença de fuligem exterior ou de lípidos no interior, embora ocasional, atesta o seu uso sobre o lume, quer por motivos domésticos ou rituais (no caso do encontrado na cista), bem como a sua utilização para conservação de produtos gordurosos. Estas peças podiam ser pequenas ou de média dimensão. Do bordo de um púcaro, arrancava uma asa de secção sub-rectangular.

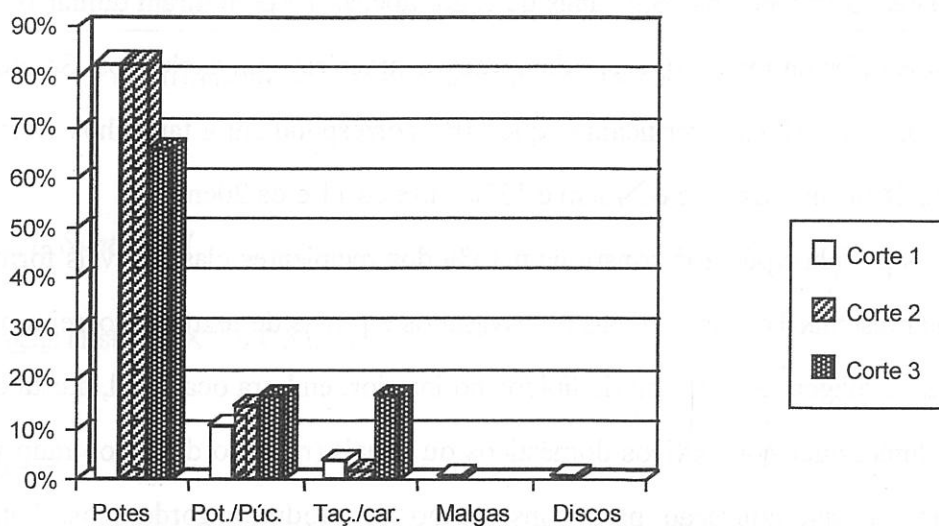
As taças carenadas eram muito escassas (4%). Com uma excepção eram todas de textura fina e acabamento polida. A taça de textura grosseira e acabamento alisado apresentava uma carena bem acentuada o que nos permite enquadrá-la neste grupo formal. Uma delas, com dimensões entre os 29 e os 39cm pode considerar-se atípica.

A forma malga ocorreu apenas uma vez. Era um recipiente de pasta micácea e bastante distinto das malgas calcólicas que apareceram no povoado.

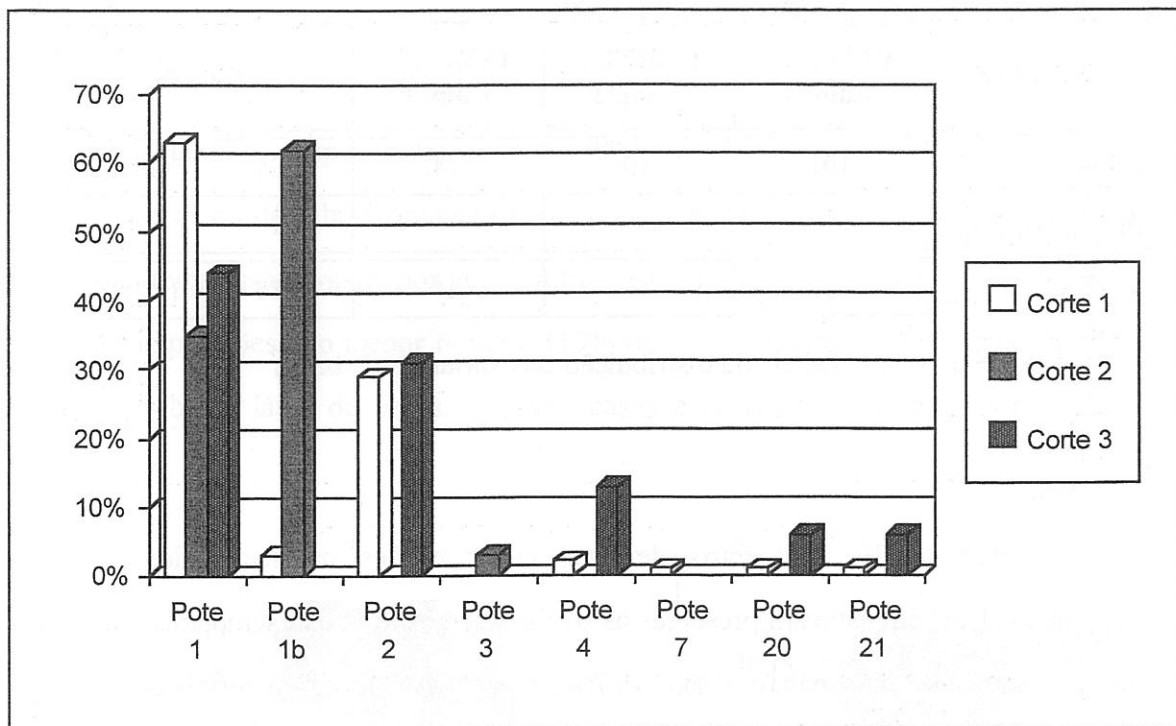
O disco é outra peça relativamente comum em contextos deste período, quer nesta região, quer na Beira Interior (VILAÇA 1995).

FORMAS	CORTE 1 Cam. 2	CORTE 2 Cam. 2	CORTE 3 Cam. 1	TOTAIS
Potes	102	34	16	152 (81%)
Pot./Púc.	14	6	4	24 (13%)
Taças carenadas	5	1	4	10 (4%)
Malgas	1	-	-	1 (1%)
Discos	1	-	-	1 (1%)
TOTAIS	123	41	24	188 (100%)

Santinha I. Tabela de frequência das formas



2. Comparação das formas entre os cortes 1, 2 e 3.



3. Comparação das formas de pote entre os cortes 1, 2 e 3.

Bases

As bases eram, na sua maioria, de pastas grosseiras e acabamentos alisados ou rugosos. Existiam algumas de texturas medianas/finas e de acabamento polido que deveriam pertencer a alguns potinhos e taças carenadas.

Eram escassos os fragmentos alterados pelo fogo ou com vestígios de matéria orgânica. Estes nunca excediam os 20cm.

Os diâmetros eram variados. Existiam peças pequenas, médias e médias/grandes.

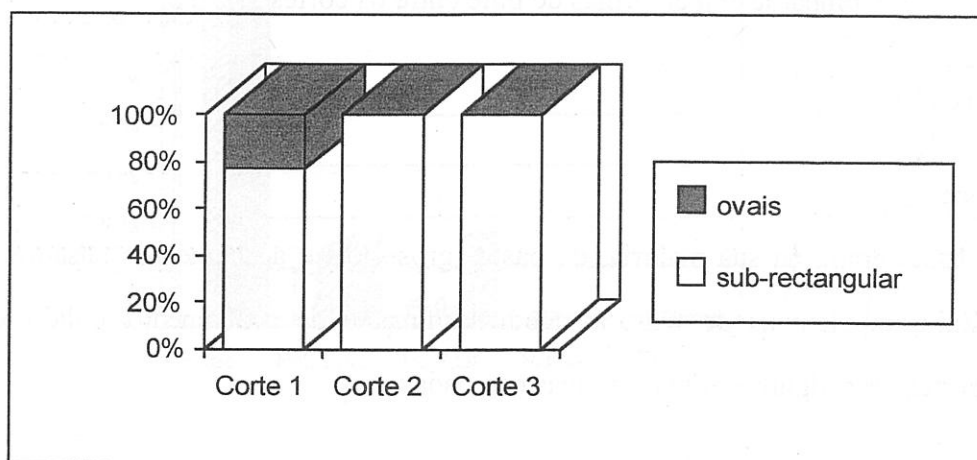
Com exceção de um caso, que era de fundo plano alargado, todas as bases eram de fundo plano simples.

FORMAS	CORTE 1 Cam. 2	CORTE 2 Cam. 2	CORTE 3 Cam. 1	TOTAIS
Planas	101	10	14	125 (99%)
Planas alargadas	1	-	-	1 (1%)
TOTAIS	123	41	24	188 (100%)

Santinha I. Tabela da distribuição das variantes de bases

Asas

Exumaram-se 29 fragmentos de asas com secções na sua maioria, sub-rectangulares. Também estavam presentes as ovais. Quase todos os exemplares eram de textura grosseira e de acabamento alisado (90%). Estas peças deveriam pertencer a potes e a púcaros.



4. Distribuição das diferentes secções de asas entre os cortes 1, 2 e 3.

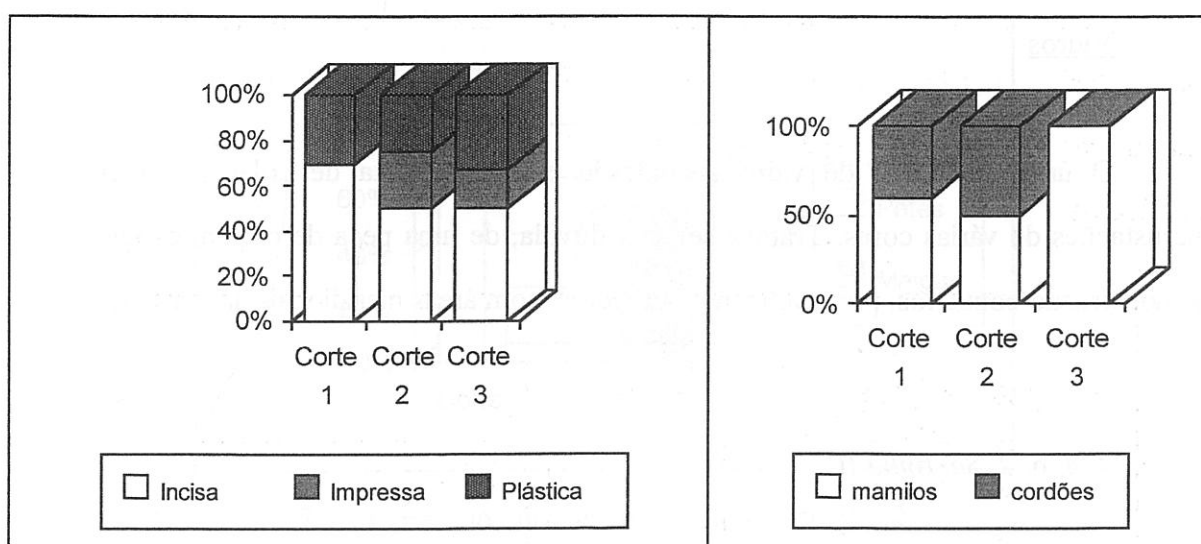
Decorações

As decorações eram raras no cômputo global da cerâmica encontrada. Apenas 20 fragmentos continham vestígios decorativos, o que representava 0,3% do geral. Apesar desta escassez notámos a presença de três técnicas decorativas. São elas a incisa (60%), maioritária, a plástica (30%) e a impressa (10%). No primeiro grupo, destacamos várias linhas incisadas, por vezes espatuladas. Os temas variavam entre as linhas horizontais, as

verticais, as diagonais e os triângulos. Estes distribuíam-se sobre as panças e em 2 casos sobre os lábios dos potes.

O segundo grupo representava 30% dos fragmentos decorados. Nele identificámos os cordões horizontais (40%) e os mamilos circulares ou alongados (60%). Este último tema associava-se, por vezes, a fragmentos de textura mediana/fina.

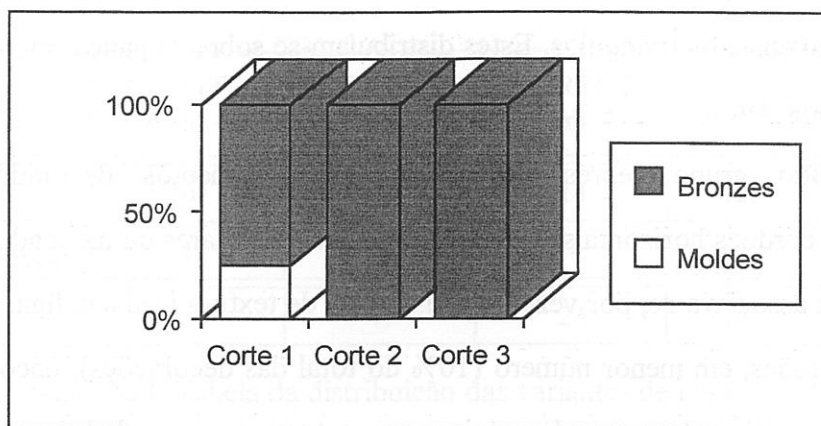
As impressões, em menor número (10% do total das decorações), encontravam-se sempre sobre o lábio de potes. Em dois casos o tema eram as dedadas e num, as unhas.



5. Distribuição das diferentes técnicas decorativas entre os cortes 1, 2 e 3.

Metais (Est. CXLVI)

Os artefactos metálicos, apesar de escassos e, quase sempre incharacterísticos, demonstraram a presença de objectos de bronze. Salientamos o fragmento de caldeiro e a vareta, ambos de composição química binária, com os mesmos componentes: cobre, estanho e resquícios de ferro e prata, em percentagens semelhantes. Se associarmos estas peças ao molde encontrado no povoado parece possível admitir uma produção local de bronzes, durante o séc. X AC, nesta região.



6. Comparação entre os vestígios associados à metalurgia.

Vidros

O único artefacto de vidro encontrado era uma conta de colar negra com incrustações de várias cores. Tratava-se, sem dúvida, de uma peça de origem exógena, demonstrando contactos, provavelmente indirectos, com áreas meridionais da Península.

4. 4. 6. 2. *Santinha II*

Cerâmicas (Est. CXLVII a CXLVIII)

Formas

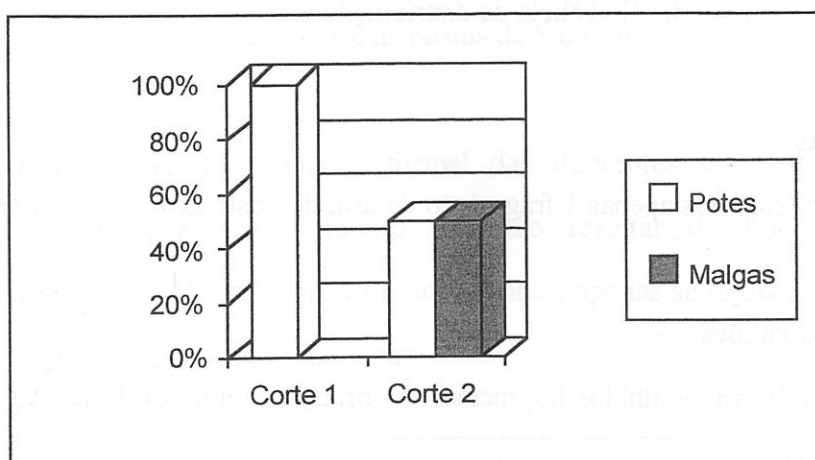
As formas referenciadas nesta fase eram muito pouco diversificadas embora de larga pervivência cronológica. Existem em contextos desde, pelo menos, a 1ª metade do II milénio até ao 2º quartel do I milénio AC. As mais representadas eram os potes, principalmente os das formas 1 e 2 (7 e 1 exs., respectivamente), seguidos das malgas (1 exemplar).

Todos os diâmetros conhecidos indicavam peças de dimensões médias/grandes e grandes. Esta característica sugere funções de transporte, de armazenagem de produtos secos ou de utilização culinária. Neste último caso encontram-se apenas os da forma 1, com sinais de fogo (2 ex.). Ambos correspondiam a tamanhos entre os 21 e os 30cm.

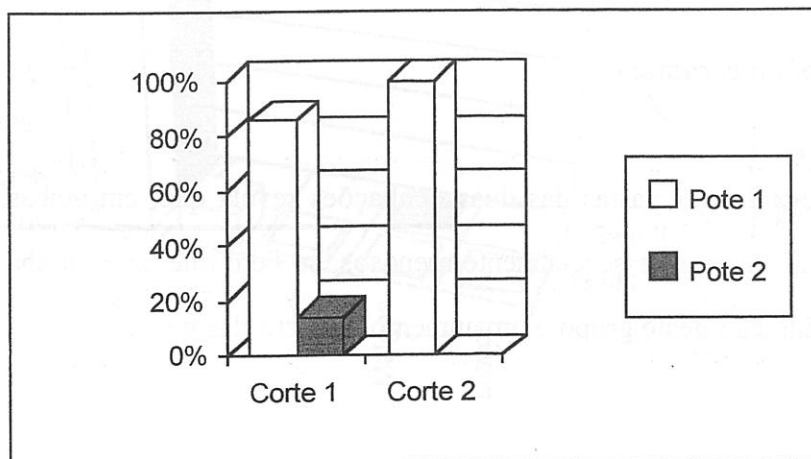
A forma malga era única e tinha pasta arenosa.

FORMAS	CORTE 1 Cam. 1	CORTE 2 Cam. 1	TOTAIS
Potes	7	1	8 (89%)
Malgas	-	1	1 (11%)
TOTAIS	7	2	9 (100%)

Santinha II. Tabela de frequência das formas



7. Comparação entre as formas dos cortes 1 e 2.



8. Comparação entre as formas de potes dos cortes 1 e 2.

Bases

As bases, exclusivamente, grosseiras e com acabamento alisado eram todas de fundo plano. Os diâmetros nunca excediam os 20cm. Duas de tamanho médio apresentavam sinais de terem estado sobre o lume.

FORMAS	CORTE 1 Cam. 1	CORTE 2 Cam. 1	TOTAIS
Planas	3	-	3 (100%)
TOTAIS	7	2	9 (100%)

Santinha II. Tabela da distribuição das variantes de bases

Asas

Identificámos apenas 1 fragmento de asa, de pasta grosseira e de secção irregular.

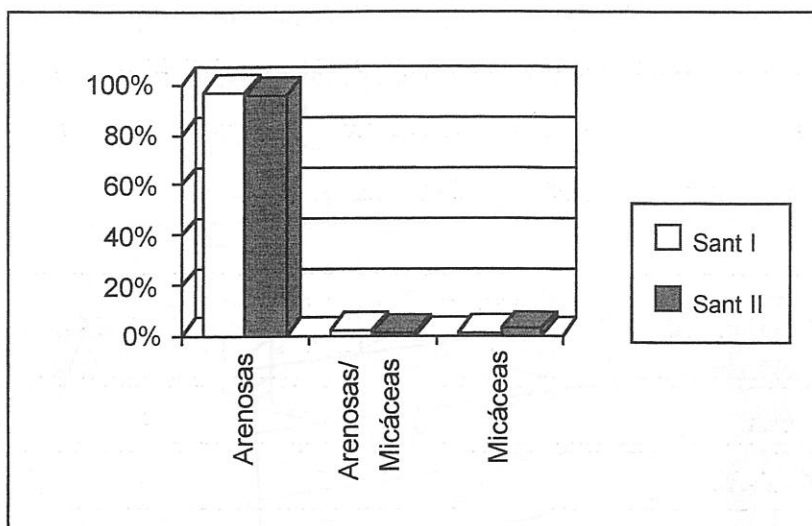
Decorações

Não foram recolhidos fragmentos decorados no interior desta ocupação.

Santinha I e II: síntese comparativa

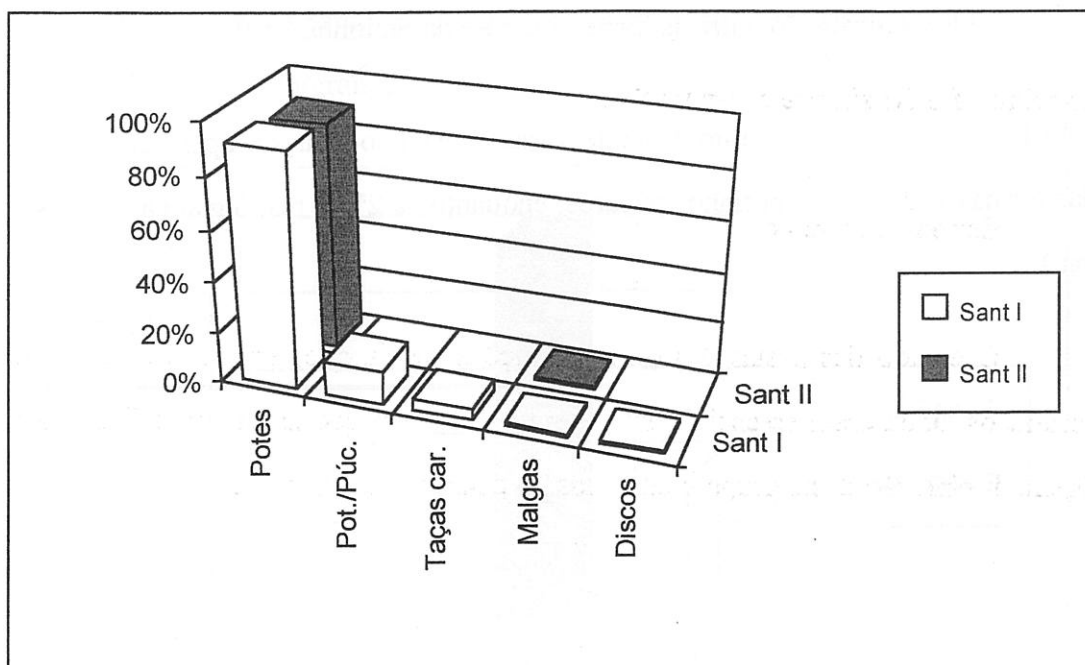
Espólio cerâmico

O estudo das pastas das duas ocupações revela que, em ambas, os fragmentos cerâmicos ainda eram essencialmente arenosos, se bem que na Santinha II se note uma ligeira diminuição deste grupo e um aumento discreto das micáceas.



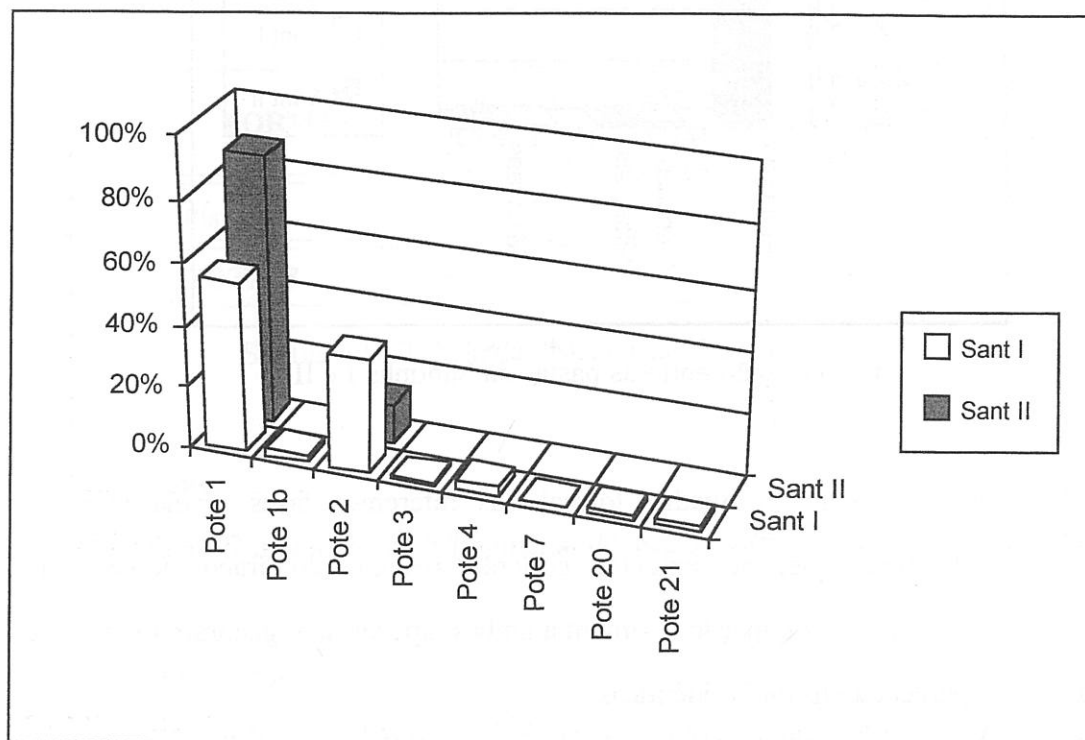
9. Comparação entre as pastas da Santinha I e II.

A comparação entre o quadro formal das diferentes fases revela algumas diferenças significativas que, no entanto, poderão resultar do fraco número de fragmentos cerâmicos da 2ª ocupação. Comum a ambas, apenas se registaram os potes e as malgas, com percentagens muito idênticas.



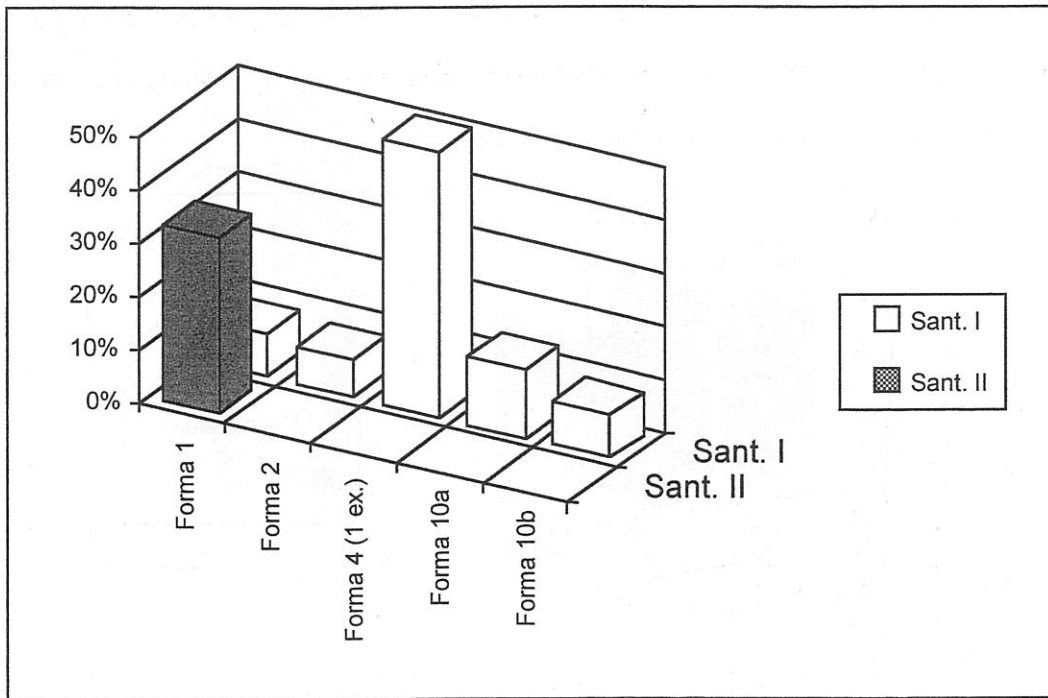
10. Comparação entre as formas da Santinha I e II.

Também no grupo dos potes existiam diferenças significativas. A Santinha I apresentava grande diversidade, contra a II, onde apenas registámos os potes das formas 1 e 2.



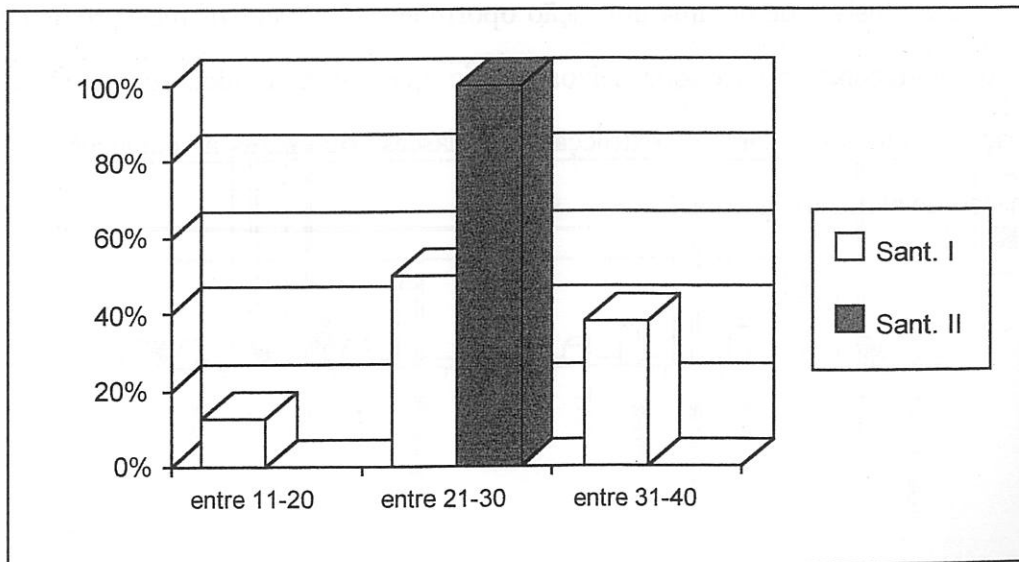
11. Comparação entre as formas de pote da Santinha I e II.

As formas com fuligem eram bastante variadas na 1ª ocupação, aparecendo nos potes das formas 1, 2, 4 e nos potinhos/púcaros, enquanto na 2ª, se restringiam aos potes da forma 1.



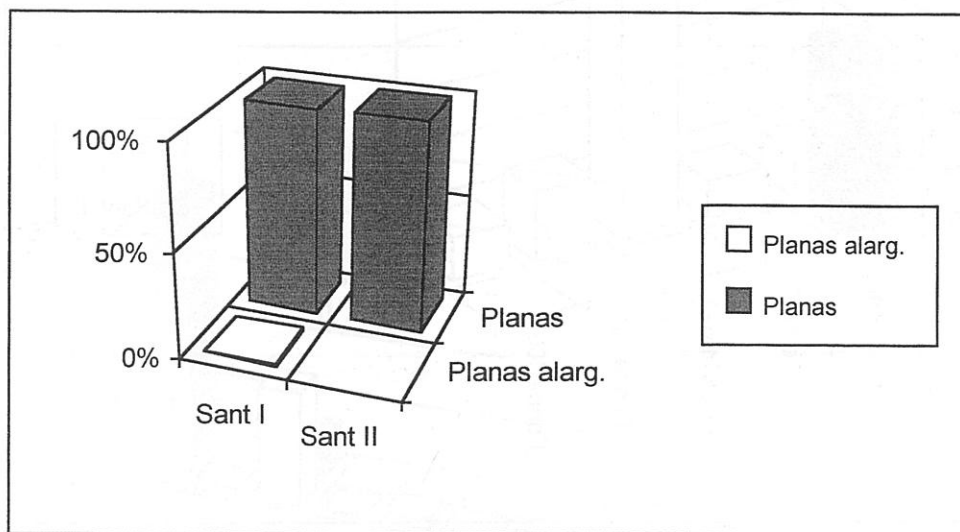
12. Comparação entre as formas com fuligem da Santinha I e II. A referência 10a insere a forma 10 encontrada na cista, a 10b não.

É curioso verificar que as dimensões dos potes com fuligem variavam entre os médios e os grandes, na Santinha I, enquanto na Santinha II apenas se manifestavam nos potes de diâmetro médio/grande.



13. Dimensões dos potes com fuligem da Santinha I e II.

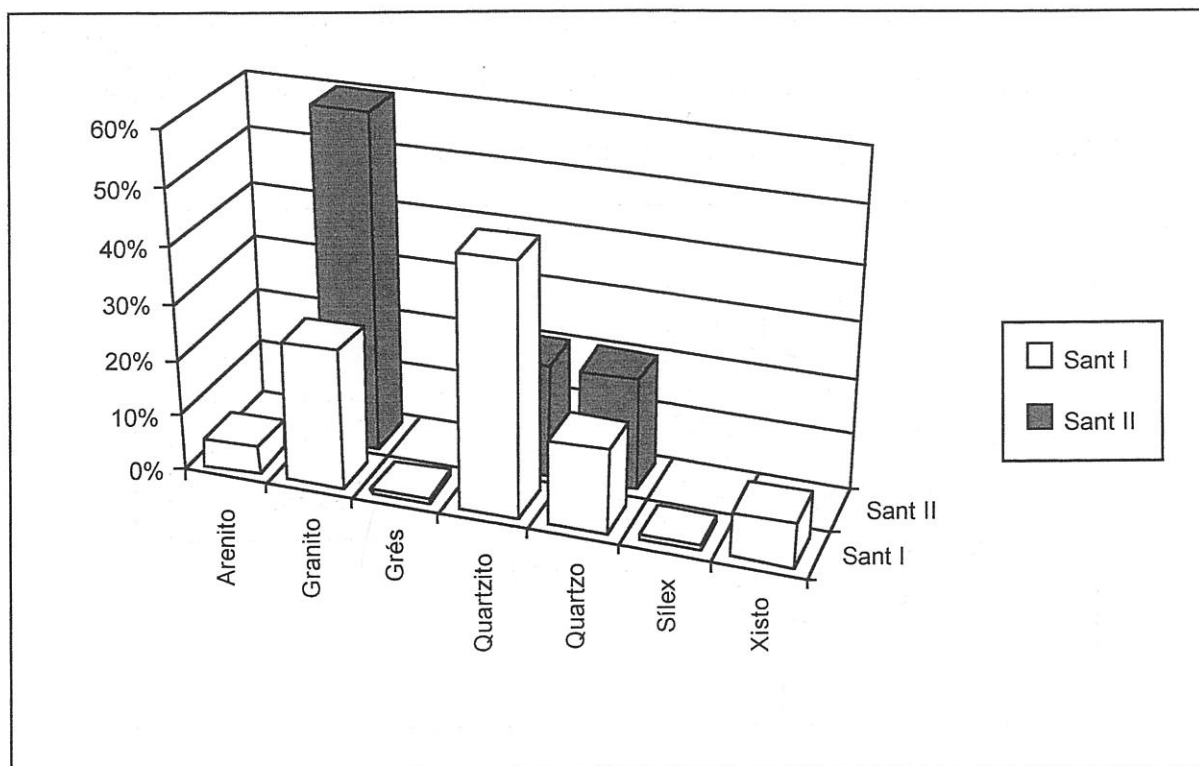
Em relação às bases, verificámos que não existe grande diversidade formal entre as duas fases, pois em ambas, são maioritárias as de fundo plano simples, embora na Santinha I se encontrem algumas de fundo plano alargado.



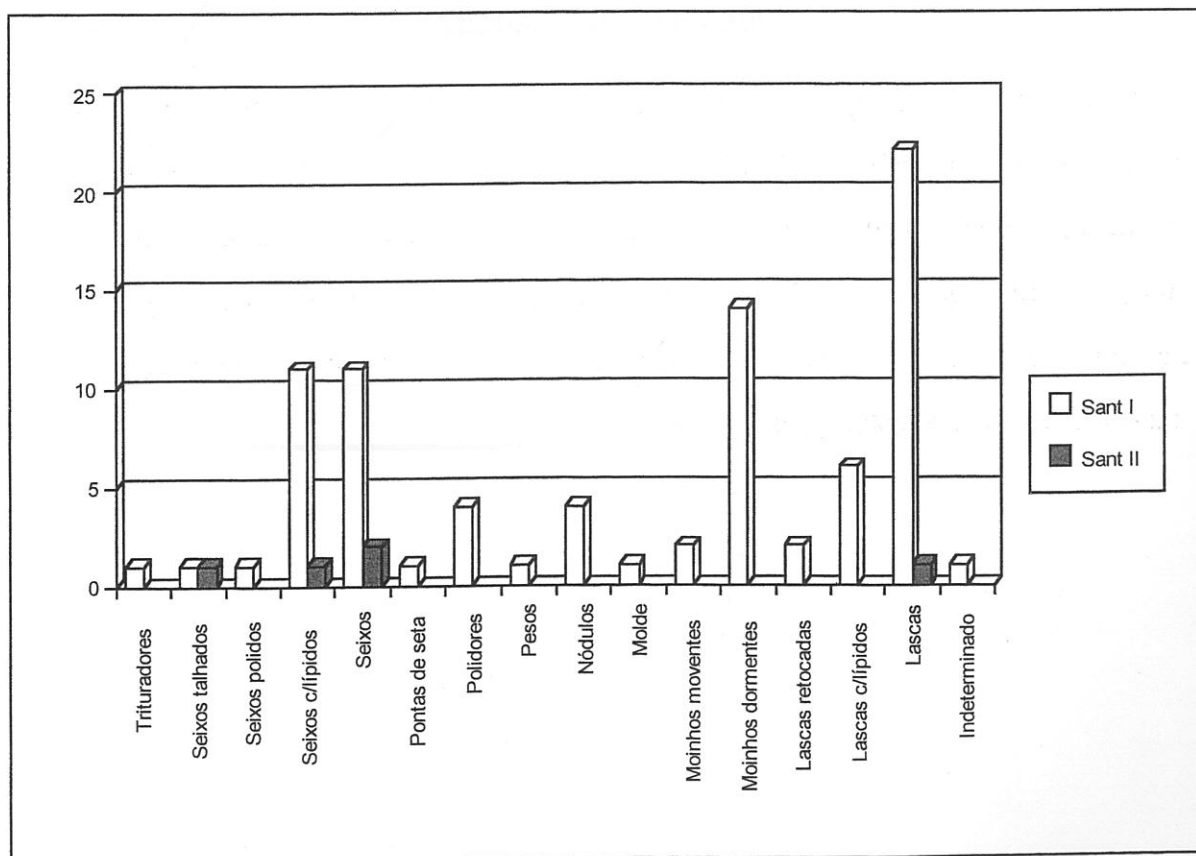
14. Comparação entre as bases da Santinha I e II.

Espólio lítico (Est. CXLIII a CXLV, CXLVIX)

Quanto à matéria-prima usada nos utensílios líticos evidenciavam-se rochas de origem exógena, de âmbito regional, com excepção do sílex, na Santinha I. Na Santinha II, notava-se a exclusividade de uma utilização oportunista dos recursos mais próximos, como o aproveitamento maciço dos seixos de rio que foram usados sem qualquer transformação, talhados, para a extracção de lascas ou para a confecção ou transformação de alimentos gordos.



15. Comparação da matéria-prima usada nos achados líticos entre a Santinha I e II.



16. Comparação da matéria-prima usada nos achados líticos entre a Santinha I e II.

ANEXO 1

Análises antracológicas

O povoado da Santinha (Amares, Braga). O contributo da Antracologia

Isabel FIGUEIRAL, ESA 5059 CNRS

Environnements, Anthracologie et Action de l'Homme.

Institut de Botanique, Univ. Montpellier II.

I. INTRODUÇÃO

Esta estação situada na província do Minho (freguesia e concelho de Amares, distrito de Braga), na margem direita da bacia do curso médio do Cávado, encontra-se inserida actualmente na região Atlântica - Mediterrâneo/Atlântica, com uma silva climática composta de *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus robur* (Carvalho roble/alvarinho) e *Quercus suber* (Sobreiro) (1)

Actualmente, a área de implantação da estação apresenta uma vegetação arbórea constituída principalmente de Pinheiro bravo, Carvalho, Sobreiro e Salgueiro. Os Eucaliptos e Mimosas são raros. A vegetação arbustiva é composta principalmente de Giestas, Tojo, Silvas e Madressilvas. Os Fetos são igualmente abundantes.

O estudo dos carvões de origem vegetal recolhidos durante os trabalhos de escavação (dir. Ana Bettencourt) tem como objectivo a obtenção de informações sobre as populações humanas que aqui habitavam e sobre o ambiente vegetal que as rodeava durante o período de ocupação desta estação.

II. MATERIAL DE ESTUDO

Os fragmentos de carvão são observados segundo os três planos da madeira, graças à utilização de um microscópio com luz reflectida. A identificação dos diversos géneros/espécies/famílias é efectuada consultando obras especializadas sobre a anatomia da madeira e utilizando uma colecção de referência constituída de madeiras actuais carbonizadas.

As amostras estudadas provêm dos diversos cortes realizados:

Corte 1 : camada 1 - carvões concentrados em fossas (fossas números 1 e 2), num total de 188 fragmentos.

camada 2 - carvões dispersos provenientes dos quadrados A4, A5, A6, B5, B6, B7, Q12, S12, V6, X5, X7, X8, Z5, Z6, Z7, Z8, num total de 523 fragmentos.

camada 2 - carvões concentrados em fossas (fossas números 2, 3, 4 e 5) e num buraco de poste do quadrado X9, num total de 204 fragmentos.

Corte 2 : camada 1 - carvões concentrados na fossa 1, num total de 47 fragmentos.

camada 2 - carvões dispersos nos quadrados A0, A1, B1 e B2, num total de 150 fragmentos.

camada 2 - carvões concentrados na fossa 1 e no buraco de poste do quadrado A2, e no interior de um pequeno aglomerado pétreo do quadrado B2, num total de 141 fragmentos.

Corte 3 : Camada 0 (base) - carvões do quadrado C10, num total de 26 fragmentos.

camada 1 - carvões concentrados no buraco de poste (quadrado B9) e na zona do vaso (quadrados B9 / B8), num total de 99 fragmentos.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados qualitativos e quantitativos obtidos são apresentados nos quadros 1 - 3

Os *taxa* identificados (por ordem alfabética), no conjunto dos cortes e camadas, são: *Alnus glutinosa* (Amieiro), *Buxus sempervirens* (Buxo), *Cistus* sp. (Esteva), *Cistaceae* (Cistáceas), *Corylus avellana* (Aveleira), *Erica* sp. (Urze), *Frangula alnus* (Amieiro negro), *Fraxinus angustifolia* (Freixo), *Juglans regia* (Nogueira), *Leguminosae* indet. (Leguminosas), Legum. tipo *Ulex* sp. (Legum. tipo Tojo), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo), *Pinus* sp., *Pteridium aquilinum* (Feto), *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus suber* + cortiça (Sobreiro), *Quercus* tipo *ilex* (Azinheira/Sobreiro), *Quercus* sp., *Rosaceae* tipo *Crataegus* (Pilriteiro), *Rosaceae* tipo *Pyrus* (Pereira/Escambroeiro),

Rosaceae Pomoidea, cf. *Rubus* sp. (Silva), *Salix* sp. (Salgueiro), *Sambucus nigra* (Sabugueiro).

Os dados mais significativos provêm do corte 1, camada 2 onde possuímos um número de fragmentos de carvão estatisticamente fiável.

Os resultados mostram, em primeiro lugar, a dominância do Carvalho (224 fragmentos num total de 523) seguido de muito perto pelas Leguminosas. A dupla "Carvalhos/Leguminosas" parece ser uma constante em todos os resultados antracológicos obtidos nesta região em povoados ocupados durante os finais da Idade do Bronze.

Os Carvalhos seriam obtidos a partir do corte de áreas cobertas ainda com a floresta climácica. Estes cortes florestais favoreciam a expansão de espécies colonizadoras dos espaços deixados em aberto, no nosso caso espécies da família das Leguminosas. Para além de uma utilização como combustível o Carvalho e as Leguminosas seriam seguramente utilizados igualmente como materiais de construção. As glandes dos Carvalhos poderiam também ser usadas na alimentação. No que diz respeito às Leguminosas elas poderiam ser utilizadas igualmente como fertilizante e como cama para os animais.

Como curiosidade será talvez interessante referir que uma planta, cuja descrição coincide com a do Tojo, é mencionada por Plínio como tendo sido utilizada na prospecção do ouro na Hispânia (2).

A floresta climácica não seria constituída apenas de Carvalhos. É bem possível que se tratasse aqui de uma floresta mista, com Sobreiros e igualmente com Rosáceas. A madeira destas últimas parece ser especialmente adequada para fins culinários (3).

De notar igualmente a presença de várias espécies ligadas possivelmente à vegetação de zonas ribeirinhas, como é o caso do Amieiro, Amieiro negro, Aveleira, Freixo, Salgueiro e Sabugueiro. As margens do Cávado seriam provavelmente um dos locais onde estas espécies seriam recolhidas.

As possibilidades de utilização destas espécies de zonas ribeirinhas no seio do povoado não se reduzem a combustível. O Sabugueiro e o Amieiro negro poderiam ter sido utilizados para tingir tecidos (a cor negra pode ser obtida a partir da casca do Sabugueiro enquanto que o azul se obtêm com os bagos do Amieiro negro) (4).

A madeira de Freixo possui um poder calorífico extremamente alto, ardendo com uma chama duradoura. A sua casca contém substâncias altamente inflamáveis o que facilita a combustão mesmo quando a madeira está ainda verde (3) e as suas folhas podem ser utilizadas como forragem (5).

O carvão de Amieiro é considerado como excelente e das cinzas pode-se igualmente obter o *Potassium* (6).

As ramas de Aveleira e Salgueiro podem ser usadas em cestaria. As folhas do Salgueiro podem ser utilizadas igualmente como forragem ou então com fins medicinais para combater febres e reumatismo (6)

A presença extremamente discreta do pinheiro bravo (dois fragmentos), vem mais uma vez confirmar uma instalação relativamente tardia desta espécie em comparação com a Estremadura nesta zona do país.

A identificação do Buxo (um único fragmento) pode ser considerada como uma surpresa uma vez que é uma espécie conotada geralmente com os terrenos calcários da zona mediterrânica. No entanto, fragmentos pertencentes a esta espécie foram identificados anteriormente no Castro do Crastoeiro (Mondim de Basto) (7)

No que diz respeito às fossas notamos em primeiro lugar a discrepância numérica existente no que diz respeito ao material existente (21 fragmentos na fossa 2 contra 167 na fossa 1, da camada 1). Ainda em relação às fossas talvez não seja exagerado falar de uma pequena concentração de estevas (*Cistus*) nas fossas 1, da camada 1 (12 fragmentos em 167) e na 4, da camada 2 (10 fragmentos em 48), tendo em conta a sua frequência nos carvões dispersos na camada 2 (5 fragmentos em 523). A presença de estevas é geralmente interpretada como um sinal de degradação da vegetação - a sua expansão resulta frequentemente da existência de fogos frequentes.

No corte 2 é de assinalar a presença da Nogueira (*Juglans regia*), atestada igualmente pela palinologia. Poderemos assim confirmar-se que a introdução desta espécie nesta zona não é resultado de uma importação romana. Para além de uma utilização como lenha, a Nogueira contribuiria igualmente para a alimentação humana. As qualidades medicinais da sua folha (infecções) são também bem conhecidas das populações desta região.

No corte 3 notamos sobretudo a presença, na zona do vaso (quadrados B9/B8), de vários fragmentos de agulha de pinheiro, assim como de 1 fragmento de braquiblasto. A associação destes restos carbonizados (ausentes habitualmente dos diagramas antracológicos) com o vaso parece-nos bastante sugestiva. A hipótese de estarmos perante um contexto ritual pode ser considerada sobretudo se tivermos em conta que os fragmentos de *Pinus pinaster* são muito raramente encontrados em povoados desta época, e nesta região.

As informações obtidas sobre a flora existente, a partir do estudos dos carvões recolhidos no povoado da Santinha, vão de encontro aos dados obtidos anteriormente noutros povoados desta época.

Notas

- (1) *Carta Ecológica*, Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa 1984.
- (2) Schulten A. (1958 - 1961) *Geografía y Etnografía antiguas de la Península Iberica.*, Madrid.
- (3) Kreuz A. (1992) Charcoal from ten early Neolithic settlements in central Europe and its interpretation in terms of woodland management and wildwood resources. *Bull. Soc. Bot. France (Actual. bot)* , 2/3/4 : 383 - 394.
- (4) Dimbleby G. (1978) *Plants and archaeology; the archaeology of the soil.* Granada, Londres.
- (5) Fabião A.M.D. (1987) *Arvores e florestas.* Col. Euroagro, Europa-América, Mem Martins.
- (6) Brosse J. (1987) *Les arbres de France; histoire et légendes.* Plon, Paris.
- (7) Figueiral I. (1993) Charcoal analysis and the vegetational evolution of north-west Portugal. *Oxford J. Archaeology* , 12 (2) : 209 - 222.

Quadro 1

Santinha

Corte 1 - Cam. 2: carvões dispersos

Quadrados Taxa	A4	A5	A6	B5	B6	B7	Q12	S12	V6	X5	X7	X8	Z5	Z6	Z7	Z8	Total
<i>Alnus glutinosa</i>	3	5				2			5	8		1	5	12	7		48
<i>Buxus sempervirens</i>												2	1				1
<i>Cistus</i> sp.							3										5
Cistaceae/ <i>Ericaceae</i>									2								2
cf <i>Clematis</i> sp.							1										1
<i>Corylus avellana</i>	3	4		3				3	3			2		2			17
<i>Frangula alnus</i>		1						8					1	1			11
<i>Fraxinus angustifolia</i>		1		3		1		2			1		1	1			10
<i>Gimnosperma</i> indet.								1									1
<i>Leguminosae</i> indet.	14	4	11		16	22	14	18	2	2	2	11	7	10	11	4	148
<i>Legumin.</i> tipo <i>Ulex</i> sp.							3										3
<i>Pinus pinaster</i>							1		1								2
<i>Quercus</i> folha caduca	13	17	17	18		20	2	26	5	1	19	3	23	21	8	31	224
<i>Quercus suber</i>						3		2				1				1	7
<i>Quercus</i> sp.			1					1			1						3
<i>Rosaceae Pomoidea</i>								2	2								2
<i>Ros. Pom.</i> tipo <i>Pyrus</i>				2		1	1	1			1			3	3	3	11
<i>Salix</i> sp.	2				2	1						1		1	2		9
<i>Salicaceae</i> indet.													1				1
<i>Sambucus nigra</i>	3															1	4
Fragmentos de bolota						1			1							1	3
Indeterminada														1			1
Indetermináveis						1	1	5						1		1	9
Total	38	21	40	18	54	26	56	28	12	24	24	21	39	53	26	44	523

Quadro 1: frequências absolutas dos taxa - corte 1

Quadro 2								
Santinha								
Corte 1 – carvões concentrados								
Taxa	Quadrados	Fossas					B. Poste	
		X8 - Z9	S11 - S13	V8	X7 - X8	V6 - V7	V7	X9
		F. 1 Cam. 1	F. 2 Cam. 1	F. 2 Cam. 2	F. 3 Cam. 2	F. 4 Cam. 2	F. 5 Cam. 2	Cam. 2
<i>Cistus</i> sp.		12	1	1		10		
cf. <i>Clematis</i> sp.		3						
<i>Corylus avellana</i>		3						
<i>Erica</i> sp.						1		
<i>Frangula alnus</i>						1		
<i>Fraxinus angustifolia</i>				2				
<i>Leguminosae</i> indet.		54	14	1	11	16	5	
<i>Legum.</i> tipo <i>Ulex</i> sp.		1	4		23	18		
<i>Pinus pinaster</i>					1		14	
<i>Pteridium aquilinum</i>		2					1	
<i>Quercus</i> folha caduca		55	2	2	4	1	12	
<i>Quercus suber</i>		2		17	1			
<i>Quercus</i> sp.		3		1				
<i>Rosaceae Pomoidea</i>		4						
<i>Ros. Pom.</i> tipo <i>Crataegus</i>		1						
<i>Ros. Pom.</i> tipo <i>Pyrus</i>		2					1	
<i>Salix</i> sp.		2					2	
<i>Sambucus nigra</i>		1						
Fragmentos de bolota		15						
Indetermináveis		7		3	1	1	1	
Total		167	21	27	41	48	33	
							55	

Quadro 2: frequências absolutas dos taxa - corte 1

Quadro 3
Santinha
Corte 2

Taxa	Quadrados Contexto Camadas	Carvões dispersos				Total	Carvões concentrados											
		A0	A1	B1	B2		A1	A2	A2	B2								
		Fos. 1	Fos. 1	B. Poste	C. Pedras		Fos. 1	Fos. 1	B. Poste	C. Pedras								
		2	2	2	2													
<i>Cistus</i> sp.						2												
<i>Corylus avellana</i>		1																
<i>Erica arborea</i>						2												
<i>Frangula alnus</i>										1								
<i>Fraxinus angustifolia</i>							1	1										1
<i>Juglans regia</i>				3														
<i>Leguminosae</i> indet.		2	7	8	8	25	21	22	8									9
<i>Quercus</i> folha caduca		17	24	24	32	97	16	26	8									44
<i>Quercus suber</i>							2											
<i>Quercus</i> sp.							1											1
Rosaceae Pomoidea				1		1			1									
Ros. Pom. tipo <i>Pyrus</i>				2		2												
<i>Salix</i> sp.				3	2	5			3									1
<i>Sambucus nigra</i>		1	4			5												1
Fragmentos de bolota		1			7	8												7
Indetermináveis			2			2	1											1
Total		22	47	32	49	150	47	58	17									66

Quadro 3: frequências absolutas dos taxa - corte 2

Quadro 4			
Santinha			
Corte 3			
Quadrados Contexto <i>Taxa</i>	C10 Cam. 0	B9 B. Poste	B9 / B8 Vaso Cam. 1
<i>Cistaceae</i>		2	
<i>Fraxinus angustifolia</i>		2	1
<i>Gimnosperma</i> indet.		1	3
<i>Leguminosae</i> indet.	1	15	12
<i>Pinus</i> sp.			2
<i>Pinus</i> (agulhas)			17
<i>Pinus</i> (braquiblasto)			1
<i>Quercus</i> folha caduca	22	9	17
<i>Quercus suber</i>		6	
<i>Quercus</i> sp.		2	1
<i>Ros. Pom.</i> tipo <i>Pyrus</i>	1		
cf. <i>Rubus</i> sp.		1	
<i>Salix</i> sp.	1	1	
Fragmentos de bolota	1		
Indeterminada			1
Indetermináveis		2	3
Total	26	41	58

Quadro 4: frequências absolutas dos *taxa* - corte 3

4. 5. S. JOÃO DE REI; MONTE CASTRO

4. 5. 1. Introdução

O povoado de Monte Castro, localiza-se no lugar do Castro, freguesia de S. João de Rei, concelho da Póvoa de Lanhoso, na margem esquerda do rio Cávado.

As primeiras referências, de forma sumária, a esta estação datam da primeira metade deste século. Nessa época já se considerou existir uma ocupação "*lusitano-romana*", com base nos achados efectuados nas vertentes norte e oeste, durante o corte da estrada que dá acesso ao centro da freguesia. Cabe a P. Kalb (1980: 27) a primeira integração deste local no denominado "Bronze Final Atlântico". Em 1990 M. Martins (1990: 92) admite para o Monte Castro, ocupações do Bronze Final, da Idade do Ferro e da Romanização.

A posição geo-estratégica do povoado, em zona charneira entre o vale e a montanha, o achado de um bipene na vertente norte ou noroeste e o interesse em contextualizar cronológico-culturalmente este tipo de artefacto metálico, tornavam pertinente o estudo desta estação. Efectuámos assim uma campanha de escavação de cerca de 2 meses na Primavera de 1993²⁰¹.

²⁰¹-Esta campanha de escavação contou com o apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, da Junta de Freguesia de S. João de Rei e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Nos trabalhos de campo participaram a Dr.ª Fátima Rebelo, os técnicos da Unidade de Arqueologia, José Manuel Leite e Abraão Pires e os Srs. Aires Silva, João Oliveira e José Silva, trabalhadores da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso. Contámos ainda com os estudantes Ana Maria de Jesus, Cristina Ferreira, Dália de Almeida, Frederico Portugal, Elizabete Silva, Eloísa Santos, Filomena Bastos, Isabel Gonçalves, Isabel Silva, João Nuno Azambuja, José Madureira, Josélia Martins, Manuela Morais, Maria do Carmo Ribeiro, Orlando Araújo, Paula Barreira, Paulo Araújo, Pedro Barbosa, Rosa Sousa e Susana Pereira.

Queremos agradecer ao Sr. António Celestino, proprietário do terreno, todo o apoio prestado durante a realização dos trabalhos.

4. 5. 2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental (Est. CLII, CLIII, CLIV, CLIX)

O povoado de Monte Castro localiza-se num remate de esporão de média altitude, na vertente noroeste da serra de Santo Tirso. Ocupa a plataforma superior, aplanada, pequenos patamares no início das vertentes oeste e sul e as vertente norte e noroeste. Enquanto a oeste o acesso ao início do vale é difícil, devido ao pendor da vertente, ele torna-se fácil pelos lados norte e noroeste. O acesso ao planalto pode fazer-se pelo lado sul. A este existe um grande fosso cortado na rocha.

As coordenadas Gauss, segundo a C. M. P., folha n.º 56, na esc. 1: 25 000 são: M= 186,5 ; P= 516,4 à cota máxima de 202m (f. 57 - 1/25 000).

Apesar da cota absoluta de 202m, lhe conferir boas condições de visibilidade para o vale do Cávado, o povoado fica apenas a cerca de 30m de altura do início do vale, pelo lado este e a 60m, pelo lado nordeste, o que lhe confere uma posição geo-estratégica entre dois tipos de ecossistemas; a paisagem de montanha e a de planície.

O substrato rochoso é composto por granitos porfiróides de grão grosseiro a médio, monzoníticos, de duas micas com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), mas com raros afloramentos à superfície.

Se na zona planáltica, para sul do povoado, os solos são de tipo "ranker" atlântico, numa área de 500m para oeste e este existem solos de classe A, de utilização agrícola. O mesmo acontece a norte, embora a Carta de Ordenamento Agrário refira solos de classe F (f.57 - 1: 25 000).

Não se conhecem na proximidade recursos minerais metálicos. Apenas brotam nascentes minero-medicinais a cerca de 3,5 Km para noroeste (Pego Negro) e a 5Km para oeste (Crespos), ambas na margem esquerda do Cávado.

Na base das vertentes norte e este corre a Ribeira do Castro, afluente do Cávado e a meio da vertente este existe uma nascente. O povoado fica a 2,1Km para sudeste do Cávado.

A cobertura vegetal é predominantemente arbórea com Pinheiros e Eucaliptos, embora existam alguns Carvalhos e Sobreiros residuais. A vegetação arbustiva e herbácea é composta por giesta branca, fetos e urzes. A vertente norte foi agricultada em época não muito recuada, daí a existência de inúmeros socalcos artificiais.

O acesso faz-se a partir do lugar da Devesa, por estrada municipal.

Parte da vertente norte e noroeste foi destruída durante a abertura do caminho municipal que hoje serve a sede de freguesia de S. João de Rei. Também a vertente sul foi cortada por um caminho municipal.

4. 5. 3. Objectivos e metodologia (Est. CLV)

A acção desenvolvida neste povoado decorreu no âmbito do nosso projecto de investigação para a bacia do Cávado que pretende estudar a evolução do povoamento, da economia e da sociedade, em interacção com os diferentes ecossistemas, desde o II até aos meados do I milénio AC.

Numa perspectiva mais particular tentámos:

-precisar, em termos cronológicos e culturais, os diferentes níveis de ocupação existentes no povoado;

-verificar a existência de níveis de ocupação atribuíveis aos finais da Idade do Bronze e aos inícios da Idade do Ferro, assim como a sua possível articulação;

-determinar as actividades económicas e inferir aspectos sociais das comunidades mais antigas do povoado.

Para a consecução destes objectivos, optou-se pela abertura de valas de sondagem em várias zonas do povoado. O primeiro corte foi efectuado na plataforma superior do monte e os restantes três em plataformas contíguas àquela.

O corte 1, no topo do povoado, correspondeu a uma vala de sondagem orientada ao Norte magnético, com 13,5m², de modo a permitir identificar, entre outros objectivos já enunciados, a existência de estruturas pétreas delimitadoras da acrópole.

O corte 2, aberto na vertente norte, correspondia a 28,2m² distribuídos de forma a tornar perceptível a existência de eventuais muros ou taludes, entre dois patamares.

Os cortes 3 e 4 dispunham-se, respectivamente, a oeste e a sul do corte 1 numa área bastante elevada do povoado. No primeiro abriu-se uma área de 9m² e no segundo de 4,5m².

A quadrícula foi de 1,5m x 1,5m e a escavação processou-se por camadas naturais. As camadas foram numeradas por algarismos árabes de cima para baixo, por vezes com subdivisões. Com excepção do quadrado B1 do corte 4, todos os restantes foram escavados até à arena granítica. Naquele quadrado apenas ficou por escavar o que pensamos ser parte de uma outra fossa aberta no saibro, atendendo a que a exiguidade da área encontrada não permitia o seu esvaziamento nas melhores condições.

Todas as estruturas e perfis foram desenhados, cotadas e fotografados.

Os artefactos metálicos e as amostras de ecofactos, quando tal foi possível, posicionaram-se em relação aos dois eixos dos quadrados.

Foram retiradas amostras para análises de antracologia, edafologia, paleocarpologia, palinologia e radiocarbono sempre que considerámos oportuno.

O espólio foi observado na íntegra. A cerâmica foi enquadrada na tabela formal geral e os objectos metálicos foram analisados pela Fluorescência de Raios-X, no I.C.R.B.C. de Madrid²⁰². As amostras de antracologia foram analisadas pela Doutora Isabel Figueiral, do Laboratório de Paleobotânica, Ambiente e Arqueologia da Universidade de Montpellier II, as de palinologia e de paleocarpologia pelo Doutor Pablo-Ramil Rego da Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela e pela Dr.^a Giselda Oliveira²⁰³. As de edafologia pelo Professor F. Díaz-Fierros Viqueira, também da Univ. de Santiago de Compostela. As datações de radiocarbono foram efectuadas no Instituto de Química Física "Rocasolano", em

²⁰²-Agradecemos a Ignácio Montero Ruíz a disponibilidade para analisar estas peças.

²⁰³-Algumas amostras de sementes foram analisadas por esta investigadora no âmbito da preparação da sua dissertação de Mestrado.

Madrid²⁰⁴ e no laboratório da Universidade de Utrecht. Todas as datas foram calibradas segundo o programa de calibração de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993), na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O material recolhido deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. O bipene desapareceu, embora exista uma cópia no Museu Martins Sarmiento, em Guimarães.

4. 5. 4. Escavações

Apenas nos cortes 1 e 2 encontrámos níveis de ocupação do período cronológico que estudamos. Talvez exista uma ocupação dos inícios da Idade do Ferro no corte 4, mas a não conclusão dos trabalhos nesta área impede outras considerações.

4. 5. 4. 1. Estratigrafia, estruturas e espólio

4. 5. 4. 1. 1. Corte 1

Estratigrafia

A escavação deste corte até á rocha de base, permitiu detectar uma sequência estratigráficas de 6 camadas, algumas delas sem continuidade entre si (Est. CLVII, CLXI-2). A camada 6 era a única que apresentava vestígios *in situ*, de uma ocupação dos inícios da Idade do Ferro.

-Camada 6: caracterizava-se por terras castanhas escuras, areno-argilosas médias, de média compacidade, com alguns carvões dispersos. Camada de ocupação/abandono.

²⁰⁴-Agradecemos ao Doutor Fernán Alonso a realização das análises de radiocarbono efectuadas pelo CSIC.

-Camada 6a: caracterizava-se por terras castanhas escuras, por vezes com pequenas bolsas de argila e de carvões, heterogéneas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com cascalho e sementes carbonizadas dispersas. Enchimento da fossa 1.

-Camada 6b: caracterizava-se por terras castanhas, por vezes castanhas amareladas, heterogéneas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos e muitas sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

-Camada 6c: caracterizava-se por terras castanhas, por vezes com bolsas de argila, areno-argilosas médias, de média compactidade, com aglomerados de sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

-Camada 6d: caracterizava-se por terras negras, de pouca compactidade com muitos carvões e algumas sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

-Camada 6e: caracterizava-se por terras castanhas amareladas, arenosas, de fraca compactidade, com sementes dispersas. Enchimento da fossa 1.

Estruturas (Est. CLVII, CLVIII, CLXI-1, CLXIII)

A única estrutura identificada com a camada 6 foi uma grande fossa aberta no saibro e na rocha de base, que designámos por fossa 1 e que se encontrava perturbada no topo pela construção de um muro mais recente. Localizava-se nos quadrados C1, D1 e E1 e não foi escavada na íntegra. Com um canal elevado (0,26cm de profundidade), pelo lado sul e de secção subcilíndrica, tinha cerca de 2,30m de largura máxima e entre 1,20m e 1,30m de profundidade máxima. Pelo lado sul desta fossa, escavada no saibro, existia uma depressão circular, com 6cm de profundidade que pensamos poder corresponder a uma zona de encaixe de uma trave de madeira. Pelo lado este desta estrutura, a zona menos perturbada pelo muro posterior, ainda se conservava um área contínua de saibro, que interpretamos como eventual cobertura desta fossa.

Espólio

O espólio das camadas que constituíam este corte correspondia a mais de mil fragmentos cerâmicos, vários líticos, metais e ecofactos. Apenas estudámos em

pormenor, o espólio da camada 6 que correspondia à Idade do Ferro Inicial e se encontrava contextualizado.

Um resumo das características do espólio das várias camadas fornecerá algumas informações sobre as diferentes ocupações do povoado: após a camada humosa (0), seguiam-se outras quatro que podemos atribuir à fase da romanização (1, 2, 3 e 4); as duas mais recentes continham materiais de construção romanos (imbrex e tégula), cerâmicas comuns deste período (ânforas e copos ou potinhos), alguns fragmentos grafitados, panças de pasta alaranjada com engobes (vermelhos muito aderentes mas pouco espessos). Segundo M. Delgado²⁰⁵ este espólio poderá atribuir-se ao séc. I d.C.. Registámos também 1 moeda de prata, representando uma quadriga numa das faces. A cerâmica micácea a torno, de tradição indígena estava presente em quantidade.

Os poucos fragmentos da Idade do Bronze contidos na camada 3 e 4 (localizada nos quadrados B1, A1 e A0) poderão explicar-se pelo facto destas camadas terem atingido o saibro de base.

A camada 5 correspondia a perturbações provocadas na camada 6, devido à construção de um muro que perturbou parte da fossa 1. Toda a cerâmica encontrada era de pasta micácea, de textura grosseira ou fina, de fabrico manual ou a torno lento e com formas (potes 1b, potinhos/púcaros, panelas de asa interior e tigelas) que se inscreviam dentro da fase IIA de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1988a: 161-176). A decoração era exclusivamente incisa.

Camada 6 (Est. CLXVIIa)

Esta camada caracterizava-se por 226 fragmentos cerâmicos, 3 achados metálicos e alguns ecofactos.

²⁰⁵-Agradecemos à Dr.ª Manuela Delgado a classificação destas cerâmicas.

Cerâmicas

Entre os fragmentos cerâmicos contámos 6 de pasta arenosa manual, (3 grosseiros e 3 medianos/finos), com características tecnológicas que poderão corresponder a uma fase anterior. Os restantes 220 eram de pastas micáceas, fabrico manual ou a torno lento e de textura grosseira (79%) ou mediana/fina (21%).

A cozedura era regular ou má e o acabamento alisado. As cores variavam entre os beges, os alaranjados (1 ex.), os avermelhados (3 ex.), os castanhos e os negros.

Seleccionámos 42 fragmentos passíveis de estudo mais pormenorizado.

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	17
Bases	17
Arranques de asa	1
Panças decoradas	6
Discos	1
TOTAIS	42

Formas

A maior representatividade das formas, através da análise dos bordos e dos arranques de asa, correspondia a potes, seguida dos potinhos/púcaros, das painéis de asa interior, das malgas, das tigelas e dos almofarizes (?).

Os bordos da forma 10 podiam ser esvasados (50%) e em aba horizontal pequena (25%). Os restantes não foram passíveis de determinação. As pastas eram de textura grosseira (100%) e um deles, de má cozedura, encontrava-se calcinado. As cores variavam entre o bege, o castanho e o negro. As 2 peças passíveis de diâmetro mostraram 1 exemplar pequeno e um médio. Duas destas peças eram de fabrico manual.

As painéis de asa interior, aparentemente, todas efectuadas em torno lento, apresentavam bordos diagonais e grossos. Uma delas era perfurada no topo e junto à

base e outra continha indícios de fuligem no exterior. As dimensões de 2 peças eram superiores a 40cm.

A malga correspondia a um recipiente grosseiro, de bordo sub-vertical ou ligeiramente reentrante.

A tigela, com bordo em aba soerguida pequena, era de má cozedura e apresentava-se perfurada na pança. Tinha de diâmetro entre 30 a 39cm.

A presença de um bordo em aba soerguida com um entalhe intencional, numa pança globular embora efectuado manualmente, faz pensar num almofariz.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Potes	7	(41%)
Pot./Púc.	4	(24%)
Panela de asa interior	3	(18%)
Malga	1	(6%)
Tigela	1	(6%)
Almofariz (?)	1	(6%)
Indeterm.	1	-
TOTAIS	18	(101%)

Na forma identificada como pote encontrámos apenas duas variantes; os da forma 1b e os da 2. Os potes da forma 1b apresentavam abas médias (50%) e grandes (50%) e correspondiam, maioritariamente, a peças mal cozidas (75%). Um deles, de textura muito grosseira, era nitidamente de fabrico manual. Não se verificaram indícios de fuligem, matéria orgânica ou lípidos em nenhum deles. As suas cores eram beges ou castanhas (75%) e os seus diâmetros grandes. Um deles apresentava incisões no início da pança. Os potes da forma 2 também não indiciavam fuligem ou qualquer vestígio de terem servido para guardar alimentos gordos. A única dimensão possível mostrou um recipiente de diâmetro médio/grande.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1b	4	(57%)
Pote 2	3	(43%)
TOTAIS	7	(100%)

Bases

Entre os 17 fragmentos de bases 11 correspondiam a fundos planos (71%), 2 a fundos planos alargados (12%) e 1 a um fundo de pé alto (6%). Os restantes eram indetermináveis. Os diâmetros das bases eram bastante diversificados. Na categoria das bases de fundo plano a maioria era de dimensões médias (7 ex.), seguidos dos médio/grandes e pequenos (2 exs cada). Nas bases de fundo plano alongado existiam dimensões médias (1 ex.) e grandes (1 ex.). A de pé alto não era quantificável.

As texturas eram quase sempre grosseiras (88%), com duas excepções (base de fundo plano alongado e de pé alto). Nenhum destes fragmentos apresentava sinais de fuligem externa mas 1, de pequena dimensão, continha matéria orgânica no interior.

Asas

Registámos unicamente um arranque de asa de púcaro, cuja secção era indeterminada, saindo directamente do bordo. A textura desta peça era grosseira.

Decorações

Identificámos 7 fragmentos decorados, entre panças e bordos. Entre eles distinguimos duas técnicas: a incisa, com 3 exemplares (43%) e a impressa com 1 (14%). Estavam ainda presentes as combinações de incisões/impressões (29%) e de incisões/plástica (14%).

A decoração incisa manifestava-se por bandas horizontais preenchidas com linhas em diagonal (1 ex.) e por triângulos (2 ex.). A decoração impressa materializava-se por séries de SSS, a combinação incisa/plástica, por cordões duplos horizontais com incisões oblíquas e a incisa/impressa por linhas e SSS ou por motivos indeterminados.

Todas as decorações eram parciais. Com uma excepção, as texturas eram sempre grosseiras e a distribuição de fuligem verificou-se apenas na pança com decoração incisa/plástica, também de má cozedura.

As decorações representavam (3%) do total dos fragmentos desta camada.

Metais

Além de um fragmento indeterminado, exumamos uma argola fracturada e um aro aplanado. Todas as peças eram de bronze. As duas últimas foram detectadas na fossa 1.

Ecofactos

Os ecofactos exumados apenas da fossa 1 foram extraídos de diferentes modos; directamente da camada, por crivagem a seco e por flutuação manual simples.

O resultado da antracologia (FIGUEIRAL, neste vol.) revelou a presença de algumas espécies arbóreas ribeirinhas, como o Salgueiro. Da floresta climácica recolheram-se restos de Aveleiras e de Carvalhos, plantas fornecedoras de alimento.

A fossa 1 forneceu uma quantidade significativa de restos paleocarpológicos. Embora a maior parte deles ainda esteja em processo de estudo²⁰⁶ identificaram-se já vários tipos de cereais, que constituem o maior número de sementes encontradas. Entre eles distinguimos: o trigo (mais de 101g); o milho miúdo (mais de 95 grãos); a aveia (cerca de 14 grãos); e a cevada (entre 1 a 3 grãos). As sementes de leguminosas pertenciam a favas (1 grão), as de crucíferas a *Brassicac*s (8 grãos) e os frutos a bolotas (4 frag.)²⁰⁷.

²⁰⁶-Pela Dr.^a Giselda Oliveira.

²⁰⁷-Algumas destas análises foram efectuadas por P. Ramil-Rego (com. pessoal).

Datas de radiocarbono

A amostra 1 foi enviada para o Laboratório de Utrecht, onde foi analisada por espectrometria de massa com acelerador (AMS). Pretendia-se uma afinação cronológica da fase de abandono da fossa 1. Esta amostra foi extraída de uma concentração de carvões da camada 6e, do quadrado D1, do corte 1.

A amostra 2, estatisticamente semelhante à anterior, foi retirada da camada 6 do quadrado E1, contemporânea da ocupação da fossa 1.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC - 4784	2220 ± 37	361 - 337 (0,19) 324 - 282 (0,35) 257 - 202 (0,46)	377 - 189 (100)
CSIC - 1146	2183 ± 27	355 - 294 (0,63) 209 - 174 (0,37)	363 - 277 (0,51) 262 - 157 (0,48) 136 - 126 (0,01)

Se considerarmos a maior probabilidade de cada uma destas datas e a média ponderada das duas, podemos concluir que esta ocupação se terá verificado entre os meados do séc. IV e os inícios do II AC.

Referência do laboratório	Data BP	Média ponderada anos BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC - 4784	2220 ± 37	2196 ± 23	355 - 292 (0,73)	362 - 279 (0,59)
CSIC - 1146	2183 ± 27		234 - 225 (0,07) 209 - 192 (0,21)	260 - 181 (0,41)

Síntese do corte 1

A camada 6 e a fossa 1, que nela se insere, correspondem à ocupação mais antiga da plataforma superior. As características do espólio destes locais e as datas de radiocarbono obtidas nas diferentes zonas, permitem admitir que esta ocupação tenha ocorrido entre os meados do séc. IV e os inícios do II AC, muito provavelmente, no designado Ferro Inicial.

A existência de uma ocupação mais antiga nesta plataforma é problemática, mas não inviável. Embora não documentada na estratigrafia o aparecimento de 6 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pasta arenosa, detectados na base da camada 6 (quadrado A0) tornam a sua ocorrência provável. O desaparecimento do eventual nível de ocupação estaria relacionado com a forte erosão a que a plataforma superior teria estado sujeita após o seu abandono.

Quanto ao nível da Idade do Ferro Inicial, a distribuição espacial dos dados, as características das estruturas, do espólio e dos ecofactos indiciam uma ocupação fruste, circunscrita à plataforma superior do povoado e altamente vocacionada para actividades agrícolas ou agro-pastoris.

Os vestígios passíveis de serem relacionados com esta actividade eram de vária ordem;

- proximidade de solos de tipo A, bem drenados, e nas imediações do povoado;
- características da fossa 1, que apesar dos indicadores detriticos (tipo e disposição topográfica dos sedimentos, espólio metálico e cerâmico que não colava entre si), ainda conservava um elevado número de sementes carbonizadas, o que permite considerá-la como estrutura de armazenagem ou silo, possivelmente selado por saibro;
- localização da fossa-silo no topo do povoado, zona arejada e bem drenada por excelência;
- resultados da paleocarpologia que revelaram a presença de vários cereais (trigo, milho miúdo, aveia e cevada), bem como de leguminosas (favas) e crucíferas (*Brassicas*) macrorrestos indicadores da prática de uma policultura altamente produtiva;

-presença exclusiva de potes sem indícios de fuligem, de dimensões médias/grandes ou grandes, por vezes pouco cuidados, exemplificados pelos potes da forma 1, com 75% de peças mal cozidas, provavelmente recipientes de armazenagem de produtos secos.

Outra actividade de subsistência prende-se com a recollecção de bolotas, documentada pela presença exclusiva de glandes.

A localização na paisagem, a exclusividade de estruturas percíveis desta ocupação, o tipo de estruturas, de macrorrestos e de espólio, maioritariamente grosseiro (79%), frequentemente mal cozido, pouco decorado e sem grandes indicadores processuais de prestígio, parecem evidenciar uma comunidade de agricultores, recolectores e eventuais criadores de gado, pouco diferenciada socialmente e aparentemente sem grandes contactos com o exterior.

4. 5. 4. 1. 2. Corte 2

Estratigrafia

A camada 3 não ultrapassava os 64cm de espessura máxima e encontrava-se localizada nos quadrados A1, A2, A2a, A2b e A2c. Nos quadrados localizados a norte destes, esta camada desapareceu totalmente, evidenciando uma forte erosão nesta vertente, provavelmente ainda em épocas recuadas. Tal poderá relacionar-se, entre outros factores, com a falta de monumentalização do nível de ocupação aí localizado (Est.CLVI).

-Camada 3: caracterizava-se por terras negras, areno-argilosas médias, de fraca compacidade, com alguns carvões dispersos.

-Camada 3a: caracterizava-se por terras castanhas claras devido à mistura com a arena granítica.

-Camada 4: arena granítica.

A análise edafológica, analisada com base num perfil retirado do quadrado A2c, permitiu isolar melhor a zona da camada 3 que correspondeu à ocupação. Trata-se dos últimos 15 a 20cm, onde a percentagem de fósforo, entre outras propriedades, atinge valores mais altos, diminuindo nas cotas subsequentes (que deverão corresponder ao abandono ou a escorregamentos). Esta propriedade só volta a expressar-se com um índice considerável, no horizonte humoso segundo F. Díaz-Fierros Viqueira *et alii* (1992/1994: 33-37).

Estruturas (Est. CLVI, CLX)

As únicas estruturas encontradas nesta camada são 2 pequenas "fossas", rodeadas por pedras ou por blocos do substrato granítico fracturado. A "fossa" 1, detectada no quadrado A2b/A2c, tinha 60cm de largura no sentido norte-sul e 53cm de profundidade máxima. A "fossa" 2, encontrada no quadrado A2c, era de planta sensivelmente triangular, com 60cm no sentido norte-sul, 44cm no este-oeste e cerca de 42cm de profundidade.

Espólio

O espólio das camadas deste corte era constituído por milhares de fragmentos cerâmicos, escassos objectos líticos, escórias de ferro, contas de vidro e ecofactos. Destes seleccionámos somente os da camada 3, por pertencerem a uma das etapas cronológicas e culturais de que nos ocupamos neste trabalho.

Apenas para uma melhor percepção das diferentes ocupações do povoado fazemos um breve resumo sobre as características artefactuais das várias camadas. A camada humosa (0) era composta por cerâmicas comuns e materiais de construção de época romana, louça micácea a torno, da Idade do Ferro Recente e por fabricos manuais de pastas arenosas e micáceas de épocas mais recuadas. As duas camadas que se seguiam (1 e 1a) inscreviam-se num fase de romanização. Aqui apareceram almofarizes, ânforas,

bilhas ou jarros, copos ou potinhos e taças, fragmentos com superfícies engobadas (engobes vermelhos escuros, alaranjados e amarelados) e tipos de pastas que M. Delgado atribuiu, genericamente ao séc. I d. C.

Salientamos o facto de que quando a camada 1a atingiu o saibro de base, detectámos alguns fragmentos de fabrico manual e pasta arenosa enquadráveis na Idade do Bronze. As camadas 2 e 2a, da Idade do Ferro Recente caracterizavam-se pela presença de painéis de asa em orelha e de talhas, entre muito outro espólio, semelhante ao da fase IIB de S. Julião (MARTINS 1988a: 182 -188).

Camada 3 (Est. CLXIV a CLXVI)

Nesta camada quantificámos 307 fragmentos cerâmicos, 4 achados líticos e ecofactos, em quantidade apreciável.

Cerâmicas

A cerâmica estava representada por fragmentos de fabrico manual e pasta arenosa (94%) ou micácea (6%). Em ambos os casos as cozeduras eram redutoras e na sua maioria regulares (99%). O acabamento externo era quase sempre alisado, com algumas excepções rugosas ou polidas. A textura era, também, maioritariamente, grosseira, com algumas excepções (5%). As cores variavam entre os beges, os castanhos e os negros.

Deste conjunto individualizámos alguns bordos, bases e panças, num total de 35, passíveis de estudo formal ou decorativo.

FRAGMENTOS	QUANT
Bordos	31
Bases	3
Panças decoradas	1
TOTAIS	35

Formas

Com base na tabela formal efectuada para a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro estabelecemos um escasso número de formas, apenas 3 e representadas somente por potes e potinhos/púcaros.

FORMAS	QUANT	(%)
Potes	13	(81%) ²⁰⁸
Pot./Púc.	3	(19%)
Indeterminadas	15	-
TOTAIS	31	(100%)

Os potes manifestavam apenas 2 variedades morfológicas, com bordos esvasados (62%) e verticais (38%). Nenhum deles apresentava decoração

Os potinhos/púcaros de bordos esvasados eram todos de pasta mediana/fina, mas de superfícies alisadas. Nenhum deles continha indícios de lípidos ou fuligem. As suas dimensões eram pequenas e médias.

Em todos os bordos indetermináveis estavam ausentes vestígios de fuligem.

VARIETADE DOS POTES	QUANT	(%)
Pote 1	8	(62%)
Pote 2	5	(38%)
TOTAIS	13	(100%)

²⁰⁸-Estes cálculos estatísticos foram efectuados com base no somatório dos potes e potinhos.

Os potes da forma 1, de dimensões médias/grandes (4 ex.) e grandes (1 ex.) apresentavam superfícies alisadas e cores beges, castanhas e negras. Em 63% (5 ex.), de dimensões distintas, verificámos indícios de fuligem externa. Os potes da forma 2, também de dimensões médias/grandes (2 ex.) e grandes (1 ex.), apresentavam menor percentagem de fuligem (40%). Registámos que os únicos que apresentavam má cozedura (2 ex.) não continham indícios de terem estado sobre o lume.

Bases

As 3 bases conhecidas eram todas de fundo plano, grosseiras e de superfícies alisadas. Os seus diâmetros eram pequenos não ultrapassando os 10cm. Uma delas continha fuligem e outra matéria orgânica no interior.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da incisão, expressa por linhas. As decorações correspondiam a 0,3% do total das cerâmicas.

Líticos

Os líticos eram pouco diversificados. Com excepção do moinho, todos eles eram feitos sobre seixos rolados.

A matéria-prima usada foi o granito de grão fino (80%) e grosso (20%) .

MATERIAL LÍTICO
• 2 seixos graníticos (1 com vestígios de lípidos numa extremidade).
• 1 polidor, em granito de grão fino.
• 1 peso sobre seixo, em granito de grão grosseiro.
• 1 moinho dormente aplanado, em granito de grão fino.

Ecofactos

Os ecofactos foram extraídos directamente da escavação, por crivagem a seco e pelos pólenes do solo fóssil de ocupação.

O resultado da antracologia, numa amostragem de 18 fragmentos, revelou apenas a presença do Carvalho e das Leguminosas (FIGUEIRAL, neste vol.).

Os resultados da palinologia (DÍAZ-FIERROS VIQUEIRA *et alii* 1992/1994) aumentam o quadro da vegetação fornecedora de alimento com a presença constante da Avelleira. A curva contínua de cereal, o índice arbóreo baixo e a existência contínua de *Asphodelus*, Cistáceas, Ericáceas e *Pteridium*, parecem indicar uma forte degradação vegetal provocada por fogos frequentes.

As amostras de macrorrestos correspondiam a mais de uma dezena de glandes de bolotas, muitas delas concentradas nas "fossas" 1 e 2.

Datas de radiocarbono

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1149	2435±30	751 - 732 (0,10) 528 - 408 (0,90)	556 - 401 (0,71) 761 - 672 (0,26) 664 - 635 (0,03)
CSIC - 1150	2357±30	413 - 436 (100)	426 - 375 (0,79) 504 - 436 (0,21)
UtC - 5659	2443±35	752 - 703 (0,26) 532 - 411 (0,74)	762 - 401 (0,36) 595 - 575 (0,03) 566 - 404.(0,61)

A amostra CSIC - 1149, extraída do quadrado A2b, camada 3, logo por cima de uma fossa aberta no saibro é aceitável e não discorda do material encontrado. A amostra CSIC - 1150, foi retirada de um conjunto de bolotas do quadrado A2c e da mesma camada. Parece-nos um pouco recente, mas não poderá excluir-se pois intersecta com a

primeira. A amostra UtC - 5659, de bolotas encontradas no interior da "fossa" 2 foi retirada igualmente da camada 3 do quadrado A2c, e concorda com as anteriores.

Atendendo a que a curva de calibração é muito plana nesta zona uma afinação cronológica no 2ª quartel do I milénio AC é difícil de obter. Mesmo assim os resultados da média ponderada destas três datas diminuem o intervalo para limites mais aceitáveis, como se poderá verificar pelo quadro seguinte.

Referência do laboratório	Data BP	Contexto	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC - 1150	2357 ± 30	2409 ± 19	487 - 442 (0,65)	513 - 430 (0,71)
CSIC - 1149	2435 ± 30		424 - 402 (0,35)	430 - 402 (0,29)
UtC - 5659	2443 ± 35			

Estes resultados admitem uma cronologia, para a primeira ocupação deste povoado, entre os finais do séc. VI e os finais do V AC ou, muito provavelmente durante os três primeiros quartéis do séc. V AC.

Síntese do corte 2

A ocupação mais antiga deste corte, encontrada na camada 3, parece corresponder ao 2º quartel do I milénio AC, mais precisamente, entre os inícios do séc. VI e os finais do séc. V. Esta ter-se-ia localizado na vertente norte e, eventualmente, na plataforma superior, atendendo à ocorrência de algumas cerâmicas desta fase na camada 6 do corte 1 e na camada humosa do corte 2, estes últimos indiciando uma estratigrafia invertida.

A esta camada pudemos associar duas estruturas de tipo "fossa", pouco profundas, mas contendo no seu interior grandes concentrações de glandes de bolotas.

A presença destes frutos em quantidade significativa, muitos deles inseridos em "fossas", indicia uma actividade recolectora importante e o tratamento posterior destes frutos com a finalidade de lhes extrair as cúpulas e os pericarpos. Esta manipulação morosa das bolotas, posterior à recollecção, permitiu alguns autores considerarem a sua utilização para consumo humano, tal como defendeu Estrabão para épocas posteriores (DÍAZ FIERROS VIQUEIRA *et alii* 1992/1994: 73-74). Tal assumpção baseia-se no facto da resistência à carbonização das cúpulas e pericarpos ser idêntica às das glandes e na escassez daquelas em contextos onde as glandes aparecem (RODRÍGUEZ LÓPEZ *et al* 1993).

Como hipótese de trabalho defendemos que o fragmento de pequeno moinho aplanado, reaproveitado na delimitação da "fossa" 1 se possa ter relacionado com a moagem de bolotas.

Os dados da palinologia são igualmente significativos sobre plantas passíveis de fornecerem frutos recolectáveis. Entre elas contamos com a Aveleira e o Sobreiro.

O baixo índice arbóreo (< de 30%) e a existência contínua de *Asphodelus*, Cistáceas, Ericáceas e *Pteridium*, indicam uma forte degradação vegetal provocada por fogos frequentes de origem antrópica. Estes dados associados à curva contínua de cereal, permitem concluir que a população desta fase se dedicou a uma agricultura de queimada, nos vales próximos, localizados a norte, nordeste e este do povoado. A identificação de sementes de favas favorece a hipótese de uma agricultura rotativa, entre cereais e leguminosas.

Outra actividade económica que parece possível inferir-se com base nos dados arqueológicos é a pesca à rede. A presença de um peso e a proximidade do rio Cávado, poderá sugerir pesca à rede, actividade praticada nesta zona até há bem pouco tempo. A inexistência de sementes de plantas têxteis, de cossoiros ou outros indícios de fiação, levam-nos a relacionar aqueles objectos preferencialmente com a actividade piscatória.

A ausência de monumentalização neste povoado, virado ao vale, bem como as características dos dados indicam uma comunidade essencialmente rural e, aparentemente bastante fechada. Não esqueçamos as características do espólio: pobre, com olaria

maioritariamente grosseira (95%), com formas muito comuns e de larga pervivência cronológica. O único indício de mudança é o aparecimento de algumas cerâmicas de pasta micácea (6%) , embora manifestadas em formas de tradição anterior.

Em resumo, as características dos dados e as datas de radiocarbono permitem considerar esta ocupação de curta/média duração e atribuí-la a um momento inicial/médio de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro do Norte de Portugal.

4. 5. 5. Fases de ocupação e integração cronológica e cultural do povoado

4. 5. 5. 1. Estratigrafia e cronologia interna do povoado

Após análise da sequência estratigráfica, das estruturas e do espólio de cada corte podemos sumariar a ocupação de cada um da seguinte forma:

Corte 1

1ª ocupação - Cam. 6

2ª ocupação - Cam. 5 (Idade do Ferro Recente)

3ª ocupação - Cam. 4, 3, 2 e 1 (Romanização)

Corte 2

1ª ocupação - Cam. 3

2ª ocupação - Cam. 2 e 2a (Idade do Ferro Recente)

3ª ocupação - Cam. 1 e 1a (Romanização)

Tendo em conta o conjunto global das características e as datas de radiocarbono, podemos admitir que a 1ª ocupação do corte 2 se pode atribuir a uma fase de transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Pelo contrário a 1ª ocupação do corte 1 inscreve-se já na Idade do Ferro Inicial. Em face dos dados expostos inferimos uma

descontinuidade entre a 1ª ocupação da plataforma superior e a da vertente norte, que resumimos do seguinte modo:

1. Ocupação da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, entre os finais do séc. VI e os inícios do V AC.

2. Ocupação da Idade do Ferro Inicial, situada entre os meados do séc. IV e os finais do III, início do II AC.

4. 5. 5. 2. Fases de ocupação

Com base nas considerações efectuadas designámos a ocupação mais antiga por S. João de Rei I e a seguinte, por S. João de Rei II.

O povoado foi reocupado por diversas vezes, quer na Idade do Ferro Recente, quer na época romana. O seu abandono parece ter-se verificado pelo séc. I d.C.

S. João de Rei I

S. João de Rei I corresponde à ocupação mais antiga deste povoado, que datámos de entre os inícios do séc. VI aos finais dos séc. V AC., num momento que considermos de transição da Idade do Bronze para a do Ferro. Esta ocupação apenas foi localizada na vertente norte, embora a presença de fragmentos de cerâmica manual arenosa, na camada humosa do início desta vertente (35 ex) e alguns artefactos, descontextualizados, da camada 6 do corte 1 (acrópole) indiciem uma eventual ocupação desta fase, neste local.

Talvez o bipene encontrado na vertente norte ou noroeste deste povoado se possa incluir nesta fase. Estes objectos estão ausentes em todos os povoados dos finais da Idade do Bronze escavados no Norte de Portugal, mas também em todos os contextos do Ferro Inicial detectados até agora. Nesse sentido parece possível admitir, como

hipótese de trabalho, a sua inclusão no 2º quartel do I milénio AC, em contexto de transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

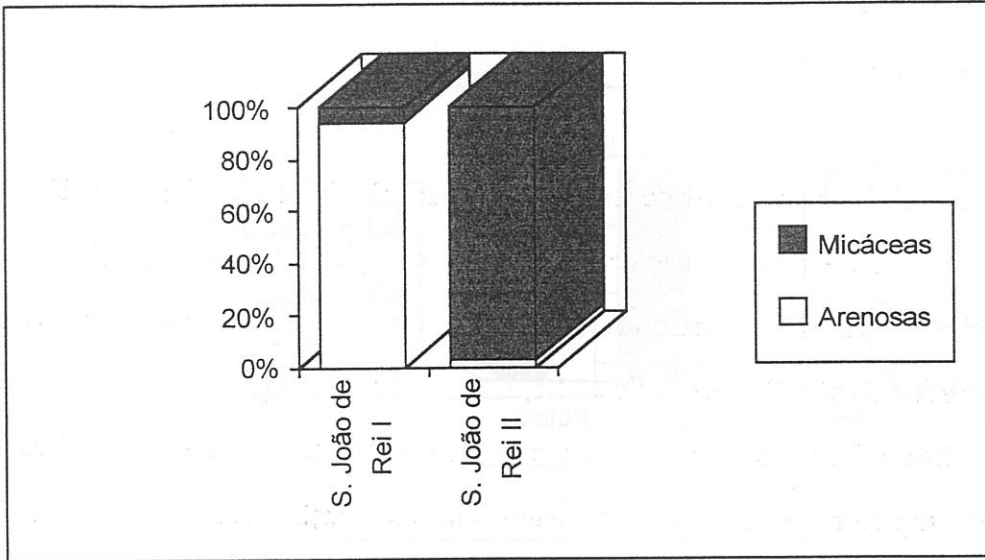
S. João de Rei II

Esta fase inserível na Idade do Ferro Inicial, não indicia qualquer evidência de continuidade com a ocupação anterior. Além da cronologia obtida se mostrar distinta, as características da cultura material concordam com a hipótese de reocupação do povoado, entre os meados do séc. IV e os finais do III, inícios do séc. II AC.

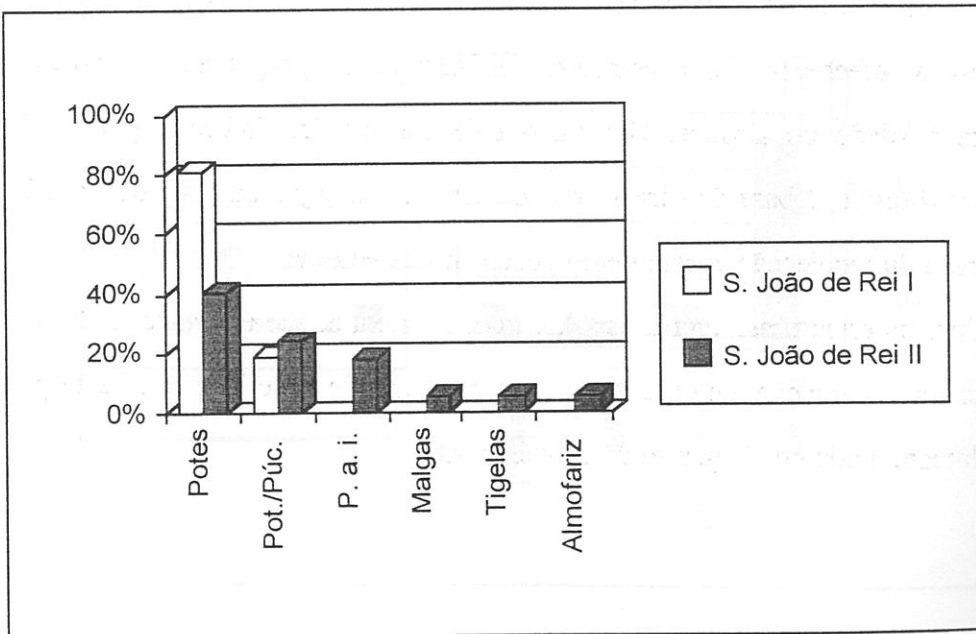
A distribuição dos achados sugere uma ocupação bastante localizada na plataforma superior do monte. Este dado em associação com as características estratigráficas, o tipo de estruturas e de espólio indicam que devia tratar-se de um povoado/armazém de curta/média duração.

Os vestígios desse período, apesar de escassos, são de grande importância, pois permitem determinar que as estruturas de armazenagem cerealífera deste período continuam a efectuar-se em estruturas subterrâneas, perpetuando tradições que remontam à Idade do Bronze. O registo paleocarpológico indica a prática de uma agricultura rotativa, à base de vários tipos de cereais, de leguminosas e de crucíferas e a permanência da recolção e tratamento posterior das bolotas.

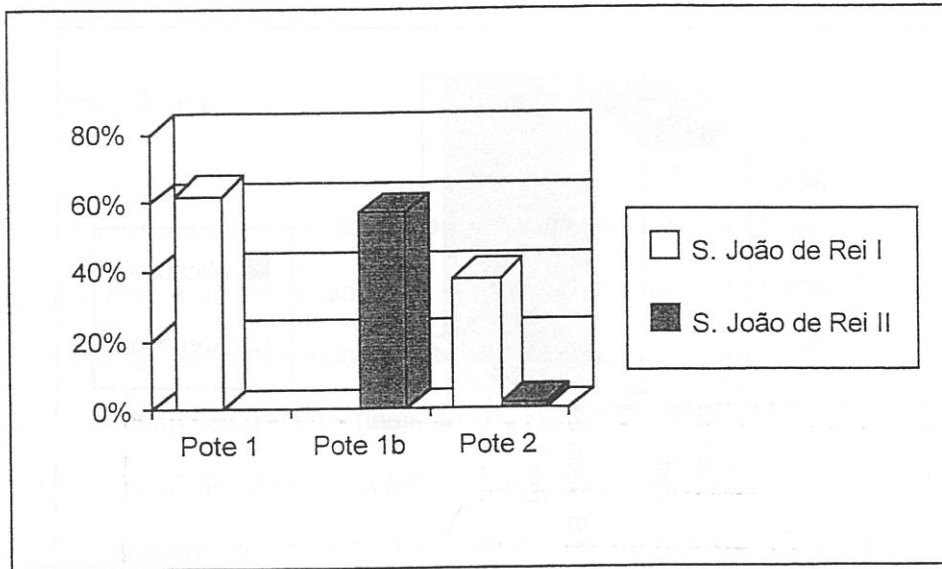
Quer as estruturas, quer o espólio, quer a proximidade e facilidade de acesso ao vale assinalam a vocação agrícola e rural das comunidades que habitaram este povoado, provavelmente ainda no 3º quartel do I milénio AC.



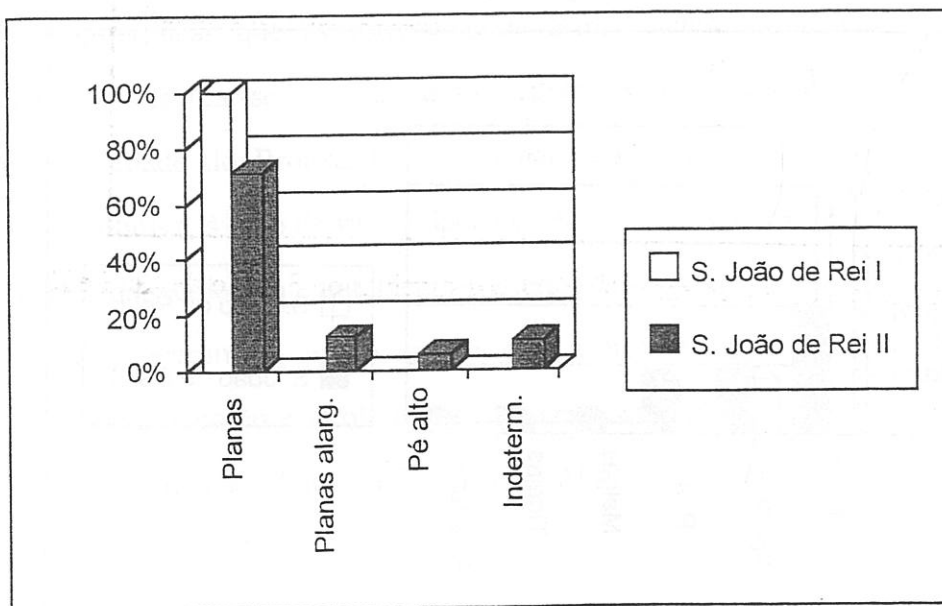
1. Comparação entre as pastas de S. João de Rei I e II



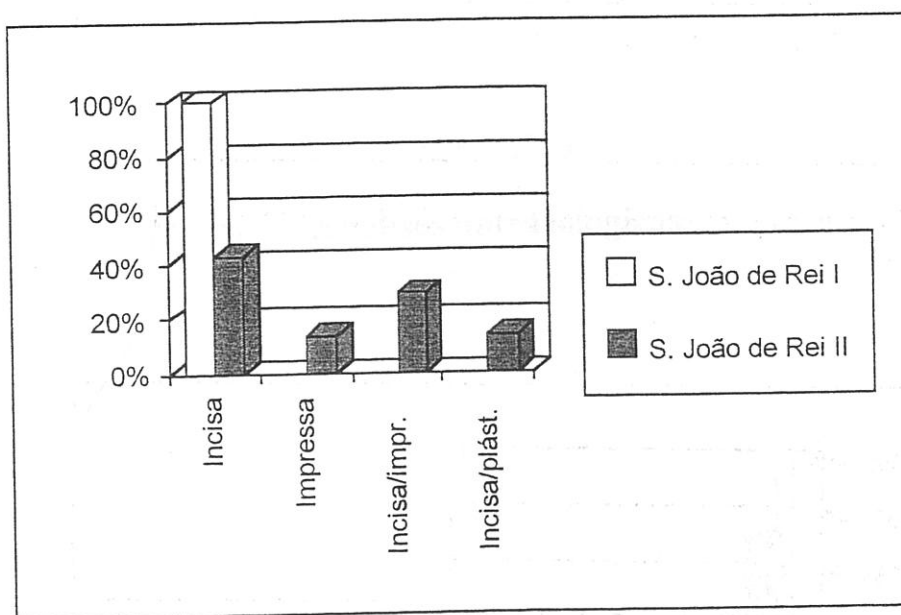
2. Comparação entre as formas de S. João de Rei I e II



3. Comparação entre as formas de pote de S. João de Rei I e II



4. Comparação entre as bases de S. João de Rei I e II



5. Comparação entre as diferentes técnicas construtivas de S. João de Rei I e II

ANEXO 1

Análises antracológicas

O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da antracologia

Isabel FIGUEIRAL, ESA 5059 CNRS

Environnements, Anthracologie et Action de l'homme

Institut de Botanique

Univ. Montpellier II

I. INTRODUÇÃO

O Castro de S. João do Rei encontra-se situado na margem esquerda do Cávado, concelho de Póvoa de Lanhoso, distrito de Braga. No que diz respeito à inserção fito-climática, esta região está actualmente inserida na zona Atlântica - Mediterrâneo/Atlântica, com uma silva climática composta por *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus robur* (Carvalho roble/alvarinho) e *Quercus suber* (Sobreiro).

A vegetação actual na área circundante ao povoado é constituída essencialmente de Pinheiro bravo, Carvalho e Sobreiro. Os Eucaliptos são raros. A vegetação arbustiva e herbácea é dominada pelas Giestas, Fetos e Urzes.

Os carvões de origem vegetal foram recolhidos nas campanhas de escavação dirigidas por Ana Bettencourt. Os resultados obtidos a partir do seu estudo serão aqui apresentados.

II. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As amostras analisadas provêm dos diversos cortes efectuados:

Corte 1 : cam. 1 (quadrado B1) - nível de romanização datável por um conjunto de espólio e de moedas

Silo - Ferro inicial :

cam. 6a (quadrado D1), topo do silo

cam. 6b (quadrado C1) - camada superficial do silo, com sementes de trigo

cam. 6c (quadrado D1) - base do silo

Corte 2 : cam. 3 (quadrado A2b) - Idade do Bronze

Corte 3 : cam. 5 (quadrado E1) - camada arqueológica selada sob um pavimento, com uma percentagem elevada de potinhos - Ferro Recente

Corte 4 : cam. 4 (quadrado A1) - Ferro Recente

cam. 5 (quadrado B1) e cam. 7 (quadrado B1) - Idade do Ferro

Os resultados quantitativos obtidos são apresentados no quadro 1. Como se pode observar facilmente o material disponível é extremamente reduzido.

As amostras provêm de quatro cortes diferentes (9 camadas arqueológicas); os fragmentos analisados foram recolhidos essencialmente em concentrações e não excedem os 366. Os *taxa* identificados, por ordem alfabética, são:

Alnus glutinosa (Amieiro), *Corylus avellana* (Aveleira), *Erica arborea* (Urze branca/ Torga), *Fraxinus* sp. (Freixo), *Leguminosae* indet. (Leguminosas), *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus suber* (Sobreiro), *Quercus* tipo *ilex* (Sobreiro/Azinheira), *Quercus* sp., *Salix* sp. (Salgueiro), *Salix /Populus* (Salgueiro/Choupo), Indeterminada 1.

A partir dos resultados obtidos (Quadro 1) podemos observar que o Carvalho é o *taxon* dominante em todas as amostras. As Leguminosas e a Aveleira são também identificadas mais ou menos regularmente.

Os *taxa* reconhecidos durante este estudo têm sido identificados de forma constante nos estudos antracológicos de outros povoados da mesma época, nesta região. Dois deles, o Carvalho e o Sobreiro pertencem à floresta mista, que actualmente sobrevive em raros locais. As Leguminosas e as Urzes pressupõem a existência de zonas desflorestadas. O Amieiro, o Freixo, a Aveleira e o Salgueiro desenvolver-se-iam, provavelmente, nas margens de rios ou ribeiros.

Os *taxa* identificados faziam parte do mundo vegetal que rodeava o povoado, e que fornecia os produtos necessários à sobrevivência da população: combustível, material de construção, frutos, etc.

Quadro 1
S. João do Rei

Cortes Camadas Quadrado	C. 1				C. 2	C. 3	C. 4		
	1	6a	6b	6c	3	5	4	5	7
	B1	D1	C1	D1	A2b	E1	A1	B1	B1
Taxa									
<i>Alnus glutinosa</i>							1		
<i>Corylus avellana</i>		2	4	8		3	3	16	
<i>Erica arborea</i>							2		
<i>Fraxinus</i> sp.						6		1	
<i>Leguminosae</i> indet.	1	4		1	2		1	2	2
<i>Quercus</i> folha caduca	9	40	12	7	16	33	29	74	16
<i>Quercus</i> tipo <i>ilex</i>								8	
<i>Quercus suber</i>							5	25	3
<i>Quercus</i> sp.								2	2
<i>Salix</i> sp.				5			5		
<i>Salix</i> / <i>Populus</i>								1	
Pedaço bolota		1						1	
Indeterminada 1	2								
Indetermináveis	1	1				3		5	
Total	13	48	16	21	18	45	46	136	23

Quadro 1: S. João do Rei - frequências absolutas dos *taxa*.

ANEXOS 2

Análises edafológicas e diagramas polínicos

CASTRO DE SÃO JOÃO DE REI

INFORMACIÓN ACERCA DEL SITIO DE LA MUESTRA

Situación	<i>Concelho de Póvoa de Lanhoso. Distrito de Braga.</i>
Altitud	<i>202 m</i>
Posición fisiográfica	<i>En ladera de una pequeña colina</i>
Forma del terreno circundante	<i>Colinado</i>
Pendiente	<i>Clase 4 (20%). Moderadamente escarpado.</i>
Uso de la tierra	<i>Monte arbolado con Pinus y Eucalyptus</i>

INFORMACIÓN GENERAL DEL SUELO

Material de partida	<i>Granito</i>
Drenaje	<i>Clase 4. Bien drenado</i>
Pedregosidad	<i>Clase 1. Moderadamente pedregoso</i>
Afloramientos rocosos	<i>Clase 0. Ninguno o muy pocos</i>
Evidencias de erosión	<i>Línea de piedras</i>
Influencia humana	<i>Translocación de materiales</i>

Información general del perfil de São João de Rei

Hor.	cm	Descriptiva
Au1	0-10	Pardo muy oscuro 10YR2/2(h) y pardo oscuro 10YR3/3 (s). Estructura migajosa fina muy débil. Ligeramente adherente, no plástico y friable. Afieltrado, porosidad gruesa y fina abundante; muy enraizado con predominio de raíces finas y medianas. Límite gradual.
Au2	10-22	Negro 10YR2/1 (h) y pardo oscuro 10YR3/3 (s). Estructura migajosa fina muy débil. Adherente, ligeramente plástico y friable. Suelto, poco compacto, muy enraizado con predominio de raíces finas, porosidad fina abundante, gruesa escasa, limitado por piedras en nivel inferior. Presencia de algún carboncillo.
2A	22-50	Negro 10YR2/1 (h) y pardo grisáceo muy oscuro 10YR3/2 (s). Estructura migajosa fina, moderada. Adherente, ligeramente plástico y friable. Escasas raíces finas. Sin porosidad gruesa, abundante fina. Muchos carbones. Límite muy neto con línea de piedras.
3A	50-60	Negro 10YR2/1 (h) y pardo grisáceo oscuro 10YR4/2 (s). Estructura migajosa mediana y moderada. Ligeramente adherente, no plástico y friable.
4A	60-80	Pardo grisáceo muy oscuro 10YR3/2 (h) y pardo grisáceo 10YR5/2 (s). Estructura granular, mediana, moderada. Ligeramente adherente, no plástico, friable.
C	+80	Saprolita de granito

Descripción de los horizontes del perfil de São João de Rei

Hor.	pH		% C	% M.O.	% N	C/N	mg P/100 g	
	agua	KCl					HCl	Bray II
Au1	5,37	4,16	6,32	10,89	0,38	17	35,07	48,97
Au2	5,25	4,36	5,19	8,95	0,35	15	27,66	39,86
2A	5,36	4,37	5,98	10,31	0,23	26	6,31	10,55
3A	5,40	4,51	5,24	9,03	0,38	14	8,47	15,39
4A	5,25	4,47	2,28	3,93	0,15	15	10,88	20,32

ANÁLISIS GRANULOMÉTRICO

Hor.	%Gravas.	% AG	% AF	% LG	% LF	% Arcilla	Textura
Au1	40,94	49,49	20,37	5,35	12,77	12,02	fr.-arenoso
Au2	22,02	49,41	17,04	5,13	14,62	13,80	fr.-arenoso
2A	20,87	51,20	19,51	4,32	12,68	12,29	fr.-arenoso
3A	21,74	50,12	19,96	4,80	12,79	12,33	fr.-arenoso
4A	26,82	50,42	19,65	4,64	11,56	13,73	fr.-arenoso

COMPLEJO DE CAMBIO (AcNH₄, pH 7; cmol_c.Kg⁻¹)

Hor.	Ca	Mg	Na	K	S	CIC	Al _{KCl}	V(%)
Au1	2,09	0,44	0,17	0,15	2,85	24,27	1,75	11,74
Au2	1,89	0,39	0,23	0,08	2,59	26,51	1,32	9,77
2A	1,88	0,36	0,23	0,07	2,54	24,48	1,31	10,37
3A	1,50	0,30	0,10	0,15	2,05	13,40	0,89	15,29
4A	1,49	0,30	0,32	0,16	2,27	7,82	0,72	29,02

Propiedades fisico-químicas del perfil de São João de Rei

EXTRACCIONES SELECTIVAS (%)

Hor.	Ditionito citrato			Oxalico oxalato			Pirofosfato sódico		
	Fe	Al	Mn	Fe	Al	Mn	Fe	Al	Mn
Au1	0,63	0,83	0,01	0,40	1,13	0,00	0,35	1,07	0,00
Au2	0,78	0,93	0,01	0,54	1,51	0,01	0,42	1,09	0,00
2A	0,74	0,99	0,01	0,53	1,41	0,01	0,49	1,32	0,00
3A	0,58	1,02	0,01	0,39	1,53	0,00	0,32	1,08	0,00
4A	0,46	0,71	0,00	0,30	1,21	0,00	0,22	0,71	0,00







Composición mineralógica semicuantitativa de la fracción arcilla



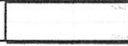
Hor.	Ilita	Vermiculita	Caolinita	Inter M-V	Cuarzo	Feldespato
Au1	xx	xxx	xxx	xx	tr	tr
Au2	xx	xxx	xxx	xx	tr	tr
2A	xxx	xxx	xx	xx	tr	tr
3A	xxx	xxx	xx	xx	tr	tr
4A	xx	xxx	xx	xxx	tr	tr

Propiedades fisico-químicas del perfil de São João de Rei (continuación)

São João de Rei

Corte 2-A2C, Perfil Sur

cm	muestra		ZPL	Características polínicas.
0-5		77777777 77777777 77777777		
5-15	13-14		4	<i>fQuercus-Poaceae</i> Aparición de <i>Pinus pinaster</i> tp y <i>Populus</i> . Débil incremento de <i>Cistus</i> .
15-30	10-12		3	<i>fQuercus-Poaceae-Ericaceae</i> Detrimento arbóreo. Incremento de <i>Ericaceae</i> , <i>Asteraceae</i> , <i>Pteridium</i> . Curva continua de <i>Castanea</i> .
30-55	5-9		2	<i>fQuercus-(Poaceae)</i> Predominio del polen arbóreo caducifolio Aumento de <i>Quercus</i> , débil incremento de <i>Corylus</i> . Curva continua de <i>Olea</i> .
55-65				
65-80	1-4	 + + + + +	1	<i>fCalluna-Poaceae-Quercus</i> Dominio del polen no arbóreo (<i>Ericaceae</i> , <i>Poaceae</i> , <i>Asteraceae</i> , <i>Pteridium</i>). Optimo de <i>Calluna</i> . Curva continua de cereal.
> 80				

LEYENDA			
Suelo actual, revuelto	77777777	Suelo enterrado	
Nivel de piedras		Saprolita	
<i>Ocupación del Bronce Final</i>		++++	

Características polínicas y edáficas de São João de Rei

Castro de São João de Rei (Corte 2-A2-C: Perfil Sur).

